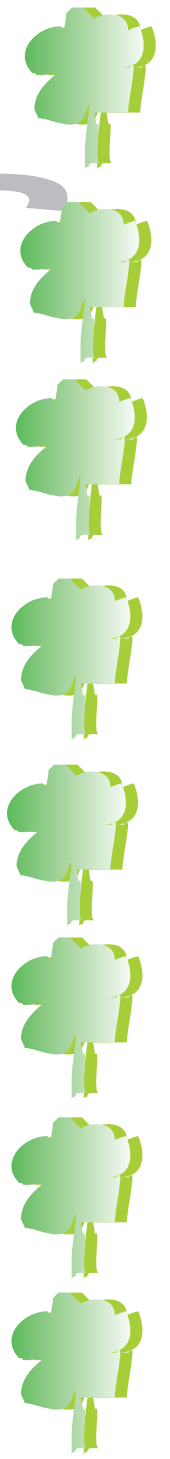


# Plano de Manejo



## Parque Nacional da Serra dos Órgãos

Volume II - Anexos





# Anexos

- ✓ Zona de Amortecimento
- ✓ Legislação pertinente
- ✓ Lista de espécies da flora
- Lista de espécies da fauna
- Análise dos planejamentos anteriores
- ✓ Relatório do III Encontro de Pesquisadores do PARNASO
- ✓ Relatório das Reuniões abertas com a comunidade
- ✓ Relatório da OPP
- ✓ Modelos e documentos de rotina
- ✓ Mapas





# Zona de Amortecimento do Parque Nacional da Serra dos Órgãos

*Proposta de delimitação e  
normatização*



## **Definição**

*“Constitui o entorno de uma unidade de conservação, onde as atividades humanas estão sujeitas a normas e restrições específicas, com o propósito de minimizar os impactos negativos sobre a unidade (Lei n.º 9.985/2000 Art. 2º inciso XVIII).”*

A proposta dos limites da zona de amortecimento do PARNASO e de suas normas foi baseada em critérios técnicos e científicos levantados na reunião de estruturação de planejamento, tendo por base as propostas da reunião técnica de pesquisadores, da oficina de planejamento e de reuniões com o conselho consultivo, tendo ainda como referência o “Roteiro Metodológico de Planejamento: Parque Nacional, Reserva Biológica e Estação Ecológica” (Galante *et al.*, 2002).

## **Objetivos Gerais**

“Minimizar os impactos antrópicos gerados na região do entorno e reduzir danos às áreas da Unidade de Conservação.”

## **Objetivos Específicos**

- Orientar a ocupação humana no entorno da unidade de conservação, tanto de construções residenciais, comerciais ou industriais.
- Assegurar a manutenção e recuperação de corredores naturais entre o PARNASO e outras UC da região e fortalecer a gestão ambiental integrada na região;
- Disciplinar as atividades produtivas, evitando práticas predatórias e estimulando o uso de técnicas sustentáveis, associando desenvolvimento econômico e conservação dos recursos naturais

## **Descrição do limite proposto**

Os limites da Zona de Amortecimento do Parque Nacional da Serra dos Órgãos estão compreendidos dentro do seguinte perímetro: inicia na portaria do Parque, no ponto 1, de coordenadas aproximadas E= 707.577m. N=7.516.183m; deste ponto segue pela Av. Rotariana em direção nordeste até a primeira esquina, na qual esta avenida recebe o nome de Rua Oliveira Botelho, no ponto 2, de coordenadas aproximadas E= 707.710m. N=7.516.392m. Daí segue em direção oeste pela travessa que a conecta com a Rua João da Costa até o ponto 3, de coordenadas aproximadas E=707.620m. N= 7.516.504m, de onde segue em direção oeste até atingir a Rua Mauer, no ponto 4, de coordenadas aproximadas E= 707.555m. N= 7.516.531m. Deste ponto segue pela Rua Mauer até a esquina com a Rua José Bonifácio, no ponto 5, de coordenadas aproximadas E= 707.526m. N= 7.516.671m; daí segue em direção sul por esta rua, contornando a Granja Guarani, passando pelas ruas Candido Azevedo, Dr. Brettas, Modesto Leal e João Pessegueiro do Amaral até o ponto 6, de coordenadas aproximadas E= 707.488m. N= 7.517.240m, na esquina com a Rua Diogo José Ponciano. Segue em direção norte pela Rua Diogo José Ponciano até a Rua Dedo de Deus. Segue por esta até a Rua Hildergard de Noronha, continua em direção norte por esta rua até a Rua Maranhão; de onde segue em direção oeste até o ponto 7, de coordenadas aproximadas E=707.627m. N= 7.517.892; de onde segue em linha reta até o final da Rua Ademar Rizzi Lippi onde ela encontra a Rua Desembargador Barreto Dantas, esquina com Rua Silvio Lisboa da Cunha, no ponto 8, de coordenadas aproximadas E= 707.640m. N= 7.518.053m. Deste ponto segue pela Rua Desembargador Barreto Dantas até o ponto 9, de coordenadas aproximadas E= 707.598m. N= 7.518.322m, de onde segue em linha reta até a Rua Gil Sobral Pinto, no ponto 10, de coordenadas aproximadas E= 707.585m. N= 7.518.449m. Deste ponto segue até a Rua Melo Guimarães, no ponto 11, de coordenadas aproximadas E= 707.504m. N= 7.518.607m;

segue pela Rua Melo Guimarães até a esquina com a Rua José Calvet, no ponto 12, de coordenadas aproximadas E= 706.913m. N= 7.518.722m; segue por esta rua até a esquina até entrar na Rua Luiz Batista Lopes, no ponto 13, de coordenadas aproximadas E= 706.926m. N= 7.518.773m; daí segue em linha reta direção nordeste até a curva de nível de 1020m, no ponto 14, de coordenadas aproximadas E= 706.959m. N= 7.518.816m; segue por esta curva até o ponto 15, de coordenadas aproximadas E= 707.318m. N= 7.519.311m, na Rua Carmélia M. Couto e desta até o ponto 16, de coordenadas aproximadas E= 707.335m. N= 7.519.390m. Deste ponto segue em linha reta até o encontro da Rua Jorge Mélick com a Rua Theodomiro Lippi, no ponto 17, de coordenadas aproximadas E= 707.622m. N= 7.519.378m. Segue pela Rua Jorge Mélick até a esquina com a Rua Professora Carmem Gomes, no ponto 18, de coordenadas aproximadas E= 707.753m. N= 7.519.412m; desta segue pela Rua Guandu até a Rua Padre Antônio Vieira, daí segue pela Rua Belchior Moreira, depois pela Rua Jerônimo de Albuquerque até encontrar a Estrada das Pimenteiros no ponto 19, de coordenadas aproximadas E= 707.293m. N= 7.520.331m; deste segue pela Estrada das Pimenteiros no sentido leste até o ponto 20 de coordenadas aproximadas E= 707.829m. N= 7.520.322m; segue rumo norte em linha reta até o ponto 21, de coordenadas aproximadas E= 707.823m. N= 7.520.716m. Depois, segue pela curva de nível de 960m rumo nordeste até o ponto 22, de coordenadas aproximadas E= 706.991m. N= 7.521.901m; e deste ponto, em linha reta, sentido noroeste, até encontrar o início da rodovia BR-495 no ponto 23, de coordenadas aproximadas E= 706.841m. N= 7.521.979m. Deste ponto segue por esta rodovia em direção a Itaipava até cruzar a curva de nível de 1000m no ponto 24, de coordenadas aproximadas E= 705.705m. N= 7.521.204m. Segue em direção oeste por esta curva até encontrar o Rio do Imbuí no ponto 25, de coordenadas aproximadas E= 704.414m. N= 7.521.414m. Deste ponto sobe a encosta em linha reta em direção noroeste até encontrar a curva de nível de 1.100m no ponto 26, de coordenadas aproximadas E= 704.282m. N= 7.521.532m. Segue em direção nordeste por esta curva até o ponto 27, de coordenadas aproximadas E= 705.388m. N= 7.523.768m; daí em direção norte até a torre da linha de transmissão existente no ponto 28, de coordenadas aproximadas E= 705.385m. N= 7.523.841m. Deste ponto segue pela linha de transmissão em direção sudoeste até encontrar o ponto 29, de coordenadas aproximadas E= 691.799m. N= 7.519.714m, quando encontra a Estrada União Indústria. Segue por esta estrada em direção sul até a ponte sobre o Rio Piabanha no ponto 30, de coordenadas aproximadas E= 692.190m. N= 7.519.211m; deste ponto atravessa a ponte e no ponto 31, de coordenadas aproximadas E= 692.249m. N= 7.519.173m; segue em direção sul pela Rua Álvares de Azevedo e depois Rua Princesa Dona Paula até o ponto 32, de coordenadas aproximadas E= 691.518m. N= 7.517.057m, na ponte sobre o rio Poço do Ferreira. Daí segue em direção sul pela Rua Vig. Correias, Rua Mineira, Rua Mineira Velha, Rua da Samambaia e Rua Hilvio Maliato até o ponto 33 de coordenadas aproximadas E= 690.183m. N= 7.513.216m, na esquina com a Rua Pedro C. Souza, daí até a Rua Pedro Nava. Segue pela Rua Pedro Nava até o ponto 34, de coordenadas aproximadas E= 690.056m. N= 7.512.541m; daí segue pela Rua Bernardo Proença e Estrada José Timóteo Caldara. Segue por esta estrada e depois pela Rua Gregório Cruzick as margens do Rio Itamaray até o ponto 35, de coordenadas aproximadas E= 690.958m. N= 7.510.583m onde encontra o Córrego da Ponte de Ferro. Desce o córrego até encontrar o Rio Itamarati, no ponto 36, de coordenadas aproximadas E= 691.016m. N= 7.510.259m; sobe o rio até encontrar a ponte da Estrada do Caxambu Pequeno no ponto 37 de coordenadas aproximadas E= 690.893m. N= 7510581m. Depois de atravessar a ponte segue em direção oeste pela Rua José de Almeida Amado, depois Rua Francisco Peixoto da Costa, Rua Flávio Cavalcanti e depois Rua Bartolomeu Sodré, até o ponto 38 de coordenadas aproximadas E= 689.058m. N= 7.509.933m; daí segue pela Rua Br. de Águas Claras a Rua Santos Dummont. Segue em direção sul pela Rua Santos Dummont e depois Rua Dr. Sá Earp até o ponto 39, de coordenadas aproximadas E= 688.323m. N= 7.508.310m, onde encontra a Av. General Marciano Magalhães, segue por esta avenida, à margem direita do Rio Palatinato em direção leste, até a última ponte sobre o Rio Palatinato no ponto 40, de coordenadas aproximadas E= 689.629m. N= 7.507.781m. Após atravessar a ponte segue em direção sudoeste pela Rua Augusto Severo, que mais adiante recebe o nome de Rua Otto Reymarius até o ponto 41, de coordenadas aproximadas E= 688.058m. N= 7.506.922m, na esquina com a Rua Lopes.



Deste ponto segue em linha reta direção oeste até o ponto 42, de coordenadas aproximadas E= 687.836m. N= 7.506.934m, onde encontra a Rodovia Estrada Velha da Serra da Estrela. Segue pela Estrada Velha da Serra Estrela em direção Sul até o ponto 43, de coordenadas aproximadas E= 686.585m. N= 7.502.304m, onde cruza a linha ferroviária. Segue pela ferrovia em direção sul até o ponto 44, de coordenadas aproximadas E= 687.215m. N= 7.499.507m, onde encontra a LT, deste ponto acompanha a LT em direção leste até o ponto 45, de coordenadas aproximadas E= 703.229m. N= 7.500.081m; onde encontra a Rodovia BR-116 (Estrada Rio - Teresópolis). Acompanha a rodovia até o trevo de acesso a RJ-122, na localidade de Parada Modelo, no ponto 46, de coordenadas aproximadas E= 706.832m. N= 7.505.226m. Daí segue a ferrovia até o ponto 47, de coordenadas aproximadas E= 707.496m. N= 7.506.251m, deste ponto segue pela rua em direção noroeste até a Rua Paulino Alencar no ponto 48, de coordenadas aproximadas E= 706.773m. N= 7.506.902m. Segue por esta rua em direção nordeste, passando pela Avenida Chico Mendes e pelas ruas Central, Rogério Cortez, Joaquim Coelho, Eduardo Garcia, A. Valério e Ângela Maria até a ponte sobre o Rio Soberbo no ponto 49, de coordenadas aproximadas E= 708.322m. N= 7.508.434m. Deste ponto segue em direção nordeste pela Estrada Dulio Santorio até a ponte sobre o Rio Iconha no ponto 50, de coordenadas aproximadas E= 709.028m. N= 7.509.007m. Daí desce o Rio Iconha até encontrar o Rio Caneca Fina no ponto 51, de coordenadas aproximadas E= 709.768m. N= 7.508.945. Sobe pelo Rio Caneca Fina ou Socavão até o limite dos municípios de Guapimirim e Teresópolis no ponto 52 de coordenadas aproximadas E= 713.328m. N= 7.515.863m; deste ponto segue pelo limite dos municípios no rumo oeste até o ponto 53 de coordenadas aproximadas E= 710.458m. N= 7.515.092m; deste ponto segue em linha reta até o ponto 54, de coordenadas aproximadas E= 709.815m. N= 7.515.349m, no encontro da BR-116 com a Rua Salvador Magdalena. Segue por esta rua até a Rua Hermano Silva; desta, segue pela Rua Afonso Arinos até a Rua Carlos Guinle. Segue pela Rua Carlos Guinle até o seu início na ponte que a separa da Rua Flávio Bortoluzi, no ponto 55, de coordenadas aproximadas E= 708.327m. N= 7.516.436m. Deste ponto, segue pela calha do rio até a portaria do Parque, no ponto 1.

## Normas

- É obrigatória a averbação da reserva legal nas propriedades rurais e em novos empreendimentos em área urbana.
- As reservas legais deverão ser estabelecidas, sempre que possível, de forma a compor corredores ecológicos buscando a conectividade entre remanescentes florestais.
- É proibido o corte de vegetação nativa para abertura de novas áreas de cultivo.
- Os proprietários são obrigados a revegetar ou permitir regeneração natural das matas ciliares, dentro das Áreas de Preservação Permanente.
- O parcelamento de solo para implantação de condomínios e loteamentos deverá ter anuência do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade.
  - ❖ Em novos parcelamentos de solo a área mínima será de 1000 m<sup>2</sup>.
  - ❖ A taxa de ocupação em parcelamento de solo será de 40%
- É proibido construir qualquer edificação nas faixas de domínio de linhas de transmissão localizadas na zona de amortecimento
- É proibido o cultivo de Organismos Geneticamente Modificados (OGM).
- As águas residuais de agricultura, efluentes domésticos e industriais deverão receber tratamento antes do despejo nos cursos d'água.
- É proibida a realização de queimada a qualquer título por moradores, comerciantes ou responsáveis por empreendimentos na ZA, inclusive de lixo.

- Novos empreendimentos na ZA deverão prever tratamento de esgoto.
  - ❖ É obrigatório o tratamento de esgoto sanitário em estações de tratamento coletivas para condomínios e loteamentos acima de 5 (cinco) unidades.
  - ❖ Não será permitido o uso de fossas sépticas em condomínios e loteamentos.
  - ❖ A redução da carga orgânica deverá ser igual ou maior que 60% na saída do sistema de tratamento.
- Em empreendimentos já existentes é proibida a instalação de novas fossas sépticas em distâncias inferiores a 50 metros de qualquer curso d'água na ZA.
  - ❖ Condomínios ou loteamentos com 5 (cinco) unidades ou mais terão o prazo de 5 (cinco) anos para promover adequações no sistema de tratamento e atender às normas para novos empreendimentos.
- É proibida a instalação de indústrias de reciclagem de produtos químicos e outras de alto potencial de poluição.
- É vedada a instalação de lixões e aterros sanitários na ZA.
- A visitação de atrativos na ZA deverá observar princípios de mínimo impacto.
- Projetos de instalação de estruturas de turismo na ZA deverão ser objeto de apreciação pelo Parque.

690000

700000

710000



# Parque Nacional da Serra dos Órgãos Plano de Manejo Zona de Amortecimento

## Legenda

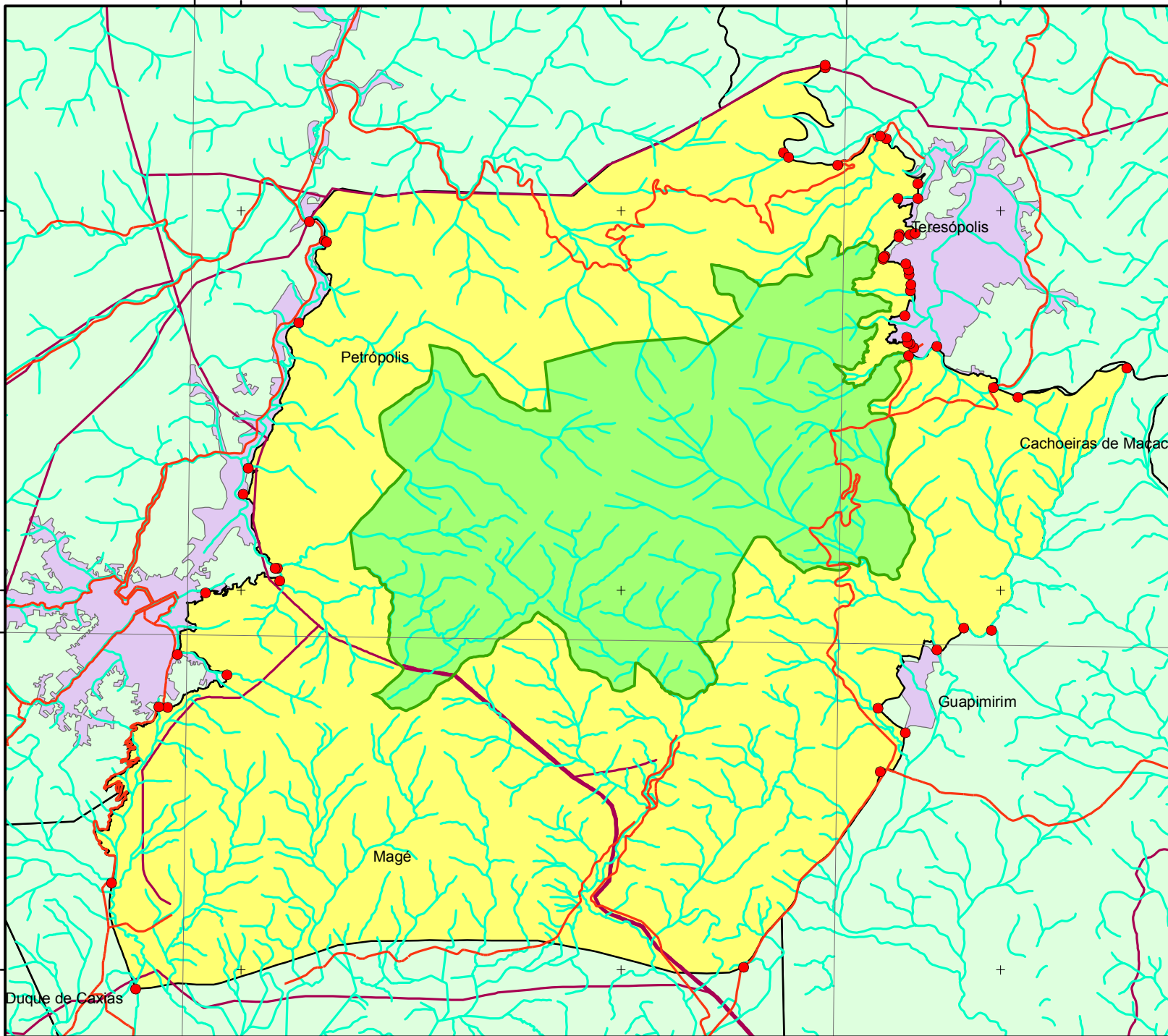
- PARNASO
- Rios
- Rodovias
- Linhas de Transmissão
- Áreas Urbanas
- Zona de Amortecimento
- Pontos de Referência

7520000

7510000

7500000

22°31'0"S



## Referência Espacial

Projeção: Universal Transversa de Mercator  
 Datum horizontal: SAD 69 – Zona 23  
 Fonte de dados: Mapas Topográficos de 1:50.000 (IBGE) digitalizados pelo Departamento de Geoprocessamento do Parque Nacional da Serra dos Órgãos  
 Responsável: Georg Meier (georg.meier@gmx.de)  
 Contato: parnaso.rj@ibama.gov.br



ESCALA 1:144.218



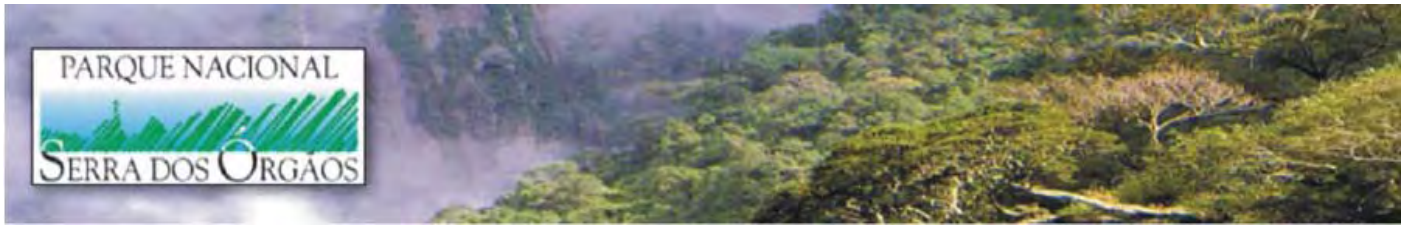
## Localização - Estado Rio de Janeiro



Teresópolis, RJ - Agosto 2006

43°10'0"W

43°0'0"W



# Legislação pertinente ao Parque Nacional da Serra dos Órgãos

*Parque Nacional da Serra dos Órgãos  
Plano de Manejo*



**Legislação Federal pertinente ao Parque Nacional da Serra dos Órgãos**

<b>Instrumento Legal</b>	<b>Data</b>	<b>Assunto</b>
Constituição Federal Capítulo VI - do Meio ambiente Artigo 225	05/10/1988	<i>Trata da proteção ao Meio ambiente e define a Mata Atlântica como Patrimônio Nacional.</i>
<b>Leis Federais</b>		
Lei n.º 4.771	15/09/1965	<i>Institui o novo Código Florestal.</i>
Lei n.º 5.197	03/10/1967	<i>Dispõe sobre a proteção à fauna e dá outras providências</i>
Lei n.º 6.513	20/12/1977	<i>Dispõe sobre a criação de Áreas Especiais e de Locais de interesse Turístico; Sobre o inventário com finalidades turísticas dos bens de valor cultural e natural e dá outras providências.</i>
Lei nº 6.902	27/04/1981	<i>Dispõe sobre a criação de Estações Ecológicas e Áreas de Proteção Ambiental e dá outras providências</i>
Lei nº 6.938	31/08/1981	<i>Dispõe sobre Política Nacional de Meio ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação e dá outras providências</i>
Lei nº 7.347	24/07/1985	<i>Disciplina a ação civil pública de responsabilidade por danos causados ao Meio Ambiente, ao consumidor, a bens e direitos de valor artístico, estético e dá outras providências</i>
Lei nº 7.754,	14/04/1989	<i>Estabelece medidas para proteção das florestas existentes nas nascentes dos rios e dá outras providências.</i>
Lei nº 9433/1997	09/01/1997	<i>Institui a Política Nacional de Recursos Hídricos, cria o Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos, regulamenta o inciso XIX do art. 21 da Constituição Federal e dá outras providências.</i>
Lei nº 9.605	12/02/1998	<i>Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências.</i>
Lei nº 9.608	18/02/1998	<i>Dispõe sobre o serviço voluntário e dá outras providências.</i>
Lei nº 9.795	28/04/1999	<i>Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências.</i>
Lei nº 9.985	18/07/2000	<i>Regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências.</i>
Lei nº 10.650	16/04/2003	<i>Dispõe sobre o acesso público aos dados e informações existentes nos órgãos e entidades integrantes do SISNAMA.</i>
Lei nº 11.132	04/07/2005	<i>Acrescenta artigo à Lei n o 9.985, de 18 de julho de 2000, que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza.</i>
Lei nº. 11.428	22/12/2006	<i>Dispõe sobre a utilização e proteção da</i>

		<i>vegetação nativa do Bioma Mata Atlântica, e dá outras providências.</i>
<b>Decretos Federais</b>		
Decreto-Lei nº 3.365	21/06/1941	<i>Dispõe sobre a desapropriação por utilidade pública.</i>
Dec nº 1.822	30/11/1939	<i>Cria o Parque Nacional da Serra dos Órgãos</i>
Decreto nº 84.017	21/09/1979	<i>Aprova o regulamento dos Parques Nacionais Brasileiros</i>
Decreto nº 86.176	06/07/1981	<i>Regulamenta a Lei no 6.513, de 20 de dezembro de 1977, que dispõe sobre a criação de Áreas Especiais e de Locais de Interesse Turístico, e dá outras providências.</i>
Dec. nº 87.561	13/09/1982	<i>Cria a Área de Proteção Ambiental de Petrópolis</i>
Dec.nº 90.023	02/08/1984	<i>Define os limites do Parque Nacional da Serra dos Órgãos, criado pelo Decreto-lei nº 1.822 de 30 de novembro de 1939 e dá outras providências.</i>
Dec.nº 90.225	25/09/1984	<i>Cria a Área de Proteção Ambiental de Guapimirim</i>
Decreto nº 98.830	15/01/1990	<i>Dispõe sobre a coleta por estrangeiros de dados e materiais científicos no Brasil e dá outras providências</i>
Decreto nº 99.274	06/06/1990	<i>Regulamenta a Lei n.º 6.902, de 27 de abril de 1981 e a Lei n.º 6.938, de 31 de agosto de 1981</i>
Decreto nº 99.556	01/10/1990	<i>Dispõe sobre a proteção das cavidades naturais subterrâneas existentes no Território Nacional e dá outras providências</i>
Decreto nº 750/93	10/02/1993	<i>Dispõe sobre o corte, a exploração e a supressão de vegetação primária ou nos estágios avançado e médio de regeneração da Mata Atlântica, e dá outras providências.</i>
Decreto nº 1.922/96	05/06/1996	<i>Dispõe sobre o reconhecimento das Reservas Particulares do Patrimônio Natural e dá outras providências.</i>
Decreto nº 3.179/99	22/09/1999	<i>Regulamenta a Lei nº 9605/98 (Crimes Ambientais) - Dispõe sobre a especificação das sanções aplicáveis às condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências.</i>
Decreto nº 4339/02	23/08/2002	<i>Institui princípios e diretrizes para a implementação da Política Nacional da Biodiversidade</i>
Decreto nº 4.340/02	23/08/2002	<i>Regulamenta artigos da Lei no 9.985, de 18 de julho de 2000, que dispõe sobre o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza - SNUC, e dá outras providências.</i>
<b>Resoluções CONAMA</b>		
Res. CONAMA nº 11/87	03/12/1987	<i>Dispõe sobre a declaração da Unidades de Conservação, várias categorias e sítios ecológicos de relevância cultural.</i>
Res. CONAMA nº 3/88	16/03/1988	<i>Dispõe sobre a constituição de mutirões ambientais.</i>
Res. CONAMA nº	14/12/1988	<i>Dispõe sobre as Áreas de Proteção Ambiental.</i>

10/88		
Res. CONAMA nº 11/88	14/12/1988	<i>Dispõe sobre as queimadas nas Unidades de Conservação.</i>
Res. CONAMA nº 13/90	06/12/1990	<i>Proteção dos Ecossistemas do Entorno das Unidades de Conservação.</i>
Res. CONAMA nº 10/93	03/11/1993	<i>Estabelece os parâmetros básicos para análise dos estágios de sucessão de Mata Atlântica.</i>
Res. CONAMA nº 6/94	30/05/1994	<i>Estabelece definições e parâmetros mensuráveis para análise de sucessão ecológica da Mata Atlântica no Rio de Janeiro.</i>
Res. CONAMA nº 2/96	14/04/1996	<i>Reparação de danos ambientais causados pela destruição de florestas e outros ecossistemas.</i>
Res. CONAMA nº 303	20/03/2002	<i>Dispõe sobre parâmetros, definições e limites de Áreas de Preservação Permanente.</i>
<b>Principais Instruções Normativas</b>		
IN nº 109/97 IBAMA	12/09/1997	<i>Estabelece procedimentos de expedição de licença de pesquisa científica em UC Federais de Proteção Integral.</i>
IN nº 05/2002	18/03/2002	<i>Dispõe sobre utilização de imagens das Unidades de Conservação.</i>
IN nº 09/2003 IBAMA	24/10/2003	<i>Estabelece procedimentos para Regularização Fundiária de Unidades de Conservação Federal.</i>
IN nº 03/2003 MMA	27/05/2003	<i>Lista Oficial de Espécies da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção.</i>
IN nº 154/2007 IBAMA	19/01/2007	<i>Institui o SISBIO</i>
<b>Principais Portarias</b>		
Portaria MMA nº 62/200	20/03/2000	<i>Define os preços dos serviços administrativos, técnicos e outros, prestados pelo IBAMA</i>
Portaria MinC nº 128/2004	26/05/2004	<i>Homologa o Tombamento do Dedo de Deus.</i>
Portaria IBAMA nº 37-N	03/04/1992,	<i>Lista Oficial de Espécies da Flora Brasileira Ameaçada de Extinção.</i>
Portaria IBAMA nº 432-N	26/05/2003	<i>Institui o Comitê para Conservação e Manejo do Muriqui.</i>
Portaria MMA nº 350/2006	13/12/2006	<i>Cria o Mosaico de Áreas Protegidas da Mata Atlântica Central Fluminense</i>

### Legislação Estadual pertinente ao Parque Nacional da Serra dos Órgãos

Constituição Estadual Capítulo VIII - do Meio ambiente	1989	<i>Trata da proteção ao Meio Ambiente no âmbito do Estado do Rio de Janeiro.</i>
<b>Leis Estaduais</b>		
Lei nº 5.588	5/10/1965	<i>Estabelece o brasão de armas e a bandeira do Estado do Rio de Janeiro</i>
Lei nº 1.060	17/11/1986	<i>Institui o Fundo Especial de Controle Ambiental - FECAM e dá outras providências.</i>
Lei nº 1.309	03/06/1988	<i>Dispõe sobre o uso e comercialização de moto-</i>



		<i>serra.</i>
Lei nº 1.315	08/06/1988	<i>Institui a política florestal do Estado do Rio de Janeiro e dá outras providências.</i>
Lei nº 1.755	28/11/1990	<i>Dispõe sobre a criação da Área de Proteção Ambiental da Bacia dos Frades (APA dos Frades) Município de Teresópolis</i>
Lei nº 2.049	23/12/1992	<i>Dispõe sobre a proibição de queimadas da vegetação no Estado do Rio de Janeiro em áreas e locais que especifica e dá outras providências.</i>
Lei nº 3.239	04/08/1999	<i>Institui a Política Estadual de Recursos Hídricos; cria o Sistema Estadual de Recursos Hídricos; regulamenta a Constituição Estadual em seu artigo 261, parágrafo 1º, inciso VII; e dá outras providências.</i>
Lei nº 3.325	30/12/1999	<i>Dispõe sobre a educação ambiental; Institui a Política Estadual de Educação Ambiental, cria o Programa estadual de Educação Ambiental e complementa a Lei Federal nº 9795/99 no âmbito do Estado do Rio de Janeiro.</i>
Lei nº 4.018	09/12/2002	<i>Cria a Área de Proteção Ambiental da bacia do Rio Macacu e determina providências para a defesa da qualidade da água</i>
<b>Decretos e Portarias</b>		
Dec. nº 8.280	23/07/85	<i>Cria a Área de Proteção Ambiental da Floresta do Jacarandá.</i>
Dec. nº 1.199	31/05/1988	<i>Cria a Área de Proteção Ambiental do Rio dos Frades.</i>
Dec. nº 9.803	12/03/1987	<i>Cria a Estação Ecológica Paraíso</i>
Dec. nº 31.343	06/06/02	<i>Cria o Parque Estadual dos Três Picos</i>
Res. nº. 59 da SAAB		<i>Cria a Reserva Biológica de Araras</i>
Portaria SEMA nº 001/1998	04/06/1998	<i>Publica a Lista das Espécies Ameaçadas de Extinção do estado do Rio de Janeiro.</i>

### Legislação municipal pertinente ao Parque Nacional da Serra dos Órgãos

<b>Leis e Decretos Municipais de Teresópolis</b>		
Lei nº 011	2004	<i>Suprimir o artigo 50 e seu parágrafo Único da lei complementar nº 025/2001- Dispõe zoneamento do município.</i>
Lei nº 025	03/01/2001	<i>Dispõe sobre zoneamento do Município de Teresópolis e dá outras providências.</i>
Lei nº 034	09/05/2002	<i>Altera a lei Municipais Complementar nº 025/2001 e dá outras providências</i>
Lei nº 039	13/12/2002	<i>Altera o capítulo VII- Das queimadas e dos cortes de árvores e Pastagens - Código de Posturas - Lei Municipal nº 793, de 26 de setembro de 1973.</i>
Lei nº 040	13/12/2002	<i>Permite a construção de templos religiosos em recinto fechado na rua margarida Santos Pontes.</i>
Lei nº 047	17/11/2003	<i>Altera Legislação de zoneamento.</i>
Decreto nº 049	03/05/2005	<i>Dispõe sobre a isenção de I.P.T.U sobre área degradada que seja recuperada e mantida</i>

		<i>como Área de Reserva.</i>
Lei nº 070	23/01/2006	<i>Proíbe licenciamento de novas edificações até a aprovação do Plano Diretor e dá outras providências.</i>
Lei nº 793	26/09/1973	<i>Código de Posturas e suas alterações.</i>
Lei nº 1.233 ,Lei nº 1.232 e 1.341 e suas alterações	01/07/1988	<i>Dispõe sobre o zoneamento do município de Teresópolis e da outras providências</i>
Lei nº 1877	27/10/1998	<i>Dispõe sobre os atos de limpeza pública e dá outras providências.</i>
Lei nº 2267	12/06/2003	<i>Institui a campanha de esclarecimento á população sobre os efeitos prejudiciais das queimadas urbanas e rurais.</i>
Decreto nº 1.099	1987	<i>Cria a APA Avenida Rotariana</i>
Decreto nº 1.127	1987	<i>Cria a APA Vale do Paraíso</i>
Decreto nº 1.747	1992	<i>Cria a APA Lote 95 Vila Muqui</i>
Decreto nº 1.881	1992	<i>Cria a APA Vila Muqui</i>
Decreto nº 2.462	1997	<i>Cria a APA Pedra da Tartaruga</i>
Decreto nº 2.508	1998	<i>Cria a APA Rua Diogo José do Ponciano</i>
Decreto nº 2.510	1998	<i>Cria a APA Prata</i>
Decreto nº 2.513	1998	<i>Cria a APA Canoas</i>
Decreto nº 2.567	1998	<i>Institui o tombamento de todos os maciços florestais, nas APAs Municipais</i>
Decreto nº 2.571	1998	<i>Retifica o Decreto nº 2.567 de 17 de Setembro de 1998.</i>
Decreto nº 2.582	1998	<i>Altera o Decreto nº 2567 de 17 se Setembro de 1998 que institui o tombamento de todos os maciços florestais, nas APAs Municipais.</i>
Decreto nº 2.598	1998	<i>Regulamenta e normaliza a lei Municipal nº1.877, de 27 de outubro de 1998 e dá outras providências.</i>
Decreto nº 3.065	02/09/2003	<i>Regulamenta a Lei Municipal nº 2.267, de 12 de junho de 2003</i>
<b>Leis e Decretos Municipais de Petrópolis</b>		
Decreto nº 143	22/03/1976	<i>Código de obras – Regulamento de Construções e edificações.</i>
Lei nº 4.683	22/12/1989	<i>Altera o Código de Posturas Municipal e dá outras providencias</i>
Lei nº 4.870	05/11/1991	<i>Estabelece o Plano Diretor de Petrópolis</i>
Lei nº 5.393	28/05/1998	<i>Estabelece normas para as atividades de uso, parcelamento e ocupação do solo do Município de Petrópolis.</i>
Lei nº 6070	18/12/2003	<i>Revê e atualiza o plano Diretor de Petrópolis</i>
Lei nº 6240	21/01/2005	<i>Institui o Código de Posturas do Município de Petrópolis</i>
<b>Leis e Decretos Municipais de Guapimirim</b>		
Lei nº 002	14/05/2004	<i>Dispõe sobre o código Municipal de Meio Ambiente e dá outras providências.</i>
Lei nº 174	01/07/1997	<i>Cria o conselho Municipal de defesa do Meio Ambiente - COMDEMA</i>
Lei nº 198	24/11/1997	<i>Dispõe sobre a extração, transporte e comercialização de substâncias minerais no Município de Guapimirim e dá outras providências.</i>

Lei nº 200	24/11/1977	<i>Institui o código de zoneamento do Município de Guapimirim.</i>
Lei nº 212	25/05/1998	<i>Dispõe sobre áreas de relevante interesse arqueológico Municipal.</i>
Lei nº 213	16/06/1998	<i>Dispõe sobre o processo de tombamento de bens culturais, ambientais e paisagístico do Município de Guapimirim.</i>
Lei nº 275	30/12/1999	<i>Institui a taxa de inspeção e vigilância ambiental</i>
Lei nº 303	19/12/2000	<i>Institui normas sobre polícia administrativa no Município de Guapimirim, Estado do Rio de Janeiro</i>
Lei nº 319	18/05/2001	<i>Dispõe sobre a proteção contra a população sonora, estendendo a todo o município de Guapimirim, e dá outras providências.</i>
<b><i>Leis e Decretos Municipais de Magé</i></b>		
Lei nº 14	08/06/1973	<i>O Município de Magé integra a Região Metropolitana do Rio e nele o uso do solo, deve adequar-se as diretrizes e padrões estabelecidos pelo conselho deliberativo da região metropolitana.</i>
Lei nº 20	01/07/1974	<i>O Município de Magé integra a Região Metropolitana do Rio e nele o uso do solo, deve adequar-se as diretrizes e padrões estabelecidos pelo conselho deliberativo da região metropolitana.</i>
Lei nº 1743	2006	<i>Dispõe sobre o Código Ambiental de Magé</i>
Lei nº 324	13/07/1979	<i>Regula o desenvolvimento municipal, mediante a imposição de normas gerais, disciplinadoras de respectivo zoneamento de uso e parcelamento do solo.</i>
<i>Decreto nº 347</i>	25/07/1985	<i>Dispõe sobre a organização territorial e disciplina o uso e a ocupação do solo, no Município de Magé.</i>





# Lista de espécies da flora registradas no Parque Nacional da Serra dos Órgãos

*Parque Nacional da Serra dos Órgãos  
Plano de Manejo*



Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Magnoliophyta	Magnoliopsida	Acanthaceae	<i>Aphelandra edundoana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Aphelandra lutea</i>	Rizzini, 1954
			<i>Aphelandra nuda</i>	Rizzini, 1954
			<i>Aphelandra prismatica</i>	Rizzini, 1954
			<i>Aphelandra squarrosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Aphelandra stenophylla</i>	Rizzini, 1954
			<i>Aphelandra variegata</i>	Herbário RB
			<i>Beloperone holochila</i>	Rizzini, 1954
			<i>Dicliptera mucronifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Dicliptera pohliana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Geissomeria bracteosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Geissomeria pubescens</i>	Rizzini, 1954
			<i>Herpetacanthus melancholicus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Hygrophila costata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Hygrophila longifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Justicia holochila</i>	Herbário RB
			<i>Justicia plumbaginifolia</i>	Herbário RB
			<i>Justicia polita</i>	Herbário RB
			<i>Lophostachys laxifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Mendoncia albida</i>	Rizzini, 1954
			<i>Mendoncia coccinea</i>	Rizzini, 1954
			<i>Mendoncia puberula</i>	Rizzini, 1954
			<i>Mendoncia velloziana</i>	Herbário RB
			<i>Ruellia amoena</i>	Rizzini, 1954
			<i>Ruellia humistrata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Sericographis hirsuta</i>	Rizzini, 1954
			<i>Sericographis monticola</i>	Rizzini, 1954
			<i>Sericographis polita</i>	Rizzini, 1954
			<i>Sericographis polita</i>	Rizzini, 1954
			<i>Staurogyne mandioccana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Staurogyne riedeliana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Stenostephanus lobeliiformis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Thumbergia alata</i>	Rizzini, 1954
		Amarantaceae	<i>Celosia corymbifera</i>	Herbário RB
			<i>Celosia grandifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Chamissoa acuminata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Hebanthe pulverulenta</i>	Herbário RB
			<i>Iresine spiculigera</i>	Rizzini, 1954
			<i>Alternanthera brasiliana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Alternanthera philoxeroides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Alternanthera puberula</i>	Rizzini, 1954
			<i>Pfaffia paniculata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Pfaffia pulverulenta</i>	Herbário RB
		Anacardiaceae	<i>Tapirira guianensis</i>	Rizzini, 1954
		Anonaceae	<i>Anona cacans</i>	Herbário RB
			<i>Anona glabra</i>	Herbário RB
			<i>Guatteria apodocarpa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Guatteria candolleana</i>	Herbário RB
			<i>Guatteria glabrescens</i>	Herbário RB
			<i>Guatteria latifolia</i>	Herbário RB
			<i>Guatteria psilopus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Rollinia dollabripetala</i>	Herbário RB
			<i>Rollinia parviflora</i>	Rizzini, 1954
<i>Rollinia xylopiifolia</i>	Herbário RB			
Apocynaceae	<i>Aspidosperma olivaceum</i>	Rizzini, 1954		
	<i>Condyllocarpon rauwolfiae</i>	Rizzini, 1954		
	<i>Forsteronia refracta</i>	Rizzini, 1954		
	<i>Forsteronia rufa</i>	Rizzini, 1954		
	<i>Malouetia arborea</i>	Rizzini, 1954		
	<i>Mandevilla atrovioleacea</i>	Herbário RB		

Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Magnoliophyta (cont.)	Magnoliopsida (cont.)	Apocynaceae	<i>Mandevilla fragans</i>	Rizzini, 1954
			<i>Mandevilla pendula</i>	Rizzini, 1954
			<i>Mandevilla splendens</i>	Rizzini, 1954
			<i>Mandevilla urceolata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Mandevilla urophylla</i>	Rizzini, 1954
			<i>Peltastes peltatus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Peschtera laeta</i>	Rizzini, 1954
			<i>Prestonia coalita</i>	Rizzini, 1954
			<i>Prestonia megalagrion</i>	Rizzini, 1954
			<i>Rauwolfolia affinis</i>	Rizzini, 1954
		Aquifoliaceae	<i>Ilex bidens</i>	Herbário RB
			<i>Ilex buxifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Ilex glazioviana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Ilex integerrima</i>	Herbário RB
			<i>Ilex organensis</i>	Herbário RB
			<i>Ilex paraguariensis</i>	Rizzini, 1954
		Araliaceae	<i>Ilex theazans</i>	Rizzini, 1954
			<i>Dendropanax affinis</i>	Herbário RB
			<i>Dendropanax cuneatus</i>	Herbário RB
			<i>Dendropanax trilobum</i>	Herbário RB
			<i>Dendropanax trilobus</i>	Herbário RB
			<i>Didymopanax angustissimum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Didymopanax longipetiolatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Didymopanax morototoni</i>	Rizzini, 1954
			<i>Didymopanax vinosum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Gilibertia affinis</i>	Herbário RB
			<i>Gilibertia heterophylla</i>	Rizzini, 1954
			<i>Gilibertia langsdorfii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Gilibertia triloba</i>	Rizzini, 1954
			<i>Oreopanax capitatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Oreopanax fulvum</i>	Rizzini, 1954
		<i>Schefflera angustissima</i>	Herbário RB	
		<i>Schefflera longepetiolata</i>	Herbário RB	
		Aristolochiaceae	<i>Aristolochia cymbifera</i>	Rizzini, 1954
			<i>Aristolochia melastoma</i>	Rizzini, 1954
		Asclepiadaceae	<i>Asclepias curassavica</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cynanchum absconditum</i>	Herbário RB
			<i>Ditassa crassinervia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Ditassa imbricata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Ditassa montana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Ditassa rufescens</i>	Rizzini, 1954
			<i>Fischeria acuminata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Macroditassa lagoensis</i>	Herbário RB
			<i>Metastelma odoratum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Metastelma organense</i>	Rizzini, 1954
			<i>Orthosia aphylla</i>	Rizzini, 1954
			<i>Orthosia congesta</i>	Rizzini, 1954
			<i>Orthosia eichleri</i>	Herbário RB
			<i>Oxypetalum appendiculatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Oxypetalum banksii</i>	Rizzini, 1954
<i>Oxypetalum deltoideum</i>	Rizzini, 1954			
<i>Oxypetalum dentatum</i>	Rizzini, 1954			
<i>Oxypetalum glabrum</i>	Rizzini, 1954			
<i>Oxypetalum guilleminianum</i>	Rizzini, 1954			
<i>Oxypetalum lanatum</i>	Rizzini, 1954			
<i>Oxypetalum lutescens</i>	Rizzini, 1954			
<i>Oxypetalum pachyglossum</i>	Rizzini, 1954			
<i>Oxypetalum pedicellatum</i>	Rizzini, 1954			
<i>Oxypetalum regnellii</i>	Rizzini, 1954			
<i>Oxypetalum riparium</i>	Rizzini, 1954			



Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Magnoliophyta (cont.)	Magnoliopsida (cont.)	Asclepiadaceae (cont.)	<i>Oxypetalum schottii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Oxypetalum umbellatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Peplonia organensis</i>	Herbário RB
			<i>Phaeostemma glaziovii</i>	Rizzini, 1954
		Balanophoraceae	<i>Helosis brasiliensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Lophophytum mirabile</i>	Rizzini, 1954
		Balsaminaceae	<i>Impatiens sultani</i>	Rizzini, 1954
		Basellaceae	<i>Boussingaultia tucumanensis</i>	Rizzini, 1954
		Begoniaceae	<i>Begonia angularis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Begonia angulata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Begonia arborecens</i>	Rizzini, 1954
			<i>Begonia attenuata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Begonia bidendata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Begonia coccinea</i>	Rizzini, 1954
			<i>Begonia congesta</i>	Rizzini, 1954
			<i>Begonia convolvulacea</i>	Rizzini, 1954
			<i>Begonia cucullata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Begonia digitata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Begonia duartei</i>	Herbário RB
			<i>Begonia echinospala</i>	Rizzini, 1954
			<i>Begonia edmundoi</i>	Rizzini, 1954
			<i>Begonia fischeri</i>	Herbário RB
			<i>Begonia friburguensis</i> Brade	Herbário RB
			<i>Begonia fruticosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Begonia herbacea</i>	Herbário RB
			<i>Begonia hirtella</i>	Rizzini, 1954
			<i>Begonia hispida</i>	Rizzini, 1954
			<i>Begonia hookeriana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Begonia hugelii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Begonia inciso-serrata</i>	Herbário RB
			<i>Begonia integerrima</i>	Herbário RB
			<i>Begonia lobata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Begonia luxurians</i>	Rizzini, 1954
			<i>Begonia macroptera</i>	Rizzini, 1954
			<i>Begonia neocomensium</i>	Rizzini, 1954
			<i>Begonia organensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Begonia palleata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Begonia populnea</i>	Rizzini, 1954
			<i>Begonia pulchella</i>	Herbário RB
			<i>Begonia ramentacea</i>	Rizzini, 1954
			<i>Begonia reticulata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Begonia riedelii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Begonia cylindricaulis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Begonia semidigitata</i>	Herbário RB
		<i>Begonia solananthera</i>	Rizzini, 1954	
		<i>Begonia valdensium</i>	Herbário RB	
		<i>Begonia vellozoana</i>	Rizzini, 1954	
		<i>Begonia vitifolia</i>	Rizzini, 1954	
		Berberidaceae	<i>Berberis laurina</i>	Rizzini, 1954
			<i>Adenocalymma comosum</i>	Herbário RB
		Bignoniaceae	<i>Adenocalymma grandifolium</i>	Rizzini, 1954
			<i>Adenocalymma guillemini</i>	Herbário RB
<i>Adenocalymma pleiadenium</i>	Rizzini, 1954			
<i>Amphilophium glaziovii</i>	Rizzini, 1954			
<i>Anemopapaegma chamberlaynii</i>	Rizzini, 1954			
<i>Anemopapaegma hilarianum</i>	Rizzini, 1954			
<i>Anemopapaegma scandens</i>	Herbário RB			
<i>Anemopapaegma subundulatum</i>	Rizzini, 1954			
<i>Arrabidaea agnus-castus</i>	Rizzini, 1954			
<i>Arrabidaea subverticillata</i>	Rizzini, 1954			

Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Magnoliophyta (cont.)	Magnoliopsida (cont.)	Bignoniaceae	<i>Bignonia unguis-cati</i>	Rizzini, 1954
			<i>Bothriopodium glaziovii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Bothriopodium glaziovii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Callichlamy latifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cybistax antisyphilitica</i>	Rizzini, 1954
			<i>Fridericia speciosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Haplolophium glaziovii</i>	Herbário RB
			<i>Jacarandar micrantha</i>	Rizzini, 1954
			<i>Jacarandarpuberula</i>	Rizzini, 1954
			<i>Jacarandar tomentosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Lundia longa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Lundia nitidula</i>	Rizzini, 1954
			<i>Neves- armondia cordifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Paragonia pyramidata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Petastoma samydoides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Pithecoctenium echinatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Schlegelia organensis</i>	Herbário RB
			<i>Schlegelia ramizii</i> Sandw	Rizzini, 1954
			<i>Tabebuia bureauvii</i>	Herbário RB
			<i>Tabebuia vellosi</i>	Herbário RB
			<i>Tecoma alba</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tecoma chrysotricha</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tecomaria cappensis</i>	Rizzini, 1954
		<i>Urbanolophium glaziovii</i>	Herbário RB	
		Bombacaceae	<i>Chorisia peciosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Quararibea turbinata</i>	Rizzini, 1954
		Boraginaceae	<i>Cordia corymbosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cordia ecalyculata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cordia Lapensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cordia ochracea</i>	Herbário RB
			<i>Cordia polycephala</i>	Herbário RB
			<i>Cordia platyphylla</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cordia trichotoma</i>	Rizzini, 1954
			<i>Heliotropium tiaridioides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Heliohytum persicariifolium</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tounefortia breviflora</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tournefortia laevigata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tournefortia villosa</i>	Rizzini, 1954
		Buddlejaceae	<i>Buddleja stachyoides</i>	Herbário RB
		Burseraceae	<i>Protium brasiliense</i>	Rizzini, 1954
		Cactaceae	<i>Epiphyllum acuminatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Epiphyllum phyllanthus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Epiphyllum truncatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Hatiora salicornioides</i>	Herbário RB
			<i>Rhipsalis cassya</i>	Rizzini, 1954
			<i>Rhipsalis clavata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Rhipsalis elliptica</i>	Herbário RB
			<i>Rhipsalis juengeri</i>	Herbário RB
			<i>Rhipsalis lindbergiana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Rhipsalis neves- armondii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Rhipsalis oblonga</i>	Herbário RB
			<i>Rhipsalis olivifera</i>	Herbário RB
<i>Rhipsalis pachyptera</i>	Rizzini, 1954			
<i>Rhipsalis penduliflora</i>	Rizzini, 1954			
<i>Rhipsalis pulchra</i>	Rizzini, 1954			
<i>Rhipsalis pulvinigera</i>	Rizzini, 1954			
<i>Rhipsalis salicornioides</i>	Rizzini, 1954			
<i>Rhipsalis trigona</i>	Rizzini, 1954			
<i>Schlumbergera russeliana</i>	Rizzini, 1954			
<i>Schlumbergera truncata</i>	Herbário RB			

Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Magnoliophyta (cont.)	Magnoliopsida (cont.)	Campanulaceae	<i>Centropogon cornutus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Isotoma longiflora</i>	Rizzini, 1954
			<i>Laurentia longiflora</i>	Herbário RB
			<i>Lobelia thapsioidea</i>	Rizzini, 1954
			<i>Siphocampylus betulaeifolius</i>	Rizzini, 1954
			<i>Siphocampylus convolvulaceus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Siphocampylus corymbiferus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Siphocampylus duploserratus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Siphocampylus longepedunculatus</i>	Rizzini, 1954
		Cannellaceae	<i>Cinnamodendron axillare</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cinnamodendron sampaioanum</i>	Rizzini, 1954
		Capparidaceae	<i>Cleome dendroides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cleome horrida</i>	Herbário RB
			<i>Cleome rosea</i>	Rizzini, 1954
		Capparidaceae	<i>Cleome scabrella</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cleome spinosa</i>	Rizzini, 1954
		Caryophyllaceae	<i>Drymaria cordata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polycarpha corymbosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Stellaria media</i>	Rizzini, 1954
		Celastraceae	<i>Maytenus ardisiaefolia</i>	Herbário RB
			<i>Maytenus communis</i>	Herbário RB
			<i>Maytenus evonymoides</i>	Herbário RB
			<i>Maytenus salicifolia</i>	Herbário RB
			<i>Maytenus subalata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Maytenus gonoclados</i>	Rizzini, 1954
		Clethraceae	<i>Maytenus oxyodonta</i>	Rizzini, 1954
			<i>Clethra brasiliensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Clethra laevigata</i>	Rizzini, 1954
		Clethraceae	<i>Clethra spicigera</i>	Rizzini, 1954
			<i>Chloranthaceae</i>	<i>Hedyosmum brasiliense</i>
		Chrysobananaceae	<i>Couepia venosa</i>	Herbário RB
		Clethraceae	<i>Clethra scabra</i>	Herbário RB
		Combretaceae	<i>Combretum loeflingii</i>	Rizzini, 1954
			<i>combretum lanceolatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Terminalia januariensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Terminalia macroptera</i>	Rizzini, 1954
		Asteraceae	<i>Achyrocline alata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Achyrocline arrojadoana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Achyrocline satureioides</i>	Herbário RB
			<i>Adenostemma brasilianum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Ageratum conyzoides</i>	Herbário RB
			<i>Baccharis alpestris</i>	Rizzini, 1954
			<i>Baccharis brachylaenoides</i>	Herbário RB
			<i>Baccharis brachylaenoides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Baccharis calvescens</i>	Rizzini, 1954
			<i>Baccharis ciliata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Baccharis dentata</i>	Herbário RB
			<i>Baccharis elaeagnoides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Baccharis genistelloides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Baccharis helichrysoides</i>	Herbário RB
<i>Baccharis intermixta</i>	Herbário RB			
<i>Baccharis ligustrina</i>	Rizzini, 1954			
<i>Baccharis lundii</i>	Rizzini, 1954			
<i>Baccharis megapotamica</i>	Rizzini, 1954			
<i>Baccharis microdonta</i>	Herbário RB			
<i>Baccharis microthamna</i>	Rizzini, 1954			
<i>Baccharis organensis</i>	Rizzini, 1954			
<i>Baccharis orgyalis</i>	Rizzini, 1954			
<i>Baccharis oxyodonta</i>	Rizzini, 1954			
<i>Baccharis platypoda</i>	Rizzini, 1954			

Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Magnoliophyta (cont.)	Magnoliopsida (cont.)	Asteraceae (cont.)	<i>Baccharis pseudovaccinioides</i>	Herbário RB
			<i>Baccharis ramosissima</i>	Herbário RB
			<i>Baccharis semiserrata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Baccharis serrulata</i>	Rizzini, 1954
			<i>baccharis singularis</i>	Herbário RB
			<i>Baccharis stylosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Baccharis trimera</i>	Herbário RB
			<i>Baccharis trinervis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Baccharis vaccinioides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Bidens pilosus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Bidens rubrifolius</i>	Rizzini, 1954
			<i>Bidens segetum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Calea serrata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Campuloclinium megacephalum</i>	Herbário RB
			<i>Chaptalia nutans</i>	Rizzini, 1954
			<i>Chaptalia piloselloides</i>	Herbário RB
			<i>Chevreulia acuminata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Chionolaena capitata</i>	Herbário RB
			<i>Chionolaena phyllicoides</i>	Herbário RB
			<i>Chromolaena odorata</i>	Herbário RB
			<i>Chromolaena tecta</i>	Herbário RB
			<i>Chuquiraga glabra</i>	Rizzini, 1954
			<i>Chuquiraga leptacantha</i>	Rizzini, 1954
			<i>Chuquiraga regnellii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Chuquiraga spinescens</i>	Herbário RB
			<i>Cosmo caudatus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cotula coronopifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Dasyphyllum flagellare</i>	Herbário RB
			<i>Dasyphyllum leptacanthum</i>	Herbário RB
			<i>Dasyphyllum spinescens</i>	Herbário RB
			<i>Dendrophorbium brachycodon</i>	Herbário RB
			<i>Dendrophorbium fruticosum</i>	Herbário RB
			<i>Elephantopus scaber</i>	Rizzini, 1954
			<i>Erechthites gardneriana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Erechthites goyazensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Erechthites valerianaefolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Erechtites valerianaefolius</i>	Herbário RB
			<i>Eremanthus erythropappus</i>	Herbário RB
			<i>Erigeron banariensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Erigeron gardnerii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Erigeron maximus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Eupatorium baccharifolium</i>	Rizzini, 1954
			<i>Eupatorium ballotifolium</i>	Rizzini, 1954
			<i>Eupatorium betoniciforme</i>	Rizzini, 1954
			<i>Eupatorium conyzoides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Eupatorium gaudichaudianum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Eupatorium intermedium</i>	Rizzini, 1954
			<i>Eupatorium itatiayense</i>	Rizzini, 1954
			<i>Eupatorium laxum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Eupatorium maximillianum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Eupatorium organense</i>	Rizzini, 1954
			<i>Eupatorium pallescens</i>	Rizzini, 1954
			<i>Eupatorium pyriformium</i>	Rizzini, 1954
<i>Eupatorium roseum</i>	Rizzini, 1954			
<i>Eupatorium serratum</i>	Rizzini, 1954			
<i>Eupatorium sordescens</i>	Rizzini, 1954			
<i>Eupatorium tectum</i>	Rizzini, 1954			
<i>Eupatorium vauthierianum</i>	Rizzini, 1954			
<i>Fleischmannia laxa</i>	herbário RB			
<i>Galinsoga parvifolra</i>	Rizzini, 1954			

Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Magnoliophyta (cont.)	Magnoliopsida (cont.)	Asteraceae (cont.)	<i>Gamochaeta spicata</i>	Herbário RB
			<i>Gnaphalium Cheiranthifolium</i>	Rizzini, 1954
			<i>Gnaphalium purpureum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Graphistylis cuneifolia</i>	Herbário RB
			<i>Graphistylis organensis</i>	Herbário RB
			<i>Grazielia intermedia</i>	Herbário RB
			<i>Grazielia serrata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Heterocondylus alatus</i>	Herbário RB
			<i>Hypochoeris gardneri</i>	Rizzini, 1954
			<i>Hypochoeris lutea</i>	Herbário RB
			<i>Holocheilus pinnatifidus</i>	Herbário RB
			<i>Jaegeria hirta</i>	Rizzini, 1954
			<i>Koanophyllon baccharifolium</i>	Herbário RB
			<i>Leucopholis phyllicoides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Mikania acuminata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Mikania alexandreae</i>	Herbário RB
			<i>Mikania apiifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Mikania argyriae</i>	Rizzini, 1954
			<i>Mikania chlorolepis</i>	Herbário RB
			<i>Mikania conferta</i>	Rizzini, 1954
			<i>Mikania confertissima</i>	Herbário RB
			<i>Mikania cordifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Mikania dentata</i>	Herbário RB
			<i>Mikania glomerata</i>	Herbário RB
			<i>Mikania hirsutissima</i>	Rizzini, 1954
			<i>Mikania hispida</i>	Herbário RB
			<i>Mikania lanuginosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Mikania lasiandrae</i>	Rizzini, 1954
			<i>Mikania lindbergii</i>	Herbário RB
			<i>Mikania lundiana</i>	Herbário RB
			<i>Mikania pachylepis</i>	Herbário RB
			<i>Mikania pteropoda</i>	Rizzini, 1954
			<i>Mikania riedeliana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Mikania rufescens</i>	Herbário RB
			<i>Mikania salviaefolia</i>	Herbário RB
			<i>Mikania scandens</i>	Rizzini, 1954
			<i>Mikania trinervis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Mikania vitifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Moquinia polymorpha</i>	Rizzini, 1954
			<i>Mutisia speciosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Ophyrosporus freyreissii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Piptocarpha axillaris</i>	Rizzini, 1954
			<i>Piptocarpha lundiana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Piptocarpha macropoda</i>	Rizzini, 1954
			<i>Piptocarpha ablonga</i>	Rizzini, 1954
			<i>Piptocarpha oxyphylla</i>	Rizzini, 1954
			<i>Piptocarpha quadrangularis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Podocoma bellidifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Pluchea oblongifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Pluchea suaveolens</i>	Rizzini, 1954
			<i>Pterocaulon virgatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Senecio bradei</i>	Rizzini, 1954
			<i>Senecio brasiliensis</i>	Rizzini, 1954
<i>Senecio cuneifolius</i>	Rizzini, 1954			
<i>Senecio ellipticus</i>	Rizzini, 1954			
<i>Senecio grandis</i>	Rizzini, 1954			
<i>Senecio organensis</i>	Rizzini, 1954			
<i>Senecio pinnatus</i>	Rizzini, 1954			
<i>Senecio pulcher</i>	Rizzini, 1954			
<i>Senecio ramentaceus</i>	Rizzini, 1954			

Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Magnoliophyta (cont.)	Magnoliopsida (cont.)	Asteraceae (cont.)	<i>Sonchus oleraceus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Stevia dubia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Stevia organensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Stevia trachelioides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Spilanthes ciliata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Stiffia chrysantha</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tagetes minuta</i>	Rizzini, 1954
			<i>Trichocline denticulata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Trixis hoffmanii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Trixis gigas</i>	Rizzini, 1954
			<i>Trixis lessingii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Trixis pinnatifida</i>	Rizzini, 1954
			<i>Trixis verbascifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Vanillosmopsis erythropappa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Verbesina glabrata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Verbesina densiflora</i>	Rizzini, 1954
			<i>Verbesina subcordata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Vernonia beyrichii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Vernonia decumbens</i>	Rizzini, 1954
			<i>Vernonia densiflora</i>	Rizzini, 1954
			<i>Vernonia diffusa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Vernonia discolor</i>	Rizzini, 1954
			<i>Vernonia glaziouviana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Vernonia macrophylla</i>	Rizzini, 1954
			<i>Vernonia miersiana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Vernonia muricata</i>	Herbário RB
			<i>Vernonia paludosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Vernonia petiolaris</i>	Rizzini, 1954
			<i>Vernonia polyanthes</i>	Rizzini, 1954
			<i>Vernonia rupestris</i>	Rizzini, 1954
			<i>Vernonia salzmanni</i>	Rizzini, 1954
			<i>Vernonia scorpioides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Vernonia serrata</i>	Rizzini, 1954
		<i>Vernonia solzmannii</i>	Herbário RB	
		<i>Vernonia stellata</i>	Rizzini, 1954	
		<i>Wedelia paludosa</i>	Rizzini, 1954	
		<i>Wulffia baccata</i>	Rizzini, 1954	
		Connaraceae	<i>Connarus cymosus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Connarus nodosus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Connarus solicifolius</i>	Rizzini, 1954
			<i>Rourea glabra</i>	Rizzini, 1954
		Convolvulaceae	<i>Evolvullus pusillus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Jacquemontia velutina</i>	Herbário RB
			<i>Ipomoea batatoides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Ipomoea purpurea</i>	Rizzini, 1954
			<i>Merremia glabra</i>	Rizzini, 1954
			<i>Merremia macrocalyx</i>	Herbário RB
		Cornaceae	<i>Merremia umbellata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Griselinia ruscifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Griselinia rustifolia</i>	Herbário RB
		Crassulaceae	<i>Bryophyllum calycinum</i>	Rizzini, 1954
		Cruciferae	<i>Lepidium ruderale</i>	Rizzini, 1954
		Cucurbitaceae	<i>Anisosperma passiflora</i>	Rizzini, 1954
<i>Apodanthera argentea</i>	Rizzini, 1954			
<i>Cayaponia cabocla</i>	Herbário RB			
<i>Cayaponia martiana</i>	Herbário RB			
<i>Cayaponia pedata</i>	Rizzini, 1954			
<i>Cayaponia villosissima</i>	Rizzini, 1954			
<i>Cyclanthera quinquelobata</i>	Rizzini, 1954			
<i>Fevillea trilobata</i>	Rizzini, 1954			

Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Magnoliophyta (cont.)	Magnoliopsida (cont.)	Cucurbitaceae	<i>Luffa cylindrica</i>	Rizzini, 1954
			<i>Melothria cucumis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Perianthopodus longifolius</i>	Rizzini, 1954
			<i>Wilbrandia longibracteata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Wilbrandia verticillata</i>	Herbário RB
		Cunoniaceae	<i>Belangeria speciosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Lamanonia ternata</i>	Herbário RB
			<i>Weinmannia discolor</i>	Rizzini, 1954
			<i>Weinmannia hirta</i>	Rizzini, 1954
			<i>Weinmannia humilis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Weinmannia organensis</i>	Rizzini, 1954
		Dichapetalaceae	<i>Weinmannia pauliniifolia</i>	Herbário RB
			<i>Stephanopodium estrellense</i>	Rizzini, 1954
		Dilleniaceae	<i>Stephanopodium organense</i>	Herbário RB
			<i>Davilla rugosa</i>	Rizzini, 1954
		Droseraceae	<i>Tetracera oblongata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Drosera villosa</i>	Rizzini, 1954
		Elaeocarpaceae	<i>Sloanea garckeana</i>	Herbário RB
			<i>Sloanea gguianensis</i>	Herbário RB
			<i>Sloanea mendesiana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Sloanea monosperma</i>	Rizzini, 1954
			<i>Sloanea riparia</i>	Rizzini, 1954
		Ericaceae	<i>Agarista oleifolia</i>	Herbário RB
			<i>Gaultheria bradeana</i>	Herbário RB
			<i>Gaultheria caparoensis</i>	Herbário RB
			<i>Gaultheria elliptica</i>	Rizzini, 1954
			<i>Gaultheria eriophylla</i>	Rizzini, 1954
			<i>Gaultheria luetzelburgii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Gaultheria serrata var. organensis</i>	Herbário RB
			<i>Gaultheria organensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Gaultheria willisiana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Gaylussacia omoena</i>	Rizzini, 1954
			<i>Gaylussacia angulata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Gaylussacia bracteata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Gaylussacia brasiliensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Gaylussacia canescens</i>	Rizzini, 1954
			<i>Gaylussacia densa</i>	Herbário RB
			<i>Gaylussacia fasciculata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Gaylussacia hispida</i>	Rizzini, 1954
			<i>Gaylussacia octosperma</i>	Rizzini, 1954
			<i>Gaylussacia organensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Gaylussacia parvifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Gaylussacia pruinosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Gaylussacia retivenia</i>	Herbário RB
			<i>Gaylussacia rigida</i>	Rizzini, 1954
		<i>Gaylussacia villosa</i>	Rizzini, 1954	
		Erythroxylaceae	<i>Leucothoe chlorantha</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leucothoe organensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leucothoe stenophylla</i>	Rizzini, 1954
			<i>Erythroxylon amplifolium</i>	Rizzini, 1954
			<i>Erythroxylon cincinnatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Erythroxylon citrifolium</i>	Herbário RB
Euphorbiaceae	<i>Erythroxylon coelophlebium</i>	Herbário RB		
	<i>Erythroxylon cuspidifolium</i>	Herbário RB		
	<i>Erythroxylon vacciniifolium</i>	Herbário RB		
	<i>Acalypha brasiliensis</i>	Herbário RB		
	<i>Actinostemon concolor</i>	Rizzini, 1954		
Euphorbiaceae	<i>Alchornea triplinervia</i>	Rizzini, 1954		
	<i>Croton buxifolius</i>	Rizzini, 1954		
	<i>Croton celtidifolius</i>	Rizzini, 1954		

Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Magnoliophyta (cont.)	Magnoliopsida (cont.)	Euphorbiaceae (cont.)	<i>Croton compressus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Croton echinocarpus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Croton floribundus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Croton labotus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Croton macrobothrys</i>	Rizzini, 1954
			<i>Croton migrans</i>	Herbário RB
			<i>Croton organensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Croton salutaris</i>	Rizzini, 1954
			<i>Croton squamulosus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Croton urucurana</i>	Louro, 2003
			<i>Euphorbia elodes var. minor</i>	Herbário RB
			<i>Euphorbia scandens</i>	Rizzini, 1954
			<i>Hieronyma alchorneoides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Julocroton fuscescens</i>	Rizzini, 1954
			<i>Margaritaria nobilis</i>	Herbário RB
			<i>Pousandra megalophylla</i>	Rizzini, 1954
			<i>Pera glabrata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Pera obovata</i>	Herbário RB
			<i>Phyllanthus acuminatus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Phyllanthus glaziovii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Phyllanthus janeirensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Phyllanthus orbiculatus</i>	Herbário RB
			<i>Phyllanthus rosmarinifolius</i>	Rizzini, 1954
		<i>Phyllanthus submarginatus</i>	Herbário RB	
		<i>Sebastiania hispida</i>	Herbário RB	
		<i>Sebastiania nervosa</i>	Rizzini, 1954	
		Flacourtiaceae	<i>Abatia americana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Banara parviflora</i>	Rizzini, 1954
			<i>Banara velozii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Casearia inaequilatera</i>	Rizzini, 1954
			<i>Casearia obliqua</i>	Herbário RB
			<i>Casearia oblongifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Casearia parvifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Casearia pauciflora</i>	Rizzini, 1954
			<i>Casearia sylvestris</i>	Herbário RB
			<i>Lacistema pubescens</i>	Herbário RB
			<i>Xylosma ciliatifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Xylosma prockia</i>	Herbário RB
			Gentianaceae	<i>Hockinia montana</i>
		<i>Macrocarpeae glaziovii</i>		Rizzini, 1954
		<i>Macrocarpeae obtusifolia</i>		Rizzini, 1954
		<i>Prepusa hookeriana</i>		Rizzini, 1954
		Gesneriaceae	<i>Besleria duarteana</i>	Herbário RB
			<i>Besleria fasciculata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Besleria melancholica</i>	Herbário RB
			<i>Besleria riedeliana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Besleria symphitum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Besleria umbrosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Codonanthe carnosa</i>	Herbário RB
			<i>Codonanthe devosiana</i>	Herbário RB
			<i>Codonanthe hookeri</i>	Rizzini, 1954
			<i>Corytholoma discolor</i>	Rizzini, 1954
			<i>Corytholoma maculatum</i>	Rizzini, 1954
<i>Corytholoma marchii</i>	Rizzini, 1954			
<i>Corytholoma sceptrum</i>	Rizzini, 1954			
<i>Gesnera cochlearis</i>	Rizzini, 1954			
<i>Hypocyrtia sericea</i>	Rizzini, 1954			
<i>Ligeria menziesiana</i>	Rizzini, 1954			
<i>Ligeria speciosa</i>	Rizzini, 1954			
<i>Napeanthus brasiliensis</i>	Rizzini, 1954			



Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Magnoliophyta (cont.)	Magnoliopsida (cont.)	Gesneriaceae (cont.)	<i>Napeanthus primulifolius</i>	Herbário RB
			<i>Nematanthus crassifolius</i>	Herbário RB
			<i>Nematanthus chloronema</i>	Rizzini, 1954
			<i>Nematanthus hirtellus</i>	Herbário RB
			<i>Nematanthus longipes</i>	Rizzini, 1954
			<i>Nematanthus sericeus</i>	Herbário RB
			<i>Sinningia allagophylla</i>	Herbário RB
			<i>Sinningia cardinalis</i>	Herbário RB
			<i>Sinningia cooperi</i>	Herbário RB
			<i>Sinningia douglasii</i>	Herbário RB
			<i>Sinningia gigatifolia</i>	Herbário RB
			<i>Vanhouttea calcarata</i>	Herbário RB
			<i>Vanhouttea gardneri</i>	Rizzini, 1954
			<i>Vanhouttea leptopus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Vanhouttea mollis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Vanhouttea salviifolia</i>	Rizzini, 1954
			Guttiferae	<i>Clusia angutifolia</i>
		<i>Clusia fragrans</i>		Rizzini, 1954
		<i>Clusia lanceolata</i>		Rizzini, 1954
		<i>Clusia organensis</i>		Rizzini, 1954
		<i>Clusia planchoniana</i>		Rizzini, 1954
		<i>Clusia studartiana</i>		Herbário RB
		<i>Garcinia gardneriana</i>		Herbário RB
		<i>Hypericum brasiliensis</i>		Rizzini, 1954
		<i>Kielmeyera insignis</i>		Herbário RB
		<i>Rheedia calyptrata</i>		Rizzini, 1954
		<i>Rheedia gardneriana</i>		Rizzini, 1954
		<i>Tovomita glazioviana</i>		Rizzini, 1954
		<i>Tovomita paniculata</i>		Rizzini, 1954
		<i>Tovomitopsis saldanhae</i>	Rizzini, 1954	
		<i>Vismia magnoliifolia</i>	Rizzini, 1954	
		Hippocrateaceae	<i>Salacia amygdalina</i>	Herbário RB
			<i>Salacia cognata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Salacia elliptica</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tontelea miersii</i>	Herbário RB
		Icacinaceae	<i>Citronella engleriana</i>	Herbário RB
			<i>Citronella megaphylla</i>	Herbário RB
			<i>Villaresia engleriana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Villaresia macrophylla</i>	Rizzini, 1954
		Labiatae	<i>Cunila montana</i>	Herbário RB
			<i>Eriope macrostachys</i>	Rizzini, 1954
			<i>Hesperozygis nitida</i>	Rizzini, 1954
			<i>Hyptis asperrima</i>	Rizzini, 1954
			<i>Hyptis carpinifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Hyptis cymulosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Hyptis lappulacea</i>	Rizzini, 1954
			<i>Hyptis propinqua</i>	Rizzini, 1954
			<i>Hyptis suaveolens</i>	Rizzini, 1954
			<i>Hyptis umbrosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leonotis nepetaefolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leonurus sibiricus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Ocimum selloi</i>	Rizzini, 1954
			<i>Peltodon radicans</i>	Rizzini, 1954
<i>Pseudocunila montana</i>	Rizzini, 1954			
<i>Salvia arenaria</i>	Rizzini, 1954			
<i>Salvia balaustina</i>	Rizzini, 1954			
<i>Salvia benthamiana</i>	Rizzini, 1954			
<i>Salvia confertiflora</i>	Rizzini, 1954			
<i>Salvia macrocalyx</i>	Rizzini, 1954			
<i>Salvia rivularis</i>	Rizzini, 1954			

Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Magnoliophyta (cont.)	Magnoliopsida (cont.)	Labiatae (cont.)	<i>Salvia salicifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Salvia splendens</i>	Rizzini, 1954
			<i>Salvia Sp.</i>	Herbário RB
			<i>Satureia browii</i>	Rizzini, 1954
		Lacistemaceae	<i>Lacistema serrulatum</i>	Rizzini, 1954
		Lauraceae	<i>Ajouea saligna</i>	Rizzini, 1954
			<i>Aniba firmula</i>	Rizzini, 1954
			<i>Beilschmiedia angustifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cinnamomum glaziovii</i>	Herbário RB
			<i>Cryptocarya saligna</i>	Herbário RB
			<i>Endlicheria hirsuta</i>	Rizzini, 1954
			<i>Mezilaurus navalium</i>	Rizzini, 1954
			<i>Nectandra amara</i>	Rizzini, 1954
			<i>Nectandra cuspidata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Nectandra lanceolata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Nectandra oppositifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Nectandra reticulata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Nectandra rigida</i>	Rizzini, 1954
			<i>Ocotea diospyrifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Ocotea divaricata</i>	Herbário RB
			<i>Ocotea frondosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Ocotea glaucina</i>	Rizzini, 1954
			<i>Ocotea glaziovii</i>	Herbário RB
			<i>Ocotea indecora</i>	Rizzini, 1954
			<i>Ocotea laxa</i>	Herbário RB
			<i>Ocotea macrocalyx</i>	Herbário RB
			<i>Ocotea macropoda</i>	Rizzini, 1954
			<i>Ocotea organensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Ocotea pretiosa</i>	Herbário RB
			<i>Ocotea puberula</i>	Herbário RB
			<i>Ocotea rariflora</i>	Rizzini, 1954
			<i>Ocotea schottii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Ocotea spixiana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Ocotea Sp.</i>	Herbário RB
			<i>Ocotea vaccinioides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Ocotea velutina</i>	Herbário RB
			<i>Persea cordata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Persea venosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Persea punctata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Persea pyrifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Phoebe selowii</i>	Rizzini, 1954
		Lecythidaceae	<i>Cariniana excelsa</i>	Rizzini, 1954
		Leguminosae	<i>Acacia adhaerens</i>	Rizzini, 1954
			<i>Acacia grandistipula</i>	Rizzini, 1954
			<i>Acacia lacerans</i>	Herbário RB
			<i>Acacia recurva</i>	Rizzini, 1954
			<i>Bauhinia angulosa</i>	Herbário RB
			<i>Bauhinia forficata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Canavalia picta</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cassia angulata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cassia bicapsularis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cassia chrusoclada</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cassia loefgreniana</i>	Herbário RB
			<i>Cassia macranthera</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cassia multijuga</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cassia oblongifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cassia speciosa</i>	Rizzini, 1954
<i>Centrosema dasyanthum</i>	Rizzini, 1954			
<i>Centrosema grandiflorum</i>	Herbário RB			
<i>Centrosema pubescens</i>	Rizzini, 1954			

Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
			<i>Cleobulia multiflora</i>	Rizzini, 1954
			<i>Collaea scarlatina</i>	Rizzini, 1954
			<i>Collaea speciosa</i>	Herbário RB
			<i>Copaifera langsdorffii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Crotalaria anagyroides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Crotaria foliosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Crotaria rufipila</i>	Rizzini, 1954
			<i>Crotaria striata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Crotaria vitellina</i>	Rizzini, 1954
			<i>Dahlstedtia pinnata</i>	Herbário RB
			<i>Dalbergia foliolosa</i>	Herbário RB
			<i>Dalbergia foliosa</i>	Herbário RB
			<i>Dalbergia frutescens</i>	Herbário RB
			<i>Dalbergia graziovii</i>	Herbário RB
			<i>Dalbergia myriantha</i>	Rizzini, 1954
			<i>Dalbergia variabilis</i>	Herbário RB
			<i>Desmodium albiflorum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Desmodium uncinatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Dioclea schotti</i>	Herbário RB
			<i>Erythrina falcata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Inga barbata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Inga campanulata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Inga guilleminiana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Inga lanceaefolia</i>	Herbário RB
			<i>Inga lanceifolia</i>	Herbário RB
			<i>Inga lenticellata</i>	Herbário RB
			<i>Inga luschnathiana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Inga marginata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Inga schinifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Inga sessilis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Inga striata</i>	Herbário RB
			<i>Inga subnuda ssp. Luschnathiana</i>	Herbário RB
			<i>Inga tenius</i>	Herbário RB
			<i>Isodesmia tomentosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Machaerium aculeatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Machaerium brasiliense</i>	Herbário RB
			<i>Machaerium legale</i>	Rizzini, 1954
			<i>Machaerium nictitans</i>	Rizzini, 1954
			<i>Machaerium oblongifolium</i>	Rizzini, 1954
			<i>Machaerium stipitatum</i>	Herbário RB
			<i>Mimosa ernesti</i>	Herbário RB
			<i>Mimosa glaziovii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Mimosa pudica</i>	Rizzini, 1954
			<i>Ormosia floribundum</i>	Herbário RB
			<i>Peltogyne discolor</i>	Rizzini, 1954
			<i>Phaseolus appendiculatus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Platymiscium floribundum</i>	Herbário RB
			<i>Piptadenia inaequalis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Pithecolobium langsdorffii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Pseudopiptadenia inaequalis</i>	Herbário RB
			<i>Pterogyne nitens</i>	Herbário RB
			<i>Rhynchosia phaseoloides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Sclerolobium chrysophyllum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Senna macranthera</i>	Herbário RB
			<i>Senna multijuga</i>	Herbário RB
			<i>Senna neglecta var. oligophylla</i>	Herbário RB
			<i>Senna organensis</i>	Herbário RB
			<i>Stryphnodendron polyphyllum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Swartzia flemmingii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Swartzia elegans</i>	Rizzini, 1954

Magnoliophyta  
(cont.)

Magnoliopsida  
(cont.)

Leguminosae (cont.)

Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Magnoliophyta (cont.)	Magnoliopsida (cont.)	Leguminosae	<i>Tachigalia multijuga</i>	Rizzini, 1954
			<i>Zollernia ilicifolia</i>	Herbário RB
		Lentibulariaceae	<i>Genlisea ornata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Utricularia dusenii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Utricularia geminiloba</i>	Rizzini, 1954
			<i>Utricularia gomezii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Utricularia longirostris</i>	Rizzini, 1954
			<i>Utricularia nelumbifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Utricularia nervosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Utricularia pallens</i>	Rizzini, 1954
			<i>Utricularia pusilla</i>	Rizzini, 1954
			<i>Utricularia reniformis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Utricularia tridentata</i>	Rizzini, 1954
		Linaceae	<i>Linum junceum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Linum organense</i>	Rizzini, 1954
			<i>Linum palustre</i>	Rizzini, 1954
			<i>Saccoglotis dentata</i>	Rizzini, 1954
		Loganiaceae	<i>Buddleia brasiliensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Spigelia beyrichiana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Spigelia laurina</i>	Herbário RB
			<i>Strychnos brasiliensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Strychnos nigricans</i>	Rizzini, 1954
		Loranthaceae	<i>Strychnos trinervis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Dendrophthora elliptica</i>	Rizzini, 1954
			<i>Eubrachion ambiguum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Phoradendron coriaceum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Phoradendron crassifolium</i>	Rizzini, 1954
			<i>Phoradendron fragile</i>	Rizzini, 1954
			<i>Phoradendron linearifolium</i>	Rizzini, 1954
			<i>Phoradendron microphyllum</i>	Herbário RB
			<i>Phoradendron nitidum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Phoradendron piperoides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Phoradendron selloi</i>	Rizzini, 1954
			<i>Phoradendron ulophyllum</i>	Herbário RB
			<i>Phoradendron undulatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Phoradendron warmingii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Phygilanthus acutifolius</i>	Rizzini, 1954
			<i>Phthirusa organensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Psittacanthus dichorous</i>	Rizzini, 1954
			<i>Psittacanthus flavoviridis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Psittacanthus robustus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Struthanthus andrastylus</i>	Rizzini, 1954
		<i>Struthanthus concinnus</i>	Rizzini, 1954	
		<i>Struthanthus flexicaulis</i>	Rizzini, 1954	
		<i>Struthanthus marginatus</i>	Rizzini, 1954	
		<i>Struthanthus marginatus</i>	Rizzini, 1954	
		<i>Struthanthus pentamerus</i>	Rizzini, 1954	
		<i>Struthanthus polyrhizus</i>	Rizzini, 1954	
		<i>Struthanthus salicifolius</i>	Rizzini, 1954	
		<i>Struthanthus staphylinus</i>	Rizzini, 1954	
		<i>Struthanthus volubilis</i>	Rizzini, 1954	
		<i>Struthanthus vulgaris</i>	Herbário RB	
		Lythraceae	<i>Cuphea ingrata</i>	Rizzini, 1954
<i>Cuphea lutescens</i>	Herbário RB			
<i>Lafoensia vandelliana</i>	Rizzini, 1954			
Magnoliaceae	<i>Drimys brasiliensis</i>	Rizzini, 1954		
	<i>Michelia champaca</i>	Herbário RB		
	<i>Talauma ovata</i>	Rizzini, 1954		
Malpighiaceae	<i>Banisteria adenopoda</i>	Rizzini, 1954		
	<i>Banisteria metallicolor</i>	Rizzini, 1954		

Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Magnoliophyta (cont.)	Magnoliopsida (cont.)	Malpighiaceae (cont.)	<i>Banisteriopsis parvifolia</i>	RB 1233
			<i>Byrsonima laevigata</i>	RB 421497
			<i>Byrsonima laxiflora</i>	Rizzini, 1954
			<i>Byrsonima myrcifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Byrsonima variabilis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Heteropteris aceroides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Heteropteris anomola</i>	Rizzini, 1954
			<i>Heteropteris lindleyana</i>	Herbário RB
			<i>Heteropteris nitida</i>	Herbário RB
			<i>Heteropteris patens</i>	Herbário RB
			<i>Heteropteris pauciflora</i>	Herbário RB
			<i>Heteropteris sericea</i>	Rizzini, 1954
			<i>Hiraea galphimoides</i>	Herbário RB
			<i>Hiraea gaudichaudina</i>	Rizzini, 1954
			<i>Peixotoa parviflora</i>	Rizzini, 1954
			<i>Stigmaphyllon alternifolium</i>	Herbário RB
			<i>Stigmatophyllum alulatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Stigmatophyllum puberum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tetrapteris bracteolata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tetrapteris crebriflora</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tetrapteris guilleminiana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tetrapteris lalandiana</i>	Rizzini, 1954
		<i>Tetrapteris phlomoides</i>	Rizzini, 1954	
		<i>Thryallis brachystachys</i>	Rizzini, 1954	
		Malvaceae	<i>Abutilon bedfordianum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Abutilon carneum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Abutilon longifolium</i>	Rizzini, 1954
			<i>Abutilon regnelli</i>	Rizzini, 1954
			<i>Abutilon rufinerve</i>	Rizzini, 1954
			<i>Abutilon striatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Bakeridesia rufinervis var. latifolia</i>	Herbário RB
			<i>Pavonia monatherica</i>	Rizzini, 1954
			<i>Pavonia rosea</i>	Rizzini, 1954
			<i>Pavonia sepium</i>	Rizzini, 1954
			<i>Pavonia spinifex</i>	Rizzini, 1954
			<i>Sida cordifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Urena lobata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Wissadula parviflora</i>	Herbário RB
		Marcgraviaceae	<i>Marcgravia myriostigma</i>	Rizzini, 1954
			<i>Norantea cuneifolia</i>	Rizzini, 1954
		Melastomataceae	<i>Aciotis acuminifolia</i>	Herbário RB
			<i>Aciotis paludosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Behuria corymbosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Behuria edmundoi</i>	Tavares, 2005
			<i>Behuria glazioviana</i>	Tavares, 2005
			<i>Behuria mouraei</i>	Rizzini, 1954
			<i>Behuria organensis</i>	Tavares, 2005
			<i>Benevidesia mouraei</i>	Rizzini, 1954
			<i>Benevidesia organensis</i>	Herbário RB
			<i>Benevidesia corymbosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Bertolonia acuminata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Bertolonia angustifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Bertolonia nymphoeifolia</i>	Rizzini, 1954
<i>Bertolonia sanguinea</i>	Herbário RB			
<i>Chaenopleura parviflora</i>	Rizzini, 1954			
<i>Chaenopleura petronianum</i>	Rizzini, 1954			
<i>Chaetostoma glaziovii</i>	Herbário RB			
<i>Chaetostoma petronianum</i>	Herbário RB			
<i>Chaetostoma Sp.</i>	Herbário RB			
<i>Clidemia blepharodes</i>	Rizzini, 1954			

Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Magnoliophyta (cont.)	Magnoliopsida (cont.)	Melastomataceae	<i>Clidemia hirta</i>	Rizzini, 1954
			<i>Clidemia neglecta</i>	Rizzini, 1954
			<i>Clidemia parasitica</i>	Rizzini, 1954
			<i>Clidemia Sp.</i>	Herbário RB
			<i>Clidemia spicata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Clidemia urceolata</i>	Herbário RB
			<i>Huberia nettoana</i>	Herbário RB
			<i>Huberia triplinervis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Lavoisiera compta</i>	Rizzini, 1954
			<i>Lavoisiera elegans</i>	Rizzini, 1954
			<i>Lavoisiera glazioviana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Lavoisiera imbricata</i>	Herbário RB
			<i>Lavoisiera insignis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra acuminata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra acutiflora</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra alpestris</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra alterminervia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra amplexicaulis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra aurea</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra australis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra barbinervis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra bergiana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra brackenridgei</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra breviflora</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra carassana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra catharinensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra chaetocalyx</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra confusa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra cuspidata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra dasytricha</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra dentata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra dispar</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra dubia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra fallax</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra foveolata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra gardneriana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra glazioviana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra gracilis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra grayana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra hirta</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra itatiaiae</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra laevigata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra lutea</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra melastomoides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra multiplinervis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra neurotricha</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra nianga</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra niangiformis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra organensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra paliida</i>	Rizzini, 1954
<i>Leandra pectinata</i>	Rizzini, 1954			
<i>Leandra pickeringii</i>	Rizzini, 1954			
<i>Leandra pubescens</i>	Rizzini, 1954			
<i>Leandra pulverulenta</i>	Rizzini, 1954			
<i>Leandra purpurascens</i>	Rizzini, 1954			
<i>Leandra quinquenodis</i>	Rizzini, 1954			
<i>Leandra refracta</i>	Rizzini, 1954			
<i>Leandra scabra</i>	Rizzini, 1954			
<i>Leandra schenckii</i>	Rizzini, 1954			
<i>Leandra schwackei</i>	Rizzini, 1954			

Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Magnoliophyta (cont.)	Magnoliopsida (cont.)	Melastomataceae (cont.)	<i>Leandra Sp.</i>	Herbário RB
			<i>Leandra strigilliflora</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra sulfurea</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra sylvestris</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra tetraquetra</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra therezopolitana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra tomentosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra variabilis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra velutina</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra xantholasia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leandra xanthostachya</i>	Rizzini, 1954
			<i>Meriania clausenii</i>	Herbário RB
			<i>Meriania dentata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Meriania excelsa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Meriania glabra</i>	Rizzini, 1954
			<i>Meriania paniculata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Miconia albicans</i>	Rizzini, 1954
			<i>Miconia angustifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Miconia brasiliensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Miconia brunnea</i>	Rizzini, 1954
			<i>Miconia budlejoides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Miconia calvescens</i>	Rizzini, 1954
			<i>Miconia candolleana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Miconia chartacea</i>	Rizzini, 1954
			<i>Miconia depauperata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Miconia divaricata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Miconia doriana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Miconia eichleri</i>	Rizzini, 1954
			<i>Miconia fasciculata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Miconia formosa</i>	Herbário RB
			<i>Miconia guianensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Miconia jucunda</i>	Rizzini, 1954
			<i>Miconia latecrenata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Miconia longicuspis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Miconia mirabilis</i>	Herbário RB
			<i>Miconia oblongifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Miconia organensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Miconia penduliflora</i>	Rizzini, 1954
			<i>Miconia petroniana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Miconia polyandra</i>	Rizzini, 1954
			<i>Miconia prasina</i>	Rizzini, 1954
			<i>Miconia pusilliflora</i>	Rizzini, 1954
			<i>Miconia rigidiuscula</i>	Rizzini, 1954
			<i>Miconia robustissima</i>	Rizzini, 1954
			<i>Miconia saldanhaei</i>	Rizzini, 1954
			<i>Miconia sellowiana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Miconia theaezans</i>	Rizzini, 1954
<i>Miconia theaezans</i>	Rizzini, 1954			
<i>Miconia theaezans</i>	Rizzini, 1954			
<i>Miconia tristis</i>	Rizzini, 1954			
<i>Miconia valtherii</i>	Rizzini, 1954			
<i>Mouriri arborea</i>	Rizzini, 1954			
<i>Mouriri chamissoana</i>	Herbário RB			
<i>Mouriri doriana</i>	Rizzini, 1954			
<i>Ossaea angustifolia</i>	Rizzini, 1954			
<i>Ossaea amygdaloides</i>	Herbário RB			
<i>Ossaea brachystachya triana</i>	Rizzini, 1954			
<i>Ossaea confertiflora</i>	Rizzini, 1954			
<i>Ossaea marginata</i>	Rizzini, 1954			
<i>Ossaea retropila</i>	Rizzini, 1954			

Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Magnoliophyta (cont.)	Magnoliopsida (cont.)	Melastomataceae (cont.)	<i>Ossaea sanguinea</i>	Rizzini, 1954
			<i>Pleiochiton crassifolium</i>	Rizzini, 1954
			<i>Pleiochiton glaziovianum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Pleiochiton roseum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Rhynchanthera dichotoma</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tibouchina adenostemon</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tibouchina arborea</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tibouchina aspericaulis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tibouchina axillaris</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tibouchina benthamiana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tibouchina cerastifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tibouchina elegans</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tibouchina estrellensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tibouchina fissinervia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tibouchina foveolata</i>	Herbário RB
			<i>Tibouchina gardneriana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tibouchina gaudichaudiana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tibouchina grandifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tibouchina granulosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tibouchina herbacea</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tibouchina heteromalla</i>	Herbário RB
			<i>Tibouchina hirsutissima</i>	Herbário RB
			<i>Tibouchina holosericea</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tibouchina hospita</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tibouchina hospita</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tibouchina minor</i>	Herbário RB
			<i>Tibouchina moricandiana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tibouchina moricandiana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tibouchina moritziana</i>	Herbário RB
			<i>Tibouchina multiflora</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tibouchina nervulosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tibouchina organensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tibouchina papyrifera</i>	Herbário RB
			<i>Tibouchina pulchra</i>	Herbário RB
			<i>Tibouchina raddiana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tibouchina saldanhaei</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tibouchina scrobiculata</i>	Herbário RB
			<i>Tibouchina sebastianopolitana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tibouchina semidecandra</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tibouchina setoso-ciliata</i>	Herbário RB
			<i>Tibouchina Sp.</i>	Herbário RB
			<i>Tibouchina urceolaris</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tibouchina virgata</i>	Rizzini, 1954
		<i>Tibouchina weddellii</i>	Rizzini, 1954	
		<i>Trembleya heterostemon</i>	Rizzini, 1954	
		<i>Trembleya parviflora</i>	Rizzini, 1954	
		<i>Trembleya parviflora</i>	Rizzini, 1954	
		Meliaceae	<i>Cabralea cangerana</i>	Herbário RB
			<i>Cabralea canjerana</i>	Herbário RB
			<i>Cabralea laevis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cabralea multijuga</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cedrela angustifolia</i>	Herbário RB
			<i>Cedrela fissilis var. glabra</i>	Herbário RB
<i>Guarea tuberculata</i>	Rizzini, 1954			
Menispermaceae	<i>Trichilia casaretti</i>	Herbário RB		
	<i>Trichilia orgaosana</i>	Herbário RB		
	<i>Abuta selloana</i>	Rizzini, 1954		
	<i>Anomospermum nitidum</i>	Rizzini, 1954		
	<i>Chondodendron platyphyllum</i>	Rizzini, 1954		
		<i>Cissampelos andromorpha</i>	Rizzini, 1954	



Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Magnoliophyta (cont.)	Magnoliopsida (cont.)	Menispermaceae	<i>Cissampelos fasciculata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cissampelos glaberrima</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cissampelos pareira</i>	Rizzini, 1954
			<i>Odontocarya tamoides</i>	Rizzini, 1954
		Monimiaceae	<i>Macropeplus dentatus</i>	Herbário RB
			<i>Macropeplus ligustrinus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Macropeplus friburgensis</i>	Rizzini, 1955
			<i>Mollinedia argyrogyna</i>	Rizzini, 1954
			<i>Mollinedia pachysandra</i>	Herbário RB
			<i>Mollinedia salicifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Mollinedia schottiana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Mollinedia selloi</i>	Rizzini, 1954
			<i>Mollinedia triflora</i>	Rizzini, 1954
			<i>Siparuna brasiliensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Siparuna erythrocarpa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Siparuna minutiflora</i>	Rizzini, 1954
		Moraceae	<i>Siparuna mouraei</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cecropia candida</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cecropia macranthera</i>	Rizzini, 1954
			<i>Coussapoa microcarpa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Coussapoa schottii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Dorstenia elata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Dorstenia hispida</i>	Rizzini, 1954
			<i>Dorstenia multiformis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Ficus adhatodaefolia</i>	Herbário RB
			<i>Ficus citrifolia</i>	Herbário RB
			<i>Ficus glaba</i>	Rizzini, 1954
			<i>Ficus organensis</i>	Rizzini, 1954
		Myrsinaceae	<i>Sorocea bomplandii</i>	Herbário RB
			<i>Sorocea ilicifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cybianthus angustifolius</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cybianthus glabere</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cybianthus glaziovii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Myrsine coriacea</i>	Herbário RB
			<i>Myrsine gardneriana</i>	Herbário RB
			<i>Myrsine hermogenesii</i>	Herbário RB
			<i>Myrsine lancifolia</i>	Herbário RB
			<i>Myrsine lineata</i>	Herbário RB
			<i>Myrsine parvula</i>	Herbário RB
			<i>Myrsine umbellata</i>	Herbário RB
			<i>Rapanea gardneriana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Rapanea glazioviana</i>	Rizzini, 1954
		Myrtaceae	<i>Rapanea lancifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Stylogyne laevigata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Acrandra laurifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Britoa sellowiana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Calyptranthes affinis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Calyptranthes angustifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Calyptranthes caudata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Calyptranthes concinna</i>	Herbário RB
<i>Calyptranthes langsdorffii</i>	Rizzini, 1954			
<i>Calyptranthes lucida</i>	Rizzini, 1954			
<i>Campomanesia fenziiana</i>	Rizzini, 1954			
<i>Campomanesia guaviroba</i>	Herbário RB			
<i>Campomanesia hirsuta</i>	Rizzini, 1954			
<i>Campomanesia itanarensis</i>	Rizzini, 1954			
<i>Campomanesia laurifolia</i>	Herbário RB			
<i>Campomanesia maschalantha</i>	Rizzini, 1954			
<i>Campomanesia stictopetala</i>	Rizzini, 1954			
<i>Eugenia adenodes</i>	Rizzini, 1954			

Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Magnoliophyta (cont.)	Magnoliopsida (cont.)	Myrtaceae (cont.)	<i>Eugenia alpigena</i>	Rizzini, 1954
			<i>Eugenia biseriata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Eugenia brasiliensis</i>	Herbário RB
			<i>Eugenia cinerascens</i>	Rizzini, 1954
			<i>Eugenia candolleana</i>	Herbário RB
			<i>Eugenia complanata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Eugenia cuprea</i>	Herbário RB
			<i>Eugenia dodonaeifolia</i>	Herbário RB
			<i>Eugenia florida</i>	Herbário RB
			<i>Eugenia hypericifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Eugenia ligustrina</i>	Herbário RB
			<i>Eugenia macahensis</i>	Herbário RB
			<i>Eugenia magnifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Eugenia miersiana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Eugenia mooniana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Eugenia oblongata</i>	Herbário RB
			<i>Eugenia obovata</i>	Herbário RB
			<i>Eugenia ophthalmantha</i>	Herbário RB
			<i>Eugenia prasina</i>	Herbário RB
			<i>Eugenia pruniformis</i>	Herbário RB
			<i>Eugenia puniceifolia</i>	Herbário RB
			<i>Eugenia seriatoracemosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Eugenia sericea</i>	Rizzini, 1954
			<i>Eugenia stenosepala</i>	Herbário RB
			<i>Eugenia stigmatica</i>	Herbário RB
			<i>Eugenia subavenia</i>	Herbário RB
			<i>Eugenia sulcata</i>	Herbário RB
			<i>Eugenia tenella</i>	Rizzini, 1954
			<i>Eugenia tinguyensis</i>	Herbário RB
			<i>Eugenia virgata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Gomidesia browniana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Gomidesia eriocalyx</i>	Rizzini, 1954
			<i>Gomidesia kunthiana</i>	Herbário RB
			<i>Gomidesia spectabilis</i>	Herbário RB
			<i>Marliera silvatica</i>	Rizzini, 1954
			<i>Marliera tomentosa</i>	Herbário RB
			<i>Myrceugenia acutiflora</i>	Herbário RB
			<i>Myrceugenia myrcioides</i>	Herbário RB
			<i>Myrceugenia ovata</i>	Herbário RB
			<i>Myrcia anomala</i>	Rizzini, 1954
			<i>Myrtus beaurepairianus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Myrcia buxifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Myrcia elongata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Myrcia eriopus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Myrcia guajavifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Myrcia glazioviana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Myrcia kunthiana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Myrcia lenheirensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Myrcia leucadendron</i>	Herbário RB
			<i>Myrcia multiflora</i>	Herbário RB
			<i>Myrciaria pallida</i>	Rizzini, 1954
<i>Myrciaria paniculata</i>	Herbário RB			
<i>Myrcia richadiana</i>	Herbário RB			
<i>Myrcia rosulans</i>	Rizzini, 1954			
<i>Myrcia spectabilis</i>	Herbário RB			
<i>Myrcia sphaerocarpa</i>	Rizzini, 1954			
<i>Myrcia splendens</i>	Herbário RB			
<i>Myrcia tomentosa</i>	Herbário RB			
<i>Myrciaria disticha</i>	Herbário RB			
<i>Myrciaria floribunda</i>	Herbário RB			

Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Magnoliophyta (cont.)	Magnoliopsida (cont.)	Myrtaceae (cont.)	<i>Myrciaria glazioviana</i>	Herbário RB
			<i>Myrciaria pumila</i>	Rizzini, 1954
			<i>Neomitranthes amblymitra</i>	Herbário RB
			<i>Neomitranthes glomerata</i>	Herbário RB
			<i>Stenocalyx sulcatus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Plinia martinellii</i>	Herbário RB
			<i>Pseudocaryophyllus?</i>	Rizzini, 1954
			<i>Psidium guineense</i>	Herbário RB
			<i>Syzygium jambos</i>	Herbário RB
		Nyctaginaceae	<i>Guapira opposita</i>	Herbário RB
			<i>Neea? Lanceolata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Torrubia pacurero</i>	Rizzini, 1954
		Ochnaceae	<i>Luxemburgia ciliosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Luxemburgia glazioviana</i>	Herbário RB
			<i>Ouratea cuspidata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Ouratea grandifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Ouratea sellowii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Ouratea stipulacea</i>	Rizzini, 1954
		Olacaceae	<i>Ouratea vaccinooides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cathedra rubricaulis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Chionanthus trichotomus</i>	Herbário RB
			<i>Heisteria silviani</i>	Rizzini, 1954
		Onagraceae	<i>Schoepfia brasiliensis</i>	Herbário RB
			<i>Fuchsia regia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Fuchsia regia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Fuchsia regia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Jussiaea elegans</i>	Rizzini, 1954
			<i>Jussiaea leptocarpa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Jussiaea suffruticosa</i>	Rizzini, 1954
		Oxalidaceae	<i>Ludwigia elegans</i>	Herbário RB
			<i>Biophytum dendroides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Oxalis arrojadoi</i>	Rizzini, 1954
			<i>Oxalis calva</i>	Rizzini, 1954
			<i>Oxalis corniculata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Oxalis leptophylla</i>	Rizzini, 1954
			<i>Oxalis mandioccana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Oxalis sepium</i>	Rizzini, 1954
		Passifloraceae	<i>Passiflora actinia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Passiflora amethystina</i>	Rizzini, 1954
			<i>Passiflora campanulata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Passiflora jileki</i>	Herbário RB
			<i>Passiflora miersii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Passiflora organensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Passiflora speciosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Passiflora vellozii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Passiflora villosa</i>	Rizzini, 1954
		Phytolaccaceae	<i>Microtea maypurensis</i>	Rizzini, 1954
<i>Phytolacca decandra</i>	Rizzini, 1954			
<i>Phytolacca thyrsoflora</i>	Herbário RB			
<i>Seguieria floribunda</i>	Rizzini, 1954			
<i>Seguieria langsdorffii</i>	Herbário RB			
<i>Seguieria rigida</i>	Rizzini, 1954			
<i>Seguieria wangerinii</i>	Rizzini, 1954			
Piperaceae	<i>Ottonia anisum</i>	Herbário RB		
	<i>Ottonia carpinifolia</i>	Herbário RB		
	<i>Ottonia jaborandi</i>	Rizzini, 1954		
	<i>Ottonia macrophylla</i>	Herbário RB		
	<i>Peperomia alata</i>	Rizzini, 1954		
	<i>Peperomia casarettii</i>	Rizzini, 1954		
	<i>Peperomia caulibarbis</i>	Rizzini, 1954		

Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Magnoliophyta (cont.)	Magnoliopsida (cont.)	Piperaceae (cont.)	<i>Peperomia galioides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Peperomia glaziovii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Peperomia glabella</i>	Rizzini, 1954
			<i>Peperomia hispidula</i>	Rizzini, 1954
			<i>Peperomia langsdorffii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Peperomia martiana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Peperomia mourae</i>	Rizzini, 1954
			<i>Peperomia polystachya</i>	Rizzini, 1954
			<i>Peperomia reflexa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Peperomia rotundifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Peperomia tricuroides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Peperomia trinervis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Peperomia trineura</i>	Rizzini, 1954
			<i>Peperomia trineuroides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Piper aboreum</i>	Herbário RB
			<i>Piper bradei</i>	Herbário RB
			<i>Piper caldense</i>	Herbário RB
			<i>Piper crassinervium</i>	Herbário RB
			<i>Piper dilatatum</i>	Herbário RB
			<i>Piper gaudichaudianum</i>	Herbário RB
			<i>Piper geniculatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Piper glabratum</i>	Herbário RB
			<i>Piper hayneanum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Piper hispidum</i>	Herbário RB
			<i>Piper hoffmannseggianum</i>	Herbário RB
			<i>Piper lhotzyanum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Piper lanceolatum</i>	Herbário RB
			<i>Piper machadoense</i>	Rizzini, 1954
			<i>Piper malacophyllum</i>	Herbário RB
			<i>Piper mollicomum</i>	Herbário RB
			<i>Piper multinodum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Piper permucronatum</i>	Herbário RB
			<i>Piper pothifolium</i>	Rizzini, 1954
			<i>Piper pubisubmarginalum</i>	Herbário RB
			<i>Piper retrospiceum</i>	Herbário RB
			<i>Piper richardiiifolium</i>	Rizzini, 1954
			<i>Piper sampaioi</i>	Herbário RB
			<i>Piper scopulosum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Piper selloi</i>	Rizzini, 1954
			<i>Piper Sp.</i>	Herbário RB
			<i>Piper translucens</i>	Herbário RB
			<i>Piper truncatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Piperomia alata</i>	Herbário RB
			<i>Piperomia arifolia</i>	Herbário RB
			<i>Piperomia bradei</i>	Herbário RB
			<i>Piperomia castelosensis</i>	Herbário RB
			<i>Piperomia catherinae</i>	Herbário RB
			<i>Piperomia clivicola</i>	Herbário RB
			<i>Piperomia corcovadensis</i>	Herbário RB
			<i>Piperomia galioides</i>	Herbário RB
			<i>Piperomia glabella</i>	Herbário RB
<i>Piperomia glaziovii</i>	Herbário RB			
<i>Piperomia hilariana</i>	Herbário RB			
<i>Piperomia hispidula</i>	Herbário RB			
<i>Piperomia martiana</i>	Herbário RB			
<i>Piperomia megapotamica</i>	Herbário RB			
<i>Piperomia pereirae</i>	Herbário RB			
<i>Piperomia punicea</i>	Herbário RB			
<i>Piperomia rizzini</i>	Herbário RB			
<i>Piperomia rotundifolia</i>	Herbário RB			

Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Magnoliophyta (cont.)	Magnoliopsida (cont.)	Myrtaceae (cont.)	<i>Piperomia tetraphylla</i>	Herbário RB
			<i>Piperomia trinervis</i>	Herbário RB
			<i>Piperomia trineura</i>	Herbário RB
			<i>Piperomia trineurioides</i>	Herbário RB
			<i>Piperomia urocarpa</i>	Herbário RB
			<i>Piperomia veloziana</i>	Herbário RB
		Plantaginaceae	<i>Plantago australis</i>	Herbário RB
			<i>Plantago guilleminiana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Plantago hirtella</i>	Herbário RB
			<i>Plantago tomentosa</i>	Rizzini, 1954
		Podostemonaceae	<i>Mniospis glazioviana</i>	Rizzini, 1954
		Polemoniaceae	<i>Cobaea scandens</i>	Rizzini, 1954
		Polygalaceae	<i>Bredemeyra laurifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polygala campestris</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polygala dichotoma</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polygala glochidiata</i>	Herbário RB
			<i>Polygala insignis</i>	Herbário RB
			<i>Polygala laureola</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polygala ligustroides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polygala lucida</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polygala paniculata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polygala revoluta</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polygala salicina</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polygala urbani</i>	Herbário RB
			<i>Polygala vauthieri</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polygala persicaria</i>	Herbário RB
		Polygonaceae	<i>Coccoloba gardneri</i>	Rizzini, 1954
			<i>Coccoloba ochreolata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polygonum acre</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polygonum hydropiperoides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polygonum spectabile</i>	Rizzini, 1954
			<i>Rumex obtusifolius</i>	Rizzini, 1954
		Primulaceae	<i>Anagallis arvensis var. phoenicea</i>	Herbário RB
			<i>Anagallis tenella</i>	Rizzini, 1954
		Proteaceae	<i>Euplassa organensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Roupala brasiliensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Roupala glabrata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Roupala lucens</i>	Rizzini, 1954
			<i>Roupala macrophylla</i>	Rizzini, 1954
			<i>Roupala organensis</i>	Rizzini, 1954
		<i>Roupala rhombifolia</i>	Rizzini, 1954	
		Quiinaceae	<i>Quiina glaziovii</i>	Herbário RB
			<i>Quiina magalhano-gomesii</i>	Rizzini, 1954
		Ranunculaceae	<i>Clematis affinis</i>	Herbário RB
			<i>Clematis dioica</i>	Rizzini, 1954
			<i>Clematis dioica</i>	Rizzini, 1954
			<i>Clematis ulbrichiana</i>	Herbário RB
<i>Ranunculus bonariensis</i>	Rizzini, 1954			
<i>Ranunculus repens</i>	Rizzini, 1954			
Rhamnaceae	<i>Gouania petiolaris</i>	Rizzini, 1954		
Rosaceae	<i>Duchesnea indica</i>	Rizzini, 1954		
	<i>Hirtella hebeclada</i>	Rizzini, 1954		
	<i>Licania spicata</i>	Rizzini, 1954		
	<i>Licania kunthiana</i>	Rizzini, 1954		
	<i>Prunus brasiliensis</i>	Rizzini, 1954		
	<i>Prunus myrtifolia</i>	Rizzini, 1954		
	<i>Prunus sellowii</i>	Herbário RB		
	<i>Rubus brasiliensis</i>	Rizzini, 1954		
	<i>Rubus erythroclados</i>	Rizzini, 1954		
	<i>Rubus rosaefolius</i>	Rizzini, 1954		

Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Magnoliophyta (cont.)	Magnoliopsida (cont.)	Rubiaceae	<i>Alibertia concolor</i>	Herbário RB
			<i>Alibertia longiflora</i>	Rizzini, 1954
			<i>Anisomeris estrellana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Bathysa australis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Bathysa cuspidata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Bathysa mendonçaei</i>	Rizzini, 1954
			<i>Bathysa stipulacea</i>	Rizzini, 1954
			<i>Borreria bradei</i>	Rizzini, 1954
			<i>Borreria cupularis</i>	Herbário RB
			<i>Borreria organensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Borreria poaya</i>	Rizzini, 1954
			<i>Borreria verticillata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Chiococca alba</i>	Herbário RB
			<i>Chomelia estrellana</i>	Herbário RB
			<i>Chomelia hirsuta</i>	Rizzini, 1954
			<i>Chomelia vauthieri</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cinchona carabayensis</i>	Herbário RB
			<i>Coccocypselum bradei</i>	Rizzini, 1954
			<i>Coccocypselum condalia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Coccocypselum cordatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Coccocypselum crassifolium</i>	Rizzini, 1954
			<i>Coccocypselum geophiloides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Coccocypselum glabrifolium</i>	Rizzini, 1954
			<i>Coccocypselum lanceolatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Coccocypselum krauseanum</i>	Herbário RB
			<i>Coccocypselum organense</i>	Rizzini, 1954
			<i>Coccocypselum sessiliflorum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cogdonia coerulea</i>	Rizzini, 1954
			<i>Coussarea contracta var. panicularis</i>	Herbário RB
			<i>Coussarea cornifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Coussarea longifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Coussarea meridionalis</i>	Herbário RB
			<i>Coussarea uniflora</i>	Rizzini, 1954
			<i>Coutarea hexandra</i>	Rizzini, 1954
			<i>Declieuxia coerulea</i>	Herbário RB
			<i>Diodia alata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Diodia bradei</i>	Rizzini, 1954
			<i>Diodia paradoxa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Diodia polymorpha</i>	Rizzini, 1954
			<i>Diodia schumannii</i>	Herbário RB
			<i>Endlichera umbellata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Emmeorhiza umbellata</i>	Herbário RB
			<i>Faramea caudata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Faramea latifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Faramea rivularis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Faramea salicifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Faramea truncata</i>	Herbário RB
			<i>Galium hypocarpium</i>	Herbário RB
			<i>Guettarda viburnioides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Hamelia patens</i>	Rizzini, 1954
<i>Hillia parasitica</i>	Rizzini, 1954			
<i>Hindsia breviflora</i>	Rizzini, 1954			
<i>Hindsia longiflora</i>	Rizzini, 1954			
<i>Hindsia ramosissima</i>	Rizzini, 1954			
<i>Hoffmannia dusenii</i>	Herbário RB			
<i>Hoffmannia peckii</i>	Herbário RB			
<i>Lipostoma capitatum</i>	Rizzini, 1954			
<i>Manettia congesta</i>	Rizzini, 1954			
<i>Manettia luteo-rubra</i>	Herbário RB			
<i>Manettia mitis</i>	Rizzini, 1954			

Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Magnoliophyta (cont.)	Magnoliopsida (cont.)	Rubiaceae (cont.)	<i>Manettia racemosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Manettia sarcophylla</i>	Rizzini, 1954
			<i>Mitracarpus hirtus</i>	Herbário RB
			<i>Oldenlandia thesiifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Palicourea glaziovii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Palicourea longepedunculata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Palicourea marcgravii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Posoqueria acutifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Posoqueria latifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Psychotria appendiculata</i>	Herbário RB
			<i>Psychotria flexuosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Psychotria glaziovii</i>	Herbário RB
			<i>Psychotria hancorniiifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Psychotria leiocarpa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Psychotria macrantha</i>	Rizzini, 1954
			<i>Psychotria nemorosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Psychotria nitidula</i>	Rizzini, 1954
			<i>Psychotria nuda</i>	Rizzini, 1954
			<i>Psychotria pallens</i>	Rizzini, 1954
			<i>Psychotria patentinervia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Psychotria pubigera</i>	Herbário RB
			<i>Psychotria purpurascens</i>	Rizzini, 1954
			<i>Psychotria schottiana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Psychotria spathycalyx</i>	Rizzini, 1954
			<i>Psychotria stachyoides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Psychotria subspathacea</i>	Rizzini, 1954
			<i>Psychotria suterella</i>	Rizzini, 1954
			<i>Psychotria ulei</i>	Herbário RB
			<i>Psychotria vellosiana</i>	Herbário RB
			<i>Psychotria verticillata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Psychotria wilkesiana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Randia armata</i>	Herbário RB
			<i>Relbunium diffusum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Relbunium hypocarpum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Relbunium noxium</i>	Herbário RB
			<i>Relbunium vile</i>	Rizzini, 1954
			<i>Rudgea decipiens</i>	Rizzini, 1954
			<i>Rudgea discolor</i>	Herbário RB
			<i>Rudgea eugenioides</i>	Herbário RB
			<i>Rudgea multicostata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Rudgea nobilis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Rudgea nodosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Rudgea organensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Rudgea paniculata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Rudgea recurva</i>	Rizzini, 1954
			<i>Rudgea triflora</i>	Rizzini, 1954
			<i>Rustia angustifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Rustia gracilis</i>	Rizzini, 1954
		<i>Sickingia glaziovii</i>	Rizzini, 1954	
		<i>Standleya prostrata</i>	Rizzini, 1954	
		Rutaceae	<i>Cusparia paniculata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Dictyoloma incanescens</i>	Rizzini, 1954
			<i>Hortia arborea</i>	Rizzini, 1954
<i>Zanthoxylon peckoltianum</i>	Rizzini, 1954			
<i>Zanthoxylon rhoifolium</i>	Herbário RB			
Sabiaceae	<i>Meliosma brasiliense</i>	Rizzini, 1954		
	<i>Meliosma sellowii</i>	Herbário RB		
	<i>Meliosma sinuata</i>	Herbário RB		
Sapindaceae	<i>Allophyllus petiolulatus</i>	Herbário RB		
	<i>Allophyllus puberulus</i>	Rizzini, 1954		

Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Magnoliophyta (cont.)	Magnoliopsida (cont.)	Sapindaceae	<i>Allophyllus sericeus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cupania anacardiifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cupania concolor</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cupania furfuracea</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cupania oblongifolia</i>	Herbário RB
			<i>Cupania racemosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cupania zanthoxyloides</i>	Herbário RB
			<i>Dodonaea viscosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Matayba guianensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Matayba silvatica</i>	Rizzini, 1954
			<i>Paullinia belangerioides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Paullinia carpopodea</i>	Herbário RB
			<i>Paullinia discolor</i>	Rizzini, 1954
			<i>Paullinia marginata</i>	Herbário RB
			<i>Paullinia meliaefolia</i>	Herbário RB
			<i>Paullinia trigonia</i>	Herbário RB
			<i>Serjania communis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Serjania deflexa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Serjania elegans</i>	Herbário RB
			<i>Serjania lethalis</i>	Herbário RB
		<i>Thinouia scandens</i>	Herbário RB	
		<i>Urvillea triphylla</i>	Rizzini, 1954	
		Sapotaceae	<i>Chrysophyllum flexuosum</i>	Herbário RB
			<i>Chrysophyllum viride</i>	Herbário RB
			<i>Diploon cuspidatum</i>	Herbário RB
			<i>Ecclinusa ramiflora</i>	Herbário RB
			<i>micropholis crassipedicellata</i>	Herbário RB
			<i>Pouteria laurifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Pouteria salicifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Pouteria torta</i>	Herbário RB
		Saxifragaceae	<i>Sideroxylon crassipedicellatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Escallonia bifida</i>	Herbário RB
			<i>Escallonia floribunda</i>	Rizzini, 1954
			<i>Escallonia leavis</i>	Herbário RB
			<i>Escallonia montevidensis</i>	Rizzini, 1954
		Scrophulariaceae	<i>Escallonia organensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Agalinis linarioides</i>	Herbário RB
			<i>Calceolaria chelidonioides</i>	Herbário RB
			<i>Calceolaria pinnata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Castilleja arvensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Esterhazyia citenorum</i>	Herbário RB
			<i>Esterhazyia eitenorum</i>	Herbário RB
			<i>Esterhazyia macrodonta</i>	Herbário RB
			<i>Esterhazyia splendida</i>	Rizzini, 1954
			<i>Esterhazyia splendida</i>	Rizzini, 1954
			<i>Esterhazyia splendida</i>	Rizzini, 1954
			<i>Gerardia linearoides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Bacopa salzmännii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Lindernia vandelliioides</i>	Rizzini, 1954
		<i>Scoparia dulcis</i>	Rizzini, 1954	
		Simarubaceae	<i>Valloziella dracocephaloides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Picramnia glazioviana</i>	Rizzini, 1954
<i>Simaba cuneata</i>	Rizzini, 1954			
<i>Simaba subcymosa</i>	Herbário RB			
Solanaceae	<i>Simaruba amara</i>	Rizzini, 1954		
	<i>Actinistus arborescens</i>	Herbário RB		
	<i>Athenaea anonacea</i>	Rizzini, 1954		
	<i>Aureliana fasciculata</i>	Herbário RB		
	<i>Aureliana velutina</i>	Herbário RB		
<i>Browallia demissa</i>	Rizzini, 1954			



Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Magnoliophyta (cont.)	Magnoliopsida (cont.)	Solanaceae	<i>Brunfelsia brasiliensis</i>	Herbário RB
			<i>Brunfelsia hydrangeaeformis</i>	Herbário RB
			<i>Brunfelsia ramosissima</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cestrum amictum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cestrum campanulatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cestrum corcovadense</i>	Herbário RB
			<i>Cestrum graciliflorum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cestrum grandistipulatum</i>	Herbário RB
			<i>Cestrum lanceolatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cestrum magnifolium</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cestrum paniculatum</i>	Herbário RB
			<i>Cestrum Sp.</i>	Herbário RB
			<i>Cestrum stipulatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cestrum toledii</i>	Herbário RB
			<i>Cyphomandra calycina</i>	Herbário RB
			<i>Cyphomandra diploconos</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cyphomandra sciadostylis</i>	Herbário RB
			<i>Cyphomandra velutina</i>	Herbário RB
			<i>Datura suaveolens</i>	Rizzini, 1954
			<i>Dunalia arborescens</i>	Rizzini, 1954
			<i>Dyssochroma viridiflora</i>	Herbário RB
			<i>Markea viridiflora</i>	Rizzini, 1954
			<i>Nicotiana zindet</i>	Herbário RB
			<i>Pionandra ciliata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Schizanthus pinnatus</i>	Herbário RB
			<i>Sessea brasiliensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Solanum americanum</i>	Herbário RB
			<i>Solanum angustiflorum</i>	Herbário RB
			<i>Solanum argenteum</i>	Herbário RB
			<i>Solanum auriculatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Solanum caavurana</i>	Herbário RB
			<i>Solanum cernuum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Solanum decompositiflorum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Solanum decorticans</i>	Rizzini, 1954
			<i>Solanum decorum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Solanum dusenii</i>	Herbário RB
			<i>Solanum evonymoides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Solanum gnaphalocarpum</i>	Herbário RB
			<i>Solanum gnaphalodes</i>	Rizzini, 1954
			<i>Solanum hexandrum</i>	Herbário RB
			<i>Solanum hoehnei</i>	Rizzini, 1954
			<i>Solanum inaequale</i>	Rizzini, 1954
			<i>Solanum leucodendron</i>	Rizzini, 1954
			<i>Solanum luridifuscescens</i>	Herbário RB
			<i>Solanum mauritianum</i>	Herbário RB
			<i>Solanum megalochiton</i>	Herbário RB
			<i>Solanum murinum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Solanum nigrum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Solanum odoriferum</i>	Herbário RB
			<i>Solanum rivulare</i>	Rizzini, 1954
			<i>Solanum Sp.</i>	Herbário RB
			<i>Solanum stipulatum</i>	Herbário RB
		<i>Solanum swartzianum</i>	Rizzini, 1954	
<i>Solanum torvum</i>	Herbário RB			
<i>Solanum undulatum</i>	Herbário RB			
		Sterculiaceae	<i>Buttneria hirsuta</i>	Rizzini, 1954
		Symplocaceae	<i>Symplocos dasyphylla</i>	Rizzini, 1954
			<i>Symplocos fallax</i>	Rizzini, 1954
			<i>Symplocos itatiaiae</i>	Rizzini, 1954
			<i>Symplocos laxiflora</i>	Rizzini, 1954

Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Magnoliophyta (cont.)	Magnoliopsida (cont.)	Stymplocaceae	<i>Symplocos organensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Symplocos tenuifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Symplocos variabilis</i>	Rizzini, 1954
		Theaceae	<i>Laplacea fruticosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Ternstroemia cuneifolia</i>	Rizzini, 1954
		Thymelaeaceae	<i>Coleophora geminiflora</i>	Rizzini, 1954
			<i>Daphnopsis alpestris</i>	Rizzini, 1954
			<i>Daphnopsis coriacea</i>	Rizzini, 1954
			<i>Daphnopsis sessiliflora</i>	Rizzini, 1954
		Tiliaceae	<i>Triumfetta rhomboidea</i>	Rizzini, 1954
		Trigoniaceae	<i>Trigonia nivea</i>	Rizzini, 1954
			<i>Trigonia crotonoides</i>	Rizzini, 1954
		Ulmaceae	<i>Celtis iguanea</i>	Rizzini, 1954
			<i>Celtis pubescens</i>	Rizzini, 1954
			<i>Trema micrantha</i>	Rizzini, 1954
		Umbelliferae	<i>Centella asiatica</i>	Rizzini, 1954
			<i>Eryngium fluminense</i>	Rizzini, 1954
			<i>Eryngium goulartii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Eryngium paniculatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Hydrocotyle alpestris</i>	Rizzini, 1954
			<i>Hydrocotyle barborossa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Hydrocotyle pusilla</i>	Rizzini, 1954
		Urticaceae	<i>Boehmeria caudata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Myriocarpa stipitata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Pilea muscosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Pilea grossecrenata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Urera densiflora</i>	Rizzini, 1954
		Valerianaceae	<i>Valeriana scandens</i>	Rizzini, 1954
			<i>Valeriana organensis</i>	Rizzini, 1954
		Verbenaceae	<i>Aegiphila arborescens</i>	Rizzini, 1954
			<i>Aegiphila lanuginosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Aegiphila mediterranea</i>	Rizzini, 1954
			<i>Aegiphila obducta</i>	Rizzini, 1954
			<i>Lantana brasiliensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Lantana camara</i>	Rizzini, 1954
			<i>Lantana furcata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Lantana pohliana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Lantana rodula</i>	Rizzini, 1954
			<i>Lantana robusta</i>	Rizzini, 1954
			<i>Lantana riedeliana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Lippia iodophylla</i>	Rizzini, 1954
			<i>Lippia microcephala</i>	Rizzini, 1954
			<i>Petrea racemosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Stachytarpheta maximiliani</i>	Rizzini, 1954
			<i>Stachytarpheta speciosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Verbena bonariensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Verbena lobata</i>	Rizzini, 1954
<i>Vitex polygama</i>	Rizzini, 1954			
<i>Vitex schaneriana</i>	Rizzini, 1954			
Violaceae	<i>Anchietea salutaris</i>	Rizzini, 1954		
	<i>Hybanthus communis</i>	Rizzini, 1954		
	<i>Hybanthus setigerus</i>	Rizzini, 1954		
	<i>Noisettia longifolia</i>	Rizzini, 1954		
	<i>Viola balsaminoides</i>	Rizzini, 1954		
	<i>Viola cerasifolia</i>	Rizzini, 1954		
<i>Viola subdimidiata</i>	Rizzini, 1954			
Vitaceae	<i>Cissus sylvatica</i>	Rizzini, 1954		
	<i>Vitis striata</i>	Rizzini, 1954		
Vochysiaceae	<i>Qualea cryptantha</i>	Rizzini, 1954		

Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte			
Magnoliophyta (cont.)	Magnoliopsida (cont.)	Vochysiaceae (cont.)	<i>Vochysia acuminata</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Vochysia glazioviana</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Vochysia magnifica</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Vochysia oppugnata</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Vochysia rectiflora</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Vochysia schwackeana</i>	Rizzini, 1954			
	Liliopsida	Amaryllidaceae		<i>Alstroemeria nemorosa</i>	Rizzini, 1954		
				<i>Hippeastrum aulicum</i>	Rizzini, 1954		
				<i>Hippeastrum calyptratum</i>	Rizzini, 1954		
				<i>Hippeastrum organense</i>	Rizzini, 1954		
				<i>Hippeastrum subbarbatum</i>	Rizzini, 1954		
				<i>Hypoxis decumbens</i>	Rizzini, 1954		
		Araceae		<i>Anthurium augustinum</i>	Rizzini, 1954		
				<i>Anthurium cf. brevifolium</i>	Coelho. 2001		
				<i>Anthurium cf. iaucheanum</i>	Coelho. 2001		
				<i>Anthurium lhotzkyanum</i>	Rizzini, 1954		
				<i>Anthurium longifolium</i>	Coelho. 2001		
				<i>Anthurium longilaminatum</i>	Coelho. 2001		
				<i>Anthurium longipetiolatum</i>	Rizzini, 1954		
				<i>Anthurium maximiliani</i>	Rizzini, 1954		
				<i>Anthurium nanospadix</i>	Coelho. 2001		
				<i>Anthurium organense</i>	Rizzini, 1954		
				<i>Anthurium parvum</i>	Coelho. 2001		
				<i>Anthurium solitarium</i>	Coelho. 2001		
				<i>Anthurium theresiopolitanum</i>	Rizzini, 1954		
				<i>Asterostigma sp</i>	Coelho. 2001		
				<i>Philodendron sp</i>	Coelho. 2001		
				<i>Philodendron appendiculatum</i>	Coelho. 2001		
				<i>Philodendron edmundoi</i>	Coelho. 2001		
				<i>Philodendron hastatum</i>	Coelho. 2001		
				<i>Philodendron ochrostemon</i>	Coelho. 2001		
				<i>Philodendron propinquum</i>	Coelho. 2001		
				Bromeliaceae		<i>Acathostachys strobilacea</i>	Rizzini, 1954
						<i>Aechmea fasciata</i>	Herbário RB
						<i>Aechmea fasciculata</i>	Rizzini, 1954
						<i>Aechmea nudicaulis var. aureorosea</i>	Herbário RB
						<i>Aechmea organensis</i>	Rizzini, 1954
						<i>Aechmea purpureo-rosea</i>	Rizzini, 1954
						<i>Aregelia concentrica</i>	Rizzini, 1954
						<i>Aregelia carolinae</i>	Rizzini, 1954
		<i>Aregelia microps</i>	Rizzini, 1954				
		<i>Aregelia princeps</i>	Rizzini, 1954				
		<i>Aregelia tristis</i>	Rizzini, 1954				
		<i>Billbergia amoena</i>	Rizzini, 1954				
		<i>Billbergia pyramidalis</i>	Rizzini, 1954				
		<i>Billbergia sanderiana</i>	Rizzini, 1954				
		<i>Neoregelia carolinae</i>	Herbário RB				
		<i>Nidularium antoineanum</i>	Rizzini, 1954				
		<i>Nidularium fulgens</i>	Rizzini, 1954				
		<i>Nidularium ferdinando</i>	Rizzini, 1954				
<i>Nidularium scheremetiewii</i>	Herbário RB						
<i>Nidularium innocentii</i>	Rizzini, 1954						
<i>Pitcairnia cinnabarina</i>	Rizzini, 1954						
<i>Pitcairnia dietrichiana</i>	Rizzini, 1954						
<i>Pitcairnia flammea</i>	Rizzini, 1954						
<i>Pitcairnia glaziovii</i>	Rizzini, 1954						
<i>Pitcairnia lancifolia</i>	Rizzini, 1954						
<i>Pitcairnia morelii</i>	Rizzini, 1954						
<i>Pitcairnia straminea</i>	Rizzini, 1954						
<i>Pitcairnia suaveolens</i>	Rizzini, 1954						

Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Magnoliophyta (cont.)	Liliopsida (cont.)	Bromeliaceae (cont.)	<i>Quenelia lateralis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Quenelia liboniana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tillandsia pulchella</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tillandsia regnellii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tillandsia segregata</i>	Herbário RB
			<i>Tillandsia stricta</i>	Rizzini, 1954
			<i>Tillandsia usneoides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Vriesea agostiniana</i>	Herbário RB
			<i>Vriesea billbergioides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Vriesea bituminosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Vriesea brasiliana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Vriesea carinata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Vriesea erythrodactylon</i>	Rizzini, 1954
			<i>Vriesea geniculata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Vriesea haematina</i>	Rizzini, 1954
			<i>Vriesea heterostachys</i>	Herbário RB
			<i>Vriesea imperialis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Vriesea itatiaiae</i>	Rizzini, 1954
			<i>Vriesea longicaulis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Vriesea longiscapa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Vriesea lubbersii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Vriesea morrenii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Vriesea pallidiflora</i>	Herbário RB
		<i>Vriesea psittacina</i>	Herbário RB	
		<i>Vriesea philippo-coburgi</i>	Rizzini, 1954	
		<i>Vriesea poenulata</i>	Rizzini, 1954	
		<i>Vriesea regina</i>	Rizzini, 1954	
		<i>Vriesea rodigasiana</i>	Rizzini, 1954	
		<i>Vriesea simplex</i>	Rizzini, 1954	
		<i>Vriesea triligulata</i>	Rizzini, 1954	
		<i>Wittrockia cyathiformis</i>	Herbário RB	
		Burmanniaceae	<i>Apteria lilacina</i>	Rizzini, 1954
			<i>Burmannia oprica</i>	Rizzini, 1954
			<i>Burmannia bicolor</i>	Rizzini, 1954
			<i>Dictyostega orobanchioides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Miersiella umbellata</i>	Rizzini, 1954
		Cannaceae	<i>Canna polyclada</i>	Rizzini, 1954
		Commelinaceae	<i>Dichorisandra luschnathiana</i>	Rizzini, 1954
		Cyperaceae	<i>Acrocarpus polyphyllus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cladium ensiforme</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cyperus tephrodes</i>	Rizzini, 1954
			<i>Nemochloa martiana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Pleurostachys angustifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Pleurostachys stricta</i>	Rizzini, 1954
		Dioscoreaceae	<i>Dioscorea campanulata</i>	Rizzini, 1954
		Dioscoreaceae	<i>Dioscorea de-mourae</i>	Rizzini, 1954
		Eriocaulaceae	<i>Leiothrix beckii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Paepalanthus macaheensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Paepalanthus ovatus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Paepalanthus uleanus</i>	Rizzini, 1954
		Gramineae	<i>Arundinaria amplissima</i>	Rizzini, 1954
			<i>Briza neesii</i>	Rizzini, 1954
<i>Calamagrostis montevidensis</i>	Rizzini, 1954			
<i>Chusquea gaudichaudii</i>	Rizzini, 1954			
<i>Chusquea oligophylla</i>	Rizzini, 1954			
<i>Chusquea pinifolia</i>	Rizzini, 1954			
<i>Cortaderia modesta</i>	Rizzini, 1954			
<i>Cynodon dactylon</i>	Rizzini, 1954			
<i>Danthonia montana</i>	Rizzini, 1954			
<i>Gadua tagoara</i>	Rizzini, 1954			

Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Magnoliophyta (cont.)	Liliopsida (cont.)	Gramineae (cont.)	<i>Isacne ventricosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Ischnanthus almadensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Ichananthus pallens</i>	Rizzini, 1954
			<i>Melinis minutiflora</i>	Rizzini, 1954
			<i>Merostachys burmanii</i>	Herbário RB
			<i>Olyra cordifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Panicum cyanescens</i>	Rizzini, 1954
			<i>Panicum latissimum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Panicum monostachyum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Panicum nodiflorum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Panicum pulchellum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Panicum scabrifolium</i>	Rizzini, 1954
			<i>Panicum sciurotis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Panicum stigmatosum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Panicum stoloniferum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Panicum teretifolium</i>	Herbário RB
			<i>Paspalum barbatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Paspalum furcatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Pericilema brasilianum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Poa poidium</i>	Rizzini, 1954
		Iridaceae	<i>Neomarica brachypus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Neomarica coerulea</i>	Rizzini, 1954
			<i>Sisyrinchium alatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Sisyrinchium incurvatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Trimezia organensis</i>	Herbário RB
		Marantaceae	<i>Calathea colorata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Stromanthe sanguinea</i>	Rizzini, 1954
		Orchidaceae	<i>Aspasia lunata</i>	Silva, 2006
			<i>Aspasia silvana</i>	Silva, 2006
			<i>Aspidogyne argentea</i>	Silva, 2006
			<i>Aspidogyne commelinoides</i>	Silva, 2006
			<i>Aspidogyne hylibates</i>	Silva, 2006
			<i>Barbosella gardneri</i>	Silva, 2006
			<i>Barbosella gardneri var. gardneri</i>	Silva, 2006
			<i>Barbrodria miersii</i>	Silva, 2006
			<i>Beadlea argyriifolia</i>	Silva, 2006
			<i>Beadlea congesta</i>	Silva, 2006
			<i>Beadlea cf. iguapensis</i>	Silva, 2006
			<i>Beadlea venusta</i>	Silva, 2006
			<i>Beadlea warmingii</i>	Silva, 2006
			<i>Bifrenaria atropurpurea</i>	Silva, 2006
			<i>Bifrenaria aureo-fulva</i>	Silva, 2006
			<i>Bifrenaria harrisoniae</i>	Silva, 2006
			<i>Bifrenaria inodora</i>	Silva, 2006
			<i>Bifrenaria leucorrhoda</i>	Silva, 2006
			<i>Bifrenaria melanopoda</i>	Silva, 2006
			<i>Bifrenaria mellicolor</i>	Silva, 2006
			<i>Bifrenaria racemosa</i>	Silva, 2006
			<i>Bifrenaria stephanae</i>	Silva, 2006
			<i>Bifrenaria vitellina</i>	Silva, 2006
			<i>Brassavola tuberculata</i>	Silva, 2006
			<i>Bulbophyllum campos-portoi</i>	Silva, 2006
			<i>Bulbophyllum atropurpureum</i>	Silva, 2006
<i>Bulbophyllum glutinosum</i>	Silva, 2006			
<i>Campylocentrum aromaticum</i>	Silva, 2006			
<i>Campylocentrum gracile</i>	Herbário RB			
<i>Campylocentrum hirtellum</i>	Silva, 2006			
<i>Campylocentrum organense</i>	Silva, 2006			
<i>Campylocentrum parahybutense</i>	Silva, 2006			
<i>Campylocentrum ulaei</i>	Silva, 2006			

Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Magnoliophyta (cont.)	Liliopsida (cont.)	Orchidaceae (cont.)	<i>Catatesum cernuum</i>	Silva, 2006
			<i>Catatesum hookeri</i>	Silva, 2006
			<i>Cattleya bicolor</i>	Silva, 2006
			<i>Cattleya granulosa</i>	Silva, 2006
			<i>Cattleya guttata</i>	Silva, 2006
			<i>Cattleya harrisoniana</i>	Silva, 2006
			<i>Cattleya intermedia</i>	Silva, 2006
			<i>Cattleya labiata</i>	Silva, 2006
			<i>Cattleya loddigesii</i>	Silva, 2006
			<i>Centroglossa greeniana</i>	Silva, 2006
			<i>Centroglossa macroceras</i>	Silva, 2006
			<i>Cirrhaea dependens</i>	Silva, 2006
			<i>Cirrhaea loddigesii</i>	Silva, 2006
			<i>Cirrhaea saccata</i>	Silva, 2006
			<i>Cleisthes metallina</i>	Silva, 2006
			<i>Cleisthes montana</i>	Silva, 2006
			<i>Cleisthes speciosa</i>	Silva, 2006
			<i>Cleisthes unguiculata</i>	Silva, 2006
			<i>Cyclopogon choroleucus</i> var. <i>longipetiolatum</i>	Silva, 2006
			<i>Dendrobium nobile</i>	Silva, 2006
			<i>Dichaea anchorifera</i>	Silva, 2006
			<i>Dichaea brevicaulis</i>	Silva, 2006
			<i>Dichaea cogniauxiana</i>	Silva, 2006
			<i>Dichaea graminoides</i>	Silva, 2006
			<i>Dichaea muricata</i>	Silva, 2006
			<i>Dichaea pendula</i>	Silva, 2006
			<i>Dichaea trulla</i>	Silva, 2006
			<i>Elleanthus brasiliensis</i>	Silva, 2006
			<i>Elleanthus crinipes</i>	Silva, 2006
			<i>Eltroplectris triloba</i>	Silva, 2006
			<i>Encyclia cyperifolia</i>	Silva, 2006
			<i>Encyclia patens</i>	Silva, 2006
			<i>Epidendrum anceps</i>	Silva, 2006
			<i>Epidendrum aquaticum</i>	Silva, 2006
			<i>Epidendrum armeniacum</i>	Silva, 2006
			<i>Epidendrum avicula</i>	Silva, 2006
			<i>Epidendrum cooperianum</i>	Silva, 2006
			<i>Epidendrum dendrobioides</i>	Silva, 2006
			<i>Epidendrum densiflorum</i>	Silva, 2006
			<i>Epidendrum denticulatum</i>	Silva, 2006
			<i>Epidendrum diiforme</i>	Silva, 2006
			<i>Epidendrum ecostatium</i>	Silva, 2006
			<i>Epidendrum filicaule</i>	Silva, 2006
			<i>Epidendrum harrisoniae</i>	Silva, 2006
			<i>Epidendrum klueppelianum</i>	Silva, 2006
			<i>Epidendrum mantiqueranum</i>	Silva, 2006
			<i>Epidendrum martianum</i>	Silva, 2006
			<i>Epidendrum nocturnum</i>	Silva, 2006
			<i>Epidendrum nutans</i>	Silva, 2006
			<i>Epidendrum</i> cf. <i>ochrochlorum</i>	Silva, 2006
			<i>Epidendrum paniculosum</i>	Silva, 2006
<i>Epidendrum paranaense</i>	Silva, 2006			
<i>Epidendrum patens</i>	Silva, 2006			
<i>Epidendrum</i> aff. <i>proligerum</i>	Silva, 2006			
<i>Epidendrum ramosum</i>	Silva, 2006			
<i>Epidendrum rigidum</i>	Silva, 2006			
<i>Epidendrum saxatile</i>	Silva, 2006			
<i>Epidendrum smaragdinum</i>	Silva, 2006			
<i>Epidendrum tridactylum</i>	Silva, 2006			

Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Magnoliophyta (cont.)	Liliopsida (cont.)	Orchidaceae (cont.)	<i>Erythrodes arietina</i>	Silva, 2006
			<i>Erythrodes austrobrasiliensis</i>	Silva, 2006
			<i>Eulophia alta</i>	Silva, 2006
			<i>Eulophia murrayana</i>	Silva, 2006
			<i>Eurystyles actinosophila</i>	Silva, 2006
			<i>Eurystyles cotyledon</i>	Silva, 2006
			<i>Eurystyles paranaensis</i>	Silva, 2006
			<i>Gomesa barkeri</i>	Silva, 2006
			<i>Gomesa crispa</i>	Silva, 2006
			<i>Gomesa fischeri</i>	Silva, 2006
			<i>Gomesa foliosa</i>	Silva, 2006
			<i>Gomesa glaziovii</i>	Silva, 2006
			<i>Gomesa laxiflora</i>	Silva, 2006
			<i>Gomesa aff. Planifolia</i>	Silva, 2006
			<i>Gomesa recurva</i> Lodd.	Silva, 2006
			<i>Gomesa sessilis</i>	Silva, 2006
			<i>Govenia utriculata</i>	Silva, 2006
			<i>Habenaria achnantha</i>	Silva, 2006
			<i>Habenaria armata</i>	Silva, 2006
			<i>Habenaria curvilabria</i>	Silva, 2006
			<i>Habenaria edwalii</i>	Silva, 2006
			<i>Habenaria ekmaniana</i>	Silva, 2006
			<i>Habenaria fastor</i>	Silva, 2006
			<i>Habenaria aff. gustavi-edwalii</i>	Silva, 2006
			<i>Habenaria hexaptera</i>	Silva, 2006
			<i>Habenaria josephensis</i>	Silva, 2006
			<i>Habenaria luetzelburgii</i>	Silva, 2006
			<i>Habenaria macronectar</i>	Silva, 2006
			<i>Habenaria montevidensis</i> fa. <i>Parviflora</i>	Silva, 2006
			<i>Habenaria montevidensis</i>	Silva, 2006
			<i>Habenaria paranaensis</i>	Silva, 2006
			<i>Habenaria parviflora</i> fa. <i>Robusta</i>	Silva, 2006
			<i>Habenaria parviflora</i>	Silva, 2006
			<i>Habenaria petalodes</i>	Silva, 2006
			<i>Habenaria repens</i>	Silva, 2006
			<i>Habenaria rolfeana</i>	Silva, 2006
			<i>Habenaria secunda</i>	Herbário RB
			<i>Habenaria secunda</i> var. <i>estrellensis</i>	Silva, 2006
			<i>Habenaria warmingii</i>	Silva, 2006
			<i>Hapalorchis lineatus</i>	Herbário RB
			<i>Hapalorchis lineatus</i> var. <i>brevicaulis</i>	Silva, 2006
			<i>Houlletia brocklehurstiana</i>	Silva, 2006
			<i>Isabelia violacea</i>	Silva, 2006
			<i>Isabelia virginalis</i>	Silva, 2006
			<i>Isochilus linearis</i>	Silva, 2006
			<i>Jacquiniella teritifolia</i>	Silva, 2006
			<i>Lankesterella caespitosa</i>	Silva, 2006
			<i>Lankesterella ceracifolia</i>	Silva, 2006
			<i>Lankesterella gnomus</i>	Silva, 2006
			<i>Lankesterella longicollis</i>	Silva, 2006
<i>Lepanthes striata</i>	Silva, 2006			
<i>Leptotes bicolor</i>	Silva, 2006			
<i>Liparis nervosa</i>	Silva, 2006			
<i>Lockhartia lunifera</i>	Silva, 2006			
<i>Loefgrenianthus blanche-amesii</i>	Silva, 2006			
<i>Lophiaris pumila</i>	Silva, 2006			
<i>Malaxis excavata</i>	Silva, 2006			
<i>Malaxis parthoni</i>	Silva, 2006			
<i>Malaxis pubescens</i>	Silva, 2006			
<i>Malaxis warmingii</i>	Silva, 2006			

Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Magnoliophyta (cont.)	Liliopsida (cont.)	Orchidaceae (cont.)	<i>Masdevallia infracta</i>	Silva, 2006
			<i>Masdevallia infracta var. purpurea</i>	Silva, 2006
			<i>Maxillaria acicularis</i>	Silva, 2006
			<i>Maxillaria aff. consanguinea</i>	Silva, 2006
			<i>Maxillaria cerifera</i>	Silva, 2006
			<i>Maxillaria chrysantha var. curtifolia</i>	Silva, 2006
			<i>Maxillaria cogniauxiana</i>	Silva, 2006
			<i>Maxillaria crassifolia</i>	Silva, 2006
			<i>Maxillaria echiniphyta</i>	Silva, 2006
			<i>Maxillaria ferdinandiana</i>	Silva, 2006
			<i>Maxillaria gracilis</i>	Silva, 2006
			<i>Maxillaria jenischiana</i>	Silva, 2006
			<i>Maxillaria johannis</i>	Herbário RB
			<i>Maxillaria lindleyana</i>	Silva, 2006
			<i>Maxillaria madida</i>	Silva, 2006
			<i>Maxillaria marginata</i>	Silva, 2006
			<i>Maxillaria notylioglossa</i>	Silva, 2006
			<i>Maxillaria ochroleuca</i>	Herbário RB
			<i>Maxillaria phoenicanthera</i>	Silva, 2006
			<i>Maxillaria picta</i>	Herbário RB
			<i>Maxillaria picta var. rupestris fa. Minor</i>	Herbário RB
			<i>Maxillaria porphyrostele</i>	Silva, 2006
			<i>Maxillaria rodriguesii</i>	Silva, 2006
			<i>Maxillaria rufescens</i>	Silva, 2006
			<i>Maxillaria rupestris</i>	Silva, 2006
			<i>Maxillaria rupestris var. brevis</i>	Silva, 2006
			<i>Maxillaria subulata</i>	Silva, 2006
			<i>Maxillaria valenzuelana</i>	Silva, 2006
			<i>Maxillaria vitelliniflora</i>	Silva, 2006
			<i>Mesadenella cuspidata</i>	Silva, 2006
			<i>Miltonia clowesii</i>	Herbário RB
			<i>Miltonia cuneata</i>	Herbário RB
			<i>Myoxanthus punctatus</i>	Silva, 2006
			<i>Neogardneria murrayana</i>	Silva, 2006
			<i>Notylia lyrata</i>	Silva, 2006
			<i>Octadesmia montana</i>	Silva, 2006
			<i>Octomeria albopurpurea</i>	Silva, 2006
			<i>Octomeria alpina</i>	Silva, 2006
			<i>Octomeria chamaeleptotes</i>	Silva, 2006
			<i>Octomeria crassifolia</i>	Silva, 2006
			<i>Octomeria decumbens</i>	Silva, 2006
			<i>Octomeria diaphana</i>	Silva, 2006
			<i>Octomeria gracilicaulis</i>	Silva, 2006
			<i>Octomeria gracilis</i>	Herbário RB
			<i>Octomeria grandiflora</i>	Silva, 2006
			<i>Octomeria grandiflora var. augusta</i>	Silva, 2006
			<i>Octomeria juncifolia</i>	Herbário RB
			<i>Octomeria linearifolia</i>	Herbário RB
			<i>Octomeria oxichela</i>	Silva, 2006
			<i>Octomeria oxichela var. gracilis</i>	Silva, 2006
			<i>Octomeria praestans</i>	Silva, 2006
			<i>Octomeria rechiana</i>	Silva, 2006
			<i>Octomeria robusta</i>	Silva, 2006
<i>Octomeria robusta var. purpurea</i>	Silva, 2006			
<i>Octomeria rodriguesii</i>	Silva, 2006			
<i>Octomeria serrana</i>	Silva, 2006			
<i>Octomeria tricolor</i>	Silva, 2006			
<i>Octomeria wawrae</i>	Silva, 2006			
<i>Oncidium bicornutum</i>	Silva, 2006			



Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Magnoliophyta (cont.)	Liliopsida (cont.)	Orchidaceae (cont.)	<i>Ocidium concolor</i>	Herbário RB
			<i>Oncidium cornigerum</i>	Silva, 2006
			<i>Oncidium crispum</i>	Silva, 2006
			<i>Oncidium cruciatum</i>	Silva, 2006
			<i>Oncidium curtum</i>	Silva, 2006
			<i>Oncidium dasytyle</i>	Silva, 2006
			<i>Oncidium flexuosum</i>	Silva, 2006
			<i>Ocidium forbesii</i>	Herbário RB
			<i>Ocidium gardneri</i>	Herbário RB
			<i>Oncidium harrissonianum</i>	Silva, 2006
			<i>Oncidium hookeri</i>	Silva, 2006
			<i>Oncidium lietzei</i>	Silva, 2006
			<i>Oncidium löefgrenii</i>	Silva, 2006
			<i>Oncidium longicornu</i>	Silva, 2006
			<i>Oncidium longipes</i>	Silva, 2006
			<i>Ocidium pubes</i>	Herbário RB
			<i>Oncidium pulvinatum</i>	Silva, 2006
			<i>Oncidium raniferum</i>	Silva, 2006
			<i>Oncidium riograndense</i>	Silva, 2006
			<i>Ocidium sphegiferum</i>	Herbário RB
			<i>Ocidium uniflorum</i>	Herbário RB
			<i>Oncidium waluwewa</i>	Silva, 2006
			<i>Pabstia jugosa</i>	Silva, 2006
			<i>Pabstia placanthera</i>	Silva, 2006
			<i>Pelexia bonariensis</i>	Herbário RB
			<i>Pelexia itatiayae</i>	Silva, 2006
			<i>Pelexia novofriburgensis</i>	Silva, 2006
			<i>Phymatidium aquinoi</i>	Silva, 2006
			<i>Phymatidium delicatulum</i>	Silva, 2006
			<i>Phymatidium falcifolium</i>	Silva, 2006
			<i>Phymatidium hysteroanthum</i>	Silva, 2006
			<i>Platyrrhiza quadricolor</i>	Silva, 2006
			<i>Platystele oxyglossa</i>	Silva, 2006
			<i>Platysthelys schlechterana</i>	Silva, 2006
			<i>Pleurothallis adenochila</i>	Silva, 2006
			<i>Pleurothallis alligatorifera</i>	Silva, 2006
			<i>Pleurothallis arcuata</i>	Herbário RB
			<i>Pleurothallis aristulata</i>	Silva, 2006
			<i>Pleurothallis auriculata</i>	Silva, 2006
			<i>Pleurothallis bicristata</i>	Silva, 2006
			<i>Pleurothallis bidentula</i>	Silva, 2006
			<i>Pleurothallis binotii</i>	Silva, 2006
			<i>Pleurothallis bocainensis</i>	Silva, 2006
			<i>Pleurothallis butantanensis</i>	Silva, 2006
			<i>Pleurothallis caespitosa</i> var. <i>chrysantha</i>	Silva, 2006
			<i>Pleurothallis capillaris</i>	Silva, 2006
			<i>Pleurothallis curti-bradei</i>	Silva, 2006
<i>Pleurothallis depauperata</i>	Silva, 2006			
<i>Pleurothallis deregularis</i>	Silva, 2006			
<i>Pleurothallis exigua</i>	Herbário RB			
<i>Pleurothallis glanduligera</i>	Silva, 2006			
<i>Pleurothallis grobyi</i>	Silva, 2006			
<i>Pleurothallis grobyi</i> var. <i>trilineata</i>	Silva, 2006			
<i>Pleurothallis heterophylla</i>	Silva, 2006			
<i>Pleurothallis hians</i>	Silva, 2006			
<i>Pleurothallis hygrophila</i>	Herbário RB			
<i>Pleurothallis hygrophila</i> var. <i>angustifolia</i>	Silva, 2006			
<i>Pleurothallis hypnicola</i>	Herbário RB			

Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Magnoliophyta (cont.)	Liliopsida (cont.)	Orchidaceae (cont.)	<i>Pleurothallis illudens</i>	Silva, 2006
			<i>Pleurothallis imbeana</i>	Silva, 2006
			<i>Pleurothallis leptotifolia</i>	Silva, 2006
			<i>Pleurothallis lineolata</i>	Silva, 2006
			<i>Pleurothallis lingua</i>	Silva, 2006
			<i>Pleurothallis luteola</i>	Silva, 2006
			<i>Pleurothallis malachantha</i>	Silva, 2006
			<i>Pleurothallis mathildae</i>	Herbário RB
			<i>Pleurothallis modesta</i>	Silva, 2006
			<i>Pleurothallis muscoidea</i>	Silva, 2006
			<i>Pleurothallis obovata</i>	Silva, 2006
			<i>Pleurothallis pandurifera</i>	Silva, 2006
			<i>Pleurothallis pectinata</i>	Silva, 2006
			<i>Pleurothallis petropolitana</i>	Silva, 2006
			<i>Pleurothallis picta</i>	Silva, 2006
			<i>Pleurothallis pleurothalloides</i>	Silva, 2006
			<i>Pleurothallis prolifera</i>	Silva, 2006
			<i>Pleurothallis pterophora</i>	Herbário RB
			<i>Pleurothallis punctatifolia</i>	Silva, 2006
			<i>Pleurothallis quadridentata</i>	Silva, 2006
			<i>Pleurothallis radialis</i>	Herbário RB
			<i>Pleurothallis rostriflora</i>	Silva, 2006
			<i>Pleurothallis rubens</i>	Herbário RB
			<i>Pleurothallis saundersiana</i>	Herbário RB
			<i>Pleurothallis saurocephala</i>	Herbário RB
			<i>Pleurothallis scabripes</i>	Herbário RB
			<i>Pleurothallis sclerophylla</i>	Herbário RB
			<i>Pleurothallis sonderana</i>	Silva, 2006
			<i>Pleurothallis sordida</i>	Silva, 2006
			<i>Pleurothallis stenopetala</i>	Herbário RB
			<i>Pleurothallis sulphurea</i>	Herbário RB
			<i>Pleurothallis tigridentis</i>	Silva, 2006
			<i>Pleurothallis tricolor</i>	Silva, 2006
			<i>Pleurothallis trifida</i>	Silva, 2006
			<i>Pleurothallis trimeropetala</i>	Silva, 2006
			<i>Pleurothallis uniflora</i>	Silva, 2006
			<i>Pogoniopsis schenckii</i>	Silva, 2006
			<i>Polystachia caespitosa</i>	Silva, 2006
			<i>Polystachya estrellensis</i>	Herbário RB
			<i>Prescottia glazioviana</i>	Silva, 2006
			<i>Prescottia lancifolia</i>	Silva, 2006
			<i>Prescottia nivalis</i>	Silva, 2006
			<i>Prescottia plantaginea</i>	Silva, 2006
			<i>Prescottia plantaginea X montana</i>	Silva, 2006
			<i>Prescottia rodeiensis</i>	Silva, 2006
			<i>Prescottia stachyodes</i>	Herbário RB
			<i>Promenaea stapelioides</i>	Herbário RB
			<i>Promenaea xanthina</i>	Herbário RB
			<i>Prosthechea calamarium</i>	Silva, 2006
			<i>Prosthechea fragrans</i>	Silva, 2006
			<i>Prosthechea inversa</i>	Silva, 2006
			<i>Prosthechea punctifera</i>	Silva, 2006
<i>Pseudolaelia corcovadensis</i>	Silva, 2006			
<i>Pygmaeorchis brasiliensis</i>	Herbário RB			
<i>Rodriguezia obtusifolia</i>	Silva, 2006			
<i>Rodriguezia pubescens</i>	Silva, 2006			
<i>Rodrigueziella gomezoides</i>	Silva, 2006			
<i>Rodrigueziella jucunda</i>	Silva, 2006			
<i>Rodrigueziopsis microphyton</i>	Herbário RB			
<i>Sacoila hassleri</i>	Silva, 2006			

Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Magnoliophyta (cont.)	Liliopsida (cont.)	Orchidaceae (cont.)	<i>Sacoila lanceolata</i>	Silva, 2006
			<i>Sauroglossum nitidum</i>	Herbário RB
			<i>Sarcoglottis acaulis</i>	Silva, 2006
			<i>Sarcoglottis metallica</i>	Silva, 2006
			<i>Sauroglossum nitidum</i>	Silva, 2006
			<i>Scaphyglottis modesta</i>	Silva, 2006
			<i>Scuticaria hadwenii</i>	Silva, 2006
			<i>Sophronitis cernua</i>	Silva, 2006
			<i>Sophronitis cinnabarina</i>	Silva, 2006
			<i>Sophronitis coccinea</i>	Herbário RB
			<i>Sophronitis crispa</i>	Silva, 2006
			<i>Sophronitis crispa var fluminensis</i>	Silva, 2006
			<i>Sophronitis perrinii</i>	Silva, 2006
			<i>Sophronitis pterocarpa</i>	Silva, 2006
			<i>Sophronitis pumila</i>	Silva, 2006
			<i>Stelis aprica</i>	Herbário RB
			<i>Stelis drosophila</i>	Silva, 2006
			<i>Stelis grandiflora</i>	Silva, 2006
			<i>Stelis hoehnei</i>	Silva, 2006
			<i>Stelis intermedia</i>	Silva, 2006
			<i>Stelis megantha</i>	Herbário RB
			<i>Stelis miersii</i>	Silva, 2006
			<i>Stelis papaquerensis</i>	Silva, 2006
			<i>Stelis puberula</i>	Silva, 2006
			<i>Stelis ruprechtiana</i>	Herbário RB
			<i>Stelis triangularis</i>	Silva, 2006
			<i>Stigmatosema polyaden</i>	Silva, 2006
			<i>Thysanoglossa jordanensis</i>	Silva, 2006
			<i>Thysanoglossa organensis</i>	Herbário RB
			<i>Trichocentrum fuscum</i>	Silva, 2006
			<i>Trichosalpinx dura</i>	Silva, 2006
			<i>Trichosalpinx montana</i>	Silva, 2006
			<i>Trigonidium macranthum</i>	Silva, 2006
			<i>Vanilla aromatica</i>	Silva, 2006
			<i>Vanilla edwalii</i>	Silva, 2006
			<i>Vanilla organensis</i>	Silva, 2006
			<i>Vanilla planifolia</i>	Silva, 2006
			<i>Warrea warreana</i>	Silva, 2006
			<i>Xylobium variegatum</i>	Herbário RB
			<i>Zootrophion schenckii</i>	Silva, 2006
			<i>Zygopetalum brachypetalum</i>	Silva, 2006
			<i>Zygopetalum crinitum</i>	Herbário RB
			<i>Zygopetalum mackayi</i>	Herbário RB
			<i>Zygopetalum maculatum</i>	Silva, 2006
			<i>Zygopetalum maxillare</i>	Silva, 2006
			<i>Zygopetalum mosenianum</i>	Silva, 2006
			<i>Zygopetalum cf. pedicellatum</i>	Silva, 2006
			<i>Zygopetalum triste</i>	Silva, 2006
		<i>Zygostates grandiflora</i>	Silva, 2006	
		<i>Zygostates multiflora</i>	Silva, 2006	
		<i>Zygostates pellucida</i>	Silva, 2006	
		Palmae	<i>Barbosa pseudococos</i>	Rizzini, 1954
			<i>Euterpe edulis</i>	Rizzini, 1954
<i>Geonoma elegans</i>	Rizzini, 1954			
<i>Geonoma pohliana</i>	Rizzini, 1954			
<i>Geonoma wittigiana</i>	Rizzini, 1954			
<i>Lytocaryum weddelliana</i>	Rizzini, 1954			
Triuridaceae	<i>Triuris hyalina</i>	Rizzini, 1954		
Typhaceae	<i>Typha dominguensis</i>	Rizzini, 1954		
Velloziaceae	<i>Barbacenia purpurea</i>	Rizzini, 1954		

Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte		
Magnoliophyta (cont.)	Liliopsida (cont.)	Velloziaceae	<i>Barbacenia squamata</i>	Rizzini, 1954		
			<i>Vellozia</i>	Rizzini, 1954		
		Xyridaceae	<i>Xyris acrophila</i>	Rizzini, 1954		
			<i>Xyris organensis</i>	Rizzini, 1954		
			<i>Xyris stenophylla</i>	Rizzini, 1954		
			<i>Xyris wawrae</i>	Rizzini, 1954		
		Zingiberaceae	<i>Hedychium coronarium</i>	Rizzini, 1954		
			<i>Renealmia exaltata</i>	Rizzini, 1954		
		Pteridophyta	Pteridopsida	Cyatheaceae	<i>Alsophila arbuscula</i>	Rizzini, 1954
					<i>Alsophila dichromatolepis</i>	Rizzini, 1954
<i>Alsophila elegans</i>	Rizzini, 1954					
<i>Alsophila feeana</i>	Rizzini, 1954					
<i>Alsophila guinleorum</i>	Rizzini, 1954					
<i>Alsophila ilheringii</i>	Rizzini, 1954					
<i>Alsophila microdonta</i>	Rizzini, 1954					
<i>Alsophila miersii</i>	Rizzini, 1954					
<i>Alsophila paleolata</i>	Rizzini, 1954					
<i>Alsophila procera</i>	Rizzini, 1954					
<i>Alsophila quadripinnata</i>	Rizzini, 1954					
<i>Alsophila roquetei</i>	Rizzini, 1954					
<i>Alsophila sternbergii</i>	Herbário RB					
<i>Cyathea acanthomelas</i>	Rizzini, 1954					
<i>Cyathea corcovadensis</i>	Herbário RB					
<i>Cyathea delgadii</i>	Herbário RB					
<i>Cyathea sampaioana</i>	Rizzini, 1954					
<i>Cyathea schanschin</i>	Rizzini, 1954					
<i>Cyathea sternbergii</i>	Rizzini, 1954					
<i>Cyathea phalerata</i>	Herbário RB					
<i>Dicksonia sellowiana</i>	Rizzini, 1954					
<i>Hemitelia apiculata</i>	Rizzini, 1954					
<i>Hemitelia capensis</i>	Rizzini, 1954					
<i>Hemitelia grandifolia</i>	Rizzini, 1954					
<i>Hemitelia setosa</i>	Rizzini, 1954					
<i>Sphaeropteris gardneri</i>	Herbário RB					
Gleicheniaceae	<i>Gleichenia bifida</i>				Rizzini, 1954	
	<i>Gleichenia furcata</i>				Rizzini, 1954	
	<i>Gleichenia nervosa</i>			Rizzini, 1954		
	<i>Gleichenia pectinata</i>			Rizzini, 1954		
Hymenophyllaceae	<i>Hymenophyllum asplenioides</i>			Rizzini, 1954		
	<i>Hymenophyllum caudiculatum</i>			Rizzini, 1954		
	<i>Hymenophyllum elegans</i>			Rizzini, 1954		
	<i>Hymenophyllum fragile</i>			Rizzini, 1954		
	<i>Hymenophyllum fucoides</i>			Rizzini, 1954		
	<i>Hymenophyllum hirsutum</i>			Rizzini, 1954		
	<i>Hymenophyllum lineare</i>			Rizzini, 1954		
	<i>Hymenophyllum magellanicum</i>			Rizzini, 1954		
	<i>Hymenophyllum microcarpum</i>			Rizzini, 1954		
	<i>Hymenophyllum peltatum</i>			Rizzini, 1954		
	<i>Hymenophyllum plumosum</i>			Rizzini, 1954		
	<i>Hymenophyllum polyanthos</i>			Rizzini, 1954		
	<i>Hymenophyllum raddianum</i>			Rizzini, 1954		
	<i>Hymenophyllum rufum</i>			Rizzini, 1954		
	<i>Hymenophyllum sampaioanum</i>			Rizzini, 1954		
	<i>Hymenophyllum sericeum</i>			Rizzini, 1954		
	<i>Trichomanes angustatum</i>			Rizzini, 1954		
	<i>Trichomanes cristatum</i>			Rizzini, 1954		
	<i>Trichomanes eximium</i>			Rizzini, 1954		
	<i>Trichomanes hymenioides</i>			Rizzini, 1954		
<i>Trichomanes mandioccanum</i>	Rizzini, 1954					
<i>Trichomanes montanum</i>	Rizzini, 1954					

Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Pteridophyta (cont.)	Pteridopsida (cont.)	Hymenophyllaceae	<i>Trichomanes pedicellatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Trichomanes polypodioides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Trichomanes pyxidiferum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Trichomanes radicans</i>	Rizzini, 1954
			<i>Trichomanes tenerum</i>	Rizzini, 1954
		Polypodiaceae	<i>Adiantopsis chlorophylla</i>	Rizzini, 1954
			<i>Adiantopsis radiata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Adiantum cuneatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Adiantum fovearum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Adiantum macrophyllum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Adiantum philippense</i>	Rizzini, 1954
			<i>Adiantum serrato-dentatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Adiantum subcordatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Anthrophyum lineatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Asplenium alatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Asplenium auritum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Asplenium clausenii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Asplenium cristatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Asplenium hapeoides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Asplenium kunzeanum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Asplenium lineatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Asplenium lunulatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Asplenium mucronatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Asplenium obtusifolium</i>	Rizzini, 1954
			<i>Asplenium oligophyllum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Asplenium praemorsum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Asplenium pseudonitidum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Asplenium radicans</i>	Rizzini, 1954
			<i>Asplenium salicifolium</i>	Rizzini, 1954
			<i>Asplenium scandicinum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Asplenium semicordatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Asplenium serra</i>	Rizzini, 1954
			<i>Asplenium uniseriale</i>	Rizzini, 1954
			<i>Alsophila feeana</i>	Herbário RB
			<i>Blechnum asplenioides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Blechnum blechnoides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Blechnum fraxineum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Blechnum euraddianum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Blechnum glandulosum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Blechnum gracile</i>	Rizzini, 1954
			<i>Blechnum l'herminieri</i>	Rizzini, 1954
			<i>Blechnum meridense</i>	Rizzini, 1954
			<i>Blechnum mexiae</i>	Rizzini, 1954
			<i>Blechnum occidentale</i>	Rizzini, 1954
			<i>Blechnum organense</i>	Rizzini, 1954
			<i>Blechnum plumieri</i>	Rizzini, 1954
			<i>Blechnum recurvatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Blechnum schomburgkii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Blechnum volubile</i>	Rizzini, 1954
			<i>Cheilanthes incisa</i>	Rizzini, 1954
<i>Cochlidium paucinervatum</i>	Rizzini, 1954			
<i>Dennstaedtia cornuta</i>	Rizzini, 1954			
<i>Diplazium arboreum</i>	Rizzini, 1954			
<i>Diplazium marginatum</i>	Rizzini, 1954			
<i>Diplazium plantaginifolium</i>	Rizzini, 1954			
<i>Diplazium thwaitesii</i>	Rizzini, 1954			
<i>Doryopteris angularis</i>	Rizzini, 1954			
<i>Doryopteris colubrina</i>	Rizzini, 1954			
<i>Doryopteris lomariacea</i>	Rizzini, 1954			
<i>Doryopteris lonchophora</i>	Rizzini, 1954			

Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Pteridophyta (cont.)	Pteridopsida (cont.)	Polypodiaceae (cont.)	<i>Doryopteris nobilis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Doryopteris ornithopus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Doryopteris paradoxa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Doryopteris rosenstockii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Doryopteris sagittifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Doryopteris subsimplex</i>	Rizzini, 1954
			<i>Doryopteris varians</i>	Rizzini, 1954
			<i>Dryopteris alsophilacea</i>	Rizzini, 1954
			<i>Dryopteris amplissima</i>	Rizzini, 1954
			<i>Dryopteris aspidioides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Dryopteris densiloba</i>	Rizzini, 1954
			<i>Dryopteris denticulata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Dryopteris diplazioides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Dryopteris filix-mas</i>	Rizzini, 1954
			<i>Dryopteris glaziovii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Dryopteris macrosora</i>	Rizzini, 1954
			<i>Dryopteris neglecta</i>	Rizzini, 1954
			<i>Dryopteris opposita</i>	Rizzini, 1954
			<i>Dryopteris organensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Dryopteris pachyrachis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Dryopteris paleacea</i>	Rizzini, 1954
			<i>Dryopteris ptarmica</i>	Rizzini, 1954
			<i>Dryopteris submarginalis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Dryopteris tenerrima</i>	Rizzini, 1954
			<i>Dryopteris umbrina</i>	Rizzini, 1954
			<i>Dryopteris villosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Elaphoglossum angustatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Elaphoglossum aubertii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Elaphoglossum conforme</i>	Rizzini, 1954
			<i>Elaphoglossum edwalii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Elaphoglossum erinaceum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Elaphoglossum flaccidum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Elaphoglossum gardnerianum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Elaphoglossum hirtipes</i>	Rizzini, 1954
			<i>Elaphoglossum horridulum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Elaphoglossum hybridum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Elaphoglossum langsdorffii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Elaphoglossum latifolium</i>	Rizzini, 1954
			<i>Elaphoglossum leptophyllum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Elaphoglossum lineare</i>	Rizzini, 1954
			<i>Elaphoglossum lingua</i>	Rizzini, 1954
			<i>Elaphoglossum longifolium</i>	Rizzini, 1954
			<i>Elaphoglossum minutum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Elaphoglossum muscosum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Elaphoglossum organense</i>	Rizzini, 1954
			<i>Elaphoglossum ovatum</i>	Rizzini, 1954
<i>Elaphoglossum petiolatum</i>	Rizzini, 1954			
<i>Elaphoglossum plumosum</i>	Rizzini, 1954			
<i>Elaphoglossum scolopendrifolium</i>	Rizzini, 1954			
<i>Elaphoglossum strictum</i>	Rizzini, 1954			
<i>Elaphoglossum vagans</i>	Rizzini, 1954			
<i>Elaphoglossum villosum</i>	Rizzini, 1954			
<i>Elaphoglossum tectum</i>	Rizzini, 1954			
<i>Gymnogramma biardii</i>	Rizzini, 1954			
<i>Histiopteris incisa</i>	Rizzini, 1954			
<i>Hypolepis punctata</i>	Rizzini, 1954			
<i>Hypolepis repens</i>	Rizzini, 1954			
<i>Ithycaulon inaequale</i>	Rizzini, 1954			
<i>Lindsaya arcuata</i>	Rizzini, 1954			
<i>Lindsaya lancea</i>	Rizzini, 1954			

Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Pteridophyta (cont.)	Pteridopsida (cont.)	Polypodiaceae (cont.)	<i>Lindsaya stricta</i>	Rizzini, 1954
			<i>Lindsaya trapeziformis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Litobrochia organensis</i>	Herbário RB
			<i>Loxoscaphle theciferum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Microlepia speluncae</i>	Rizzini, 1954
			<i>Nephrolepis cordifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Nephrolepis exaltata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Phegopteris organensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Phyllitis plantagineum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Phytogramma austroamericana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Plagiogyria cervina</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polybotrya frondosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polybotrya rosenstockiana</i>	Herbário RB
			<i>Polybotrya scandens</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polypodium achilleifolium</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polypodium angustifolium</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polypodium apiculatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polypodium asplenifolium</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polypodium aureum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polypodium brevistipes</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polypodium capillare</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polypodium catharinae</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polypodium chnoophorum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polypodium crassifolium</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polypodium cultratum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polypodium decurrens</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polypodium duale</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polypodium fraxinifolium</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polypodium galathea</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polypodium heteroclitum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polypodium gradatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polypodium hirsutissimum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polypodium x joannae</i>	Herbário RB
			<i>Polypodium jubiforme</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polypodium laevigatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polypodium lanceolatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polypodium lapathifolium</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polypodium lepidopteris</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polypodium leveilleanum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polypodium limbatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polypodium longipetiolatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polypodium longepilosum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polypodium meridense</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polypodium micropteris</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polypodium moniliforme</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polypodium organense</i>	Rizzini, 1954
			<i>Polypodium otites</i>	Rizzini, 1954
<i>Polypodium pectinatum</i>	Rizzini, 1954			
<i>Polypodium percussum</i>	Rizzini, 1954			
<i>Polypodium phyllitidis</i>	Rizzini, 1954			
<i>Polypodium pilosissimum</i>	Rizzini, 1954			
<i>Polypodium recurvatum</i>	Rizzini, 1954			
<i>Polypodium repens</i>	Rizzini, 1954			
<i>Polypodium siccum</i>	Rizzini, 1954			
<i>Polypodium sporadocarpum</i>	Rizzini, 1954			
<i>Polypodium squamulosum</i>	Rizzini, 1954			
<i>Polypodium Tectum</i>	Rizzini, 1954			
<i>Polypodium tenuiculum</i>	Rizzini, 1954			
<i>Polypodium transiens</i>	Rizzini, 1954			
<i>Polypodium truncorum</i>	Rizzini, 1954			

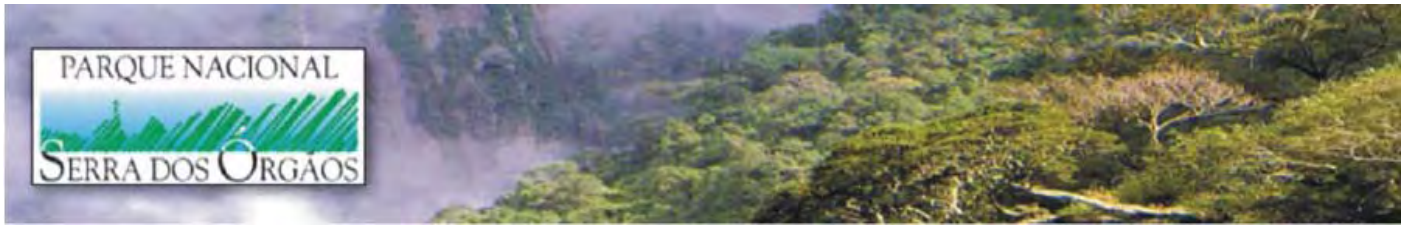
Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte			
Pteridophyta (cont.)	Pteridopsida (cont.)	Polypodiaceae (cont.)	<i>Polypodium typicum</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Polystichum aculeatum</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Polystichum adiantiforme</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Polystichum auritum</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Pteridium aquilinum</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Pteris biaurita</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Pteris decurrens</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Pteris deflexa</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Pteris splendens</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Saccoloma elegans</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Stenochlaena erythrodes</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Stenoloma bifidum</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Stenoloma virescens</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Stigmatopteris caudata</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Tectaria organensis</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Vittaria gardneriana</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Vittaria graminifolia</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Vittaria lineata</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Vittaria scabrada</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Vittaria stiitata</i>	Rizzini, 1954			
			Schizaeaceae	<i>Anemia flexuosa</i>	Rizzini, 1954		
				<i>Anemia mandioccana</i>	Rizzini, 1954		
				<i>Anemia phyllitides</i>	Rizzini, 1954		
				<i>Anemia organensis</i>	Rizzini, 1954		
				<i>Anemia repens</i>	Rizzini, 1954		
		Psilotopsida	Psilotaceae	<i>Psilotum triquetrum</i>	Rizzini, 1954		
		Osmundopsida	Osmundaceae	<i>Osmunda cinnamomea</i>	Rizzini, 1954		
	<i>Osmunda regalis</i>			Rizzini, 1954			
Ophioglossophyta	Ophioglossopsida	Ophioglossaceae	<i>Ophioglossum palmatum</i>	Rizzini, 1954			
Lycopodiophyta	Lycopodiopsida	Lycopodiaceae	<i>Lycopodium acerosum</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Lycopodium alopecuroides</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Lycopodium brasilianum</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Lycopodium brongniartii</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Lycopodium carolinianum</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Lycopodium cernuum</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Lycopodium clavatum</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Lycopodium clavatum</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Lycopodium clavatum</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Lycopodium comans</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Lycopodium complanatum</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Lycopodium christii</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Lycopodium dichotomum</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Lycopodium erythrocaulon</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Lycopodium flaccidum</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Lycopodium fontinaloides</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Lycopodium heterocarpum</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Lycopodium linifolium</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Lycopodium mandioccanum</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Lycopodium myrsinites</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Lycopodium pseudo-mandioccanum</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Lycopodium quadrangulare</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Lycopodium reflexum</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Lycopodium repens</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Lycopodium subulatum</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Lycopodium verticillatum</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Danaea elliptica</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Marattia kaulfussii</i>	Rizzini, 1954			
					Selaginellaceae	<i>Selaginella decomposita</i>	Rizzini, 1954
						<i>Selaginella erectifolia</i>	Rizzini, 1954
						<i>Selaginella flexuosa</i>	Rizzini, 1954



Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Lycopodiophyta (cont.)	Lycopodiopsida (cont.)	Selaginellaceae (cont.)	<i>Selaginella jungermanioides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Selaginella macrostachya</i>	Rizzini, 1954
			<i>Selaginella muscosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Selaginella suavis</i>	Rizzini, 1954
Bryophyta	Bryopsida	Andreaeaceae	<i>Andreaea rupestris</i>	Rizzini, 1954
		Bartramiaceae	<i>Breutelia robusta</i>	Rizzini, 1954
			<i>Philonotis glaucescens</i>	Rizzini, 1954
			<i>Philonotis rufiflora</i>	Rizzini, 1954
			<i>Philonotis tenella</i>	Rizzini, 1954
		Brachytheciaceae	<i>Eurhynchium rivale</i>	Rizzini, 1954
			<i>Rhynchostegium apophysatum</i>	Rizzini, 1954
		Bryaceae	<i>Brachymenium hornshuchianum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Brachymenium schenckii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Brachymenium radiculosum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Bryum acuminatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Bryum argenteum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Bryum cespiticium</i>	Rizzini, 1954
			<i>Bryum corrugatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Bryum erythrocarpon</i>	Rizzini, 1954
			<i>Bryum gracilescens</i>	Rizzini, 1954
			<i>Bryum horizontale</i>	Rizzini, 1954
			<i>Bryum subverticillatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Rhodobryum beyrichianum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Rhodobryum verticillatum</i>	Rizzini, 1954
		<i>Pohlia papillosa</i>	Rizzini, 1954	
		Calymperaceae	<i>Syrrophodon gaudichaudii</i>	Rizzini, 1954
			<i>Syrrophodon prolifer</i>	Rizzini, 1954
		Cryphaeaceae	<i>Acrocryphaea gardneri</i>	Rizzini, 1954
			<i>Acrocryphaea julacea</i>	Rizzini, 1954
		Dicranaceae	<i>Campylopus discriminatus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Campylopus rectisetus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Campylopus richardi</i>	Rizzini, 1954
			<i>Dicranella guilleminiana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Dicranoloma brasiliense</i>	Rizzini, 1954
			<i>Dicranum longisetum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Dicranum penicillatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Holomitrium crispulum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Pilopogon subjulaceus</i>	Rizzini, 1954
			Entodontaceae	<i>Entodon beyrichii</i>
		<i>Entodon jamesoni</i>		Rizzini, 1954
		<i>Entodon virens</i>		Rizzini, 1954
		<i>Erythrodontium brasiliense</i>		Rizzini, 1954
		Fabroniaceae	<i>Helicodontium capillare</i>	Rizzini, 1954
			<i>Helicodontium tenuirostre</i>	Rizzini, 1954
		Fissidentaceae	<i>Fissidens flabellatus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Fissidens hemibryoides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Fissidens obtusatus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Moenkemeyera wainionis</i>	Rizzini, 1954
		Funariaceae	<i>Funaria hygrometrica</i>	Rizzini, 1954
			<i>Physcomitrium bonplandii</i>	Rizzini, 1954
		Grimmiaceae	<i>Ptychomitrium patens</i>	Rizzini, 1954
			<i>Ptychomitrium sellowianum</i>	Rizzini, 1954
		Hedwigiaceae	<i>Rhacocarpus cuspidatulus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Rhacocarpus inermis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Rhacocarpus fontinaloides</i>	Rizzini, 1954
		Hookeriaceae	<i>Distichophyllum geheebii</i>	Rizzini, 1954
<i>Hookeriopsis beyrichiana</i>	Rizzini, 1954			
<i>Hookeriopsis incurva</i>	Rizzini, 1954			
<i>Hookeriopsis langsdorffii</i>	Rizzini, 1954			
			<i>Hypnella leptorhyncha</i>	Rizzini, 1954

Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Bryophyta (cont.)	Bryopsida (cont.)	Hookeriaceae	<i>Hypnella pilifera</i>	Rizzini, 1954
			<i>Lepidopilum caudicaule</i>	Rizzini, 1954
			<i>Lepidopilum subaurifolium</i>	Rizzini, 1954
			<i>Lepidopilum subsubulatum</i>	Rizzini, 1954
		Hypnaceae	<i>Ectropothecium campaniforme</i>	Rizzini, 1954
			<i>Hypnum brachyneuron</i>	Rizzini, 1954
			<i>Hypnum leptomerocarpum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Isopterygium splendidulum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Microthamnium heterostachys</i>	Rizzini, 1954
			<i>Mittenothamnium elegantulum</i>	Rizzini, 1954
		Hypopterygiaceae	<i>Mittenothamnium reptans</i>	Rizzini, 1954
			<i>Hypopterygium laricinum</i>	Rizzini, 1954
		Leptostomaceae	<i>Hypopterygium monoicum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leptostomum pusillum</i>	Rizzini, 1954
		Leskeaceae	<i>Thuidium antillarum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Thuidium brasiliense</i>	Rizzini, 1954
			<i>Thuidium sbtamariscinum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Thuidium tamariscinum</i>	Rizzini, 1954
		Leucobryaceae	<i>Leucobryum albicans</i>	Rizzini, 1954
			<i>Leucobryum juniperoideum</i>	Rizzini, 1954
		Leucobryaceae	<i>Octoblepharum albidum</i>	Rizzini, 1954
		Leucomiaceae	<i>Leucomium strumosum</i>	Rizzini, 1954
		Meteoriaceae	<i>Floribundaria usneoides</i>	Rizzini, 1954
			<i>Meteoriopsis recurvifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Pilotrichella flexilis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Pilotrichella versicolor</i>	Rizzini, 1954
			<i>Squamidium rotundifolium</i>	Rizzini, 1954
		Mniaceae	<i>Mnium longirostrum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Mnium rostratum</i>	Rizzini, 1954
		Neckeraceae	<i>Neckera brasiliensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Neckeropsis undulata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Porothamnium fasciculatum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Porothamnium ramosissimum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Porotrichum longirostre</i>	Rizzini, 1954
			<i>Porotrichum viride</i>	Rizzini, 1954
		Orthotrichaceae	<i>Groutiella apiculata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Macromitrium brachyrhynchum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Macromitrium brasiliense</i>	Rizzini, 1954
			<i>Macromitrium cirrhosum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Macromitrium didymodon</i>	Rizzini, 1954
			<i>Macromitrium filiforme</i>	Rizzini, 1954
			<i>Macromitrium richardi</i>	Rizzini, 1954
			<i>Macromitrium subpyncangium</i>	Rizzini, 1954
			<i>Schlotheimia elata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Schlotheimia fusco-viridis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Schlotheimia jamesoni</i>	Rizzini, 1954
			<i>Schlotheimia martiana</i>	Rizzini, 1954
<i>Schlotheimia nitida</i>	Rizzini, 1954			
<i>Schlotheimia tecta</i>	Rizzini, 1954			
<i>Zygodon schenckii</i>	Rizzini, 1954			
Phyllogoniaceae	<i>Phyllogonium viride</i>	Rizzini, 1954		
Polytrichaceae	<i>Oligotrichum riedelianum</i>	Rizzini, 1954		
	<i>Pogonatum camptocaulon</i>	Rizzini, 1954		
	<i>Pogonatum gardneri</i>	Rizzini, 1954		
	<i>Polytrichum antillarum</i>	Rizzini, 1954		
	<i>Polytrichum commune</i>	Rizzini, 1954		
	<i>Polytrichum juniperinum</i>	Rizzini, 1954		
Pottiaceae	<i>Leptodontium citrinum</i>	Rizzini, 1954		
	<i>Leptodontium brasiliense</i>	Rizzini, 1954		
	<i>Tortella caespitosa</i>	Rizzini, 1954		

Divisão	Classe	Família	Espécie	fonte
Bryophyta (cont.)	Bryopsida (cont.)	Prionodontaceae	<i>Prionodon bandeirae</i>	Rizzini, 1954
			<i>Prionodon densus</i>	Rizzini, 1954
		Pterobryaceae	<i>Pterobryum densum</i>	Rizzini, 1954
		Rhacopilaceae	<i>Rhacopilum tomentosum</i>	Rizzini, 1954
		Rhizogoniaceae	<i>Hymenodon aeruginosus</i>	Rizzini, 1954
			<i>Rhizogonium spiniforme</i>	Rizzini, 1954
		Sematophyllaceae	<i>Acroporium pungens</i>	Rizzini, 1954
			<i>Schraderobryum stenocarpum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Senatophyllum caespitosum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Senatophyllum cyparissoides</i>	Rizzini, 1954
	Sematophyllaceae (cont.)	<i>Senatophyllum loxense</i>	Rizzini, 1954	
		<i>Senatophyllum aureolum</i>	Rizzini, 1954	
	Sphagnopsida	Sphagnaceae	<i>Trichosteleum ambiguum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Sphagnum meridense</i>	Rizzini, 1954
<i>Sphagnum recurvum</i>			Rizzini, 1954	
Anthocerathophyta	Anthocerotopsida	Anthocerotaceae	<i>Sphagnum subsecundum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Anthoceros punctatus</i>	Rizzini, 1954
Hepatophyta	Hepatopsida	Jungermanniaceae	<i>Dendroceros brasiliensis</i>	Rizzini, 1954
			<i>Bryopteris diffusa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Drepanolejeunea palmifolia</i>	Rizzini, 1954
			<i>Frullania squarrosa</i>	Rizzini, 1954
			<i>Lophocolea martiana</i>	Rizzini, 1954
			<i>Madotheca laevigata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Micropterygium pterygophyllum</i>	Rizzini, 1954
			<i>Plagiochila cristata</i>	Rizzini, 1954
			<i>Strepsilejeunea acutangula</i>	Rizzini, 1954
			<i>Taxilejeunea beyrichiana</i>	Rizzini, 1954
		<i>Androcryphia confluens</i>	Rizzini, 1954	
		<i>Metzgeria furcata</i>	Rizzini, 1954	
		Marchantiaceae	<i>Dumortiera hirsuta</i>	Rizzini, 1954
			<i>Marchantia chenopoda</i>	Rizzini, 1954



# Lista de espécies da fauna registradas no Parque Nacional da Serra dos Órgãos

*Parque Nacional da Serra dos Órgãos  
Plano de Manejo*



Lista de Mamíferos encontrados no PARNASO e status de conservação

Ordem	Família	Espécie	nome comum	Listas de ameaçadas			Fonte
				IUCN	IBAMA	RJ	
Marsupialia	Didelphidae	<i>Caluromys philander</i>	cuíca	NT			Cerqueira, 2005
		<i>Didelphis aurita</i>	gambá				Cerqueira, 2005
		<i>Gracilinanus microtarsus</i>	cuíca	NT			Cerqueira, 2005
		<i>Marmosops incanus</i>	cuíca	NT			Cerqueira, 2005
		<i>Marmosops paulensis</i>					Olifiers et al, no prelo
		<i>Metachirus nudicaudatus</i>	cuíca-quatro-olhos-marrom				Cerqueira, 2005
		<i>Micoreus travassossi</i>	catita				Cerqueira, 2005
		<i>Monodelphis sorex</i>		VU			Olifiers et al, no prelo
		<i>Monodelphis dimidiata</i>		NT			Cunha & Rajão, 2002
		<i>Monodelphis gr.americana</i>		NT			Olifers et al, no prelo
		<i>Monodelphis sp.</i>	cuíca				Cerqueira, 2005
		<i>Chironectes minimus</i>	cuíca-d' água	NT			Olifers et al, no prelo
		<i>Philander frenatus</i>	cuíca-quatro-olhos-cinza				Cerqueira, 2005
		Xenarthra	Myrmecophagidae	<i>Tamandua tetradactyla</i>	tamanduá-de-colete		
Bradypodidae	<i>Bradypus tridactylus</i>		preguiça-de-três-dedos				Cunha, AA, 2004.
	<i>Bradypus variegatus</i>		preguiça				Cunha, AA, 2004.
Dasypodidae	<i>Cabassous unicinctus</i>		tatu			PA	Cunha, AA, 2004.
	<i>Dasypus septemcinctus</i>		tatu			PA	Cunha, AA, 2004.
	<i>Dasypus novemcinctus</i>		tatu-galinha				Cunha, AA, 2004.
Chiroptera	Phyllostomidae- Phyllostominae	<i>Micronycteris megalotis</i>					Moratelli & Peracchi, no prelo
	Phyllostomidae- Glossophaginae	<i>Anoura caudifera</i>					Moratelli & Peracchi, no prelo
		<i>Anoura geoffoyi</i>					Moratelli & Peracchi, no prelo
		<i>Glossophaga soricina</i>					Moratelli & Peracchi, no prelo
		<i>Lonchopylla bokermanni</i>		VU	VU	VU	Moratelli & Peracchi, no prelo
		<i>Carollia perspicillata</i>					Moratelli & Peracchi, no prelo
		<i>Stumira liliium</i>					Moratelli & Peracchi, no prelo
		<i>Platyrrhinus recifinus</i>		VU		VU	Moratelli & Peracchi, no prelo
		<i>Artibeus lituratus</i>					Moratelli & Peracchi, no prelo
<i>Artibeus fimbriatus</i>		NT			Moratelli & Peracchi, no prelo		

Ordem	Família	Espécie	nome comum	Listas de ameaçadas			Fonte
				IUCN	IBAMA	RJ	
Chiroptera (cont.)	Phyllostomidae- Glossophaginae (cont.)	<i>Pygoderma bilabiatum</i>		NT			Moratelli & Peracchi, no prelo
		<i>Desmodus rotundus</i>					Moratelli & Peracchi, no prelo
	Vespertilionidae	<i>Myotis nigricans</i>		VU			Moratelli & Peracchi, no prelo
		<i>Myotis ruber</i>			VU	VU	Moratelli & Peracchi, no prelo
		<i>Myotis levis</i>					Moratelli & Peracchi, no prelo
Molossidae	<i>Molossus molossus</i>					Moratelli & Peracchi, no prelo	
Primates	Callitrichidae	<i>Callithrix aurita</i>	mico, sagüi	EN	VU	VU	Cunha, AA, 2004.
		<i>Callithrix penicillata</i>	Mico-estrela, sagüi				Cunha, AA, 2004.
		<i>Callithrix jacchus</i>	Mico-estrela, sagüi				Cunha, AA, 2004.
	Cebidae	<i>Calicebus nigrifons</i>	sauá, guigó	NT	VU	VU	Cunha, AA, 2004.
		<i>Cebus nigritus</i>	macaco prego				Cunha, AA, 2004.
	Atelidae	<i>Alouatta guariba</i>	Bugio	NT		PA	Cunha, AA, 2004.
<i>Brachyteles arachnoides</i>		muriqui, mono-carvoeiro	EN	EP	CP	Cunha, AA, 2004.	
Carnivora	Canidae	<i>Cerdocyon thous</i>	cachorro-do-mato				Viveiros de Castro, obs. pessoal
	Procyonidae	<i>Procyon cancrivorus</i>	mão-pelada				Cunha, AA, 2004.
		<i>Nasua nasua</i>	quati				Cunha, AA, 2004.
		<i>Potos flavus</i>	jupará			PA	Cunha, AA, 2004.
	Mustelidae	<i>Eira barbara</i>	irara			PA	Cunha, AA, 2004.
		<i>Lontra longicaudis</i>	lontra	DD			Cunha, AA, 2004.
		<i>Galictis vittata</i>	furão				Cunha, AA, 2004.
	Felidae	<i>Panthera onca</i>	onça pintada	NT	VU	CP	Cunha, AA, 2004.
		<i>Puma concolor</i>	onça parda	NT	VU	VU	Cunha, AA, 2004.
		<i>Herpailurus yaguarundi</i>	jaquarundi				Cunha, AA, 2004.
		<i>Leopardus pardalis</i>			VU	VU	Cunha, AA, 2004.
		<i>Leopardus wiedii</i>			VU	VU	Cunha, AA, 2004.
		<i>Leopardus tigrinus</i>		NT	VU	PA	Cunha, AA, 2004.
Perissodactyla		<i>Tapirus terrestris</i>	anta	VU	VU	EP	Cunha, AA, 2004.
Artiodactyla	Tayassuidae	<i>Tayassu tajacu</i>	cateto			VU	Cunha, AA, 2004.
		<i>Tayassu pecari</i>	queixada			EP	Cunha, AA, 2004.
Rodentia	Sciuridae	<i>Sciurus aestuans</i>	Caxinguelê				Cunha, AA, 2004.
	Muridae- Sigmodontinae	<i>Oryzomys russatus</i>					Cerqueira, 2005
		<i>Oligoryzomys nigripes</i>					Cerqueira, 2005

Ordem	Família	Espécie	nome comum	Listas de ameaçadas			Fonte
				IUCN	IBAMA	RJ	
Rodentia (cont.)	Muridae- Sigmodontinae (cont.)	<i>Rhipidomys sp.nov.</i>					Cerqueira, 2005
		<i>Delomys dorsalis</i>					Cerqueira, 2005
		<i>Delomys sublineatus</i>					Cerqueira, 2005
		<i>Akodon cursor</i>					Cerqueira, 2005
		<i>Akodon montensis</i>					Cerqueira, 2005
		<i>Akodon serrensis</i>					Cerqueira, 2005
		<i>Oxymycterus quaestor</i>					Olifiers et al, no prelo
		<i>Oxymycterus gr. Judex</i>					Olifiers et al, no prelo
		<i>Oxymycterus sp</i>					Cerqueira, 2005
		<i>Juliomys pictipes</i>					Cerqueira, 2005
		<i>Juliomys sp</i>					Cerqueira, 2005
		<i>Brucepattersonius sp.1</i>					Cerqueira, 2005
		<i>Brucepattersonius sp.2</i>					Cerqueira, 2005
		<i>Thaptomys nigrita</i>					VU Cerqueira, 2005
	Erethizontidae	<i>Sphiggurus cf. villosus</i>	Ouriço-cacheiro				Cunha, AA, 2004.
	Hydrochaeridae	<i>Hydrochaeris hydrochaeris</i>	Capivara				Cunha, AA, 2004.
	Agoutidae	<i>Agouti paca</i>	Paca				VU Cunha, AA, 2004.
Dasyproctidae	<i>Dasyprocta agouti</i>	Cotia				Cunha, AA, 2004.	
Echimydae	<i>Phyllomys pattoni</i>					Olifiers et al, no prelo	
	<i>Trinomys dimidiatus</i>					Cerqueira, 2005	
	<i>Trinomys sp.</i>					Cerqueira, 2005	
Lagomorpha	Leporidae	<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	lebre				Cunha, AA, 2004.

Siglas: PE- Presumivelmente ameaçada; VU- Vulnerável; NT- Ameaçada EN- Em perigo; CP Críticamente em perigo; EP- Presumivelmente extinta.



Lista de Aves encontradas no PARNASO e status de conservação

Ordem	Família	Espécie	Nome comum	Listas de ameaçadas			Endemismo	fonte
				IUCN	IBAMA	RJ		
Tinamiformes	Tinamidae	<i>Tinamus solitarius</i>	Macuco	NT		EP	Mata Atl	Mallet-Rodrigues et al., 2007
		<i>Crypturellus soui</i>	Tururim					Mallet-Rodrigues et al., 2007
		<i>Crypturellus obsoletus</i>	Inhambu-guaçu					Mallet-Rodrigues et al., 2007
		<i>Crypturellus tataupa</i>	Inhambu-chintã					Mallet-Rodrigues et al., 2007
		<i>Crypturellus variegatus</i>	Inhambu-anhangá			EP		Mallet-Rodrigues et al., 2007
Podicipediformes	Podicipedidae	<i>Tachybaptus dominicus</i>	Mergulhão-pequeno					Mallet-Rodrigues et al., 2007
Anseriformes	Anatidae	<i>Dendrocygna viduata</i>	Irerê					Mallet-Rodrigues et al., 2007
	Anatidae	<i>Amazonetta brasiliensis</i>	Pé-vermelho					Mallet-Rodrigues et al., 2007
Pelecaniformes	Phalacrocoracidae	<i>Phalacrocorax brasilianus</i>	Biguá					Mallet-Rodrigues et al., 2007
	Fregatidae	<i>Fregata magnificens</i>	Tesourão					Mallet-Rodrigues et al., 2007
Ciconiiformes	Cathartidae	<i>Coragyps atratus</i>	Urubu-comum					Mallet-Rodrigues et al., 2007
		<i>Cathartes burrovianus</i>	Urubu-de-cabeça-vermelha					Mallet-Rodrigues et al., 2007
		<i>Cathartes aura</i>	Urubu-de-cabeça-vermelha					Mallet-Rodrigues et al., 2007
Ciconiiformes	Ardeidae	<i>Tigrisoma lineatum</i>	Socó-boi					Mallet-Rodrigues et al., 2007
		<i>Nycticorax nycticorax</i>	Savacú					Mallet-Rodrigues et al., 2007
		<i>Butorides striata</i>	Socozinho					Mallet-Rodrigues et al., 2007
		<i>Bubulcus ibis</i>	Garça-vaqueira					Mallet-Rodrigues et al., 2007
		<i>Ardea cocoi</i>	Garça-moura					Mallet-Rodrigues et al., 2007
		<i>Ardea alba</i>	Garça-branca-grande					Mallet-Rodrigues et al., 2007
		<i>Syrigma sibilatrix</i>	Maria-faceira					Mallet-Rodrigues et al., 2007
		<i>Pilherodius pileatus</i>	Garça-real			PA		Mallet-Rodrigues et al., 2007
		<i>Egretta thula</i>	Garça-branca-pequena					Mallet-Rodrigues et al., 2007
	Threskionithidae	<i>Theristicus caudatus</i>	Curicaca					Mallet-Rodrigues et al., 2007
Falconiformes	Accipitridae	<i>Harpia harpyia</i>	Gavião-real	NT		EP		Raposo et al., 1994
		<i>Harpohaliaetus coronatus</i>	Águi-cinzenta	EM	VU	DI		Mallet-Rodrigues et al., 2007
		<i>Elanoides forficatus</i>	Gavião-tesoura					Mallet-Rodrigues et al., 2007
		<i>Elanus leucurus</i>	Gavião-peneira					Mallet-Rodrigues et al., 2007
		<i>Leptodon cayanensis</i>	Gavião-da-cabeça-cinza					Mallet-Rodrigues et al., 2007
		<i>Harpagus diodon</i>	Gavião-bombachinha					Mallet-Rodrigues et al., 2007
		<i>Accipiter superciliosus</i>	Gavião-miudinho			PA		Mallet-Rodrigues et al., 2007
		<i>Accipiter striatus</i>	Gavião-miúdo					Mallet-Rodrigues et al., 2007
		<i>Geranospiza caerulescens</i>	Gavião-pernilongo					Mallet-Rodrigues et al., 2007
		<i>Buteo albicaudatus</i>	Gavião-de-rabo-branco					Mallet-Rodrigues et al., 2007
		<i>Buteo brachyurus</i>	Gavião-de-cauda-curta					Mallet-Rodrigues et al., 2007

Ordem	Família	Espécie	Nome comum	Listas de ameaçadas			Endemismo	fonte
				IUCN	IBAMA	RJ		
Falconiformes (cont.)	Accipitridae (cont.)	<i>Buteo melanoleucus</i>	Águia-chilena					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Buteo albonotatus</i>	Gavião-caçador					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Rupornis magnirostris</i>	Gavião-carijó					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Leucopternis lacernulatus</i>	gavião-pomba	VU	VU	EP	Mata Atl	Wege & Long, 1995
		<i>Leucopternis polionotus</i>	Gavião-pombo-grande	NT		PA	Mata Atl	Scott & Brooke, 1985
		<i>Chondrohierax uncinatus</i>	Caracoleiro					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Rostrhamus sociabilis</i>	Gavião-caramujeiro					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Ictinia plumbea</i>	Sovi					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Heterospizias meridionalis</i>	Gavião-caboclo					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Percnohierax leucorrhous</i>	Gavião-de-sobre-branco					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Spizaetus melanoleucus</i>	Gavião-pato			EP		Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Spizaetus tyrannus</i>	Gavião-pega-macaco			PA		Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		Falconidae	<i>Herpetotheres cachinnans</i>	Acauã				
	<i>Micrastur ruficollis</i>		Gavião-caburé					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
	<i>Micrastur semitorquatus</i>		Gavião-relógio					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
	<i>Milvago chimachima</i>		Carrapateiro					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
	<i>Caracara plancus</i>		Carará					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
	<i>Falco sparverius</i>		Quiriquiri					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
	<i>Falco ruficularis</i>		Cauré					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
	<i>Falco deiroleucus</i>		Falcão-de-peito-vermelho			PEX		Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
Pandionidae	<i>Pandion haliaetus</i>	Águia-pescadora					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
Galliformes	Cracidae	<i>Penelope superciliaris</i>	Jacupemba					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Penelope obscura</i>	Jacuaçu					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Aburria jacutinga</i>	Jacutinga			PEX		Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
	Odontophoridae	<i>Odontophorus capueira</i>	Uru	EN		PA	Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
Gruiformes	Rallidae	<i>Aramides saracura</i>	Saracura-do-mato				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Laterallus melanophaius</i>	Pinto-d'água-comum					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Laterallus leucopyrrhus</i>	Pinto-d'água-avermelhado					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Porzana albicollis</i>	Sanã-carijó					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Pardirallus nigricans</i>	Saracura-sanã					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Gallinula chloropus</i>	Frango-d'água-comum					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Porphyrio martinica</i>	Frango-d'água-azul					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
	Cariamidae	<i>Cariama cristata</i>	Seriema					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
Columbiformes	Columbidae	<i>Columba livia</i>	Pombo-doméstico					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Columbina talpacoti</i>	Rolinha					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007

Ordem	Família	Espécie	Nome comum	Listas de ameaçadas			Endemismo	fonte
				IUCN	IBAMA	RJ		
Columbiformes (cont.)	Columbidae (cont.)	<i>Claravis godefrida</i>	Pararu	CR	CP	EP	Mata Atl	Scott & Brooke, 1985
		<i>Claravis pretiosa</i>	Pararu-azul					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Leptotila verreauxi</i>	Juriti					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Leptotila rufaxilla</i>	Gemeadeira					Piratelli, 2004
		<i>Patagioenas cayennensis</i>	Pomba-galega					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Patagioenas plumbea</i>	Pomba-amargosa					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Patagioenas picazuro</i>	Pombão					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Geotrygon montana</i>	Pariri					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
Psittaciformes	Psittacidae	<i>Pyrrhura frontalis</i>	Tiriba-de-testa-vermelha				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Pyrrhura cruentata</i>	Tiriba-grande	VU	VU		Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Primolius maracana</i>	Maracanã-verdadeira	NT				Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Aratinga leucophthalma</i>	Periquito					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Amazona rhodocorytha</i>	Chauá	EM	EP		Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Forpus xanthopterygius</i>	Tuim					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Brotogeris tirica</i>	Periquito-rico				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Touit melanonotus</i>	Apuim-de-cauda-vermelha	EN	VU	EP	Mata Atl	Wege & Long, 1995
		<i>Touit surdus</i>	Apuim-de-cauda-amarela	VU		EP	Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Tricharia malachitacea</i>	Sabiá-cica	NT		EP	Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Pionopsitta pileata</i>	Cuiú-cuiú			PA	Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Pionus maximiliani</i>	Maritaca					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
Cuculiformes	Cuculidae	<i>Coccyzus melacoryphus</i>	Papa-lagarta					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Coccyzus americanus</i>	Papa-lagarta-norte-americano					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Coccyzus euleri</i>	Papa-lagarta-de-eules					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Crotophaga ani</i>	Anú-preto					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Piaya cayana</i>	Alma-de-gato					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Tapera naevia</i>	Saci					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Guira guira</i>	Anú-branco					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		Strigiformes	Strigidae	<i>Megascops choliba</i>	Corujinha-do-mato			
<i>Megascops atricapilla</i>	Corujinha-sapo						Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
<i>Asio stygius</i>	Mocho-diabo					DI		Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
<i>Pulsatrix perspicillata</i>	Murucututu							Gagliardi, 2007
<i>Pulsatrix koeniswaldiana</i>	Murucututu-de-barriga-amarela						Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
<i>Glaucidium minutissimum</i>	Caburezinho						Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
<i>Glaucidium brasilianum</i>	Caburé							Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
<i>Athene cunicularia</i>	Coruja-buraqueira							Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
<i>Strix virgata</i>	Coruja-do-mato							Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007

Ordem	Família	Espécie	Nome comum	Listas de ameaçadas			Endemismo	fonte
				IUCN	IBAMA	RJ		
Strigiformes (cont.)	Strigidae (cont.)	<i>Strix hylophila</i>	Coruja-listrada	NT			Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Rhinoptynx clamator</i>	Coruja-orelhuda					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
	Tytonidae	<i>Tyto alba</i>	Coruja-de-Igreja					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
Caprimulgiformes	Nyctibiidae	<i>Nyctibius griseus</i>	Urutau					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Nyctibius aethereus</i>	Mãe-da-lua-parda			DI		Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
	Caprimulgidae	<i>Lurocalis semitorquatus</i>	Tuju					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Nyctidromus albicollis</i>	Curiango					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Nyctiphrynus ocellatus</i>	Bacurau-ocelado					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Chordeiles acutipennis</i>	Bacurau-de-asa-fina					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Hydropsalis torquata</i>	Bacurau-tesoura					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Macropsalis forcipata</i>	Bacurau-tesoura-gigante				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Caprimulgus rufus</i>	João-corta-pau					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Caprimulgus longirostris</i>	Bacurau-de-telha					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
Apodiformes	Apodidae	<i>Streptoprocne zonaris</i>	Andorinhão-de-coleira					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Streptoprocne biscutata</i>	Andorinhão-de-coleira-falha					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Cypseloides fumigatus</i>	Andorinhão-da-cascata					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Panyptila cayennensis</i>	Andorinhão ou Uiriri					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Chaetura cinereiventris</i>	Andorinhão-de-sobre-cinzento					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Chaetura meridionalis</i>	Andorinhão-do-temporal					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
	Trochilidae	<i>Ramphodon naevius</i>	Beija-flor-grande-do-mato	NT		PA	Mata Atl	Scott & Brooke, 1985
		<i>Glaucis hirsutus</i>	Balança-rabo-de-bico-torto					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Hylocharis cyanus</i>	Beija-flor-roxo					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Hylocharis sapphirina</i>	Beija-flor-safira					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Phaethornis eurynome</i>	Rabo-branco-de-garganta-rajada				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Phaethornis squalidus</i>	Rabo-branco-miúdo				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Phaethornis pretrei</i>	Rabo-branco-de-sobre-amarelo					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Phaethornis ruber</i>	Besourinho-da-mata					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Eupetomena macroura</i>	Beija-flor-tesoura					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Aphantochroa cirrhochloris</i>	Beija-flor-cinza				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Florisuga fusca</i>	Beija-flor-preto-e-branco					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Anthracothorax nigricollis</i>	Beija-flor-de-veste-preta					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
<i>Chrysolampis mosquitus</i>	Beija-flor-vermelho				DI	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007		

Ordem	Família	Espécie	Nome comum	Listas de ameaçadas			Endemismo	fonte	
				IUCN	IBAMA	RJ			
Apodiformes (cont.)	Trochilidae (cont.)	<i>Lophornis magnificus</i>	Topetinho-vermelho					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Colibri serrirostris</i>	Beija-flor-de-orelha-violeta					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Stephanoxis lalandi</i>	Beija-flor-de-topete				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Chlorestes notata</i>	Beija-flor-de-garganta-azul					Gagliardi, 2007	
		<i>Chlorostilbon lucidus</i>	Besourinho-de-bico-vermelho					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Thalurania glaucopsis</i>	Tesoura-de-fronte-violeta				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Leucochloris albicollis</i>	Papo-branco				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Amazilia versicolor</i>	Beija-flor-de-banda-branca					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Amazilia fimbriata</i>	Beija-flor-de-garganta-verde					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Amazilia lactea</i>	Beija-flor-de-peito-azul					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Heliathryx auritus</i>	Beija-flor-de-bochecha-azul				PA	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Calliphlox amethystina</i>	Estrelinha					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Clytolaema rubricauda</i>	Papo-de-fogo					Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
Trogoniformes	Trogonidae	<i>Trogon viridis</i>	Surucuá-grande-de-barriga-amarela					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Trogon rufus</i>	Surucuá-de-barriga-amarela					Piratelli, 2004/Pacheco, 2004	
		<i>Trogon surrucura</i>	Surucuá-de-peito-azul				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
Coraciiformes	Alcedinidae	<i>Ceryle torquatus</i>	Martim-pescador-grande					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Chloroceryle aenea</i>	Martinho				DI	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Chloroceryle amazona</i>	Martim-pescador-verde					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Chloroceryle americana</i>	Martim-pescador-pequeno					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
	Momotidae	<i>Baryphtengus ruficapillus</i>	juruva					Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
Piciformes	Galbulidae	<i>Galbula ruficauda</i>	Bico-de-agulha-de-rabo-vermelho					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
	Ramphastidae	<i>Selenidera maculirostris</i>	Araçari-poca					Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Pteroglossus bailloni</i>	Araçari-banana	NT				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Ramphastos dicolorus</i>	Tucano-de-bico-verde					Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Ramphastos vitellinus</i>	Tucano-de-bico-preto						Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
	Picidae	<i>Picumnus cirratus</i>	Pica-pau-anão-barrado					Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Piculus flavigula</i>	Pica-pau-bufador						Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Piculus aurulentus</i>	Pica-pau-dourado	NT				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
<i>Celeus flavescens</i>		Pica-pau-de-cabeça-amarela						Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	

Ordem	Família	Espécie	Nome comum	Listas de ameaçadas			Endemismo	fonte
				IUCN	IBAMA	RJ		
Piciformes (cont.)	Picidae (cont.)	<i>Colaptes melanochloros</i>	Pica-pau-verde-barrado					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Campephilus robustus</i>	Pica-pau-rei			PA	Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Dryocopus lineatus</i>	Pica-pau-de-banda-branca					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Melanerpes candidus</i>	Pica-pau-branco					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Melanerpes flavifrons</i>	Benedito-de-testa-amarela				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Veniliornis maculifrons</i>	Pica-pau-zimno-de-testa-pintada				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
	Bucconidae	<i>Malacoptila striata</i>	João-barbudo				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Notharcus swainsoni</i>	Macuru-de-barriga-castanha			PA	Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Nystalus chacuru</i>	João-bobo					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
Passeriformes	Rhinocryptidae	<i>Scytalopus notorius</i>	Macuquinho serrano				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Scytalopus indigoticus</i>	Macuquinho	NT			Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Merulaxis ater</i>	Entufado-preto				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Psilorhamphus guttatus</i>	Macuquinho-pintado	NT			Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
	Thamnophilidae	<i>Batara cinerea</i>	Matrão					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Mackenziaena leachii</i>	Borrnhara-assobiadora				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Mackenziaena severa</i>	Borrnhara				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Thamnomanes caesius</i>	Ipecuá					M.-Rodrigues & Noronha, 2003
		<i>Thamnophilus palliatus</i>	Choca-listrada					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Thamnophilus caeruleus</i>	Choca-da-mata					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Thamnophilus ambiguus</i>	Choca-de-Sooretama					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Thamnophilus ruficapillus</i>	Choca-de-chapéu-vermelho					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Biatas nigropectus</i>	chocão-de-bigode	VU	VU	PA	Mata Atl	Wege & Long, 1995
		<i>Dysithamnus stictothorax</i>	Choquinha-de-peito-pintado	NT			Mata Atl	Scott & Brooke, 1985
		<i>Dysithamnus mentalis</i>	Choquinha-lisa					M.-Rodrigues & Noronha, 2003
		<i>Dysithamnus xanthopterus</i>	Choquinha-de-asa-ferrugem				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Myrmotherula unicolor</i>	Choquinha-cinzenta	NT			Mata Atl	Scott & Brooke, 1985
		<i>Myrmotherula gularis</i>	Choquinha-da-garganta-pintada				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Myrmotherula axillaris</i>	Choquinha-de-flanco-branco					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Myrmotherula fluminensis</i>	Choquinha-fluminense	CR			Mata Atl	Gonzaga, 1988

Ordem	Família	Espécie	Nome comum	Listas de ameaçadas			Endemismo	fonte
				IUCN	IBAMA	RJ		
Passeriformes (cont.)	Thamnophilidae (cont.)	<i>Herpsilochmus rufimarginatus</i>	Chorozinho-de-asa-vermelha					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Formicivora grisea</i>	Papa-formigas-pardo					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Drymophila ferruginea</i>	Trovoada				Mata Atl	Rajão & Cerqueira, 2006
		<i>Drymophila rubricollis</i>	Trovoada-de-Bertoni				Mata Atl	Rajão & Cerqueira, 2006
		<i>Drymophila squamata</i>	Pintadinho				Mata Atl	Rajão & Cerqueira, 2006
		<i>Drymophila genei</i>	Choquinha-da-serra	NT			Mata Atl	Scott & brooke, 1985
		<i>Drymophila malura</i>	Choquinha-carijó				Mata Atl	Rajão & Cerqueira, 2006
		<i>Drymophila ochropyga</i>	Choquinha-de-dorso-vermelho	NT			Mata Atl	Scott & Brooke, 1985
		<i>Terenura maculata</i>	Zidedê				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Pyriglena leucoptera</i>	Papa-taoca-do-sul				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2006
		<i>Hypoedaleus guttatus</i>	Chocão-carijó				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Cercomacra brasiliana</i>	Chororó-cinzento	NT		PA	Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Myrmeciza loricata</i>	Papa-formigas-de-grota				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
	Formicariidae	<i>Chamaeza ruficauda</i>	Tovaca-de-rabo-vermelho				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Chamaeza campanisona</i>	Tovaca-campainha					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Chamaeza meruloides</i>	tovaca-cantador				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Formicarius colma</i>	Galinha-do-mato					M.-Rodrigues & Noronha, 2003
	Conopophagidae	<i>Conopophaga melanops</i>	cuspidor-de-máscara-preta				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Conopophaga lineata</i>	Chupa-dente				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
	Furnariidae	<i>Furnarius figulus</i>	Casaca-de-couo-da-lama					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Furnarius rufus</i>	João-de-barro					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Synallaxis spixi</i>	João-teneném					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Synallaxis ruficapilla</i>	Pichororé				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Synallaxis cinerascens</i>	João-teneném-da-mata					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Synallaxis albescens</i>	Úi-pi					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Certhiaxis cinnamomeus</i>	Curutié					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Phacellodomus rufifrons</i>	João-de-pau					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Phacellodomus erythrophthalmus</i>	João-botina-da-mata				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Anabacerthia amaurotis</i>	Limpa-folha-miúdo	NT			Mata Atl	Scott & Brooke, 1985
		<i>Cichlocolaptes leucophrus</i>	Trepador-sombrancelha				Mata Atl	M.-Rodrigues & Noronha, 2003
		<i>Oreophylax moreirae</i>	Garrincha-chorona				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
	<i>Philydor atricapillus</i>	Limpa-folha-coroado				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	

Ordem	Família	Espécie	Nome comum	Listas de ameaçadas			Endemismo	fonte
				IUCN	IBAMA	RJ		
Passeriformes (cont.)	Furnariidae (cont.)	<i>Philydor lichtensteini</i>	Limpa-folha-ocráceo				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Philydor rufus</i>	Limpa-folha-testa-baia				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Automolus leucophthalmus</i>	Danfanqueiro-de-bico-branco				Mata Atl	M.-Rodrigues & Noronha, 2003
		<i>Anabazenops fuscus</i>	Trepador-coleira				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Syndactyla rufosuperciliata</i>	Trepador-quiete					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Cranioleuca pallida</i>	Arredio-pálido				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Heliobletus contaminatus</i>	Trepadorzinho				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Xenops minutus</i>	Bico-virado-miúdo					M.-Rodrigues & Noronha, 2003
		<i>Xenops rutilans</i>	Bico-virado-carijó					M.-Rodrigues & Noronha, 2003
		<i>Lochmias nematura</i>	Capitão-da-porçana, João-pereira					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
	Sclerulidae	<i>Sclerurus mexicanus</i>	Vira-folha-de-peito-vermelho					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Sclerurus scansor</i>	Vira-folhas				Mata Atl	Piratelli, 2004
	Dendrocolaptidae	<i>Dendrocincla turdina</i>	Arapaçu-liso				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Sittasomus griseicapillus</i>	Arapaçu-verde					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Xiphocolaptes albicollis</i>	Arapaçu-de-garganta-branca				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Dendrocolaptes platyrostris</i>	Arapaçu-grande					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Lepidocolaptes squamatus</i>	Arapaçu-escamado				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Campylorhamphus falcularius</i>	Arapaçu-alfange				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Xiphorhynchus fuscus</i>	Arapaçu-rajado				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
	Tyrannidae	<i>Phyllomyias fasciatus</i>	Piolhinho					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Phyllomyias griseocapilla</i>	Poaieiro-serrano	NT			Mata Atl	Scott & Brooke, 1985
		<i>Phyllomyias virescens</i>	Poaieiro-verde				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Phyllomyias burmeisteri</i>	Poaieiro-do-sul					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Camptostoma obsoletum</i>	Risadinha					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Myiopagis caniceps</i>	Maria-da-copa					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Elaenia flavogaster</i>	Maria-já-é-dia					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Elaenia mesoleuca</i>	Tuque					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Elaenia albiceps</i>	Guaracava-de-crista-branca					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Elaenia cf. parvirostris</i>	Guaracava-de-bico-curto					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Elaenia obscura</i>	Tucão					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Serpophaga nigricans</i>	João-pobre					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Serpophaga subcristata</i>	Alegrinho					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
<i>Leptopogon amaurocephalus</i>	Cabeçudo					M.-Rodrigues & Noronha, 2003		



Ordem	Família	Espécie	Nome comum	Listas de ameaçadas			Endemismo	fonte
				IUCN	IBAMA	RJ		
Passeriformes (cont.)	Tyrannidae (cont.)	<i>Phylloscartes eximius</i>	Barbudinho	NT			Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Phylloscartes ventralis</i>	Borboletinha-do-mato					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Phylloscartes oustaleti</i>	Papa-mosca-de-olheiras	NT		EP	Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Phylloscartes difficilis</i>	Estalinho	NT			Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Myiornis auricularis</i>	Miudinho				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Hemitriccus diops</i>	Olho-falso				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Hemitriccus obsoletus</i>	Catraca				Mata Atl	Gagliardi, 2007
		<i>Hemitriccus nidipendulus</i>	Tachuri-campainha				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Hemitriccus orbitatus</i>	Tiririzinho-do-mato	NT			Mata Atl	Scott & Brooke, 1985
		<i>Todirostrum cinereum</i>						Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Todirostrum poliocephalum</i>	Ferreirinho				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Poecilotriccus plumbeiceps</i>	Ferreirinho-de-cara-canela					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Ramphotrigon megacephalum</i>	Maria-cabeçuda					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Tolmomyias flaviventris</i>	Bico-chato-amarelo					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Tolmomyias sulphurescens</i>	Bico-chato-de-orelha-preta					M.-Rodrigues & Noronha, 2003
		<i>Platyrinchus leucoryphus</i>	Patinho-de-asa-castanha	VU		EP	Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Platyrinchus mystaceus</i>	Patinho					M.-Rodrigues & Noronha, 2003
		<i>Myiobius atricaudus</i>	Assanhadinho-de-cauda-preta					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Myiobius barbatus</i>	Assanhadinho					M.-Rodrigues & Noronha, 2003
		<i>Myiophobus fasciatus</i>	Filipe					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Pyrocephalus rubinus</i>	Príncipe					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Contopus cinereus</i>	Papa-moscas-cinzento					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Lathrotriccus euleri</i>	Enferrujado					M.-Rodrigues & Noronha, 2003
		<i>Knipolegus nigerrimus</i>	Maria-preta-de-garganta-vermelha				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Knipolegus cyanirostris</i>	Maria-preta-de-bico-azulado					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Colonia colonus</i>	Viúva					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Xolmis velatus</i>	Noivinha-branca					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Xolmis cinereus</i>	Primavera					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Satrapa icterophrys</i>	Suiriri-pequeno					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Machetornis rixosa</i>	Suiriri-cavaleiro					M.-Rodrigues & Noronha, 2003
		<i>Muscipipra vetula</i>	Tesoura-cinzenta				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007

Ordem	Família	Espécie	Nome comum	Listas de ameaçadas			Endemismo	fonte		
				IUCN	IBAMA	RJ				
Passeriformes (cont.)	Tyrannidae (cont.)	<i>Attila phoenicurus</i>	Capião-castanho					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007		
		<i>Attila rufus</i>	Capitão-de-saíra				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007		
		<i>Capsiempis flaveola</i>	Marianinha-amarela					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007		
		<i>Arundinicola leucocephala</i>	Freirinha					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007		
		<i>Fluvicola nengeta</i>	Lavadeira-mascarada					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007		
		<i>Hirundinea ferruginea</i>	Gibão-de-couro					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007		
		<i>Sirystes sibilator</i>	Gritador					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007		
		<i>Legatus leucophaeus</i>	Bemtevi-pirata					M.-Rodrigues & Noronha, 2003		
		<i>Myiarchus ferox</i>	Maria-cavaleira					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007		
		<i>Myiarchus swainsoni</i>	Irrê					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007		
		<i>Myiarchus tuberculifer</i>	Maria-cavaleira-pequena					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007		
		<i>Pitangus sulphuratus</i>	Bentevi					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007		
		<i>Megarhynchus pitangua</i>	Neinei					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007		
		<i>Myiozetetes cayanensis</i>	Bem-te-vizinho-de-asa-ferruginea					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007		
		<i>Myiozetetes similis</i>	Bem-te-vizinho-penacho-vermelho					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007		
		<i>Rhytiptena simplex</i>	Corrupio					M.-Rodrigues & Noronha, 2003		
		<i>Myiodynastes maculatus</i>	Bentevi-rajado					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007		
		<i>Empidonomus varius</i>	Peitica					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007		
		<i>Tyrannus savana</i>	Tesourinha					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007		
		<i>Tyrannus melancholicus</i>	Suiriri					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007		
		<i>Mionectes oleagineus</i>	Supi					M.-Rodrigues & Noronha, 2003		
		<i>Mionectes rufiventris</i>	Abre-asa-de-cabeça-cinza					Mata Atl	M.-Rodrigues & Noronha, 2003	
		<i>Rhynchocyclus olivaceus</i>	Bico-chato-grande				EP		Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Onychorhynchus swainsoni</i>	Maria-leque	VU			EP	Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Cnemotriccus fuscatus</i>	Guaracavuçu						Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Corythopsis delalandi</i>	Estalador-do-sul						M.-Rodrigues & Noronha, 2003	
		Pipridae	<i>Chiroxiphia caudata</i>	Tangará-dançarino					Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
			<i>Neopelma aurifrons</i>	Fruxu-baiano	VU				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
	<i>Neopelma chrysolophum</i>		Fruxu					Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
	<i>Manacus manacus</i>		Rendeira						M.-Rodrigues & Noronha, 2003	
	<i>Machaeropterus regulus</i>		Tangará-rajado						Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
	<i>Ilicura militaris</i>		Tangarázinho					Mata Atl	M.-Rodrigues & Noronha, 2003	
	Tityridae	<i>Schiffornis virescens</i>	Flautim					Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Schiffornis turdina</i>	Flautim-marrom						Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Laniisoma elegans</i>	Picanço				PA	Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	

Ordem	Família	Espécie	Nome comum	Listas de ameaçadas			Endemismo	fonte
				IUCN	IBAMA	RJ		
Passeriformes (cont.)	Tityridae (cont.)	<i>Tityra inquisitor</i>	Anambé-branco-de-bochecha-parda					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Tityra cayana</i>	Anambé-preto-de-rabo-branco					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Pachyramphus viridis</i>	Caneleiro-verde					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Pachyramphus castaneus</i>	Caneleiro					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Pachyramphus polychopterus</i>	Caneleiro-preto					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Pachyramphus marginatus</i>	Caneleiro-bordado					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Pachyramphus validus</i>	Caneleiro-de-chapéu-preto					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Iodopleura pipra</i>	Anambezinho	NT		PA	Mata Atl	Wege & Long, 1995
	Cotingidae	<i>Phibalura flavirostris</i>	Tesourinha-da-mata	NT		PA		Scott & Brooke, 1985; Raposo <i>et al.</i> 1994
		<i>Tijuca atra</i>	Saudade	NT			Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Tijuca condita</i>	Saudade-de-asa-cinza	VU	VU	PA	Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Carpornis melanocephala</i>	Sabiá-pimenta	VU	VU	EP	Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Carpornis cucullata</i>	Corocochó	NT			Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Calyptura cristata</i>	Tietê-de-coroa	CR	CP	PA	S. Órgãos	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Procnias nudicollis</i>	Araponga	VU		PA	Mata Atl	Snow, 1982
		<i>Lipaugus lanioides</i>	Tropeiro-da-serra	NT		EP	Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Pyroderus scutatus</i>	Pavó			EP	Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
	Oxyruncidae	<i>Oxyruncus cristatus</i>	Araponguinha					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
	Hirundinidae	<i>Progne tapera</i>	Andorinha-do-campo					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Progne chalybea</i>	Andorinha-doméstica-grande					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Tachycineta leucorrhoa</i>	Andorinha-de-sobre-branco					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Pygochelidon cyanoleuca</i>	Andorinha-pequena-de-casa					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Hirundo rustica</i>	Andorinha-das-chaminés					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Neochelidon tibialis</i>	Calcinha-branca					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Stelgidopteryx ruficollis</i>	Andorinha-serradora-do-sul					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
	Troglodytidae	<i>Thryothorus longirostris</i>	Garrinchão-de-bico-grande					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Thryothorus genibarbis</i>	Garrincha-de-bigode					M.-Rodrigues & Noronha, 2003
		<i>Troglodytes musculus</i>	Cambaxirra					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007

Ordem	Família	Espécie	Nome comum	Listas de ameaçadas			Endemismo	fonte
				IUCN	IBAMA	RJ		
Passeriformes (cont.)	Turdidae	<i>Platycichla flavipes</i>	Sabiá-una					M.-Rodrigues & Noronha, 2003
		<i>Turdus rufiventris</i>	Sabiá-laranjeira					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Turdus leucomelas</i>	Sabiá-barranco					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Turdus amaurochalinus</i>	Sabiá-poca					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Turdus albicollis</i>	Sabiá-coleira					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
	Mimidae	<i>Mimus saturninus</i>	Sabiá-do-campo					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
	Motacillidae	<i>Anthus hellmayri</i>	Camimheiro-de-barriga- escolada					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
	Vireonidae	<i>Cyclarhis gujanensis</i>	Pitiguari					M.-Rodrigues & Noronha, 2003
		<i>Vireo olivaceus</i>	Juruviara					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Hylophilus thoracicus</i>	Vite-vite					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Hylophilus amaurocephalus</i>	Vite-vite-de-olho-cinza					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Hylophilus poicilotis</i>	Verdinho-coroado				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
	Parulidae	<i>Parula pitiayumi</i>	Mariquita					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Basileuterus culicivorus</i>	Pula-pula					M.-Rodrigues & Noronha, 2003
		<i>Basileuterus leucoblepharus</i>	Pula-pula-assobiador				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Geothlypis aequinoctialis</i>	Pia-cobra					M.-Rodrigues & Noronha, 2003
		<i>Wilsonia canadensis</i>	Mariquita-do-Canadá					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Dendroica striata</i>	Mariquita-de-perna-clara					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
	Coerebidae	<i>Coereba flaveola</i>	Caga-sebo					M.-Rodrigues & Noronha, 2003
	Thraupidae	<i>Schistochlamys ruficapillus</i>	Bico-de-veludo					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Pyrrhocomma ruficeps</i>	Cabecinha-castanha				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Hemithraupis ruficapilla</i>	Saíra-da-mata				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Hemithraupis flavicollis</i>	Saíra-galega					M.-Rodrigues & Noronha, 2003
		<i>Orthogonys chloricterus</i>	Catirumbava				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Tachyphonus cristatus</i>	Tiê-galo					M.-Rodrigues & Noronha, 2003
		<i>Tachyphonus coronatus</i>	Tiê-preto				Mata Atl	M.-Rodrigues & Noronha, 2003
		<i>Tricothraupis melanops</i>	Tiê-de-topete					M.-Rodrigues & Noronha, 2003
		<i>Habia rubica</i>	Tiê-da-mata					M.-Rodrigues & Noronha, 2003
		<i>Thraupis sayaca</i>	Sanhaço					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Thraupis cyanoptera</i>	Sanhaço-da-serra	NT			Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
<i>Thraupis ornata</i>		Sanhaço-de-encontro- amarelo				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
<i>Thraupis palmarum</i>		Sanhaço-do-coqueiro					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	

Ordem	Família	Espécie	Nome comum	Listas de ameaçadas			Endemismo	fonte	
				IUCN	IBAMA	RJ			
Passeriformes (cont.)	Thraupidae (cont.)	<i>Thlypopsis sordida</i>	Saí-canário					M.-Rodrigues & Noronha, 2003	
		<i>Stephanophorus diadematus</i>	Sanhaço-frade					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Pytilus fuliginosus</i>	Bico-de-pimenta-azul					M.-Rodrigues & Noronha, 2003	
		<i>Pipraeidea melanonota</i>	Saíra-viúva					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Chlorophonia cyanea</i>	Saí-bandeirinha					Gagliardi, 2007	
		<i>Ramphocelus bresilius</i>	Tiê-sangue				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Tangara seledon</i>	Sete-cores				Mata Atl	M.-Rodrigues & Noronha, 2003	
		<i>Tangara brasiliensis</i>	Cambada-de-chaves			EP	Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Tangara cyanocephala</i>	Saíra-de-lenço				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Tangara desmaresti</i>	Saíra-lagarta				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Tangara cyanoventris</i>	Saíra-douradinha				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Tangara cayana</i>	Saíra-amarela					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2008	
		<i>Dacnis nigripes</i>	Saí-de-pernas-pretas	NT		PA	Mata Atl	Scott & Brooke, 1985	
		<i>Dacnis cayana</i>	Saí-azul					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Conirostrum speciosum</i>	Figuinha-de-rabo-castanho					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Orchesticus abeillei</i>	Sanhaço-marrom	NT			Mata Atl	Scott & Brooke, 1985	
		<i>Cissopis leverianus</i>	Tietinga					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Nemosia pileata</i>	Saíra-de-chapéu-preto					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Piranga flava</i>	Sanhaço-de-fogo					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Tersina viridis</i>	Saí-andorinha					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		Emberizidae	<i>Zonotrichia capensis</i>	Tico-tico					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
			<i>Ammodramus humeralis</i>	Tico-tico-do-campo					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
			<i>Haplospiza unicolor</i>	Cigarra-bambu				Mata Atl	M.-Rodrigues & Noronha, 2003
			<i>Donacospiza albifrons</i>	Tico-tico-do-banhado					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
			<i>Poospiza thoracica</i>	Peito-pinhão				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
			<i>Poospiza lateralis</i>	Quete					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
			<i>Emberizoides herbicola</i>	Canário-do-campo					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
			<i>Sicalis luteola</i>	Tipiu					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
			<i>Sicalis flaveola</i>	Canário-da-terra					M.-Rodrigues & Noronha, 2003
			<i>Volatinia jacarina</i>	Tiziu					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
			<i>Sporophila frontalis</i>	Chanchão ou Pixoxó	VU	VU	EP	Mata Atl	Raposo <i>et al.</i> , 1994
			<i>Sporophila falcirostris</i>	Cigarra-verdadeira	VU	VU	EP	Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
			<i>Sporophila nigricollis</i>	Papa-capim					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
	<i>Sporophila caerulescens</i>	Coleiro					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007		

Ordem	Família	Espécie	Nome comum	Listas de ameaçadas			Ende- mismo	fonte	
				IUCN	IBAMA	RJ			
Passeriformes (cont.)	Emberizidae (cont.)	<i>Sporophila leucoptera</i>	Chorão					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Sporophila angolensis</i>	Curió			EP		Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Amaurospiza moesta</i>	Cigarrinha-da-taquara	NT		EP	Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Tiaris fuliginosus</i>	Cigarra-do-coqueiro					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Coryphospingus pileatus</i>	Tico-tico-rei-cinza					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Arremon semitorquatus</i>	Tico-tico-do-mato				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
	Cardinalidae	<i>Caryothraustes canadensis</i>	Furriel					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Saltator fuliginosus</i>	Bico-de-pimenta				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Saltator maximus</i>	Tempera-viola					M.-Rodrigues & Noronha, 2003	
		<i>Saltator similis</i>	Trinca-ferro					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Saltator maxillosus</i>	Bico-grosso				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Cyanoloxia glaucocaerulea</i>	Azulinho					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Cyanocompsa brissoni</i>	Azulão			EP		Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
	Icteridae	<i>Cacicus haemorrhous</i>	Guaxe					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Psarocolius decumanus</i>	Japu					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Gnorimopsar chopi</i>	Pássaro-preto					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Agelasticus cyanopus</i>	Carretão					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Molothrus oryzivorus</i>	Iraúna-grande			PA		Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Molothrus bonariensis</i>	Vira-bosta					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Sturnella superciliaris</i>	Polícia-inglesa-do-sul					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Chrysomus ruficapillus</i>	Garibaldi					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
	Passeridae	<i>Passer domesticus</i>	Pardal					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
	Fringillidae	<i>Euphonia chlorotica</i>	Vivi					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Euphonia xanthogaster</i>	Gaturamo-dourado					M.-Rodrigues & Noronha, 2003	
		<i>Euphonia violacea</i>	Gaturamo					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Euphonia chalybea</i>	Cais-cais	NT		PA		Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Euphonia cyanocephala</i>	Gaturamo-rei			PA		Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Euphonia pectoralis</i>	Ferro-velho				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Chlorophonia cyanea</i>	Bonito-do-campo					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Carduelis magellanica</i>	Pintassilgo					M.-Rodrigues & Noronha, 2003	
	Estrildidae	<i>Estrilda astrild</i>	Bico-de-lacre					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
	Grallariidae	<i>Grallaria varia</i>	Tovacuçu-malhado					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
		<i>Hylopezus nattereri</i>	Pinto-do-Mato				Mata Atl	Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
	Corvidae	<i>Cyanocorax cristatallus</i>	Gralha-do-campo					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007	
	Charadriiformes	Charadriidae	<i>Vanellus chilensis</i>	Quero-quero					M.-Rodrigues & Noronha, 2003

Ordem	Família	Espécie	Nome comum	Listas de ameaçadas			Endemismo	fonte
				IUCN	IBAMA	RJ		
Charadriiformes (cont.)	Jacaniidae	<i>Jacana jacana</i>	Jaçanã					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
	Scolopacidae	<i>Gallinago paraguaiiae</i>	Narceja					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Gallinago undulata</i>	Narcejão					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Tringa flavipes</i>	Maçarico-de-perna-amarela					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007
		<i>Calidris fuscicollis</i>	Pilrito-de-Bonaparte					Mallet-Rodrigues <i>et al.</i> , 2007

Siglas: PE- Presumivelmente ameaçada; VU- Vulnerável; NT- Ameaçada EN- Em perigo; CP Criticamente em perigo; EP- Presumivelmente extinta.

Lista de Répteis encontrados no PARNASO e status de conservação

Ordem	Família	Espécie	Nome comum	Lista IUCN	Fonte
Chelonia	Chelidae	<i>Hydromedusa maximiliani</i>	Cágado	VU	Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Hydromedusa tectifera</i>	Cágado		Levandeira-Gonçalves et al, 2007
Squamata - Lacertilia	Anguidae	<i>Ophiodes</i> sp.			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Ophiodes fragilis</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Diploglossus fasciatus</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
	Gekkonidae	<i>Gymnodactylus gekoides</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Gymnodactylus</i> sp.			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Hemidactylus mabouia</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
	Gymnophthalmidae	<i>Ecpleopus gaudichaudi</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Gymnophthalmus</i> sp.			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Heterodactylus imbricatus</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Leposoma scincoides</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Placosoma cordylinum</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
	Polychrotidae	<i>Placosoma glabellum</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Anolis</i> sp.	Lagarto		Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Enyalius brasiliensis</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Enyalius iheringii</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Enyalius perditus</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Enyalius</i> sp			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Polychrus marmoratus</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
	Scincidae	<i>Urostrophus vautieri</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Mabuya agilis</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Mabuya dorsivittata</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
Teiidae	<i>Mabuya macrorhyncha</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007	
	<i>Ameiva ameiva</i>	Lagarto		Levandeira-Gonçalves et al, 2007	
Tropiduridae	<i>Tupinambis meriane</i>	Teiú		Levandeira-Gonçalves et al, 2007	
	<i>Tropidurus torquatus</i>	Lagarto		Levandeira-Gonçalves et al, 2007	
Amphisbaenia	Rhineuroidea	<i>Leposternon microcephalum</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
Serpentes	Boidae	<i>Corallus hortulanus</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
	Colubridae	<i>Atractus zebrinus</i>	Cobra-coral		Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Dipsas incerta</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007



Ordem	Família	Espécie	Nome comum	Lista IUCN	Fonte
Serpentes (cont.)	Colubridae (cont.)	<i>Chironius bicarinatus</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Chironius exoletus</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Chironius fuscus</i>	Cobra-cipó		Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Chironius laevicollis</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Chironius sp</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Echianthera affinis</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Echianthera bilineata</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Echianthera cyanopleura</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Echianthera persimilis</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Echianthera sp.</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Echianthera undulata</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Elapomorphus quinquilineatus</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Erythrolamprus aesculapii</i>	Coral-falsa		Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Helicops carinicaudus</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Leptodeira annulata</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Liophis miliaris</i>	Cobra d'água		Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Liophis poecilogyrus</i>	Cobra d'água		Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Liophis reginae</i>	Cobra d'água		Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Liophis sp</i>	Cobra d'água		Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Liophis typhlus</i>	Cobra d'água		Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Mastigodryas bifossatus</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Oxyrhopus clathratus</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Oxyrhopus petola</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Oxyrhopus sp</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Philodryas olfersii</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Philodryas patagoniensis</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Pseudoboa sp</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Pseutes sulphureus</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Sibynomorphus neuwiedi</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Sibynomorphus sp.</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Siphlophis pulcher</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Siphlophis longicaudatus</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Spillotes pullatus</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007

Ordem	Família	Espécie	Nome comum	Lista IUCN	Fonte	
Serpentes (cont.)	Colubridae (cont.)	<i>Thamnodynastes rutilus</i>	Falsa jararaca		Levandeira-Gonçalves et al, 2007	
		<i>Thamnodynastes sp</i>	Falsa jararaca		Levandeira-Gonçalves et al, 2007	
		<i>Thamnodynastes strigilis</i>	Falsa jararaca		Levandeira-Gonçalves et al, 2007	
		<i>Tomodon dorsatus</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007	
		<i>Tropidodryas sp</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007	
		<i>Tropidodryas striaticeps</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007	
		<i>Uromacerina ricardinii</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007	
		<i>Waglerophis merremi</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007	
		<i>Xenodon neuwiedii</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007	
		<i>Xenodon sp</i>			Levandeira-Gonçalves et al, 2007	
	Elapidae	<i>Micrurus corallinus</i>				Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Micrurus decoratus</i>				Levandeira-Gonçalves et al, 2007
	Viperidae	<i>Bothrops jararaca</i>	Jararaca			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Bothrops jararacussu</i>	Jararacussú			Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Bothrops sp.</i>				Levandeira-Gonçalves et al, 2007
	Tropidophiidae	<i>Tropidophis paucisquamis</i>				Levandeira-Gonçalves et al, 2007
		<i>Tropidophis sp.</i>				Levandeira-Gonçalves et al, 2007

Siglas: PE- Presumivelmente ameaçada; VU- Vulnerável; NT- Ameaçada EN- Em perigo; CP Críticamente em perigo; EP- Presumivelmente extinta.

Lista de Anfíbios encontrados no PARNASO e status de conservação

Ordem	Família	Espécie	Listas de ameaçadas			Fonte
			IUCN	IBAMA	RJ	
Anura	Brachycephalidae	<i>Brachycephalus ephippium</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Psyllophryne didactyla</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
	Bufonidae	<i>Bufo crucifer</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Bufo ictericus</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Bufo margaritifer</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Dendrophryniscus brevipollicatus</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Hyalinobatrachium uranoscopum</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
	Centrolenidae	<i>Hyalinobatrachium eurygnathum</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Aparasphenodon brunoii*</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
	Hylidae	<i>Aplastodiscus arildae</i>				Carvalho e Silva, 2005
		<i>Aplastodiscus flumineus</i>				Deiss & Carvalho e Silva, 2002
		<i>Aplastodiscus leucopygius</i>				Rosa et al, 2002
		<i>Aplastodiscus musicus</i>	DD		PA	Carvalho e Silva, 2005
		<i>Aplastodiscus eugenioi</i>	NT			Carvalho e Silva, 2005
		<i>Bokermannohyla carvalhoi</i>				Carvalho e Silva, 2005
		<i>Bokermannohyla circumdata</i>				Carvalho e Silva, 2005
		<i>Bokermannohyla claresignata</i>	DD			Carvalho e Silva, 2005
		<i>Dendropsophus berthalutzae</i>				Carvalho e Silva, 2005
		<i>Dendropsophus bipunctatus</i>				Filizola et al, 2003
		<i>Dendropsophus decipiens</i>				Filizola et al, 2003
		<i>Dendropsophus elegans</i>				Filizola et al, 2003
		<i>Dendropsophus giesleri</i>				Filizola et al, 2003
		<i>Dendropsophus microps</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Dendropsophus minutus</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Dendropsophus seniculus</i>				Carvalho e Silva, 2005
		<i>Flectonotus fissilis</i>				Carvalho e Silva, 2005
		<i>Flectonotus goeldii</i>				Carvalho e Silva & Carvalho e Silva, 1994
	<i>Flectonotus ohausi</i>				Carvalho e Silva & Peixoto, 1991	

Ordem	Família	Espécie	Listas de ameaçadas			Fonte
			IUCN	IBAMA	RJ	
Anura (cont.)	Hylidae (cont.)	<i>Gastrotheca albolineata</i>				Weber & Carvalho e Silva, 2001
		<i>Gastrotheca ernestoi</i>				Carvalho e Silva, 2005
		<i>Gastrotheca fulvorufa</i>				Carvalho e Silva, 2005
		<i>Hypsiboas albomarginatus</i>				Carvalho e Silva & Carvalho e Silva, 1998
		<i>Hypsiboas faber</i>				Filizola et al, 2003
		<i>Hypsiboas polytaenius</i>				Alves & Carvalho e Silva, 2002
		<i>Hypsiboas semilineatus</i>				Carvalho e Silva, 2005
		<i>Phasmahyla guttata</i>				Carvalho e Silva & Carvalho e Silva, 1998
		<i>Phrynohias imitatrix</i>				Filizola et al, 2003
		<i>Phrynohyas mesophaea</i>				Carvalho e Silva, 2005
		<i>Phrynomedusa marginata</i>				Caramaschi et al, 2000
		<i>Phyllomedusa burmeisteri</i>			EP	Caramaschi et al, 2000
		<i>Phyllomedusa rohdei</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Phrynomedusa vanzolinii</i>	DD			Duarte & Carvalho e Silva, 2004
		<i>Phrynomedusa sp</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Scinax albicans</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Scinax alter</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Scinax argyreornatus</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Scinax cardosoi</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Scinax crospedospilus</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Scinax flavoguttatus</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Scinax cuspidatus</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Scinax fuscovarius</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Scinax hayii</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Scinax humilis</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Scinax sp cf. hiemalis</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Scinax melloi</i>	DD			Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Scinax obtriangulatus</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Scinax similis</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Scinax v-signathus</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005

Ordem	Família	Espécie	Listas de ameaçadas			Fonte
			IUCN	IBAMA	RJ	
Anura (cont.)	Hylidae (cont.)	<i>Sphaenorhynchus orophilus</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Adenomera marmorata</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
	Leptodactylidae	<i>Adenomera bokermanni</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Adenomera sp</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Ceratophrys aurita</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Crossodactylodes sp. cf. pintoii</i>	DD			Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Crossodactylus aeneus</i>	DD			Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Crossodactylus gaudichaudii</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Cycloramphus eleutherodactylus</i>	DD		PA	Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Cycloramphus fuliginosus</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Cycloramphus stejnegeri</i>	DD		PA	Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Cycloramphus brasiliensis</i>	NT			Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Cycloramphus ohausi</i>	DD			Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Eleutherodactylus binotatus</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Eleutherodactylus gualteri</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Eleutherodactylus guentheri</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Eleutherodactylus holti</i>	DD			Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Eleutherodactylus nasutus</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Eleutherodactylus octavioi</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Eleutherodactylus parvus</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Eleutherodactylus sp. aff parvus</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Eleutherodactylus erythromerus</i>	DD			Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Eleutherodactylus venancioi</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Euparkerella cochranae</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Hylodes asper</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Hylodes charadranetes</i>	DD			Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Hylodes lateristrigatus</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Hylodes pipilans</i>				Canedo & Pombal, Jr. 2007
		<i>Leptodactylus fuscus</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Leptodactylus ocellatus</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
	<i>Leptodactylus spixii</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005	
	<i>Megaelosia goeldii</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005	

Ordem	Família	Espécie	Listas de ameaçadas			Fonte
			IUCN	IBAMA	RJ	
Anura (cont.)	Leptodactylidae (cont.)	<i>Physalaemus maculiventris</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Physalaemus signifer</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Physalaemus offersii</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Proceratophrys appendiculata</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Proceratophrys boiei</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Thoropa miliaris</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Thoropa petropolitana</i>	VU	EP	EP	Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Zachaenus parvulus</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
	Microhylidae	<i>Chiasmocleis carvalhoi</i>	EN			Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Myersiella microps</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
Gymnophiona	Caecilidae	<i>Siphonops annulatus</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005
		<i>Siphonops sp.</i>				Izecksohn, E.; et al, 2005

Siglas: PE- Presumivelmente ameaçada; VU- Vulnerável; NT- Ameaçada EN- Em perigo; CP Críticamente em perigo; EP- Presumivelmente extinta.

**Lista de Peixes encontrados no PARNASO e status de conservação**

<b>Ordem</b>	<b>Família</b>	<b>Espécie</b>	<b>Lista ameaçadas RJ</b>	<b>Fonte</b>	<b>Local do registro</b>
Siluriformes	Trichomycteridae	<i>Trichomycterus sp.n.1 grupo zonatus</i>		Lazzarotto et al, 2006	Rio Soberbo
		<i>Trichomycterus sp.n.2 grupo goeldi</i>		Lazzarotto et al, 2006	Rio Beija-flor
		<i>Trichomycterus paquequerense</i>	VU	Lazzarotto et al, 2006	Rio Paquequer Grande
	Loricariidae	<i>Pareiorhaphis garbei</i>	EP	Lazzarotto et al, 2006	Rio Soberbo
Characiformes	Crenuchidae	<i>Characidium sp.n</i>		Lazzarotto et al, 2006	Rio Paquequer pequeno
		<i>Characidium vidali</i>		Lazzarotto et al, 2006	Rio Soberbo

Siglas: PE- Presumivelmente ameaçada; VU- Vulnerável; NT- Ameaçada EN- Em perigo; CP Criticamente em perigo; EP- Presumivelmente extinta.

Lista de Invertebrados encontrados no PARNASO e status de conservação

Classe	Ordem	Família	Espécie	Status	fonte		
Arachnida	Opiliones- Eupnoi	Sclerosomatidae	<i>Gagrellinae sp1</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003		
			<i>Holcobunus nigripalpis</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003		
			<i>Jussara luteovariata</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003		
			<i>Jussara sp1</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003		
			<i>Jussara sp2</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003		
			<i>Jussara sp3</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003		
			<i>Jussara sp4</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003		
			<i>Jussara sp5</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003		
	Opiliones – Laniatores	Gonyleptidae - Bourguiiinae		<i>Simonleptes obstectispiracula</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003	
				<i>Bogdana ingenua</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003	
		Gonyleptidae - Caelopyginae			<i>Arthrodes xanthopygus</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
					<i>Caelopygus elegans</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
					<i>Metarthrodes laetabundus</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
					<i>Pristocnemis albimaculatus</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
		Gonyleptidae - Goniosomatinae			<i>Goniosoma varium</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
					<i>Goniosoma calcar</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
					<i>Goniosoma roridum</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
					<i>Goniosoma sp.n</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
		Gonyleptidae - Gonyassamiinae			<i>Trichominua annulipes</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
					<i>Trichominua roeweri</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
		Gonyleptidae – Gonyleptinae			<i>Bresslavius hirsutus</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
					<i>Deltaspidium asper</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
					<i>Geraecormobius bressloui</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
					<i>Geraecormobius orguensis</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
					<i>Geraecormobius spinifrons</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
					<i>Gonyleptes cancellatus</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
					<i>Gonyleptes sp1</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
					<i>Gonyleptes sp2</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
	<i>Ilhaia cuspidata</i>					Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003	
	<i>Metagonyleptes wygodzinskyi</i>					Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003	
<i>Gonyleptinae sp1</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003					



Classe	Ordem	Família	Espécie	Status	fonte
Arachnida (cont.)	Opiliones – Laniatores (cont.)	Gonyleptidae – Gonyleptinae (cont.)	<i>Gonyleptinae sp2</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
			<i>Sphaerobunus fulvigranulatus</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
			<i>Sphaerobunus sp2</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
			<i>Urodiabunus arlei</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
			<i>Urodiabunus sp.</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
		Gonyleptidae - Hernandariinae	<i>Multumbo terrenus</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
			<i>Pseudotrogulus telluris</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
		Gonyleptidae - Mitobatinae	<i>Mitobates pulcher</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
			<i>Neoancistrotus quapimirim</i>	EP (RJ)	Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
			<i>Metamitobates squalidus</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
			<i>Metamitobates sp. 1</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
		Gonyleptidae - Pachylinae	<i>Berlaia sp</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
			<i>Discocyrtus bresslaui</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
			<i>Discocyrtus moraesianus</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
			<i>Discocyrtus sp.1</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
			<i>Discocyrtus sp.2</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
			<i>Eusarcus sp.1</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
			<i>Eusarcus sp.2</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
			<i>Eusarcus sp.3</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
			<i>Eusarcus sp.5</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
			<i>Graphinotus gratiosus</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
			<i>Graphinotus therezopolis</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
			<i>Lacronia camboriu</i>		Kury & Orrico, 2006
			<i>Lacronia ceci</i>		Kury & Orrico, 2006
			<i>Lacronia serripes</i>		Kury & Orrico, 2006
			<i>Lacronia ricardo</i>		Kury & Orrico, 2006
			<i>Meteusarcoides caudatus</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
			<i>Progyndes sp</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
			<i>Singran sp.</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
			<i>Uropachylus gratiosus</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
			<i>Pachylinae sp.2</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003
		Gonyleptidae - Progonyleptoidellinae	<i>Progonyleptoidellus orguensis</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003

Classe	Ordem	Família	Espécie	Status	fonte	
Arachnida (cont.)	Opiliones – Laniatores (cont.)	Gonyleptidae - Tricommatinae	<i>Camarana bicoloripes</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003	
			<i>Pseudopachylus longipes</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003	
			<i>Pseudopachylus sp.</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003	
			<i>Taquara pilosa</i>		Bragagnolo & Pinto-da-Rocha, 2003	
	Amblypigi		<i>Charinus schirchi</i>		Kury, 2005	
Insecta	Anisoptera	Aeshinidae	<i>Limnetron debile</i>		Assis et al, 2000	
	Diptera	Simuliidae	<i>Simulium pertinax</i>		Araújo-Coutinho et al, 2004	
		Cecidomyiidae	<i>Zalepidota piperis</i>	PA (RJ)	Araújo-Coutinho et al, 2004	
		Chironomidae	<i>aff. Tribelos</i>			Henriques-Oliveira et al, 1999
			<i>Chironimini</i>			Nessimian & Sansseverino, 1998
			<i>cf. Nilothauma</i>			Henriques-Oliveira et al, 1999
			<i>Dukuriella</i>	PA (RJ)	Nessimian & Sansseverino, 1998	
			<i>Endotribelos</i>		Nessimian & Sansseverino, 1998	
			<i>Harnischia Complexo</i>		Henriques-Oliveira et al, 1999	
			<i>Lauterboniella</i>		Nessimian & Sansseverino, 1998	
			<i>Nimbocera</i>		Nessimian & Sansseverino, 1998	
			<i>Omisus</i>		Nessimian & Sansseverino, 1998	
			<i>Orthocladius</i>		Nessimian & Sansseverino, 1998	
			<i>Oukuriella</i>		Henriques-Oliveira et al, 1999	
			<i>Paratendipes</i>		Nessimian & Sansseverino, 1998	
			<i>Phaenospectra</i>		Nessimian & Sansseverino, 1998	
			<i>Polypedilum</i>		Nessimian & Sansseverino, 1998	
			<i>Rheotanytarsus</i>		Nessimian & Sansseverino, 1998	
			<i>Stenochironomus</i>		Nessimian & Sansseverino, 1998	
			<i>Stempellinella</i>		Henriques-Oliveira et al, 1999	
			<i>Tanytarsini</i>		Henriques-Oliveira et al, 1999	
			<i>Tanytarsus</i>		Nessimian & Sansseverino, 1998	
			Chironomidae- Orthocladinae	<i>aff. Georthocladius</i>		
		<i>Corinoneurini</i>				Henriques-Oliveira et al, 1999
		<i>Corynoneura</i>				Nessimian & Sansseverino, 1998
		<i>Cricotopus sp.1</i>				Henriques-Oliveira et al, 1999
		<i>Cricotopus sp.2</i>				Henriques-Oliveira et al, 1999
		<i>Lopescladius</i>			Nessimian & Sansseverino, 1998	

Classe	Ordem	Família	Espécie	Status	fonte
Insecta (cont.)	Diptera (cont.)	Chironomidae- Orthocladinae	<i>Mesosmittia</i>		Nessimian & Sansseverino, 1998
			<i>Metricnemus</i>		Henriques-Oliveira et al, 1999
			<i>Nanocladius</i>		Nessimian & Sansseverino, 1998
			<i>Parametricnemus</i>		Nessimian & Sansseverino, 1998
			<i>Pseudosmittia</i>		Nessimian & Sansseverino, 1998
			<i>Rheocricotopus</i>		Nessimian & Sansseverino, 1998
			<i>Thienemanniella</i>		Henriques-Oliveira et al, 1999
		Culicidae	<i>Anopheles Sp.</i>		Davis, 1945
			<i>Anopheles (Myzorhynchella ) lutzi</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Anopheles (kerteszia)cruzii</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Culex (Culex)nigripalpus</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Culex (Culex) sp.</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Culex (Carrollia) iridescens</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Culex (Microculex)inimitabilis</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Aedes (Ochlerotatus)scapularis</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Aedes (Ochlerotatus)serratus</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Aedes (Ochlerotatus)taeniorhynchus</i>	EP (RJ)	Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Aedes (Ochlerotatus)fluviatilis</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Aedes terreus</i>		Davis, 1945
			<i>Aedes leucocelaenus</i>		Davis, 1945
			<i>Aedes (Protomacleaya) terreus</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Aedes (Howardina) fulthorax</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Psorophora (Janthinossoma) ferox</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Coquillettidia (Rhynchotaenia) jxtamansonia</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Haemagogus sp. (capricornii ?)</i>		Davis, 1945
			<i>Haemagogus (Conopostegus) leucocelaenus</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Haemagogus (Haemagogus) capriconii</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Trichoprosopon (Trichoprosopon ) dirigatum</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Trichoprosopon (Shannoniana) fluviatilis</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Trichoprosopon humboldti</i>		Davis, 1945
			<i>Trichoprosopon (Rhunchomyia) similis</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Trichoprosopon (Rhunchomyia) frontosus</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Trichoprosopon pallidiventer</i>		Davis, 1945

Classe	Ordem	Família	Espécie	Status	fonte
Insecta (cont.)	Diptera (cont.)	Culicidae (cont.)	<i>Trichoprosopon rapaz</i>		Davis, 1945
			<i>Trichoprosopon (Rhunchomyia) reversus</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Trichoprosopon (Rhunchomyia) Theobald</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Wyeomyia (Wyeomyia) arthrostigma</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Wyeomyia bourrouli</i>		Davis, 1945
			<i>Wyeomyia (Wyeomyia) lutzi</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Wyeomyia (Wyeomyia) spp.</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Wyeomyia (Dendromyia) aporonoma</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Wyeomyia (Dendromyia) knabi</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Wyeomyia (Dendromyia) personata</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Wyeomyia (Dendromyia) undulata</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Wyeomyia (Dendromyia) confusa</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Wyeomyia (Dendromyia) Mystes</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Wyeomyia (Dendromyia) sp.</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Wyeomyia (Dendromyia) spp.</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Phoniomyia davisii</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Phoniomyia fuscipes</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Phoniomyia incaudata</i>		Davis, 1945
			<i>Phoniomyia pallidorenter</i>		Davis, 1945
			<i>Phoniomyia pilicauda</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Phoniomyia trinidadensis</i>		Davis, 1945
			<i>Phoniomyia tripartic</i>		Davis, 1945
			<i>Phoniomyia theobald</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Limatus durhami</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Limatus pseudomethisticus</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Sabethes (Sabethes) tarsopus</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Sabethes (Sabethes) quasicianeus</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Sabethes (Sabethoides) chloropterus</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Sabethes (Sabethinus) identicus</i>		Guimarães & Arlé, 1984
			<i>Sabethes purpureus</i>		Davis, 1945
			<i>Sabethes ourescens</i>		Davis, 1945
			<i>Sabethes (Sabethinus) undosus</i>		Guimarães & Arlé, 1984
<i>Sabethes (Sabethinus) intermedius</i>		Guimarães & Arlé, 1984			

Classe	Ordem	Família	Espécie	Status	fonte	
Insecta	Ephemeroptera (cont.)	Baetidae	<i>Americabaetis labiosus</i>		Andrade et al, 2003	
			<i>Baetodes serratus</i>		Andrade et al, 2003	
			<i>Paracloeodes eurybranchus</i>		Andrade et al, 2003	
			<i>Cloeodes penai</i>		Andrade et al, 2003	
			<i>Zelus principalis</i>		Andrade et al, 2003	
		Leptophlebiidae	<i>Hylister plaumanni</i>		Andrade et al, 2003	
			<i>Farrodes carioca</i>		Andrade et al, 2003	
			<i>Micrulis froehlichii</i>		Andrade et al, 2003	
			<i>Massartella brieni</i>		Andrade et al, 2003	
		Leptohyphidae	<i>Leptohyphodes inanis</i>		Andrade et al, 2003	
			<i>Leptohyphodes sp.</i>		Andrade et al, 2003	
		Muscidae	<i>Dolichophaonia gallicola</i>		Monteiro & Oda, 1999	
		Orthoptera	Tettigonidae	<i>Porphyroomma speciosa</i>	EP (RJ)	Monteiro, 2005. Com. Pessoal
		Hemiptera	Aphididae	<i>Acyrtosiphon bidenticola</i>		Peronti et al, 2007
	<i>Acyrtosiphon pisum</i>				Peronti et al, 2007	
	<i>Aphis coreopsidis</i>				Peronti et al, 2007	
	<i>Aphis craccivora</i>				Peronti et al, 2007	
	<i>Aphis fabae</i>				Peronti et al, 2007	
	<i>Aphis gossypii</i>				Peronti et al, 2007	
	<i>Aphis nerii</i>				Peronti et al, 2007	
	<i>Aphis spiraecola</i>				Peronti et al, 2007	
	<i>Aphis sp.1</i>				Peronti et al, 2007	
	<i>Aphis sp.2</i>				Peronti et al, 2007	
	<i>Aulacorthum solani</i>				Peronti et al, 2007	
	<i>Brachycaudus helichrysi</i>				Peronti et al, 2007	
	<i>Brevicoryne brassicae</i>				Peronti et al, 2007	
	<i>Capitophorus elaeagni</i>				Peronti et al, 2007	
	<i>Capitophorus c.f hippophaes</i>				Peronti et al, 2007	
	<i>Capitophorus sp.1</i>				Peronti et al, 2007	
	<i>Dysaphis c f. foeniculus</i>				Peronti et al, 2007	
<i>Hyperomyzus lactucae</i>				Peronti et al, 2007		
<i>Lipaphis erysimi</i>				Peronti et al, 2007		
<i>Macrosiphum sp.1</i>				Peronti et al, 2007		

Classe	Ordem	Família	Espécie	Status	fonte
Insecta (cont.)	Hemiptera (cont.)	Aphididae (cont.)	<i>Macrosiphum sp.2</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Macrosiphini sp.1</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Macrosiphini sp.2</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Macrosiphini sp.3</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Macrosiphini sp.4</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Macrosiphini sp.5</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Macrosiphini sp.6</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Macrosiphini sp.7</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Macrosiphini sp.8</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Macrosiphini sp.9</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Melanaphis bambusae</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Myzus ornatus</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Myzus persicae</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Nasonovia ribisnigri</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Pentalonia nigronervosa</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Picturaphis brasiliensis</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Picturaphis vignaphilus</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Rhopalosiphoninus latysiphon</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Rhopalosiphum maidis</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Rhopalosiphum padi</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Rhopalosiphum rufiabdominalis</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Toxoptera aurantii</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Toxoptera citricidus</i>		Peronti et al, 2007
		<i>Uroleucon ambrosiae</i>		Peronti et al, 2007	
		<i>Uroleucon compositae</i>		Peronti et al, 2007	
		<i>Uroleucon sonchi</i>		Peronti et al, 2007	
		Drepanosiphidae	<i>Takecallis arundinariae</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Takecallis taiwanus</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Drepanosiphidae sp.1</i>		Peronti et al, 2007
		Greenideidae	<i>Greenidea psidii</i>		Peronti et al, 2007
		Pemphigidae	<i>Geopemphigus floccosus</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Pemphigus bursarius</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Tetraneura nigriabdominalis</i>		Peronti et al, 2007

Classe	Ordem	Família	Espécie	Status	fonte
Insecta (cont.)	Hemiptera (cont.)	Coccidae	<i>Ceroplastes confluens</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Ceroplastes formosus</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Ceroplastes lucidus</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Ceroplastes sp. 1</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Ceroplastes sp.</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Ceroplastes sp.</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Ceroplastes sp</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Coccus sp.1</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Coccus sp.2</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Saissetia sp.</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Sp1</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Diaspidiidae</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Sp1</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Sp2</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Sp3</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Sp4</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Chrysomphalus sp.</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Pinaspis sp</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Ischinaspis sp</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Orthezidae</i>		Peronti et al, 2007
	<i>Orthezia sp.</i>		Peronti et al, 2007		
	<i>Pseudococcidae</i>		Peronti et al, 2007		
	<i>Pseudococcus sp.</i>		Peronti et al, 2007		
	Hymenoptera	Braconidae	<i>Aphidius colemani</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Aphidius ervi</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Aphidius matricariae</i>		Peronti et al, 2007
			<i>Diaeretiella rapae</i>		Peronti et al, 2007
Aphelinidae		<i>Aphelinus abdominalis</i>		Peronti et al, 2007	
		<i>Aphelidius humilis</i>		Peronti et al, 2007	
Charipidae		<i>Alloxysta victrix</i>		Peronti et al, 2007	
Clitelatta	Haplotaxida	Glossoscolecidae	<i>Urobenus brasiliensis</i>		Brown, 2006, Com. Pessoal

Siglas: PE- Presumivelmente ameaçada; VU- Vulnerável; NT- Ameaçada EN- Em perigo; CP Críticamente em perigo; EP- Presumivelmente extinta.



# Análise dos Planejamentos Anteriores do PARNASO

*Plano de Manejo 1980*  
*Plano de Ação Emergencial 1994*  
*Plano de uso Público 2000*





## Avaliação do Plano de Manejo de 1980

Ações	Implementação e justificativa PAE	Grau de implementação			Análise atual
		R	PR	NR	
<b>PROGRAMA DE MANEJO DO MEIO AMBIENTE</b>					
<b>Subprograma de proteção</b>					
Regularizar a situação fundiária	PR - Foi iniciado o processo de regularização fundiária na década de 80, mas não está concluído		X		Um processo em fase final no Garrafão (um sítio), sem recursos previstos.
preparar e encaminhar proposta para reformulação do Decreto de criação do Parque	R - Dec. /1984 definiu limites. Novo proj. de ampliação em andamento	X			Nova proposta de ampliação em estudo, incluindo as áreas de Alcobaça e Jacó e Serra da Estrela.
fiscalizar a área do Parque	PR Equipe de fiscalização insuficiente e sem renovação		X		Equipe mais reduzida. Em out/05 apenas 03 fiscais.
- informar aos visitantes dos perigos	PR- O fenômeno da "cabeça d'água" existentes no Parque é informado ao público visitante, mas não são dadas informações sobre espécies perigosas e trilhas rústicas	X			Placas, termo de responsabilidade, folders, site.
- colocar quebra-molas	NR- As pistas são sinuosas fazendo com que a velocidades dos carros seja pequena			X	Discutir várias propostas para transito interno
- orientar a circulação de veículos	PR- Pouco sinalizada e mal orientada	X			Necessidade de melhoras na sinalização da saída da sede Teresópolis.
- treinar os guardas para primeiros socorros	NR-		X		O atendimento ao público é feito mais por vigilantes que por fiscais. Parte dos Fiscais e vigilantes fizeram cursos de 1os socorros
- equipar o ambulatório	O ambulatório foi instalado em 1980 e posteriormente desativado				Existe uma ambulância não equipada na Sede Teresópolis.
- transferir a entrada do Parque para Japuíba	NR			X	Proposta descartada
estabelecer sistema de controle de entrada de excursionistas	R- Muitos montanhistas "penetram" sem autorização no Parque	X			Necessidade de maior controle sobre acessos pela BR 116.

Plano de Manejo do Parque Nacional da Serra dos Órgãos

- construir abrigos contra o mau tempo nas trilhas	NR- Foram destruídos há mais de 10 anos		X		O Abrigo 4 foi reconstruído em 2001.
- recuperar as trilhas existentes	R- Falta manutenção e sinalização	X			Necessidade de manutenção, em especial na trilha para Açú.
- interditar as trilhas quando houver risco de fogo	R - Em 1993 a trilha foi interditada durante 2 meses	X			
- proibir a natação na Barragem	R	X			
- proibir o trânsito de veículos na estrada da Barragem	N- Propunha-se a criação de um trenzinho da Sede até a Barragem. Como não foi executado, os carros hoje em dia, circulam livremente			X	Proposta de instalação de sistema de transporte interno. Existência de trenzinho e carrinhos elétricos.
- montar esquema de fiscalização da caça	P- Falta pessoal para executar esta tarefa		X		Falta pessoal para executar esta tarefa
- cercar as áreas próximas aos centros urbanos	P- Faltam recursos para executar esta tarefa		X		Falta cercar algumas áreas.
- desenvolver sistema de proteção dos recursos pelos excursionistas	R- Alguns montanhistas realizam voluntariamente esta função	X			Manutenção de trilhas feita por grupos excursionistas
- impedir o acesso de visitantes à Zona de Uso Especial	R- Precário devido à falta de fiscalização	X			
- eliminar os portões existentes, exceto os de entrada e saída oficiais	R	X			Portão 2 da sede Guapimirim continua existindo a pesar de ser pouco utilizado.
- estabelecer sistema de fiscalização dos abrigos 3 e 4	NR- Não existem os abrigos 3 e 4		X		Abrigo 4 conta com presença de pessoas todos os dias. Pouca presença de fiscais.
- isolar a área da Santinha, junto à BR-116	NR- Os visitantes acendem velas para a Santinha aumentando o risco de incêndios			X	Não é pertinente.
- instalar sistema de comunicação interna	NR	X			
- divulgar as necessidades de pesquisa e estudos	R- Foi realizada a divulgação, mas não se executou estudos por falta de recursos	X			Encontros de Pesquisadores realizados em 2002, 2004.
- contatar com entidades e técnicos para estudos e pesquisa	R- Foram elaboradas várias propostas com várias instituições, tais como FBCN, UERJ e UFF	X			Discussão do SIMBIO

Plano de Manejo do Parque Nacional da Serra dos Órgãos

- determinar a capacidade de carga	NR		X		Definido limite para travessia. Necessidade de estudos técnicos.
- montar e equipar um laboratório	NR			X	
- determinar locais para mirantes e pontos de parada nas trilhas	NR	X			Algumas trilhas não tem.
- determinar e localizar áreas para trilhas de interpretação	NR	X			Projeto em fase final
- equipar a biblioteca com a bibliografia existente sobre a região do parque	NR		X		Biblioteca não tem espaço físico
- eliminar espécies exóticas da Zona de Recuperação	NR			X	
- substituir as placas de advertência	R- As atuais placas necessitam ser recuperadas ou renovadas	X			
- recuperar a trilha da Pedra do Sino	R- O trabalho de manutenção é constante	X			
- remover os entulhos dos antigos abrigos	Não foi realizado pelos funcionários do Parque, mas sim pela própria natureza (ex.: decomposição, ventos e erosão hídrica)	X			
- favorecer a regeneração da vegetação	R	X			
- eliminar espécies exóticas dos abrigos	NR			X	
- substituir as linhas aéreas por subterrâneas	NR	X			Em 2000.
- contatar com técnicos e entidades científicas para levantamento e avaliação das condições ecológicas de áreas alteradas	R- Dentro dos projetos científicos propostos	X			
- fotografar anualmente as zonas de uso público (trilhas)	NR			X	
- elaborar fichas para observações de inter-relações flora-fauna	NR			X	

Plano de Manejo do Parque Nacional da Serra dos Órgãos

- analisar, periodicamente, os questionários sobre os visitantes	R- Foi realizada somente a primeira etapa do levantamento do Perfil do Visitante	X			Foram feitos levantamentos em 1999 e 2005
- estudar o fenômeno “cabeça d’água”	NR			X	
- analisar detalhadamente os dados meteorológicos obtidos no Parque	NR- Já esteve em funcionamento uma estação meteorológica dentro do Parque há 15 anos atrás		X		Dados armazenados precariamente no CO.
- estabelecer área de camping na Sub-Sede	NR- Existe uma área mas não foi restaurada	x			2 areas de Campings existentes.
- escolher locais para camping primitivo ao longo das trilhas	NR- A atividade de camping é realizada na área dos antigos abrigos 3 e 4		X		Abrigo 4.
- drenar as áreas de camping	NR	X			Necessidade de revisão.
- definir pontos para mirantes na trilha da Pedra do Sino	NR		X		Mirante do abrigo 3
- distribuir lixeiras nos locais de uso público	PR- Foi distribuído somente na área de uso público (menos nas trilhas)	X			
- melhorar as áreas de estacionamento	NR- É feita somente a limpeza periódica		X		Drenagem precária e área insuficiente.
- estabelecer área de estacionamento de emergência no local da antiga escola	NR- A escola está destruída		X		Foi implantado e depois desativado.
- contratar firma para confecção de placas de sinalização	NR	X			
- colocar a sinalização	PR- Realizado parcialmente, pois faltam informações em várias áreas	X			
- contratar firma para exploração do trenzinho	NR			X	
- melhorar o acesso ao Poço Verde	R	X			
- desativar a loja de “souvenirs”	R	X			A antiga loja foi desativada e foi instalada nova loja.
- adaptar o Centro de Informações	NR			X	
- estabelecer estacionamento junto ao	NR			X	

Plano de Manejo do Parque Nacional da Serra dos Órgãos

Centro de Informações					
- adaptar o Centro de Visitantes	NR	X			A antiga garagem foi adaptada para centro de Visitantes
- construir coberturas e reformar as áreas para piquenique	NR		X		
- assegurar o funcionamento da lanchonete	NR		X		Quisque de Teresópolis em funcionamento;
- instalar pequena lanchonete na Sub-sede	NR	x			Lanchonete foi construída porem esta destivada.
- estudar a viabilidade de se criar nova área de uso público no Vale do Bonfim	NR	X			Portaria instalada em 2000.
- reconstruir os abrigos 3 e 4 da trilha da Pedra do Sino	NR		X		Abrigo 4 reconstruido. Desnecessário construir abrigo 3.
- desenvolver um sistema de trilhas para interpretação	NR	X			
- desenvolver plano de interpretação	NR	X			
- contratar chefe de interpretação	NR			X	
- montar o programa interpretativo do Centro de Visitantes	NR	X			Projeto Cenário Verde. 1996
- confeccionar programas audiovisuais a serem exibidos no Centro de Visitantes	NR	X			Projeto Cenário Verde. 1996
- elaborar folhetos com orientação geral sobre os recursos e forma de utilização	P- Foi feito apenas um folheto com informações gerais sobre o Parque	x			Guia Phillips atualizado anualmente.
- adaptar o prédio do Centro de Visitantes	NR	x			
<b>Subprograma Educação</b>					
- divulgar a disponibilidade do Parque para observações práticas de estudantes	P- Foi realizada a divulgação de algumas facilidades com a rede escolar municipal e estadual	X			Projeto cenário verde. Apartir de 1996.
- elaborar programas audiovisuais e	PR- Divulgação através de folhetos e	X			Projeto cenário verde. Apartir de

folhetos englobando vários temas	videos de educação ambiental					1996.
- contatar com escolas e instituições educacionais potencialmente interessadas neste tipo de atividade	PR- Contatos realizados com escolas de Teresópolis	X				Projeto cenário verde. Apartir de 1996.
<b>Subprograma de Turismo</b>						
- proporcionar estágios e seminários visando fornecer aos guias de turismo informações básicas sobre o Parque	NR		X			Realizado durante dois anos, depois acabou. Não houve continuidade.
- Contatar com as empresas de turismo que operam no Parque para entendimentos relativos ao treinamento dos guias	NR			X		
- divulgar o Parque e as facilidades por ele proporcionadas junto às agências de viagens e meios de comunicação	PR- Foram feitas matérias em jornais assim como a gravação de especiais para Regionais para a Funteve	X				
- incentivar a inclusão do Parque em roteiros turísticos regionais e nacionais	NR		X			Serra Verde Imperial
- colocar placas indicativas da nova entrada	R	X				
<b>Subprograma Relações Públicas e Extensão</b>						
- solicitar à assessoria de Relações Públicas-IBDF, a elaboração de um "poster" e de um filme para divulgação do Parque	PR- Foi feito somente um poster, que está esgotado	X				
- apresentar fora do Parque os programas audiovisuais reparados para o sub-programa de educação	PR- Foram realizadas apenas algumas exposições como a do Von Martius recentemente		X			Algumas apresentações
- divulgar a existência de programas audio-visuais sobre o Parque e seus recursos naturais e recreativos	PR	X				Projeto cenário Verde
- apresentar os programs audiovisuais para grupos escolares, universitários e outras	PR	X				Projeto cenário Verde

organizações						
<b>PROGRAMA DE OPERAÇÕES</b>						
<b>Subprograma de Manutenção</b>						
- manter estradas, caminhos, trilhas e estacionamentos	PR- Realizado de forma muito precária		x			Necessidade de melhoria na organização do serviço
- manter os equipamentos	PR- A manutenção é muito precária		x			
- manter o sistema de sinalização	NR	x				
- manter limpa a área do Parque	PR- A manutenção é muito precária	x				.
- elaborar o Plano de coleta de lixo	R	X				
- comprar e instalar equipamentos necessários à manutenção	PR	X				
<b>Subprograma de Administração</b>						
- contratar o pessoal para completar o organograma	NR			X		concurso
- treinar os funcionários do Parque	PR- Alguns funcionários, por nas sus diversas atividades conta própria, participaram em cursos de pós-graduação, aperfeiçoamento e reciclagem		X			De acordo com oferta de cursos.
- executar o Plano de Manejo aprovado	NR		X			
- atualizar o Plano de Manejo	NR			X		



## Avaliação do Plano de Ação Emergencial (1994)

Ações	Responsável	Grau de implementação			Justificativa
		R	PR	NR	
<b>ADMINISTRAÇÃO</b>					
<b>Nível 1</b>					
• Implantar Unidade Gestora na UC	UC / DIREC / DIRAF / COGER	X			
• Reordenar os níveis de atribuições funcionais na UC	UC	X			
• Reorganizar o Sistema Administrativo da UC	UC	X			
• Identificar parceiros para atividades administrativas e de manutenção	UC			X	
• Executar atividades em parceria	UC / OG's / ONG's				
• Implantar sistema efetivo e participativo de acompanhamento, controle, avaliação e otimização das atividades da UC	UC / OG's / ONG's	X			Conselho consultivo em 2004/05.
• Criar e implantar sistema de coleta seletiva de lixo	UC / OG's / ONG's			X	
⇒ Adquirir coletores e equipamentos para transporte	UC / SUPES		X		
• Implementar oficina/ carpintaria	UC / SUPES			X	
⇒ Adquirir materiais, ferramentas e máquinas	UC / SUPES			X	
<b>Nível 2</b>					
• Implantar NUC SUPES/RJ	SUPES / DIREC	X			
<b>INFRA-ESTRUTURA</b>					
<b>Nível 1</b>					
• Recuperar sanitários	UC / SUPES / DIREC / ONG's	X			
• Recuperar trilhas dos bosques, jardins, aleas	UC / SUPES / DIREC / ONG's	X			
• Implantar ambulatório para serviço médico emergencial	UC / SUPES / DIREC / ONG's		X		Ambulância.

Plano de Manejo do Parque Nacional da Serra dos Órgãos

• Recuperar áreas de camping	UC / SUPES / DIREC / ONG's	X			
• Construir lava-pratos nas áreas de camping	UC / SUPES / DIREC / ONG's	X			
• Construir churrasqueiras	UC / SUPES / DIREC / ONG's			X	Proibido o churrasco
• Construção de quiosque na Sede	UC / SUPES / DIREC / ONG's	X			
• Reforma na sede administrativa	UC / SUPES / DIREC / ONG's	X			
• Recuperar e manter veículos	UC / SUPES / DIREC / ONG's	X			Foram comprados veículos em 2000.
• Recuperar residências funcionais e outras edificações	UC / SUPES / DIREC / ONG's	X			Necessidade de manutenção freqüente.
• Recuperar e manter sistema viário e de drenagem	UC / SUPES / DIREC / ONG's		x		
• Manter edificações e equipa-mentos	UC / SUPES / DIREC / ONG's		x		
• Recuperar e manter redes elétrica, hidráulica e de telefonia	UC / SUPES / DIREC / ONG's		x		
• Adquirir material para adminis-tração (micro computador, máquina de escrever, etc.)	UC / SUPES / DIREC / ONG's	x			
• Adquirir veículo pick-up cabine dupla	UC / SUPES / DIREC / ONG's	x			
• Adquirir linha telefônica	UC / SUPES / DIREC / ONG's	x			
• Implantar sistema seguro de entrada e saída de veículos na Sede do Parque	UC/DETRAN/DNER/ PMT			x	
• Adquirir arquivos e armários	UC / SUPES / DIREC / ONG's	x			
<b>Nível 2</b>					
• Adaptação da churrascaria para restaurante	UC / SUPES / DIREC / ONG's	x			Foi feito e depois desativado. Previsão de restaurante na pousada.
• Construção de lanchonete na Sub-sede	UC / SUPES / DIREC / ONG's	x			Foi desativada.
• Adquirir veículo utilitário cabine fechada para 10 passageiros	UC / SUPES / DIREC / ONG's	x			
• Realizar estudo sobre alternativas de acesso dos usuários à UC	VC / DETRAN / DNER / PMT / PMG	x			
<b>PESSOAL</b>					
<b>Nível 1</b>					
• Viabilizar a admissão de novos servidores	UC / SUPES / DEREH	x			Remoção

Plano de Manejo do Parque Nacional da Serra dos Órgãos

• Realocar pessoal da UC	UC	x			Funcionária em Guapimirim.
• Identificar as necessidades qualitativas de pessoal	UC		x		
• Implementação de um sistema de Estágios	UC / DEREH / SUPES	x			
• Estabelecer política de capacitação para UC	UC / DIREC		x		
<b>Nível 2</b>					
• Identificar instituições para capacitar pessoal	UC	X			
• Promover a capacitação		X			
• Avaliar resultados dos cursos de capacitação				X	
Criar mecanismos de incentivo aos servidores da UC	UC / SUPES / DEREH / ONG / INSTITUIÇÕES / EMPRESAS / ASIBAMA			X	
<b>PROTEÇÃO</b>					
<b>Nível 1</b>					
• Aperfeiçoar Sistema de Fiscalização					
⇒ Elaborar e implantar programa de fiscalização	UC / OG's / ONG's		x		Propostas. Faltam fiscais.
⇒ Identificar voluntários	UC	x			vigilantes
⇒ Implantar sistema de informações	UC/COMUNIDADES/ONG's	x			Denuncias
⇒ Elaborar relatórios e avaliar sistema	UC		x		
⇒ Adquirir e implantar sistema de rádio-comunicação	UC / DENTEL / SUPES / DIREC	x			
⇒ Adquirir material de fiscalização	UC / SUPES		x		
⇒ Construir e equipar posto do Bonfim	UC / SUPES	X			
⇒ Construir guarita entrada Sub-sede	UC / SUPES	X			
⇒ Construir portão de fundos da Sub-sede	UC / SUPES	X			
⇒ Reformar portão de fundos da Sede	UC / SUPES	X			
• Estabelecer Sistema de Prevenção e Combate a Incêndios	UC / F. ARMADAS	X			
⇒ Reforçar cooperação com Forças Armadas	UC / CINDACTA / AERONÁUTICA / CORPO BOMBEIROS		x		

Plano de Manejo do Parque Nacional da Serra dos Órgãos

⇒ Montar rede de informações		X			
⇒ Adquirir material de combate a incêndios	UC / SUPES	X			
⇒ Adquirir alimentação para equipes de combate a incêndio	UC / SUPES / BOMBEIROS	X			
• Recuperar e controlar erosão nas trilhas rústicas	UC / ONG's		X		
• Implantar e manter picadas, aceiros e marcos demarcatórios	UC		X		Demarcação realizada, aceiros em pontos críticos e algumas picadas.
• Implantar sistema de comunicação voluntária com as comunidades no entorno	UC / COMUNIDADES	x			
• Estabelecer estratégias para minimizar poluição do ar e sonora na BR - 116	UC / DNER / OG		x		Controle de Velocidade, TAC
<b>Nível 2</b>					
• Construir posto de observação de queimadas	UC / SUPES / DIREC / ONG's			x	Não foi necessário pois existem pontos naturais de observação.
<b>MANEJO</b>					
<b>Nível 1</b>					
• Estabelecer a Capacidade de Carga da UC	UC / DIREC		X		
• Formar equipe para levantar informações e formular propostas como subsídio à revisão do Plano de Manejo	UC / ONG / OG / UNIVERSIDADE		X		
• Iniciar recuperação de áreas degradadas	UC			X	
• Elaborar projeto de prevenção e recuperação de trilhas	UC / ONG's	X			
<b>Nível 2</b>					
• Desenvolver mapas temáticos da UC	UC / OG / ONG / UNIVERSIDADE			x	Em desenvolvimento
• Produção de material gráfico (Mapas)	UC / OG / ONG / UNIVERSIDADE		x		
<b>EDUCAÇÃO AMBIENTAL</b>					
<b>Nível 1</b>					
• Criar equipe multidisciplinar e inter-institucional para elaborar programa de	UC / UNIVERSIDADE / ONG / OG	x			

Plano de Manejo do Parque Nacional da Serra dos Órgãos

Educação Ambiental					
• Implantar Centro de Visitantes		X			
⇒ Reformar prédio	UC / SUPES / DIREC	X			
⇒ Adquirir e instalar equipamentos	UC / SUPES / DIREC	X			
• Criar, confeccionar e divulgar material informativo e educativo	UC / EMPRESAS / ONG	X			
• Promover eventos	UC / ONG / OG	X			
• Estabelecer parcerias para o pro-grama de Educação Ambiental	UC / ONG	X			
• Elaborar e implementar projeto de interpretação	UC / ONG / OG		x		Fase final de elaboração.
• Revitalizar o Museu Von Martius	UC / ONG / OG	X			Necessita de restauração.
⇒ Elaborar Projeto Museográfico	UC / ONG / OG		x		Foi realizado levantamento histórico, faltando sua implantação. Resgatar a informação.
⇒ Reformar prédio	UC / SUPES / ONG	X			Necessita de novas reformas e restauração.
⇒ Adquirir materiais e equipa-mentos	UC / SUPES / ONG	X			
• Promover projetos de Educação Ambiental com voluntários nas áreas de entorno	UC / ONG		x		
• Promover mutirões para realização de ações em benefício da UC	UC/ ONG/ EMPRESA/ COMUNIDADE	X			
• Promover campanhas e trabalhos junto às instituições	UC / INSTITUIÇÕES CIVIS / MILITARES / ECLESIAÍSTICAS			X	
• Desenvolver campanhas especiais e localizadas	UC / ONG / OG	X			
<b>Nível 2</b>					
• Elaborar roteiros de vídeos educativos	UC/ONG/EMPRESAS	X			
• Produzir vídeos educativos	UC/ONG/EMPRESAS	X			
• Revitalizar o Centro de Docu-mentação				X	
⇒ Adquirir material de biblioteconomia	UC / ONG / SUPES			x	
⇒ Serviço de desinfecção do acervo bibliográfico	UC / SUPES	X			

Plano de Manejo do Parque Nacional da Serra dos Órgãos

⇒ Serviço de restauração do acervo	UC / OG / ONG		X		
⇒ Aquisição de livros e periódicos	UC / SUPES / ONG			X	
<b>PESQUISAS</b>					
<b>Nível 1</b>					
• Identificar áreas prioritárias para pesquisa	UC / DIREC		X		Encontros de Pesquisadores
• Estabelecer parcerias para pesquisa	UC / ONG's / OG's / UNIVERSIDADE	X			Projeto Muriqui, Câmara Técnica de Pesquisa, Projeto Paquequer.
• Promover a elaboração de projetos de pesquisa	UC / ONG's / UNIVERSIDADE	x			Contatos com Universidades, Apoio Logístico, Encontros de Pesquisadores, SIMBIO
• Estabelecer convênios para execução de estudos e levantamentos prioritários	UC / ONG / OG / UNIVERSIDADE		x		SIMBIO, TCT com UFRJ,
• Estabelecer parcerias para realizar estudos climáticos e atmosféricos			X		
⇒ Implantar estação meteorológica na UC	UC / OG's	X			Implantada e posteriormente desativada.
⇒ Implantar pesquisa sobre poluição atmosférica	UC / OG / UNIVERSIDADE	x			UFF
• Levantar áreas degradadas e definir alternativas de recuperação				X	
⇒ Contratar consultoria	UC / CONSULTOR			X	
<b>Nível 2</b>					
• Levantar e divulgar pesquisas realizadas sobre a UC	UC / UNIVERSIDADE	X			
⇒ Contratar serviços gráficos e de editoração	UC / SUPES			x	Em andamento.
• Desenvolver um banco de dados sobre a UC	UC / ONG / OG / UNIVERSIDADE			X	
⇒ Contratar consultoria	UC / CONSULTOR			X	
⇒ Elaborar projeto de banco de dados				X	
⇒ Implantar e alimentar o banco de dados				X	
• Divulgar resultados das pesquisas		X			
• Avaliar resultados dos projetos de pesquisa			X		

REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA						
<b>Nível 1</b>						
• Identificar alternativas para solucionar problemas detectados na demarcação da UC	UC / DIREC		x			Negociação de conflitos em andamento no Bonfim e Jacó.
• Implementar medidas necessárias para solucionar problemas fundiários	UC / SUPES / DIREC			X		
<b>Nível 2</b>						
• Avaliar a alternativa de incorporar a Reserva Biológica de Alcobaça à UC	UC / DIREC	x				Processo de doação da área em andamento CEF.
ENTORNO						
<b>Nível 1</b>						
• Sistematizar a relação da UC com as entidades de entorno	UC/COMUNIDADES/ ONG	x				Conselho Consultivo.
• Promover ações em parceria com as comunidades do entorno, visando a proteção dos recursos naturais	UC/COMUNIDADES/SUPES		X			
• Incentivar e apoiar as ações que beneficiem as comunidades e que tenham relação direta com a UC	UC / OG / ONG	x				Moções do Conselho.
<b>Nível 2</b>						
• Instituir prêmio de melhor cooperação com a UC	UC / PATROCINADORES			x		
RELAÇÕES PÚBLICAS						
<b>Nível 2</b>						
• Elaborar e executar programa de divulgação da UC	UC / MEIOS DE COMUNICAÇÃO / AGÊNCIAS	X				
⇒ Produzir material de informação	UC / MEIOS DE COMUNICAÇÃO / AGÊNCIAS	X				
⇒ Produzir vídeo institucional	UC / MEIOS DE COMUNICAÇÃO / AGÊNCIAS	X				
• Criar e divulgar logomarca e símbolo da UC	UC	X				

Plano de Manejo do Parque Nacional da Serra dos Órgãos

• Divulgar campanhas, eventos e demais atividades da UC	UC	X			
• Divulgar o PAE e sua execução	UC			x	
<b>MONITORAMENTO</b>					
<b>Nível 1</b>					
• Implantar projeto de monitoramento da UC	UC / OG's / ONG's / UNIVERSID / IMPE			X	
⇒ Contratar serviços de produção de vídeo, fotos e levantamentos				X	
<b>Nível 2</b>					
• Sistematizar as informações de ocorrências na UC e entorno	UC / COMUNIDADE			X	
• Implantar arquivo de imagens sobre ocorrências em áreas relevantes e críticas	UC			X	
• Realizar sobrevôos no parque	UC / EMPRESAS		x		Sobrevôos eventuais.
<b>AÇÕES ALTERNATIVAS</b>					
<b>Nível 1</b>					
• Incentivar atividades de integração corpo, mente, natureza e espírito	UC / ONG's / AGÊNCIAS / PREFEITURAS / FUNDIÇÃO PROGRESSO	X			
• Promover atividades culturais e artísticas	UC / ONG's / AGÊNCIAS / PREFEITURAS / FUNDIÇÃO PROGRESSO	X			Eventos comemorativos.
• Promover atividades de Eco-turismo no Parque	ASSOC.BRAS.ECO-TURISMO/PREFEITURAS/ONG's	X			
• Promover concessões de uso real		X			Restaurante, lanchonete.
• Instalar loja de souvenirs			x		



## Avaliação do Plano de Uso Público (2000)

Ações	Grau de implementação			Justificativa
	R	PR	NR	
<b>SEDE TERESÓPOLIS</b>				
<b>Centro de Visitantes, piscina e bosques (Sta Helena e Colina)</b>				
• Preparar esquema de esclarecimento aos visitantes quanto ao histórico de introdução e importância das espécies exóticas presentes.			x	Obs: Bosque Santa Helena
• Manutenção do uso múltiplo na área do Sta. Helena, sem gerar conflito entre distintos públicos: lazer e recreação; interpretação ambiental e histórica; eventos; e educação.	X			
• Controle de infiltrações da Piscina de pedra		x		Manutenção constante Proposta:
• Tratamento paisagístico e de identidade prioritário para antigos bancos e mesas de pedra e novos bancos e mesas de concreto		X		
• Tratamento paisagístico e de identidade e recuperação das duchas externas consideradas adequadas à atual lógica de circulação e uso da área.			X	Ducha ao lado da Pousada, ao lado da Piscina
• Tratamento paisagístico e de identidade dos sanitários (adequação de estilo do novo conjunto próximo da piscina) Os demais sanitários devem receber melhorias (infiltração, luminosidade natural, manutenção e limpeza frequentes).	x			
• Adequação (paisagística e de identidade) do quiosque da piscina para apoio a piquenique		x		Foi feita uma recuperação/adequação a arquitetura do PNSO
• Criação e estabelecimento do circuito ou "Bosque Interpretativo da Água <i>Reino das Águas</i> " (Destaque dos aspectos especiais da vegetação e relação das Rochas e da Fauna com o ciclo das águas).			x	Proposta da equipe técnica, mas não foi implementada RESGATAR!
⇒ Centro de Visitantes no início do proposto circuito		x		Em construção
⇒ Recuperação Interpretativa da Trilha do Caxinguelê			x	Está incluída no Projeto de Sistema de Trilhas Interpretativas - manutenção

⇒ Sinalização especial com “pranchas”/guias de campo (para o visitante).	x			
⇒ Recuperação e adaptação do antigo restaurante em componente do “Bosque Interpretativo”, com ênfase na área da cozinha.				CONFUSO!!!
• Transformação dos Banheiros de pedra da piscina em unidades demonstrativas do sistema sanitário, no contexto do ciclo da d’água.			X	Desativados devido a construção do Centro de Visitantes
• Melhorias na Estação Meteorológica			x	Convênio UERJ / FINEP / Prefeitura de Teresópolis – material deixado no PNSO Resgatar histórico e ver procedimentos a serem adotados para uso do material
<b>Estrada da Barragem e trilha suspensa</b>				
• Adaptação das guaritas atualmente não utilizadas, em novos e integrados postos de informação			x	
• Adaptação da atual guarita e bica da Barragem (ponto de apoio da trilha Interpretativa, comunicação, primeiros socorros e vigilância).		x		Não existe trilha interpretativa
• Resgate histórico da Trilha Suspensa (aqueduto)			x	
• Nova trilha suspensa com base em pedras elevadas próximo ao rio Paquequer			x	Incluída em projeto já aprovado
• Valorização do Rio Paquequer (trecho da ponte)		x		Foi construídos uns bancos e colocado uma placa de localização
• recuperação de trechos da antiga trilha ao longo do Rio Beija-Flor			x	
• Adequação do projeto de construção • da “Praça da Árvore”.			x	Projeto cancelado
• Recuperação da antiga cisterna de pedra, que deve ser adaptada e aberta à visitação neste circuito das águas, como mostra de um aquífero.			X	
• Toda fiação (elétrica e de telefonia) deve ser subterrânea.	X			Necessário manutenção constante
• Reformas e ampliação na pavimentação de 10 km das ADs Guapimirim e Teresópolis			X	Na sede Guapimirim foi feita uma melhoria, bem como na sede Teresopolis
• Melhoria e preparação da trilha para poço no rio Beija-flor, próximo da Barragem.			x	

Plano de Manejo do Parque Nacional da Serra dos Órgãos

• Melhoria paisagística e tratamento de identidade no Portão para Vila Guarany.			x	O portão foi transformado em depósito de lixo.
• Melhoria de pontos de drenagem na estrada – inclusive colocando proteção de terra nos destinos de água pluvial, fora da estrada –, com instalação de alguns pontos de drenagem em locais necessários.		x		Realizado em alguns pontos
• Manutenção da proibição na descarga das folhas (resíduos de limpeza do Parque) ao longo da estrada.	x			Necessita de maior acompanhamento
• Compostagem de folhas junto ao lixo orgânico produzido na unidade, sob responsabilidade dos concessionários – com caráter educativo aos visitantes.			x	
• Substituição de cercas que separam da AD Teresópolis da vila Guarany. Buscar alternativas mais eficientes e harmônicas.	x			
• Tratamento paisagístico de encanamento de água que corre em trechos ao lado da estrada, como o situado acima da entrada para a trilha Mozart Catão			x	
• Demarcação da trilha, estabelecendo local para o futuro mirante para o Dedo de Deus, a partir da Pousada Paquequer.	x			Trilha demarcada com implantação prevista para 2005
<b>Trilha Primavera</b>				
• Estudo visando alteração de percurso em seu trecho final, evitando passar por trás de residência funcional.			x	Não é necessário.
• Recuperação de leito erodido e encharcado.			x	
• Estabelecimento de roteiro interpretativo, com o nome “Trilha do Palmito”, versando sobre o tema de manejo de florestas. Com sinalização interpretativa.			x	Roteiro incluído no projeto de trilhas interpretativas, abordando o tema do Palmito. Indicar nas placas a acessibilidade da trilha para idosos.
• Substituição de canos velhos, usados como marcação lateral da trilha.			x	Remover os canos
• Balizamento participativo dos desvios irregulares, implicando em envolver usuários a cada etapa do processo de recuperação e melhoria da trilha.				Confuso!!! Não há desvios nesta trilha.
• Recuperação de identidade do Parque. Exemplo: não usar canos usados como corrimão.			x	Não há necessidade.

• Controle e manejo de bambus ao longo da trilha.		x		Mutirão de retirada de mudas em 2005.
<b>Trilha Mozart Catão</b>				
• Retirada de excesso de bambus na trilha		x		Mutirão de retirada de mudas em 2005.
• Estabelecimento de área de descanso e de interpretação na trilha			x	
• Colocação de sinalização interpretativa, com tema central: a vida dos homenageados (e sua relação com o cenário mundial da escalada), reforçando a identidade do Parque como unidade voltada também para a escalada.			x	
• Melhoria nas estruturas de contenção do leito da trilha que estão deficientes (grampos, estacas, pedras, canos e madeira), com tratamento paisagístico.	x			Necessidade de manutenção constante.
• Drenagem e melhoria em pontos de acumulação de água pluvial, na trilha.		X		Necessidade de manutenção constante.
• Recuperação e balizamento participativo de trechos com desvios da trilha original.			x	Confuso.
• Estruturação dos pontos com queda potencial através de corrimão, na trilha.		x		A estrutura colocada caiu.
• Tratamento paisagístico do Mirante.			x	Não há necessidade.
• Estudo para controle no número de visitantes evitando excesso na trilha (que apresenta vias de entrada e de saída pelo mesmo leito) e no Mirante.			x	Estudo previsto por projeto para 2006.
<b>Trilha da Pedra do Sino</b>				
• Retirada e tratamento paisagístico de vários canos, inteiros e quebrados, que cruzam a trilha.		x		
• Recuperação de drenagem em alguns trechos, causando erosão em vários pontos, inclusive com aparecimento de horizontes "B" e "C".	x			Mautenção constante.
• Recuperação de identidade da trilha, com distintos padrões, a exemplo do corrimão de coloração laranja, feito de metal com madeira, cruzando o rio da Cachoeira Véu da Noiva em desacordo com as pontes de concreto em vários trechos.		x		
• Tratamento paisagístico e instalação de processo participativo nos trechos de balizamento atuais e nas áreas onde esta ação de			x	Confuso

recuperação de trilhas e fechamento de desvios (e atalhos irregulares) são necessários – evitar usar arame farpado.				
• Estabelecimento de processo educativo, e campanhas, para reduzir e direcionar o lixo produzido na trilha.		x		Necessidade de ações constantes.
• Implementação de sinalização eficiente e harmônica com o ambiente em trechos com especial dificuldade para novatos e auto-guiados (trecho em leito de pedra a caminho do cume da Pedra do Sino) e nos desvios para escaladas e fontes de água potável.			x	É necessário.
• Reconstrução do Abrigo 4, com o mínimo sugerido de três sanitários especiais.	x			
• Planejamento, estruturação, sinalização e monitoramento das áreas dos Abrigos 3 e 4 em seus aspectos de: camping, mirante, sanitário e depósito de lixo.		x		Somente no abrigo 4
• Estruturação da trilha com largura regular, uma vez que apresenta larguras distintas em determinados trechos, com motivos que vão além da limitação do relevo.			x	Não é necessário.
• Planejamento, tratamento paisagístico, estruturação, sinalização e monitoramento do Abrigo 2, considerando sua caverna. Deve ser avisado ao visitante sobre riscos com escorpião, presentes no local.			x	Provável confusão com o abrigo 1.
<b>SEDE PETRÓPOLIS</b>				
• Construção de Centro de Visitantes			x	Existe projeto.
• Estabelecimento de efetivo controle de visitantes a partir do Bonfim	x			Portaria com cobrança de ingressos.
⇒ checagem na AD de visitantes portando facão e instrumentos similares.	x			
• Implementação urgente de colegiado de gestão e de monitoramento na AD Petrópolis, com desenvolvimento de projetos complementares a questões específicas do Parque.	x			Conselho consultivo.
• integrar à conservação ambiental, às ações agrícolas, de serviços e de turismo, como forma de evidenciar a presença do Parque Nacional		x		Através do conselho.
• Sinalizar os limites e acessos do PARNASO			x	Falta sinalização na área ocupada dentro do parque, e no acesso para a portaria.
• Normatização, sinalização, supervisão e tratamento paisagístico do processo de coleta de água dentro do Parque Nacional,			x	Chegou a ser elaborada proposta.
⇒ reduzir o número de canos de captação espalhados ao longo da			x	Chegou a ser elaborada proposta.

trilha, dando tratamento paisagístico aos mesmos.				
<b>Trilhas e cachoeiras</b>				
• Planejamento de ocupação, sinalização (padronizada, de acordo com outras áreas do Parque) e monitoramento do Poço Paraíso.		x		Sinalização realizada.
• Recuperar o sistema de trilhas da Sede Petrópolis.		x		Necessidade constante.
⇒ Limpeza e manutenção da trilha, suja de capim, da Portaria até o Poço Paraíso. Com necessário tratamento paisagístico.		x		Limpeza periódica.
⇒ Tratamento paisagístico, recuperação, monitoramento, modelos de intervenção, barramento e balizamento participativo dos vários desvios da trilha, evitando usar arame e sinalização improvisada.		x		Manutenção constante
⇒ Recuperação da drenagem da trilha.		X		
⇒ Tratamento paisagístico, recuperação e sinalização na “Praça do Véu”, retirando indicação na pedra.		x		Sinalização realizada.
⇒ Recuperação urgente (com aplicação de camadas orgânicas e barreiras), balizamento participativo e monitoramento nos desvios e pontos de erosão (já sem horizonte A) nas três subidas principais do trecho denominado de “Rala-Bunda”. Deixando a subida em zigue-zague e fechando as duas verticais.			X	
⇒ Recuperação, balizamento participativo e monitoramento da Pedra do Queijo e da Isabeloca, com desvios, pontos de erosão e supressão da vegetação.		x		Manutenção constante
• Tratamento paisagístico e educativo da grafitação e excesso de marcas de fumaça na Gruta do Presidente, que também deve receber estudo para implantar sanitário e sinalização das trilhas que seguem adiante.			X	
• Estruturação de apoio para visitantes no Açú, sinalização (atualmente quase inexistente) e fiscalização da área.			X	
• Tratamento paisagístico, planejamento, sinalização, estabelecimento de sanitários e monitoramento da área de camping no Açú.			X	
• monitoramento no Ajax (inclusive do “mirante”).			X	
• Monitoramento dos “mirantes” da Crista, próximo ao Açú, e da Pedra do Queijo.			X	

<b>Trilha da Travessia</b>				
• Implantação das propostas orientadas para as Trilhas do Açú e da Pedra do Sino		x		
• Elaboração de estudo visando implantar um pequeno estabelecimento de hospedagem voltada para público de maior poder aquisitivo, próximo da Travessia, em local com regularização fundiária definida, para terceirização, com sanitários especiais. Sugestão de local próximo do Ajax. (treinamento empresarial (executivos - TEAL) e aventureiros acostumados a padrão dos Roteiros de Charme).			X	Não necessário. Interessante abrigo no Açú.
• Implantação de projeto específico elaborado pela equipe do Parque, para recuperação da Travessia.			X	
<b>SEDE GUAPIMIRIM</b>				
• Implantação de novos nomes para campings (“Araçari – ou Fazenda Barreira” e “do Jacú – ou <i>Flora Brasiliensis</i> ), que devem receber tratamento paisagístico, cobertura eficiente para lava-pratos e mais pontos de energia elétrica.	x			Necessita de novas intervenções
• Sistema de trilhas interpretativas ambientais e históricas. Este complexo deve estar voltado para o público em geral, com ênfase para crianças e melhor idade – com opções de acesso auto-guiado ou uso de condutores locais de Barreira, na parte histórica, e dos “Guias Universitários” na parte ambiental. É a recuperação da proposta de Von Martius: “aprender com a natureza, estando nela!”			x	Exite projeto de interpretação de trilhas para a Sede Guapimirim.
• Esclarecer aos visitantes a importância histórica das plantas exóticas presentes na unidade, identificando-as. Este processo deve ser associado a um estudo específico que culmine com a retirada das plantas consideradas não essenciais.			x	
• Recuperação dos sanitários, principalmente nos aspectos de iluminação natural interna, drenagem do chão e infiltração de água pluvial, fazendo uso de telhado harmônico com o ambiente e que facilite escoamento d’água. Estudar novas unidades, em locais como o quiosque da Ponte Velha.			x	
• Ampliação de sua guarita, tornando-a uma Portaria, mais afastada da BR-116.			x	

• Estruturação, tratamento paisagístico e ampliação do estacionamento para ônibus.			x	
• Adequação da lanchonete em local para oficinas de educação ambiental.			x	
• Tratamento paisagístico das mesas e bancos de concreto, com estudo de sombra nos períodos de maior uso.			x	Não há necessidade.
• Implantação da Trilha para o Recanto do Teiú (cerca de 300m), com sinalização e tema interpretativo de história local e regional, relacionado ao Centro de Visitantes e à Capela. Integrar com pré-história regional – no caso, com os Sambaquis de Guapimirim e de Magé; e história e arqueologia sobre a Fazenda da Barreira, explicando componentes desta paisagem.		x		
• Promoção de eventos musicais e teatrais ao ar livre, em espaço específico próximo da Ponte Velha.			x	
• Recuperação, planejamento e monitoramento da Trilha da Capela, com tratamento interpretativo integrado às demais trilhas.			x	Falta sinalização. Dificuldade com cabeças d'água (que levam as placas).
• estudo para implantação de alarme contra acidentes (com sensores) nos Poços para banhos (Verde, da Preguiça e da Ponte Velha)		x		Recuperar informações.
• Estudo para abertura de mais poços para banhos.			x	
• Estudo para reabertura do poço do SOBERBO (BR-116), com acesso pela AD Guapimirim e não pela estrada.			x	Considerado inadequado pela dificuldade de controle do acesso.
• Implementação de um ambulatório, com estratégia de prevenção aos acidentes ofídicos.			x	
• Melhorias no Poço da Preguiça		x		
⇒ Limpeza, recuperação, sinalização, estruturação, tratamento paisagístico e monitoramento da trilha (orientação e controle do erosão superficial).		x		Manutenção constante.
⇒ Implantação de sistema interpretativo com a instalação de um ponto de interpretação ambiental, na trilha.			x	Previsto por projeto em fase final.
⇒ Recuperação de leito calçado da trilha, através de balizamento participativo.			x	Confuso.
⇒ Tratamento paisagístico da ponte de concreto, com estruturação de corrimão, na trilha.			X	
⇒ Implantação de apoios em trecho de aclive, na trilha. E desvio especial em árvores caídas.			X	
⇒ Recuperação de degraus após variante para trilha do Poço		x		Necessidade constante de manutenção.



Verde.				
• Implantar melhorias no Poço Verde				
⇒ Implantação de sinalização na variante da trilha para o Poço da Preguiça.	x			
⇒ Tratamento paisagístico e interpretativo de encanamento metálico de captação de água para Administração, que segue ao lado da trilha (e a cruza em determinado momento).			x	
⇒ Recuperação e tratamento educativo e paisagístico de pedra rabiscada, em ponto que pode sediar a parada de interpretação ambiental, já alterado evidenciando impactos e resposta ambiental.			x	
⇒ Reforma de acesso à parte inferior do Poço.			x	
⇒ Estudar forma de ocupação responsável da gruta em épocas de bastante movimento			x	
<b>MAGÉ</b>				
• Estabelecimento de parcerias para implantação de Sede (Fábrica Andorinhas,			x	
• Implantação de Centro de Visitantes da AD, sediado na antiga pequena central hidroelétrica da extinta fábrica têxtil			x	
• Estudo histórico sobre a região. Considerando: histórica fábrica têxtil – que, segundo relatos, é a primeira fábrica do gênero no país – e sua antiga casa geradora de energia hidroelétrica – hoje sem máquinas. Além de estudar vestígios da presença de escravos nesta região.			x	
• Estudo para implantação de uma trilha de bicicleta para a AD Guapimirim, estimada em 2 horas, atravessando Pau-a-Pique, a Pedreira de Corujas e a BR-116.			x	
• Estudo para implantação de uma trilha de média duração que conduz até uma cachoeira, para banho e para contemplação.			x	Previsto em projeto aprovado para 2006 (financiamento MMA).
• Estudo para implantação de trilha de curta ou média duração, com maior ênfase para recreação e educação ambiental, principalmente com os Guias Universitários.			x	Projeto Guias Universitários não existe mais. Interpretação de 10 Trilhas em andamento.
• Implantação de gestão participativa em Magé	x			Magé representada no Conselho consultivo.
<b>OUTRAS ATIVIDADES</b>				

<b>Escaladas</b>				
• Implantação da “ficha de reserva” para a totalidade das escaladas, proposta pela equipe do Parque.			x	
• Estudo para melhorias no sistema de monitoramento de grupos de escaladores sem autorização.			x	
• Estudo para melhoria no sistema de estacionamento de veículos de escaladores, com alternativas junto à iniciativa privada da BR-116.			x	
• Implantação de divulgação da atividade de escalada junto aos visitantes de outras áreas e atividades do Parque.	x			Realização de Abertura da Alta Temporada, site etc.
• Construção da Casa do Montanhista, abrigando o Centro de Capacitação em Montanhismo (com Muro de Escalada, no antigo camping; para terceirização por organização da sociedade civil), além de abrigar espaço para loja de conveniência em montanhismo e para exposição permanente.	x			Desativada. Atualmente em processo para concessão.
• Construção do Muro de Escalada (de metal e concreto, sendo o mais completo da América do Sul, com altura superior a 13m – visando sediar o Campeonato Sul-Americano fase do Mundial de escalada),	x			Desativado. Reforma desaconselhada pela auditoria. Incluído na concessão da Casa do Montanhista
• Aquisição de equipamento de montanhismo e GPS	x			
<b>Observação de fauna</b>				
• Articulação para construção e operação de Centro Regional de Triagem, podendo ocupar um dos terrenos do IBAMA localizados fora do Parque.			x	Articulação interinstitucional para implantação de CETAS na FESO.
• Estabelecimento de planejamento (com pesquisa, sinalização e folheteria específica), para visualização de animais raros, como o papagaio-de-peito-rosa ( <i>Amazona vinacea</i> ).			x	
• Retomada do citado projeto de “Observação de Aves” do Parque, com divulgação; envolvimento de especialistas; e formação de monitores especialistas. Deve-se integrar às ADs de Guapimirim e de Petrópolis.			x	
• Ampliar cuidados com lixo, que ainda é consumido pelos animais silvestres.			x	
<b>PROGRAMAS ESPECÍFICOS</b>				

Plano de Manejo do Parque Nacional da Serra dos Órgãos

• Programa de Fidelização de Visitantes, Marketing e Divulgação			x	
• Promover eventos esportivos (corrida de aventura)		x		Necessidade de debate e avaliação sobre os impactos.
• Promover treinamentos diversos (com ênfase no treinamento de executivos)		x		Realização de simpósios, cursos e eventos esporádicos.
• Realização de eventos e oficinas periódicas sobre: Hidrologia, Fauna, Flora e Geomorfologia e “Palestras na Serra” do Bonfim			x	
• Flexibilizar horários da equipe do Parque durante eventos.		x		
• Implantar Núcleo de Excelência no Apoio a Pesquisas Especiais. (Mono-Carvoeiro e Campos de Altitude)			x	Proposta de Centro de Referência em Biodiversidade aprovada para 2006 (financiamento MMA).
• Reforçar a imagem de destino para portadores de necessidades especiais e melhor idade			x	
• Implementar “selo ‘Serra dos Órgãos, Serras Imperiais’” de qualidade sócio-ambiental			x	
• Produzir lembranças como estratégia de geração de emprego e renda para grupos socialmente isolados			x	
• Articular com receptivos turísticos		x		Articulação eventual. Foi implantada a Câmara Técnica de Turismo e Montanhismo do Conselho Consultivo.
• Produzir de folheteria temática (exemplo: endemismo e extinção de espécies no Parque), cartazes, CD-ROM, Internet, vídeo e participação nas mídias mais usuais.	x			Internet, folderes, etc.
• Implantar passaporte do visitante (Visitante Amigo do PARNASO)			x	
⇒ direito de acompanhar pesquisas especiais;				
⇒ acesso a roteiros especiais no Parque Nacional da Serra dos Órgãos;				
⇒ descontos na compra de ingressos;				
⇒ doação de lembranças, como camisetas e bonés				
⇒ visitas especiais em outras UC do RJ.				
• Controlar velocidade dos veículos no Parque.		x		Sinalização instalada, fiscalização deficiente.
• Manter os sanitários com material de consumo, além de limpos	x			Necessidade constante.
• Operar guarda-volumes			x	
• Estabelecer parceria por tempo determinado com uma agência ou			x	

Plano de Manejo do Parque Nacional da Serra dos Órgãos

operadora, visando apoiar divulgação de pacotes do Parque em São Paulo				
• Implantar sistema de gestão e monitoramento sócio-ambiental da visitação, com base em estudo permanente sobre o perfil do turista e adaptação no VIM – <i>Visitor Impact Management</i> .		x		Levantamento de perfil em andamento, seguindo modelo do MMA.
• Estabelecer prática de zoneamentos temporários		x		Em incêndios e chuvas excepcionais as trilhas de montanha são fechadas
• Aumentar efetivo de manutenção;	x			Equipe de limpeza e manutenção contratada
• Aumentar efetivo de fiscalização			x	Reduzido.
• Aumentar efetivo de vigilância	x			Ampliação para 8 postos
• Aumentar efetivo de cobrança de ingressos	x			3 portarias com arrecadação
• ampliação na contratação de serviços terceirizados, com os setores de vigilância, de cobrança de ingressos e de manutenção na AD Petrópolis	x			Cobrança, vigilância e apoio administrativo contratados
• Negociar repasse de recursos obtidos com a cobrança de pedágio		x		TAC em negociação com ANTT e CRT.
• Formar, credenciar e supervisionar monitores e condutores de montanha			x	Previsto para 2006.
• Capacitar servidores e funcionários do parque em primeiros socorros regaste, relações interpessoais, mínimo impacto, monitoramento de impacto da visitação, noções de interpretação e educação ambiental.		x		Vários servidores fizeram cursos pontuais nas áreas de manejo de trilhas, educação ambiental, elaboração de projetos, administração etc. e 3 vigilantes foram capacitados em resgate e primeiros socorros



# RELATÓRIO

## III Encontro de Pesquisadores do Parque Nacional Serra dos Órgãos:

*Da ciência ao manejo*



TERESÓPOLIS, 01 A 03 DE DEZEMBRO DE 2005.



## A APRESENTAÇÃO

O III Encontro de Pesquisadores do Parque Nacional da Serra dos Órgãos: Da ciência ao Manejo foi realizado nos dias 01, 02 e 03 de dezembro de 2005 na sede do Parque em Teresópolis -RJ.

O evento contou com a participação de pesquisadores e professores de diferentes instituições de pesquisa além de técnicos do IBAMA.

O objetivo geral do Encontro foi levantar subsídios técnicos para a revisão do Plano de Manejo do Parque Nacional da Serra dos Órgãos - PARNASO.

Ao final do evento, os seguintes resultados foram alcançados:

- ➔ Resultados de pesquisas realizadas no Parque apresentados;
- ➔ Objetivos específicos do PARNASO definidos;
- ➔ Zoneamento preliminar do Parque estabelecido;
- ➔ Ações de manejo propostas.

O empenho e o comprometimento dos participantes foram fundamentais para o alcance dos resultados do Encontro com êxito.

Este documento apresenta os produtos da oficina e relata o desenvolvimento dos trabalhos.

*Andrea Zimmermann*  
Moderadora  
Tel: (61) 9971 9596  
[andreaparques@gmail.com](mailto:andreaparques@gmail.com)







## III Encontro de Pesquisadores do Parque Nacional Serra dos Órgãos:

*Da ciência ao manejo*

# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>2</b>
<b>SUMÁRIO .....</b>	<b>3</b>
<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>4</b>
1.1. OBJETIVO DO ENCONTRO .....	4
1.2. PRODUTOS DO ENCONTRO .....	4
1.3. PROGRAMAÇÃO CUMPRIDA .....	5
1.4. DINÂMICA DOS TRABALHOS .....	7
<b>RESULTADOS.....</b>	<b>9</b>
2.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS DO PARNASO .....	9
2.2. PROPOSTA DE ZONEAMENTO DO PARNASO .....	11
2.3. AÇÕES DE MANEJO .....	19
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>25</b>
3.1. AVALIAÇÃO DA OFICINA .....	25
<b>ANEXO 1 – FOTOGRAFIA DOS PARTICIPANTES</b>	
<b>ANEXO 2 – LISTA DE PARTICIPANTES</b>	



## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As dinâmicas e técnicas de condução do evento foram baseadas em metodologias de discussões participativas visando tirar o máximo proveito do tempo e do esforço investido por cada participante. Os princípios básicos do trabalho realizado são: o respeito às pessoas; a soberania do grupo; a busca de participação e igualdade e a transparência do processo.

Compreende-se a moderadora como uma facilitadora dos processos grupais que:

- Mobiliza a energia criativa e o conhecimento do grupo;
- Oferece técnicas apropriadas para o desenvolvimento dos trabalhos;
- Mantém em andamento o processo participativo;
- Facilita os processos de discussão, privilegiando a pluralidade de opiniões.

### **1.1. OBJETIVO DO ENCONTRO**

---

**Levantar subsídios técnicos para a revisão do Plano de Manejo do Parque Nacional da Serra dos Órgãos.**

### **1.2. PRODUTOS DO ENCONTRO**

---

Os resultados alcançados ao final do evento foram:

- Resultados de pesquisas realizadas no Parque apresentados;
- Objetivos específicos do PARNASO definidos;
- Zoneamento preliminar do Parque estabelecido;
- Ações de manejo propostas.

### 1.3. PROGRAMAÇÃO CUMPRIDA

#### Dia 01/12/05

##### **MANHÃ**

- 8:30 Inscrições**  
**9:00 Abertura**  
**9:20 Apresentação dos participantes e organização geral do evento**  
**9:50 Palestra: Apresentação do Processo de Planejamento das Unidades de Conservação – Inês Dias (DIREC/IBAMA)**  
**10:10 Palestra: A gestão da pesquisa no PARNASO e a revisão do Plano de Manejo –Ernesto Viveiros de Castro (PARNASO/IBAMA)**  
**10:30 Intervalo**  
**10:50 Painel: O conhecimento sobre o Parque Nacional da Serra dos Órgãos:**  
**10:50 Geologia e geomorfologia – Marcos Hartwig (USP)**  
**11:10 Hidrografia/hidrologia - Delmo Vaitsman (UFRJ)**  
**11:30 Vegetação – Jens Wesenberg (Universidade Leipzig)**  
**12:00 Considerações gerais**  
**12:30 Almoço**

##### **TARDE**

- 14:15 Aves – Augusto Piratelli (UFRRJ)**  
**14:30 Répteis/anfíbios – Sergio Potsch (IEF/RJ)**  
**14:45 Insetos – Ricardo Monteiro (UFRJ)**  
**15:00 Outros Invertebrados – Adriano Kury (Museu Nacional)**  
**15:15 Considerações gerais sobre a fauna**  
**15:45 Intervalo**  
**16:30 Uso Público - visitaçã – Andrea Zimmermann (UnB)**  
**16:45 Levantamentos sócio-econômicos – Imara Freire (TerêViva)**  
**17:00 Patrimônio cultural e histórico - Cecília Cronemberger (PARNASO/IBAMA)**  
**17:20 Considerações gerais**  
**17:50 Palestra: Dados e informações complementares – Cecília Cronemberger (PARNASO/IBAMA)**

**Dia 02/12/05**

**MANHÃ**

**8:30 Elaboração dos Objetivos Específicos do PARNASO**

- Apresentação dos objetivos do SNUC para as unidades de conservação e para a categoria que está sendo planejada - Inês Dias (DIREC/IBAMA)
- Redefinição dos objetivos específicos do Parque Nacional da Serra dos Órgãos com base nas novas informações obtidas dos resultados das pesquisas apresentadas.

**10:30 Intervalo**

**10:45** Continuação dos trabalhos

**12:30 Almoço**

**TARDE**

**14:00** Apresentação das zonas definidas no Roteiro Metodológico e dos critérios para a definição destas zonas - Inês Dias (DIREC/IBAMA)

**Trabalho em grupos**

Objetivo: Elaboração de proposta preliminar de zoneamento pelos grupos

**17:00 Apresentação, pelo relator de cada grupo, da proposta de zoneamento da UC em plenária**

- Consolidação da versão preliminar do zoneamento.

**19:30 Encerramento das atividades do dia**

**20:00 Jantar de confraternização** – por adesão

**Dia 03/12/05**

**MANHÃ**

**08:30 Levantamento de propostas de ações para manejo do PARNASO**

- Identificação das pesquisas prioritárias e lacunas de conhecimento (temáticas e geográficas)

**10:00 Intervalo**

**10:15 Continuação dos trabalhos**

**11:30 Palestra: A Câmara Técnica de Pesquisa do PARNASO**

- Maria Fernanda Quintela - Coordenadora da Câmara Técnica de Pesquisa e Diretora do Instituto de Biologia da UFRJ.

**12:00 Encerramento do evento**



#### 1.4 DINÂMICA DOS TRABALHOS

---

O desenvolvimento dos trabalhos no evento ocorreu de acordo com as etapas a seguir apresentadas.

##### **1° PASSO Apresentações sobre o planejamento das Unidades de Conservação – UC e sobre a gestão da pesquisa no PARNASO**

O Encontro iniciou-se com a palestra de Inês Dias da Diretoria de Ecossistemas do IBAMA sobre o processo de planejamento de UC. Em seguida o diretor do PARNASO, Ernesto Viveiros de Castro falou sobre a gestão da pesquisa no Parque e destacou a importância dos resultados das pesquisas para a revisão do Plano de Manejo, já que o desenvolvimento deste documento de planejamento está sendo realizado pela própria equipe do Parque.

##### **2° PASSO Painel: O conhecimento sobre o Parque Nacional da Serra dos Órgãos**

Este painel teve como propósito reunir conhecimentos sobre as diversas áreas e temas que são objeto de pesquisas no Parque. Como pode ser visto na programação do evento, alguns pesquisadores foram convidados para apresentar os resultados das investigações que realizam na UC. Este momento foi realizado durante a manhã e a tarde do primeiro dia.

Paralelamente às apresentações, os participantes foram convidados a compor um painel para identificar as lacunas de conhecimento a respeito do PARNASO e também para sugerirem pesquisas relevantes a serem desenvolvidas.

##### **3° PASSO Estabelecimento dos Objetivos Específicos do PARNASO**

A manhã do segundo dia teve início com a elaboração participativa dos objetivos específicos do Parque Nacional da Serra dos Órgãos. Para auxiliar neste trabalho, Inês Dias fez uma breve apresentação sobre os objetivos do Sistema Nacional de Unidades de Conservação, sobre os objetivos de criação de um Parque Nacional e também resgatou a exposição de motivos que justificou a criação do PARNASO. A partir dessas informações, os participantes, em plenária, definiram os objetivos específicos deste Parque.





#### **4° PASSO Elaboração do Zoneamento do PARNASO**

O zoneamento é um importante instrumento para o manejo de uma unidade de conservação. Para elaborar o zoneamento do PARNASO, Inês Dias fez uma exposição conceitual e em seguida os participantes trabalharam em quatro grupos formados de forma multidisciplinar.

As etapas que orientaram a elaboração do zoneamento foram:

- ➔ Localizar as áreas relevantes relacionadas à pesquisas realizadas no parque (por exemplo: meio físico; flora, fauna, histórico-cultural e usos conflitantes e visitação/atrativos);
- ➔ Traçar as zonas no mapa – considerar as tipologias, os conceitos e critérios definidos no Roteiro Metodológico;
- ➔ Justificativa a proposição de cada zona evidenciando os critérios utilizados.

##### *QUADRO DE JUSTIFICATIVA*

ZONA	Pontos de referência espacial	Justificativa

Após o trabalho em grupos, os participantes apresentaram suas proposições em plenária e em seguida houve um esforço de identificar os aspectos comuns das propostas.

#### **5° PASSO Definição de Ações de Manejo**

Com auxílio da visualização por tarjetas, os participantes elaboraram um painel de sugestões de ações de manejo para o Parque. Os resultados desta e de outras etapas do evento constam no item Resultados deste relatório.

#### **6° PASSO Palestra: A Câmara Técnica de Pesquisa do PARNASO**

A última etapa do evento a palestra da professora Maria Fernanda Quintela - Coordenadora da Câmara Técnica de Pesquisa e Diretora do Instituto de Biologia da UFRJ sobre a Câmara Técnica de Pesquisa do PARNASO.

#### **7° PASSO Avaliação e encerramento**

A avaliação do Encontro foi realizada individualmente pelos participantes com respostas à pergunta: Como você avalia o III Encontro de Pesquisadores do PARNASO? Em seguida, o Ernesto Viveiros realizou o encerramento do evento agradecendo a participação de todos.



# R RESULTADOS

## 2.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS DO PARNASO

---

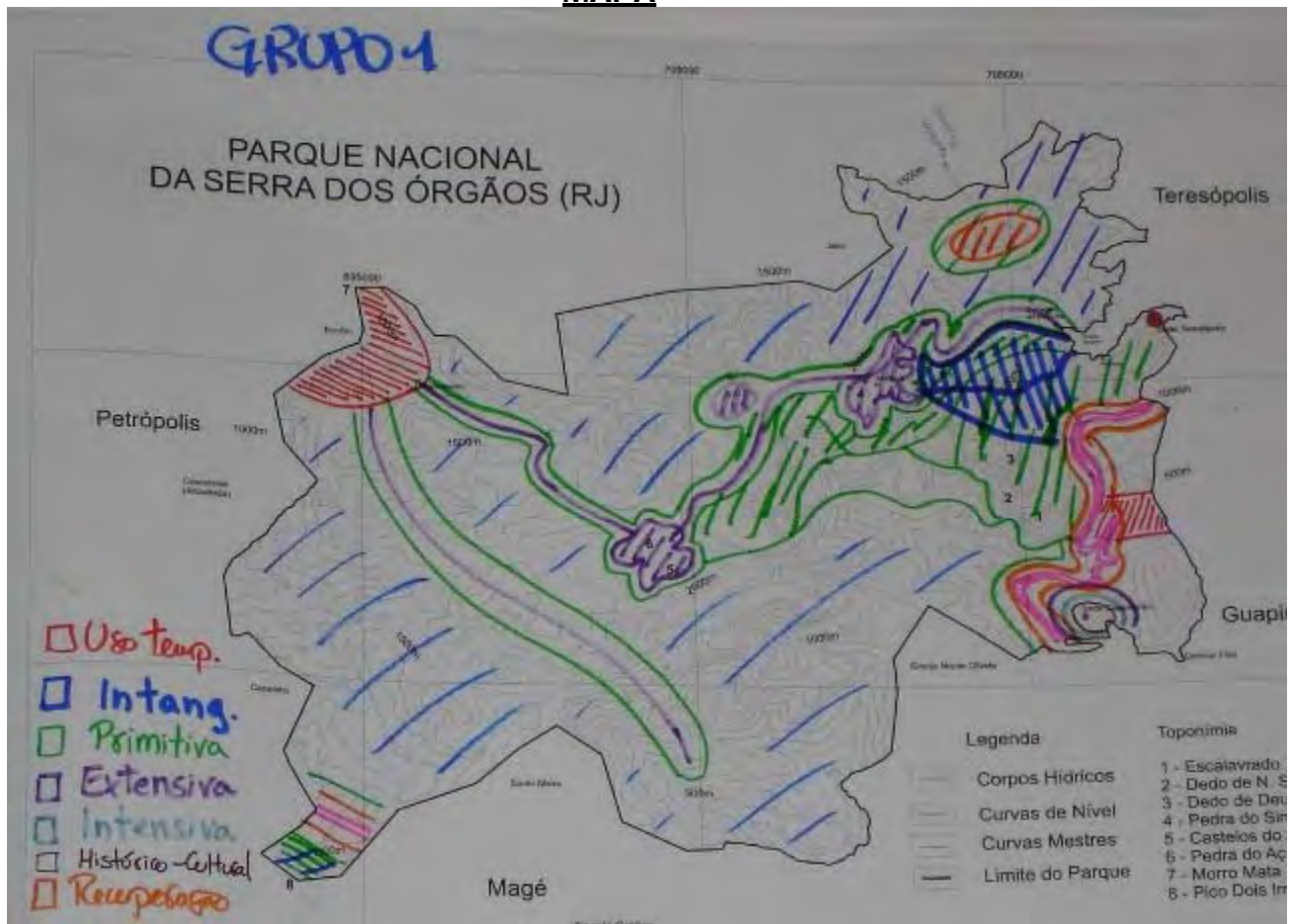
- Preservar as diferentes fitofisionomias e organismos associados ao longo do gradiente altitudinal e nas vertentes da serra.
- Preservar as diferentes fitofisionomias e fauna dos campos de altitude, da floresta pluvial montana, da floresta pluvial sub-montana, da vegetação rupícola e da floresta pluvial alto-montana.
- Preservar área central do Corredor de Biodiversidade da Serra do Mar.
- Preservar espécies raras endêmicas e ameaçadas, tais como: as formações de bambu e sua fauna associada (*não houve consenso*); opilião-de-faixa-neon (*Graphinotus Ornatus*); opilião-de-ferradura-neon (*Graphinotus Therezopolis*) e o opilião-de-jelho-amarelo (*Eletamitobates Squalidus*); anfíbios (*Aplastodisoy Musicusea Flumineus*).
- Preservar o Muriqui-do-sul (*Brachyteles Arachnoides*), um dos primatas mais ameaçados, como espécie bandeira.
- Propiciar a visitação ordenada visando a sensibilização e a valorização dos recursos naturais nas montanhas, trilhas e cachoeiras.
- Promover e incentivar o montanhismo e a escalada respeitando princípios de mínimo impacto e segurança.
- Proteger e democratizar o acesso aos monumentos geológicos de caráter único.
- Conservar atrativos turísticos de importância econômica regional.
- Manter o patrimônio histórico-cultural íntegro e disponível à visitação.
- Conservar elementos singulares da paisagem, tais como: Dedo de Deus e picos associados.

- Possibilitar a utilização do Parque como espaço didático respeitando os princípios de mínimo impacto.
  - Promover a educação ambiental atuando como indutor em nível regional de conceitos e práticas sustentáveis e ambientalmente corretas.
  - Promover a integração das comunidades com o Parque visando a proteção e a minimização dos impactos ambientais sobre os recursos naturais.
  - Proteger os recursos hídricos, especialmente as nascentes e mananciais das bacias hidrográficas que nascem no Parque, tais como: Soberbo, Caxambu, Paquequer e roncadour.
  - Incentivar e dar suporte a pesquisas específicas e interdisciplinares no Parque e Zona de Amortecimento.
  - Incentivar a pesquisa de espécies ameaçadas valorizando as endêmicas.
  - Incentivar pesquisas de longa duração e monitoramento.
- Recomendação: Dar especial atenção à questão de espécies exóticas.*

## 2.2. Proposta de Zoneamento do PARNASO

### Grupo 1

#### MAPA



#### QUADRO DE JUSTIFICATIVA

Zona	Pontos de referência para localização	Justificativa
<b>I - Intangível</b>	Vale do soberbo (limite BR-116) Travessia (campos de altitude) a partir de 100m para a direita/esquerda. Trilha do Rancho Frio e Alto Paquequer.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ausência de trilhas;</li> <li>• Vários gradientes altitudinais representando diversas formações;</li> <li>• Espécies endêmicas e raras.</li> </ul>
<b>II - Primitiva</b>	Segundo trecho da trilha da travessia (Sino-Açú) (acima de 2000m em campos de altitude)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Proteção aos campos de altitude;</li> <li>• Baixo grau de antropização;</li> <li>• Realização de caminhadas e escaladas.</li> </ul>

Zona	Pontos de referência para localização	Justificativa
<b>III - Uso Extensivo</b>	Áreas do segundo trecho da travessia: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Castelos do Açú;</li> <li>• Área Abrigo 4;</li> <li>• Vale das Antas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Existência de infra-estrutura básica</li> <li>• Fluxo freqüente de visitantes especializados</li> <li>• Acampamentos (lugares destinados a esse fim).</li> </ul>
<b>IV - Uso Intensivo</b>	Área da Sede Teresópolis Área da Sede Guapi Área do Portal de Bonfim	
<b>V - Histórico-cultural</b>	Área da Sede de Guapimirim Aqueduto	Existem monumentos históricos como o Museu e a Capela
<b>VI - Recuperação</b>	Trilhas (trechos) Quebra-Frascos e margem da BR-116	
<b>VII - Uso Especial</b>		
<b>VIII - Uso conflitante</b>	BR-116 Linha de Transição	
<b>X - Amortecimento</b>		
<b>IX - Ocupação Temporário</b>	Posto Garrafão Paraíso das Plantas Posse (Guapimirim) Bonfim	



**Grupo 2**

**MAPA**



**QUADRO DE JUSTIFICATIVA**

Zona	Pontos de referência para localização	Justificativa
<b>I - Intangível</b>	Margem esquerda do Rio Soberbo (Vale) até suas nascentes Cota 1500 m – campos altitude A	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Floresta Alto-montana</li> <li>• Nascentes</li> <li>• Campos de altitude</li> <li>• Vegetação de escarpa</li> </ul>
<b>II - Primitiva</b>	Demais áreas não relacionadas	Áreas bem conservadas e de interesse científico
<b>III - Uso Extensivo</b>	Trilha da Pedra do Sino e trilha Travessia	Atrativos turísticos e esportivos auto-guiadas visando menor impacto
<b>IV - Uso Intensivo</b>	Portaria Guapimirim – Capela Portaria Teresópolis – Beija-Flor Abrigo 4	Onde estão o Centro de Visitantes, piscinas, trilhas mais próximas. Ocorre visitação maciça.

Zona	Pontos de referência para localização	Justificativa
<b>V - Histórico Cultural</b>	Capela Nossa Senhora (próximo a Sede Guapimirim)	Atrativo cultural/histórica
<b>VI - Recuperação</b>	200 m do entorno do PARNASO Entorno da BR-116	Áreas impactadas com pressão humana
<b>VII - Uso Especial</b>	Sede Guapimirim Sede Teresópolis Portal Bonfim	Uso administrativo do parque. Sedes administrativas
<b>VIII - Uso Conflitante</b>	Barragens CEDAE (Parque Nacional, Britador e Beija-Flor) BR-116	Área de outorga ou uso público
<b>IX - Ocupação Temporária</b>	Residências na região conhecida como Garrafão e Bonfim	Ocupações humanas dentro do Parque

**Grupo 3**

**MAPA**



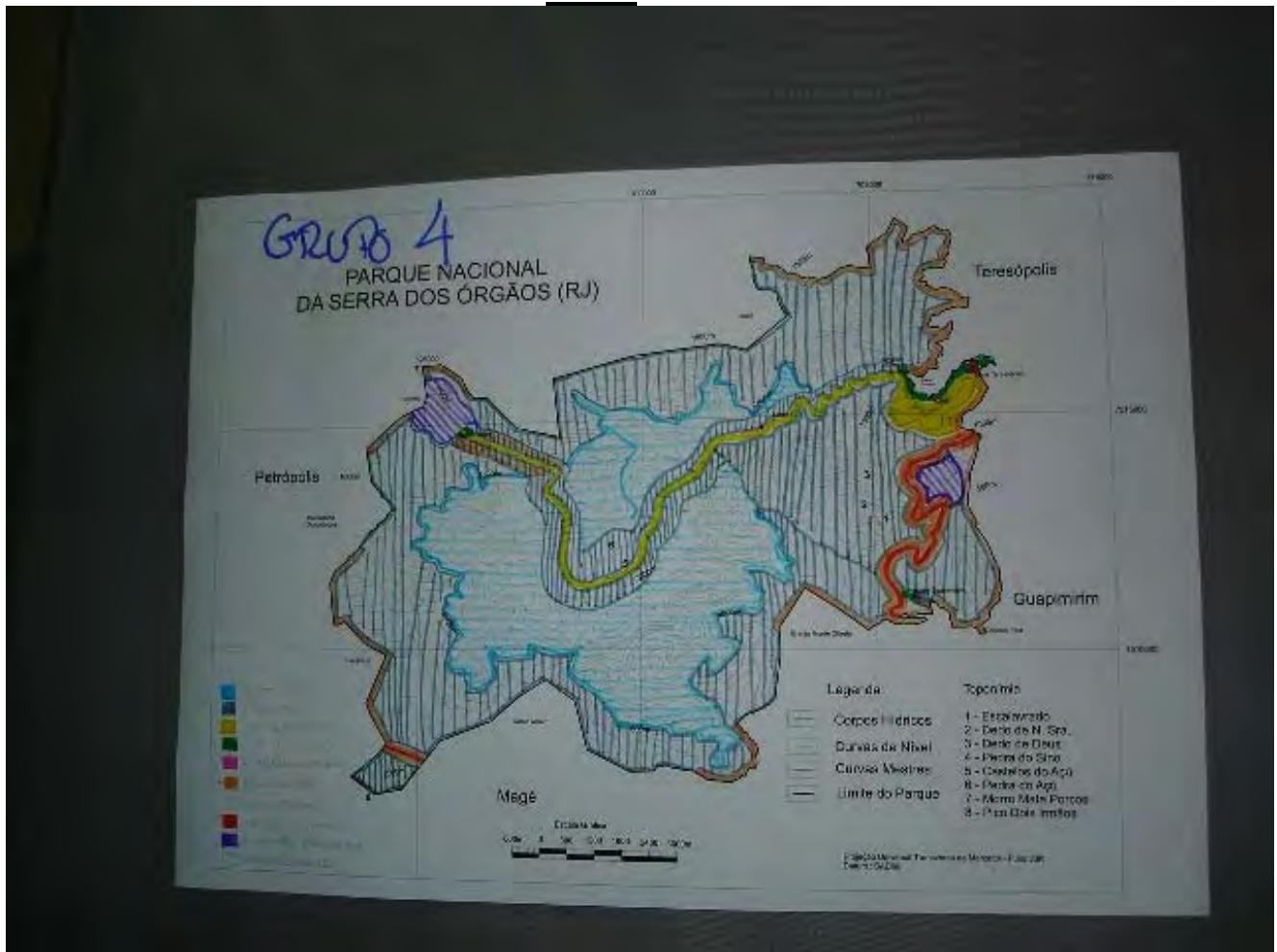
## **QUADRO DE JUSTIFICATIVA**

<b>Zona</b>	<b>Pontos de referência para localização</b>	<b>Justificativa</b>
<b>Amortecimento</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Limite da APA Petrópolis;</li> <li>• Margem direita do rio Piabanha, excluindo áreas urbanas consolidadas;</li> <li>• Bacia do caxambu</li> <li>• Margem direito do rio Palatinato, excluindo áreas urbanas consolidadas;</li> <li>• Vertente sul da bacia da Baía de Guanabara, dentro dos limites da APA Petrópolis.</li> </ul>	
<b>Temporário</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Bonfim</li> <li>• Garrafão</li> <li>• Bacia do Rio Bananal</li> <li>• Margem dita do Itamarati e margem esquerda do Córrego Ponte de Ferro acima de 1300m</li> </ul>	Áreas ocupadas anteriores ao Decreto de Delimitação (1984).
<b>Conflitante</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• BR-116, com a faixa de 30m para cada lado</li> <li>• Faixa de servidão da latitude</li> <li>• Captações de água</li> </ul>	Atividades conflitantes.
<b>Uso Especial</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sedes</li> <li>• Próximo a área urbana de Teresópolis abaixo de 1200m</li> <li>• Guapimirim abaixo da cota 400m</li> </ul>	Pressão antrópica e necessidade de fiscalização intensa Ações gerenciais
<b>Recuperação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Bonfim – “Fogo”</li> <li>• Fazenda Boa Esperança – “Fogo”</li> </ul>	Fogo
<b>Histórico Cultural</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Museu</li> <li>• Capela</li> <li>• Ruínas</li> </ul>	Patrimônio tombado
<b>Uso Intensivo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sedes (junto, próximo)</li> <li>• Teresópolis</li> <li>• Guapimirim</li> <li>• Bonfim (Petrópolis)</li> </ul>	Áreas de fácil acesso Visitação / uso público Centros de visitantes
<b>Uso Extensivo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Limite em Santo Aleixo até a cota 500m</li> <li>• Entre o soberbo /ZT acima de 400m, abaixo da BR-116</li> <li>• Trilha até o Sino</li> <li>• Do Açú ao Bonfim</li> </ul>	Visitação Pressão antrópica Áreas alteradas
<b>Primitiva</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Trilha entre o Sino e o Açú</li> <li>• O resto</li> </ul>	Florestas em estágios avançados de sucessão Nascentes
<b>Intangível</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acima de 1800m</li> <li>• Vertente norte do Soberbo (margem dita)</li> </ul>	Campos de altitude Floresta conservada Nascentes



**Grupo 4**

**MAPA**



**QUADRO DE JUSTIFICATIVA**

Zona	Pontos de referência para localização	Justificativa	Observações
<b>Uso Extensivo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Com pontos mais largos nos locais de acampamento</li> <li>• Faixa de +/- 2m em torno da trilha da travessia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Trilha bem estabelecida utilizada regularmente, mas com acesso controlado com abrigos ao longo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pontos de acampamento deverão ser estabelecidos no plano de manejo</li> <li>• Possibilidade de instalação de abrigo no Açú</li> <li>• Possibilidade de instalação de sanitários</li> </ul>
<b>Histórico-Cultural</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Museu, capela e ruínas na sede de Guapimirim</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Presença de sítios históricos e arqueológicos</li> </ul>	



Zona	Pontos de referência para localização	Justificativa	Observações
<b>Primitiva</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A partir da zona de uso intensivo da sede de Teresópolis e uso conflitante da BR-116, até encontrar o rio Soberbo</li> <li>• 100m em torno da Zona de Uso Extensivo da trilha da travessia</li> </ul>	Área pouco perturbada com uso por montanhistas	
<b>Uso Intensivo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sede de Teresópolis, estrada e barragem com faixa de 50m ao longo da estrada</li> <li>• Portaria do Bonfim</li> <li>• Sede de Guapimirim</li> </ul>	Presença de infra-estrutura para uso público e administração do PARNASO	
<b>Conflitante</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Barragem</li> <li>• Linha de transmissão e faixa de domínio</li> <li>• Estrada Rio-Teresópolis (BR-116) e faixa de domínio</li> </ul>		
<b>Ocupação Temporária</b>	Condomínio do Garrafão e Bonfim	Presença de População	
<b>Recuperação</b>	Limitada pela cota 1500m, da trilha da travessia próximo do Bonfim, até encontrar o Córrego do Sossego, quando desce até a cota 500m até encontrar o rio Santo Aleixo, subindo até a cota 1000m e seguindo até encontrar o rio Soberbo, que fecha a zona intangível. Faixa de 50m em torno das zonas de uso conflitante, ocupação temporária, limites com área urbana de Teresópolis		
<b>Intangível</b>	Limitada pela cota 1500m, da trilha da travessia próximo do Bonfim, até encontrar o Córrego do Sossego, quando desce até a cota 500m até encontrar o rio Santo Aleixo, subindo até a cota 1000m e seguindo até encontrar o rio Soberbo, que fecha a zona intangível.		
<b>Primitiva</b>	Da zona de recuperação da linha de transmissão até os limites do Parque no Pico Dois Irmãos		



### **CONSENSOS DEFINIDOS A PARTIR DOS TRABALHOS DOS GRUPOS**

<b>Zona de Uso Intensivo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sede de Teresópolis, estrada e barragem com faixa de 50m ao longo da estrada</li> <li>• Portaria do Bonfim</li> <li>• Sede de Guapimirim</li> </ul>
<b>Zona de Uso Extensivo</b>	<b>Trilhas:</b> Barragem – Sino Bonfim – Açú Sede Teresópolis Bacia de Santo Aleixo até a cota 400m
<b>Zona Primitiva</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Margem esquerda do Soberbo até +/- Dedo de Deus</li> <li>▪ Vale do Bonfim a cota 1500m</li> </ul>
<b>Zona Intangível</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Bacia do Paquequer abaixo do caminho das orquídeas.</li> <li>▪ Margem direita do Itamarati e margem esquerda do Córrego Portal de Ferro acima de 1300m</li> <li>▪ No vale do Bonfim acima de 1500m (propostas dos grupos 3 e 4).</li> <li>▪ No limite do Parque, no divisor de águas do Rio Bananal, até a cota 700m, desce para a margem direita até a cota 500m e segue até o Córrego do Sossego.</li> </ul>
<b>Zona de Uso Temporário</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Garrafão, Bonfim</li> </ul>
<b>Zona Histórico-Cultural</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Capela, Museu e ruínas / Sede de Guapimirim</li> </ul>
<b>Zona Uso Conflitante</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Linha de transmissão / barragens / BR116</li> </ul>
<b>Zona Uso Especial</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sedes Guapimirim/Teresópolis, próximo à área urbana de Teresópolis abaixo de 1200m</li> <li>▪ –</li> </ul>
<b>Zona de Recuperação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Proposta do Grupo 4 – exceto no entorno da área urbana de Teresópolis e ao sul, na área do Monte Oliveti + área incêndio 2004. (faixa de 100m em relação ao limite Parque).</li> </ul>

Não houve consenso quanto ao zoneamento do trecho da travessia entre o Açú e a Pedra do Sino. Houve duas propostas: zona de uso extensivo e zona primitiva com bolsões de uso extensivo nos pontos de acampamento.

## 2.3. AÇÕES DE MANEJO

### Pesquisa e Monitoramento

#### Quais são as lacunas de conhecimento do PARNASO?

- Grupos de estudos sistemáticos sobre diversidade (vários táxons) ao longo do gradiente altitudinal;
- Distribuição das populações de árvores no âmbito regional;
- Quase nada se sabe sobre a fauna de répteis;
- Avaliação da disponibilidade hídrica e caracterização hidrogeológica nos limites do PARNASO;
- Invertebrados terrestres (outros):
  - Turbellaria;
  - Oligochaeta;
  - Tardigrada;
  - Hirudínea;
  - Onychophora
  - Oniscidea.
- Percepção das comunidades do entorno quanto à importância do PARNASO.
- Movimentos da fauna de grandes vertebrados entre PARNASO e entorno.
- Pressão extrativista (fauna e flora).
- Incentivar estudos de espécies animais com status de dados insuficientes (IUCN).
- Composição da fauna, flora, componentes abióticos, vertente de Petrópolis.
- Araneae – um grupo mega diverso, com 38 mil espécies não possui nem lista de espécies para o parque.
- Enquadramento dos corpos d'água de acordo com a nova resolução (abril/2005).
- Vazões e comportamento sazonal da qualidade da água.
- Composição e distribuição da Ictiofauna.
- Estudos ornitológicos em campo de altitude.

#### Quais estratégias de monitoramento utilizar e quais pesquisas realizar?

- Modelar a relação: crescimento urbano x modificação das espécies do PARNASO ou região e alterações microclimáticas.
- Monitoramento de indicadores ambientais.
- Monitorar a presença de espécies exóticas nos campos de altitude, para prevenção de contaminação ambiental.

- Monitorar espécies próximo à BR-116 e à linha transmissão.
- Viabilizar o SIMBIO ou criar um programa de monitoramento da fauna.
- Biomonitoramento voluntário dos rios, acompanhado do monitoramento previsto na legislação.
- Monitoramento das vazões dos rios do PARNASO.
- Monitoramento sistemático das águas de mananciais do PARNASO, abrangendo os limites do parque, Teresópolis, Petrópolis e Guapimirim.
- Estudar e monitorar a qualidade da água de cada Bacia do PARNASO (parâmetros micro-biológicos e físico-químicos).
- Incentivar estudos de monitoramento de espécies ameaçadas, raras e endêmicas.
- Estudos e monitoramento dos impactos da visitação.
- Promover estudos de impacto de visitantes nas principais trilhas (Sino, Bonfim-Açú, Sino-Açú) sobre a fauna.

#### **Sugestões de pesquisas e ações relacionadas**

- Reunir documentação histórica sobre a biodiversidade local.
- Atualizar a nomenclatura das listas de espécies das publicações antigas.
- Incentivar o desenvolvimento de estudos contínuos relacionados ao clima e de poluentes aerotransportados.
- Promover pesquisas que permitam compreender o impacto de ações antrópicas ao ecossistema do parque. Por exemplo: BR-116.
- Adotar as unidades paisagísticas com o foco da atuação interdisciplinar.
- Estudar a viabilidade e necessidade de suprimir espécies exóticas.
- Aproveitar estudos em:
  - a) outras unidades de conservação com características semelhantes (ex. Parque nacional da Tijuca);
  - b) vegetação x geomorfologia e deslocamento de encostas e erosão.
- Estudar os efeitos das atividades antrópicas sobre a biodiversidade ao longo do tempo.
- Reconhecimento e levantamento do corredor ecológico Parque – entorno.
- Estimular estudos do status de saúde ambiental, a fim de formar uma base de conhecimento para a implementação de projetos de corredores ecológicos.
- Mapeamento geral da vegetação (ou ambientes naturais) e pesquisa posterior mais detalhada das unidades identificadas.
- Levantamento taxonômico de Arachnida, como foco em Araneae & Opiliones.

- Fazer pesquisa de mercado para avaliar o custo-benefício do turismo no Parque.
- Agregar as listas de espécies, dados sobre distribuição em relação à significação dos registros.
- Avaliar efeito das captações de água sobre a fauna relacionada a anfíbios, insetos, peixes.
- Incentivar a realização de pesquisas em grupos bons bioindicadores (por exemplo: borboletas, insetos aquáticos e anfíbios).
- Incentivar pesquisas nos campos de altitude.
- Qualificação e quantificação dos usos de água pelas comunidades do entorno.
- Realizar pesquisas para analisar a qualidade da visitação no Parque.
- Incentivar estudos de fauna e flora relacionados ao gradiente altitudinal.
- Influência da integridade paisagística e qualidade de água dos riachos na fauna aquática;
- Incentivar estudos de regeneração ao longo de um gradiente altitudinal.

## **Operacionalização**

- Promover a regularização fundiária, especialmente na área de Santo Aleixo, Bonfim, dentre outras.
- Sistematizar as informações sobre o PARNASO e mantê-las atualizadas.
- Instalar um sistema de rádio e comunicação eficiente e de longo alcance.
- Viabilizar, através de convênios e parcerias, programa de voluntariado.
- Implementação de programa de trabalho voluntário para manutenção de trilhas, educação ambiental, etc.
- Ação: criar estações meteorológicas ao longo do gradiente altitudinal.

## **Proteção e Manejo**

- Elaborar um programa detalhado de fiscalização.
- Estabelecer rotina de fiscalização para identificação de áreas impactadas.
- Monitorar e fiscalizar o acesso de pessoas não autorizadas a partir da BR-116.
- Incentivar o manejo, controle e/ou erradicação de espécies exóticas invasoras.
- Proteger e gerir os mananciais em termos qualitativos e quantitativos.



- Implantar sistema de monitoramento ambiental com base em geoprocessamento e sensoriamento remoto.
- Adotar as bacias hidrográficas como unidade de análise.
- Favorecer o resgate de áreas contíguas com outras UC.
- Realizar a implementação das vias de transposição em relação à rodovia.
- Instalar um sistema informatizado de prevenção a incêndios.
- Fiscalização dos fragmentos isolados não contemplados nos projetos atuais.
- Criar um banco de dados sobre a fauna e flora do PARNASO.
- Desenvolver programa de recuperação de áreas degradadas.
- Controlar a visitação na trilha da Travessia Petrópolis-Teresópolis visando minimizar o impacto ambiental dessa atividade nos campos de altitude.
- Estabelecer rotinas de fiscalização no percurso da travessia, orientando e monitorando a visitação.

### **Educação Ambiental**

- Promover a visitação visando à educação ambiental com instituições de ensino.
- Promover a educação ambiental através da divulgação dos resultados das pesquisas desenvolvidas no PARNASO.
- Instalar exposições permanentes e temporárias nos centros de visitantes como informações sobre uso público, pesquisa, etc.
- Promover a integração das pesquisas com os professores locais
- Incluir os pesquisadores das distintas áreas na educação ambiental.
- Organizar passeios guiados.
- Melhorar a infra-estrutura do herbário e incorporá-lo à visitação como instrumento de educação ambiental (principalmente crianças).
- Promover a “valorização” da fauna como instrumento de sensibilização e educação ambiental.
- Promover o encontro de pesquisadores com os educadores.
- Fomentar a criação de documentários e guias ilustrados de insetos como ferramenta de educação e conservação. É um grupo animal que todo visitante vai observar.
- Incentivar publicação e comércio de guias de campo.

### Visitação

- Restaurar capela e centro de visitantes Von Martius.
- Fornecer infra-estrutura para despertar a conscientização ambiental dos turistas (placas, áudio e vídeo, trabalho voluntário, etc).
- Implantar programa de monitoramento e manutenção de trilhas.
- Realizar manutenção periódica em trilhas, especialmente: Sino, Açú, Dedo de Deus.
- Construir centro de visitantes na Sede Petrópolis (Bonfim).
- Estudar viabilidade de implantação de novas trilhas de uso intensivo nas sedes.
  
- Implantar um Sistema de Segurança do visitante:
  - Organizar um GVBS ou similar;
  - Definir uma frequência UHF para uso em casos de emergência;
  - Firmar convênios com serviços de segurança pública;
  - Criar um registro de acidentes para monitorar a segurança do visitante.
- Instalar abrigo de montanha próximo aos Castelos do Açú.
- Definir o número máximo de visitantes em cada área do PARNASO e embasar esse número com informações técnicas que serão fornecidas ao turista.
- Melhorar os painéis de informação acerca do ecossistema e de espécies nas trilhas.
- Elaborar um guia escrito.
- Disponibilizar de mapas topográficos em escala compatível para navegação terrestre.
- Colocar sinalização adequada em trilhas auto-guiadas.
- Equipar a área do antigo Abrigo 3 com placa e sanitário seco.
- Criar produtos de qualidade com a marca PARNASO para venda nas lojinhas dos centros de visitação.
- Estimular a visitação em dias de semana.

### Integração Externa

- Melhorar a relação com os centros de triagem de animais silvestres e investir em programas efetivos de readaptação e introdução destes animais.
- Participar nas tomadas de decisão com relação ao uso da água, promovendo a manutenção e formação de Comitês de Bacias e fornecendo embasamento técnico científico.
- Incentivar e criar condições para visitação e educação ambiental pela comunidade do entorno.

- Entrar em contato com o INCRA buscando parceria para promover a regularização fundiária do Parque.
- Convênio com instituições, por exemplo: FESO.
- Convênio com a FESO
  - Atendimento dos animais apreendidos e resgatados no hospital veterinário;
  - Centro de reabilitação de animais selvagens;
  - Integrar o grupo de estudo de animais selvagens – CEPAS com pesquisa no PARNASO.
- Buscar convênios/programas de parcerias com empresas e ONG.
- Participar ativamente das discussões de expansão urbana.
- Promover a integração Parque – Secretarias de Educação (estadual e municipal).

### **Alternativa de Desenvolvimento**

- Promover a educação ambiental envolvendo ações que capacitem as comunidades do entorno no desenvolvimento de atividades compatíveis com a preservação em parceria com o SEBRAE, EMATER, etc.
- Capacitar e cadastrar condutores de visitantes.
- Estimular a melhoria da infra-estrutura do mirante do Soberbo.
- Fomentar ecoturismo nas comunidades do entorno.
- Estimular a criação de estrada-parque na BR 495 - Teresópolis – Itaipava.
- Estudar a viabilidade de comercializar produtos produzidos na comunidade.
- Planejar e implantar um programa de turismo-científico.

### **Outros Temas/Assuntos**

- Estudar a viabilidade de ampliação do PARNASO na vertente da serra e outras áreas preservadas;
- Priorizar florestas de “terras baixas” (floresta ombrófila submontana) quando da ampliação do Parque;
- Servir como modelo orientador de recuperação e manutenção de áreas de interesse ambiental coletivo;
- Promover benefícios para as populações, comunidades lindeiras;
- Criar programa de voluntariado para pesquisadores ajudarem a executar este monte de tarefas.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### 3.1. AVALIAÇÃO DA OFICINA

---

A avaliação dos participantes a respeito da oficina é apresentada, na íntegra, a seguir:

➔ O III Encontro foi muito interessante e mudou minha visão sobre o “uso” do Parque na educação.

➔ A minha avaliação pode ser resumida em duas palavras: totalmente excelente! (Vitor Costa)

➔ Considero esses encontros no PARNASO extremamente produtivos e espero que continue a acontecer nos anos que virão. Como pesquisador, acho gratificante poder contribuir para o Parque com dados, informações e idéias. Não fossem os encontros, a distância entre pesquisadores e o parque seria muito maior. O PARNASO está dando um exemplo de como deve ser a relação entre IBAMA-Governo-UC e pesquisadores. (H. Rajão)

➔ Ponto positivo: todo o trabalho foi bem conduzido pela Andrea.

Ponto negativo: um maior número de trabalhos deveriam ter sido apresentados com menos tempo de apresentação e maior objetividade.

➔ Acho muito importante aproveitar encontros como esse para nortear os rumos da necessidade de manutenção das UC. Acho que só poderia se estender por mais dias para refinar melhor as opiniões.



- ➔ Produtivo e esclarecedor!
  
- ➔ Destaco a diferente forma de participação do pesquisador em eventos em que não há apresentação formal do “seu” projeto de pesquisa e sem sua capacidade de traduzir os resultados em ações efetivas, institucionalizando as experiências acadêmicas/teóricas.
  
- ➔ O encontro foi excelente para discutir o conhecimento científico aplicado ao manejo da UC. Entretanto, a discussão dos dados científicos em si, dos padrões e resultados encontrados à luz das teorias e conhecimentos científicos foi escassa e quase nula. Ou seja, o encontro cumpriu seu objetivo, mas foi mais técnicos e pouco “científico”. (André Cunha)
  
- ➔ Achei muito interessante a participação dos pesquisadores na etapa inicial da elaboração do Plano de Manejo do PARNASO. Sugiro um novo encontro para a apresentação do Plano de Manejo pronto. Sugiro também um evento para os pesquisadores apresentarem suas pesquisas. (Renato Rodrigues/UFF)
  
- ➔ O III Encontro de Pesquisadores do PARNASO explicou, esclareceu, atualizou e direcionou para o Conselho Consultivo do PARNASO, o rumo o Plano de Manejo. Foi muito bem conduzido e planejado. Faltou mais participação dos pesquisadores.



*Da ciência ao manejo*

- ➔ O encontro foi muito proveitoso. A oportunidade de reunir tantas linhas temáticas de pesquisa e visões de mundo em um só tempo/espaço é algo único.
- ➔ Considero a experiência adquirida no encontro bastante proveitosa. Faço uma avaliação bastante otimista e promissora quanto ao futuro da pesquisa, do manejo e da gestão do PARNASO. Parabéns aos organizadores e aos pesquisadores presentes. (Daniel Gomes Pereira / UFF)
- ➔ Achei o III Encontro de Pesquisadores bem proveitoso e organizado.
- ➔ Muito bom! A participação do grupo foi muito boa, contribuindo com responsabilidade para o Plano de um modo geral. A mobilização aumentou a partir do encontro.
- ➔ A reunião foi muito produtiva e atingiu os seus propósitos, com resultados muito importantes para o Plano de Manejo do Parque.
- ➔ Percebi no III Encontro de Pesquisadores um clima de cordialidade e fluidez que demonstrou que isso pode ser atingido aliado à competência técnica. O grupo conseguiu maximizar a objetividade mostrando grande disposição, energia e dinamismo. Para mim, foi uma experiência muito positiva. A interação é possível e desejável!
- ➔ Gostaria de parabenizar a equipe organizadora que soube planejar, conduzir e executar o evento e a participação da equipe e dos colaboradores. Além de trazer informações para o Plano de Manejo, foi um aprendizado para todos os



*Da ciência ao manejo*

participantes pela multidisciplinaridade. Eventos semelhantes devem ser realizados e incentivados periodicamente. Obrigado, Sergio Potsch

➔ O III Encontro de Pesquisadores do PARNASO significou uma etapa muito importante no caminho da solidificação da área de pesquisa no Parque. O encontro foi muito bem organizado!

➔ Avalio o III Encontro de Pesquisadores como bastante satisfatório pois conseguiu reunir uma grande parcela dos pesquisadores que trabalham dentro do PARNASO. A divulgação de suas respectivas informações contribuiu para que houvesse uma noção bastante ampliada do que anda acontecendo. Destaco a participação de grupos interdisciplinares no zoneamento do PARNASO.

➔ Iniciativas como estas devem se tornar modelos. O PARNASO está de parabéns pela implementação da nova gestão participativa, onde os conceitos técnicos e populares são confrontados e levados em consideração para resolução dos problemas e das novas medidas que serão tomadas por parte de sua administração. Além disso, esse evento foi de grande valia para o melhor entendimento por parte de nós, pesquisadores, de como são elaborados os Planos de Manejo e que tipo de informação precisa ser gerada por nós para um melhor suporte ao gerenciamento das UC. (Vanderson Vaz)



## ANEXO 1 – FOTOGRAFIA DOS PARTICIPANTES





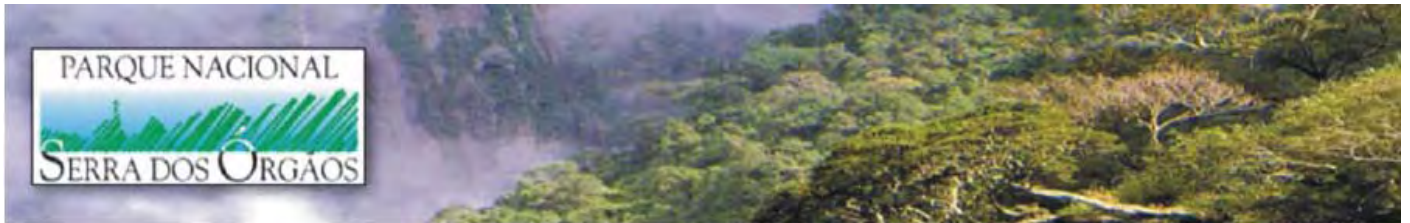
## Anexo 2: Lista de Participantes

NOME	INSTITUIÇÃO	EMAIL
Adriano Kury	MUSEU NACIONAL	adrianok@gmail.com
Adriano Luz	IEF	adriano.luz74@gmail.com
Alcides Pissinatti	FEEMA	pissinaticprj@terra.com.br
Alexandre Garcia Monteiro	Escola Agrícola C.I.A	halexxgm@hotmail.com
Ana Telles	UNIRIO	atelles@unirio.br
André Cunha	UFRJ	cunha@biologia.ufrj.br
Andrea Zimmermann	UnB	andreaparques@gmail.com
Augusto Piratelli	UFRRJ	pirateli@ufrj.br
Bruno Coutinho	Inst. Terra Nova	brunocoutinho@terranova.org.br
Carlos L. Castelo Grande	PARNASO	castelofernandes@hotmail.com
Carolin Seele	UNIV.LEIPZIG	carolinseele@yahoo.de
Cecilia Cronemberger de Faria	PARNASO	cecilia.faria@ibama.gov.br
Cesar Pardo	PARNASO	cesarpardo@ig.com.br
Daniel Pereira	UFF	danielgomesvet@yahoo.com.br
Daniel Toffoli	PARNASO	
Delmo Vaitsman	UFRJ	lad@ig.ufrj.br
Eduardo Rubião	FESO	edurubiao@yahoo.com
Elba Santos	INT	elbasant@int.gov.br
Ernesto Viveiros de Castro	PARNASO	ernesto.castro@ibama.gov.br
Flávio Luiz de Castro	IEF (TRES PICOS)	flaviolcj@hotmail.com
Fumi Saito	PARNASO	fumisaito@terra.com.br
Gilberto Terra	UFSCAR	gillfloresta@yahoo.com.br
Guilherme Butter Scofano	UFF - PIN	guilherme.butter@bol.com.br
Guilherme Silva Andreoli	PARNASO	g.andreoli@clic21.com.br
Henrique Lazzarotto	UFRJ	kiko_lazzaroto@yahoo.com.br
Henrique Rajão	UFRJ	rajao@biologia.ufrj.br
Imara Freire	TereViva	imarafreire@terra.com.br
Inês Dias	IBAMA/DIREC	inês.dias@ibama.gov.br
Jens Wesenberg	UNIV. LEIPZIG	wesenb@uni_leipzig.de
Leonardo Freitas	TERRA NOVA	leodefritas@terranova.org.br

<b>NOME</b>	<b>INSTITUIÇÃO</b>	<b>EMAIL</b>
Luiz Carlos Pires	UFRJ/UERJ	pireslcm@uerj.br
Marcello Guerreiro	UFRRJ	
Marconny Gerhardt	FIOCRUZ	marconny@ioc.fiocruz.br
Marcos Hartwig	USP	marcoshartwig@yahoo.com.br
Marcus Vieira	UFRJ	mvvieira@biologia.ufrj.br
Maria Fernanda Quintela	UFRJ	mfquintela@uol.com.br
Marisa Rocha	UERJ	mrocha@iprj.uerj.br
Miguel Freire	UFRJ	furtadofreire@hotmail.com
Natália Quinete	INT	natalia@int.gov.br
Noêmia Figueiredo	UFRJ	noemiafigueiredo@yahoo.com.br
Octavio Lisboa	FESO	octaviolisboa@hotmail.com
Renato Rodrigues	UFF	renatorodrigues.rj@globo.com
Ricardo Grenha	UFRRJ	rmgrenha@globo.com
Ricardo Monteiro	UFRJ	monteiro@biologia.ufrj.br
Roberto Vancini	PARNASO	Roberto.lima@ibama.gov.br
Sérgio Potsch	UFRJ	sergio@biologia.ufrj.br
Sheila Butter Scofano	Escola Agrícola C.I.A	sbutter@uol.com.br
Tiago F. de Albuquerque	UFRJ	albuk22@hotmail.com
Vanderson Vaz	FIOCRUZ	vvaz@ioc.fiocruz.br
Victor G. Dill Orrico	MUSEU NACIONAL	victordill@gmail.com
Vitor dos Santos Costa	Escola Agrícola C.I.A	
Vivian Flinte	UFRJ	flinte@biologia.ufrj.br
William Zamboni	UFF	zamboni@geoq.uff.br







## RELATÓRIO

# Reuniões Abertas com as Comunidades

Teresópolis, Guapimirim, Santo Aleixo,  
Alcobaça e Jacó



*Parque Nacional da Serra dos Órgãos  
Atualização do Plano de Manejo*

**Março de 2006**



# A PRESENTAÇÃO

O Plano de Manejo do Parque Nacional da Serra dos Órgãos foi elaborado em 1979 e publicado em 1980. Em 2005, com o apoio e sob orientação da DIREC, a equipe técnica do PARNASO iniciou o processo de atualização do Plano de Manejo da UC, com conclusão prevista para o ano de 2006.

Seguindo as diretrizes da Lei 9.985/2000, que, em seu capítulo II, art. 5º, assegura **“a participação efetiva das populações locais na criação, implantação e gestão das unidades de conservação”**, foram realizadas cinco reuniões abertas nas principais comunidades do entorno do PARNASO, com o objetivo de divulgar o processo de atualização do Plano de Manejo, e ouvir a população no que se refere às suas percepções e expectativas em relação ao Parque.

Ao final dos eventos, os seguintes resultados foram alcançados:

- Levantamento da percepção das comunidades sobre os limites do Parque em cada município;
- Identificação dos principais problemas ambientais percebidos em cada município;
- Identificação dos significados do Parque para as comunidades do entorno;
- Levantamento das expectativas das comunidades do entorno em relação ao Parque
- Identificação de parceiros potenciais no entorno do Parque.

A participação e o comprometimento dos participantes foram fundamentais para o alcance dos resultados dos Encontros com êxito.

Este documento apresenta os resultados dos encontros e relata o desenvolvimento dos trabalhos.

*Renata de Faria Brasileiro  
Analista Ambiental  
IBAMA / PARNASO*

# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>SUMÁRIO.....</b>	<b>2</b>
<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>3</b>
<b>RESULTADOS .....</b>	<b>5</b>
REUNIÃO ABERTA COM A COMUNIDADE DE TERESÓPOLIS.....	5
REUNIÃO ABERTA COM A COMUNIDADE DE GUAPIMIRIM .....	8
REUNIÃO ABERTA COM A COMUNIDADE DA CASCATINHA/PETRÓPOLIS.....	13
REUNIÃO ABERTA COM A COMUNIDADE DO JACÓ/PETRÓPOLIS .....	16
REUNIÃO ABERTA COM A COMUNIDADE DE SANTO ALEIXO/MAGÉ .....	20
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>24</b>
<b>AVALIAÇÃO DAS REUNIÕES .....</b>	<b>24</b>
<b>ANEXO 1 – FOTOGRAFIAS DAS REUNIÕES</b>	
<b>ANEXO 2 – LISTAS DE PRESENÇA</b>	

# C

## ONSIDERAÇÕES INICIAIS

As dinâmicas e técnicas de condução do evento foram baseadas no roteiro de orientação fornecido pela DIREC e em metodologias participativas selecionadas e adaptadas pela equipe do PARNASO, visando tirar o máximo proveito do tempo e do esforço investido pelos participantes. Os princípios básicos do trabalho realizado são: o respeito às pessoas e opiniões; a soberania do grupo; a busca de participação e igualdade e a transparência do processo.

As reuniões abertas com a comunidade ocorreram de acordo com o seguinte cronograma:

DATA	HORA	LOCAL
14/03/06	19h	SESC Teresópolis – Auditório Av. Delfim Moreira, 749 - Várzea - Teresópolis
16/03/06	19h	Fórum da Comarca de Guapimirim – Plenário do Júri Rua Imperial, s/n, Bananal – Guapimirim
21/03/06	19h	Igreja Santana e São Joaquim Matriz de Cascatinha – Cascatinha - Petrópolis
23/03/06	14h	Escola Municipal Dr. Argemiro Machado - BR 495 – Estrada Teresópolis - Itaipava, Km 15, Petrópolis
28/03/06	19h	Colégio Estadual Joaquim Leitão - Rua Waldemar Lima Teixeira, s/n, Santo Aleixo - Magé

### **PROGRAMAÇÃO CUMPRIDA**

Em todas as reuniões abertas com a comunidade, foi seguida a programação abaixo, havendo apenas variações nas equipes de facilitadores, todos servidores ou funcionários do PARNASO, e no tempo destinado a cada atividade, tendo em vista os diferentes debates em cada comunidade.

Programação:

1. Apresentação geral sobre o PARNASO
2. Apresentação pessoal de cada participante
3. Divisão da plenária em quatro grupos
4. Mapa falado
5. Respostas às questões propostas no quadro de fichas
6. Apresentações dos resultados dos grupos à plenária
7. Debates.

### **DINÂMICA DOS TRABALHOS**

O desenvolvimento dos trabalhos nas reuniões ocorreu de acordo com as etapas descritas a seguir.

#### **1. Apresentação geral sobre o Parque**

As reuniões tiveram início com as boas vindas do Chefe do PARNASO, Ernesto Bastos Viveiros de Castro, seguida por uma palestra em PowerPoint de 18 slides, de apresentação geral sobre o Parque, suas principais características e atividades, os

serviços ambientais prestados pela UC, o processo de atualização do plano de manejo e seus objetivos. Por fim, foi apresentada a programação da reunião, seus objetivos, temas para discussão e resultados esperados.

## **2. Apresentação pessoal de cada participante**

Todos os participantes das reuniões abertas com as comunidades foram estimulados a se apresentarem, a começar pela equipe técnica do PARNASO presente, que ficou responsável pela facilitação dos trabalhos nos grupos.

## **3. Divisão da plenária em grupos**

A plenária foi dividida em quatro grupos, aleatoriamente, utilizando-se a distribuição de fichas numeradas para a divisão dos grupos. Cada grupo foi orientado a se reunir com um facilitador da equipe técnica do PARNASO.

## **4. Mapa falado**

Os grupos foram estimulados a produzir um mapa dos limites do Parque no município de sua comunidade. Esta atividade foi realizada em "flipcharts", contando com alguns pontos de referência da região. O objetivo desta atividade foi verificar a percepção das comunidades sobre os limites do Parque em sua vizinhança.

## **5. Respostas às questões propostas no quadro de fichas**

A partir das seguintes questões propostas:

- Quais os principais problemas ambientais do seu município?
- Qual o significado do Parque Nacional para você?
- Quais são suas expectativas em relação ao Parque?
- Como você pode contribuir com o Parque Nacional?

Os grupos foram estimulados a discutirem e debaterem sobre cada um das questões e formularem suas respostas em fichas, que foram afixadas em painéis.

## **6. Apresentações dos resultados dos grupos à plenária**

Cada grupo escolheu um relator para apresentar suas percepções e respostas à plenária. Ao longo das apresentações do grupos, foram feitas perguntas e esclarecimentos, bem como identificadas as semelhanças e divergências nas percepções de todos.

## **7. Debates**

Ao final das apresentações, as reuniões foram abertas para debates, começando pela avaliação e retorno do Chefe do PARNASO sobre as principais percepções apresentadas pelos grupos, seguida de questionamentos e esclarecimentos específicos para cada comunidade.

## REUNIÃO ABERTA COM A COMUNIDADE DE TERESÓPOLIS

**Data:** 14 de março de 2006

**Local:** SESC Teresópolis

**Número de participantes:** 29 conforme lista de presença anexa.

**Parceiros mobilizadores locais:** SESC Teresópolis, Associação de Moradores da Granja Guarani.

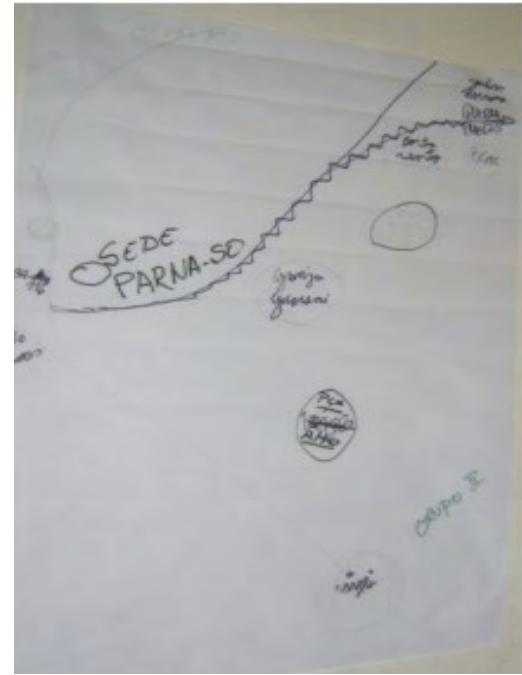
**Equipe Técnica do PARNASO:** Ernesto V. de Castro  
Renata Brasileiro  
Márcia Moreira  
Cláudia Sarres  
José Alberto Campos  
Renata Aquino

## MAPA FALADO

Os grupos apresentaram boa noção dos limites do Parque, partindo dos bairros mais próximos como referência. Os mapas revelam a percepção das comunidades sobre a pressão da urbanização nos limites da UC, dentro da cidade de Teresópolis.



Fotos do Mapa Falado dos grupos 1 e 2



Fotos do Mapa Falado dos grupos 3 e 4

## **RESPOSTAS ÀS QUESTÕES PROPOSTAS NO QUADRO DE FICHAS**

As respostas a seguir foram transcritas na íntegra, conforme as apresentações de cada grupo.

### **Quais são os principais problemas ambientais do seu município?**

- Ausência de políticas habitacionais, de educação ambiental, fiscalização, licenciamento e saneamento.
- Falta de políticas públicas para o meio ambiente.
- Crescimento urbano desordenado.
- Poluição do Rio Paqueta.
- Falta de saneamento.
- Crescimento de condôminos verticais impedindo a vista da Serra dos Órgãos.
- Desmatamento, condomínios irregulares, especulação imobiliária.
- Falta de Educação Ambiental.
- Favelização
- A proliferação de árvores exóticas.
- A caça de animais silvestres.
- Exploração exacerbada das águas subterrâneas.
- Ocupação sem autorização do plano diretor,
- Falta de proteção dos mananciais.
- Poluição causada por afluentes industriais (Sudantex),
- Problemas causados pelo depósito de lixo (Fischer).
- Falta de informação do conceito de área de preservação e área urbanizada.
- Poluição do Rio Preto (Córrego Meudom).
- Invasões desordenadas e desmatamento de áreas de preservação ambiental.
- Invasão espaço público e poluição visual.
- Interferência de outros órgãos ambientais na gestão da competência federal, abrindo espaço a falsas interpretações (FEEMA, IBAMA, PMT).



- Desmatamento, construções desordenadas, saneamento, lixo, todo tipo de poluição: do ar, da água, sonora.
- Falta de educação da população (ambiente e cidadania).
- Lixo e falta de campanhas ambientais para educar a população.
- Falta de Educação Ambiental.

### **Qual é o significado do Parque Nacional para você?**

- Patrimônio turístico da cidade com potencial de geração de renda.
- Manancial de qualidade de vida para a cidade.
- Água.
- Possibilidade de receber *royalties* pela produção de água.
- Maior ponto atrativo de Teresópolis.
- É um paraíso na terra para mim e deve ser preservado para as futuras gerações.
- Biodiversidade.
- Pólo de ecoturismo.
- Único ponto turístico da cidade bem conservado.
- Floresta preservada que pertence ao povo.
- Interesse social que exerce um contínuo aprendizado natural.
- Espaço educativo e de integração.
- Pulmão da cidade e equilíbrio hídrico.
- Cartão de visita da cidade e referência de montanhismo.
- Uma herança inestimável para meus filhos e netos, um presente de Deus.
- Ponto de partida de corredores ecológicos para formar um cinturão verde abraçando a cidade, juntando o Parque Estadual dos Três Picos e as APAs Guapimirim e Jacarandá.
- Proteção integral da biodiversidade.
- Um exemplo de biodiversidade a ser preservado.
- A porta da cidade.

### **Quais são suas expectativas em relação ao Parque Nacional?**

- Maior abertura e melhor infra-estrutura para o turismo.
- Educação Ambiental para todos.
- Sinalização em inglês e espanhol.
- Fiscalização dos visitantes.
- Mais funcionários para melhor atender às denúncias da população.
- Ajudar na fiscalização das ocupações e desmatamentos (atendendo denúncias).
- Campanhas ambientais.
- A preservação do Parque.
- Atender às demandas geradas pela população.
- Democratizar mais o conhecimento gerado nas pesquisas.
- Mais presença junto aos órgãos estaduais e municipais “direcionando” ações de preservação.
- Mantenedor da estrutura natural do Parque.
- Dentro de seus limites deverá permanecer intocado.
- A instalação urgente de uma grande brigada de incêndio.
- Que se mantenha vivo. Enquanto ele se mantiver preservado teremos a certeza de que ainda há consciência ecológica.
- Desenvolver atividades de educação ambiental (cursos e oficinas).
- Baixando as taxas para que a população possa conhecê-lo melhor.
- Campanhas de conscientização e integração através do marketing para a importância de mudar hábitos da população e preservação da natureza.
- Parceria entre o Parque Nacional e as agências de turismo da cidade.

- Cada vez mais “gente”\* para proteção da vegetação e fauna. (\*pessoal do IBAMA e voluntários).

### **Como você pode contribuir para a gestão do Parque Nacional?**

- Brigada voluntária contra incêndio.
- Abaixo assinado ao MMA para reforço da fiscalização.
- Apoio à fiscalização fornecendo denúncias.
- Voluntariado (cidadãos / Sesc).
- Conscientização da população de Teresópolis.
- Estudos dos problemas ambientais em programa de tv local.
- Criação de uma “mascote” simbolizando o PARNASO.
- Criando uma ONG para a sua divulgação.
- Criação de grupos comunitários bem divulgados, para ajudar na conscientização ambiental.
- Procurando conscientizar a população e as autoridades da importância do meio ambiente através de cartazes.
- Ajudar a integrar com a comunidade.
- Uma política de divulgação do Parque com as comunidades.
- Apoio na captação (de recursos) de projetos realizados pelo Parque (patrocínio para folhetaria, hospedagem, etc).
- Divulgação do PARNASO utilizando uma mascote – personagem.
- Parceria: Ampla, Cedae. (Vá ao PARNASO).
- Campanhas de divulgação e eventos envolvendo o Parque.
- Ajudar na Educação Ambiental.
- Parcerias: público – privado.
- Maior participação do cidadão denunciando irregularidades.
- Denúncias sobre ocupações e desmatamentos.
- Participação em ações de Educação Ambiental e informações técnicas para população.
- Compromisso social da população e gestores.
- Trabalho voluntário.
- Vigilante voluntário.
- Divulgação do Parque.
- Fiscalização das concessionárias, tipo: Ampla, Cedae, Tel, etc.

## REUNIÃO ABERTA COM A COMUNIDADE DE GUAPIMIRIM

---

**Data:** 16 de março de 2006

**Local:** Fórum da Comarca de Guapimirim

**Número de participantes:** 49, conforme lista de presença anexa.

**Parceiros mobilizadores locais:** Equipe do PARNASO – Sede Guapimirim.

**Equipe Técnica do PARNASO:** Ernesto V. de Castro  
Renata Brasileiro  
Márcia Moreira  
Elizabeth Bravo  
Márcia de Monaco  
Vanderlei Guerra  
Renata Aquino  
Horácio Costa

### MAPA FALADO

---

Os grupos apresentaram uma boa noção dos limites do Parque no Município, partindo dos bairros mais próximos como referência. Alguns grupos não apresentaram a percepção de que a comunidade do Garrafão se localiza dentro do Parque. Além disso, o fato de a estrada Rio-Teresópolis atravessar área do Parque não se mostrou um fato valorizado pelos grupos.



Fotos do Mapa Falado dos grupos 1 e 2

## RESPOSTAS ÀS QUESTÕES PROPOSTAS NO QUADRO DE FICHAS

As respostas a seguir foram transcritas na íntegra, conforme as apresentações de cada grupo.

### Quais são os principais problemas ambientais do seu município?

- Falta de fiscalização no intuito de conscientizar os visitantes a preservar o meio ambiente, como: não fazer fogueiras, não deixar lixos.
- Falta de Educação Ambiental (devendo ser colocada como conteúdo no currículo escolar).
- Construção desordenada (coibir a construção de condomínios).
- Controle de qualidade da água dos rios.
- Monitoramento do leito dos rios
- Poluição industrial.
- Ocupação desordenada (Estrada da Barreira, Platô do Limoeiro, final da Caneca Fina).
- Extração mineral; pedras do Rio Soberbo e Iconha; areia do Rio Soberbo, Bananal, Iconha; argila da Parada Modelo e Vale das Pedrinhas.
- Desmatamento (Caneca Fina, Limoeiro, Fojo, Rio Friburgo).
- Falta de saneamento (principalmente periferia).
- Número pequeno de fiscais.
- Poluição dos rios, esgotos de casas e indústrias.
- Destino do lixo produzido dentro do Município.
- Falta de saneamento público.
- Turismo desordenado.
- O inconsciente coletivo (turistas, caseiros, moradores).
- Expansão de obras residenciais nos sítios do entorno.
- Falta de cuidado com o manancial aquífero (rios que abastecem a população).
- Animais silvestres expostos ao perigo do trânsito rodoviário e caçadores "predadores".
- Monumentos Históricos abandonados (viadutos e pavilhões da extinta ferrovia).
- **1-** Ocupação desordenada do solo: a) Beira de rios. b) Condomínios (critério para liberação da licença sob suspeita). c) Falta de fiscalização municipal / federal (IBAMA). **2-** Falta de políticas públicas ambiental: a) Educação Ambiental. b) fiscalização ambiental ineficiente por falta de pessoal. c) Saneamento básico. **3-** turismo de desordenado: a) Fluxo grande, no verão, de visitantes de baixa renda. b) Degradação dos rios, com lixo tipo *pet*, plásticos, etc. c) falta de política que defina o tipo de turismo que o município comporta. **4-** Falta de conscientização da população. **5-** Políticos despreparados para a questão ambientais.
- Falha na fiscalização para consciência dos proprietários, nos limites do Parque Nacional dentro do município de Guapimirim, com relação a preservação do meio ambiente.
- Desmatamentos, queimadas, desvio de nascentes, caçadores de animais, e principalmente comércio ilegal da flora e fauna.
- Sinalização vertical nas vias indicando a área de limite do Parque.
- Ocupação desordenada e desmatamento.
- Poluição dos rios.
- Tratamento de esgoto (saneamento).
- Uso irracional do solo.
- Falta de fiscalização ambiental
- Tratamento de esgoto produzido no município.
- Falta de um projeto amplo, em todos os bairros.
- Ausência de política para definir a vocação do desenvolvimento.

- População desmobilizada e pouco consciente da consequência dos impactos ambientais.
- Falta e comprometimento do cidadão e maior fiscalização dos órgãos públicos de Guapimirim.
- Difundir e educar a população.
- Aumentar a fiscalização.
- Extinguir a caça predatória multando e apreendendo se preciso.
- Falta de planejamento urbano nas áreas de loteamento.
- Caça predatória, pesca e queimadas.
- Ocupação desordenada em Limoeiro e Estrada Barreira.
- Extrativismo de pedras, areias, bromélias e palmitos.
- Saneamento básico.
- Caça, descarga do lixo.
- Falta de informação a população.
- Turismo desordenado nas principais cachoeiras.
- Fiscalização.

### **Qual é o significado do Parque Nacional para você?**

- Entidade responsável pela preservação de área demarcada cujo espaço é de significativa importância ambiental.
- Local onde a natureza vive e que o homem tem o dever e a obrigação de cuidar.
- É a manutenção da qualidade de vida dos habitantes da região e da cidade do Rio de Janeiro e Niterói.
- É como se fosse o alimento de sobrevivência do meio ambiente.
- Unidade de conservação de um bioma (parte).
- Órgão de preservação.
- Unidade de conservação ambiental.
- Local de visitação para refazer as energias.
- Unidade de conservação – preserva as riquezas naturais do país.
- Pulmão da natureza.
- Preservação de vida.
- Unidade de conservação, voltada para preservação, pesquisas e outros.
- De suma importância para a preservação da Mata Atlântica.
- Local de preservação.
- Refúgio partido.
- Sinônimo de melhor qualidade de vida.
- Área de lazer, de preservação, de pesquisa.
- Órgão para proteger e resguardar áreas para proteção ambiental.
- Fiscalizador de atitudes que venham prejudicar e / ou extinguir o pouco que nos resta da Mata Atlântica.
- Área de preservação dos recursos naturais do planeta, em uma era onde o capitalismo não mede meios de ação.
- Pulmão do futuro.
- Preservação das águas, matas, animais.
- Vocaçao do município.
- Pesquisas, centro de estudos permanentes.
- Educação ambiental nas escolas.
- Patrimônio cultural.
- Proteção ambiental, água e ecossistema.

### **Quais são suas expectativas em relação ao Parque Nacional?**

- Exercer convincente administração do ecossistema efetuando para tal, parcerias com administração pública e entidades representativas, com a finalidade de proporcionar a preservação do meio ambiente, inclusive recuperando áreas degradadas.
- Educação ambiental, condutor de turistas, formação de guias.
- Turismo educacional, ecologia.
- Que exerça fielmente o seu papel de uma U. C. integral.
- Estreitar o relacionamento com as comunidades, entidades dos municípios limítrofes visando ações que levem a conscientização ambiental.
- Uma fiscalização mais afetiva.
- Que seja o começo de uma grande união entre a população e o Parque Nacional.
- Informação constante de tudo o que está sendo elaborado para a preservação do meio que vivemos e dependemos.
- Ampliar a fiscalização no entorno.
- Eficiência em suas ações e praticidade nas ações.
- Efetivamente uma conscientização no que tange à educação ambiental, principalmente no entorno, onde a pressão antrópica é maior.
- Que preserve ao máximo a área de sua responsabilidade.
- Maior integração com a população.
- Maior fiscalização, preservação de toda área de uma forma mais afetiva.
- Preservação da nossa fauna e flora.
- Maior fiscalização no entorno.
- Criar aliança conscientizando a necessidade de cada cidadão em preservar.
- Preservação, Educação Ambiental, movimentos de ação para o IBAMA.
- Receber visitas na igreja de acordo com os horários que constam placa fixada no local.
- Capela (1713), ponto turístico, casamentos e batizados.
- Sede Guapimirim portão (2) em funcionamento.
- Programa de ecoturismo.
- Parceria com ONGs e Organizações Governamentais.
- Divulgação para maior integração com as comunidades.
- Política pública, concurso público para fiscais.
- Orientação aos moradores do entorno com relação à atividade econômica como: palmito, bananeiras, turismo ecológico, etc.
- Elaborar um plano de ecoturismo para o município.
- Trazer mais turismo para o município.
- Obras nas pontes precárias do entorno do Parque.
- Abrir acesso ao Parque pela Barreira (Estrada da Barreira).

### **Como você pode contribuir para a gestão do Parque Nacional?**

- De nossa parte (ACIAG), nossa entidade deve trabalhar para desenvolver junto ao empresariado local a idéia de proteger o meio ambiente “crescer sem destruir ou poluir”. Acredito ser essa nossa contribuição.
- Denunciante das degradações.
- Desenvolver projetos em parceria com o município e organizações não governamentais.
- Desenvolver projetos referente a conscientização do meio ambiente com escolas municipais usando alunos das escolas públicas.
- A melhor contribuição que a população pode dar ao Parque é se esforçar para a educação das gerações.
- Participar dos eventos promovidos pelo Parque.
- Desenvolver projetos ambientais que tenham o Parque como parceiro.
- Comunicar crimes ambientais.
- Estar atenta e comunicar agressões ao meio ambiente.

- Coordenar ações pontuais, individuais e coletivas.
- Trabalho voluntário.
- Qualquer via que venha ao encontro a preservação.
- Formar grupo de trabalho com reuniões mensais para discutir problemas e propor soluções.
- Pesquisas nas áreas de gestão e educação.
- Contribuição de voluntários.
- Como cidadão, criar situações de preservação do meio ambiente e difundir a outras pessoas.
- Criticar e sugerir ao PARNASO mais atitudes enérgicas com mal-reitores atingindo a todos ao nosso redor.
- Ação popular junto a fiscalização.
- Intervenção do ministério público.
- Estimular a criação de R.P.P.N.
- Ajudar a fiscalizar.
- Evento educativo em cada bairro.
- Parceria com os conselhos municipais.
- Replântio das sementes.
- Mobilização da sociedade para o aumento do efetivo de fiscalização (MMA).
- Promover gincanas e campanhas educativas para desenvolver uma consciência ambiental.
- Parceria PARNASO X Prefeitura Municipal de Guapimirim.
- Guarda florestal e batalhão florestal.

## REUNIÃO ABERTA COM A COMUNIDADE DE CASCATINHA / PETRÓPOLIS

**Data:** 21 de março de 2006

**Local:** Salão da Igreja Matriz da Cascatina

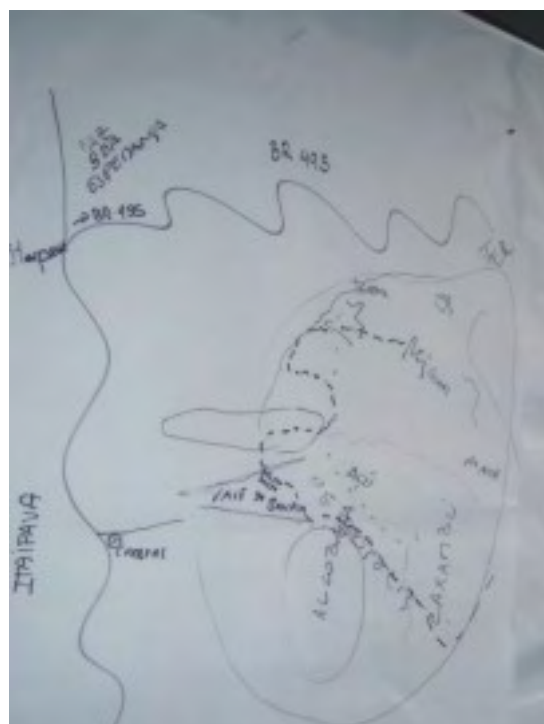
**Número de participantes:** 38, conforme lista de presença anexa.

**Parceiros mobilizadores locais:** Associação de Defesa dos Mananciais do Alcobaça, Associação dos Produtores Rurais do Bonfim.

**Equipe Técnica do PARNASO:** Ernesto V. de Castro  
Renata Brasileiro  
Roberto Vancini  
Ana Selva  
Paulo César da Silva  
Renata Aquino

### MAPA FALADO

Os grupos apresentaram noção muito apurada dos limites do Parque no Município, partindo dos bairros mais próximos e de marcos no relevo como referência. O grupo 2 não apresentou a percepção de que a comunidade do Bonfim se localiza dentro do Parque. Os grupos 1 e 3 localizaram Alcobaça dentro dos limites do Parque.



Fotos do Mapa Falado dos grupos 1 e 2





- Desmatamento.

### **Qual é o significado do Parque Nacional para você?**

- Representa a preservação dos mananciais, da vida silvestre e o bem estar das pessoas.
- Espaço que deve ser preservado para o presente e as futuras gerações.
- O Parque é invasor da área do Bonfim.
- Manutenção do clima da região serrana.
- Contribuição para melhor qualidade de vida.
- Manter os mananciais que são a nossa vida.
- Área de lazer.
- Proteção da biodiversidade.
- Preservação das águas.
- Legado para futuras gerações.
- Bem estar.
- Preservação da fauna.
- Preservação permanente do patrimônio da humanidade (meio ambiente).
- Garantia de preservação ambiental.
- Espaço para educação ambiental da população.
- Distante da população de Petrópolis.
- Único órgão federal que pode efetivamente atuar mais próximo da comunidade de Cascatinha.

### **Quais são suas expectativas em relação ao Parque Nacional?**

- Retirada da área do Bonfim dos limites do parque.
- Deve ser preservado defendendo o meio ambiente em toda a sua área.
- Melhor divulgação sobre atividades realizadas pelo parque.
- Expectativa do alimento e qualidade dos funcionários.
- Promover ações de incentivo aos jovens na participação das atividades do parque.
- Funcionário da portaria – Petrópolis.
- Criar guias.
- Participação com a comunidade pelo conselho gestor.
- Maior integração com as comunidades do entorno.
- Conservação e preservação dos recursos naturais.
- Maior atenção à floresta (fiscalização).
- Melhores instalações para os usuários em Petrópolis.
- Camping.
- Fiscalização.
- Abertura de novas trilhas para caminhada (sem escalada – alcobaça).
- Maior divulgação do parque nas escolas.
- Reflorestamento para alimentação dos animais.
- Fazer o aceiro para prevenir incêndios em todo o entorno.
- Instalações de bicicletário no Bonfim.
- Solucionar os conflitos fundiários.
- Apoio técnico para definição da área do Alcobaça.
- Nos esperamos que o parque adote a reserva da Alcobaça em todos os sentidos.
- Estreito relacionamento com a população e município.
- Reserva do Alcobaça, ter estrutura própria ou não.
- Diálogo direto com a comunidade que cuida da reserva do Alcobaça.
- Ação efetiva do prev-fogo no Alcobaça.
- Redelimitação do parque inclusão de áreas e exclusão de áreas ocupadas anteriormente à delimitação do parque.

## **Como você pode contribuir para a gestão do Parque Nacional?**

- Participar da criação de um veículo de comunicação da reta de Petrópolis com o Parque. Folhetos, material didático.
  - Criar comissão do parque com a comunidade – 3 técnicos do parque (1 ed. Ambiental) e 6 da comunidade com reunião trimestral.
  - Denúncias diversas por parte da comunidade.
  - Promover o plantio das mudas no entorno do parque.
  - Ação comunitária objetivando a melhoria do parque.
  - Ocupação desordenada, não planejada, irregular.
  - Alto independência.
  - Queimada descontrolada. Em áreas agrícolas, limpeza de terreno.
  - Caça / captura da fauna em todas as áreas de floresta e região do Caxambu e Magé.
  - Falta de educação básica em informações ambientais.
  - Falta de pessoas trabalhando na floresta (fiscalização).
  - Denunciar invasões de casas, manutenção dos acervos no limite do parque.
  - Voluntariado – fiscalização, manutenção trilha, educação ambiental.
  - Ajudar a apagar fogo na floresta.
  - Divulgar o parque. Por exemplo: “EU CONHEÇO O PARNASO” (em adesivos de carro).
  - Desenvolvendo projetos de educação infantil.
  - Voluntariado para manutenção de trilhas.
  - Fazer denúncias sobre crimes observados.
  - Desenho da mascote do parque para maior divulgação.
  - ADMA sempre faz o aceiro do Alcobaça.
  - Aceiro para prevenção de incêndios no Alcobaça.
  - Abaixo assinado para reforçar a fiscalização.
  - Transformar cada indivíduo num fiscal ambiental.
  - Implantar o circuito ecoturismo do Bonfim promovendo o desenvolvimento sustentável.
  - Trabalho voluntário para educação ambiental nos colégio ao redor das áreas do parque (Cascatinha, Bonfim, Caxambu, etc).
-

## REUNIÃO ABERTA COM A COMUNIDADE DO JACÓ / PETRÓPOLIS

**Data:** 23 de março de 2006

**Local:** Escola Municipal Dr. Argemiro Machado

**Número de participantes:** 41, conforme lista de presença anexa.

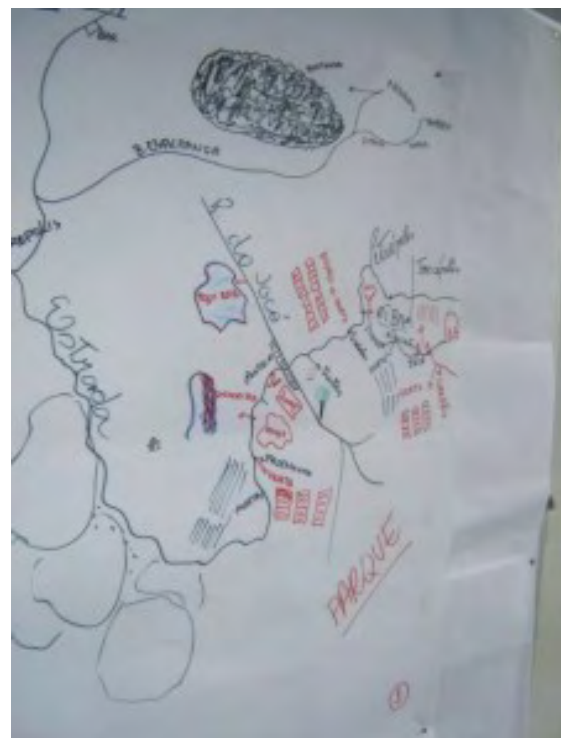
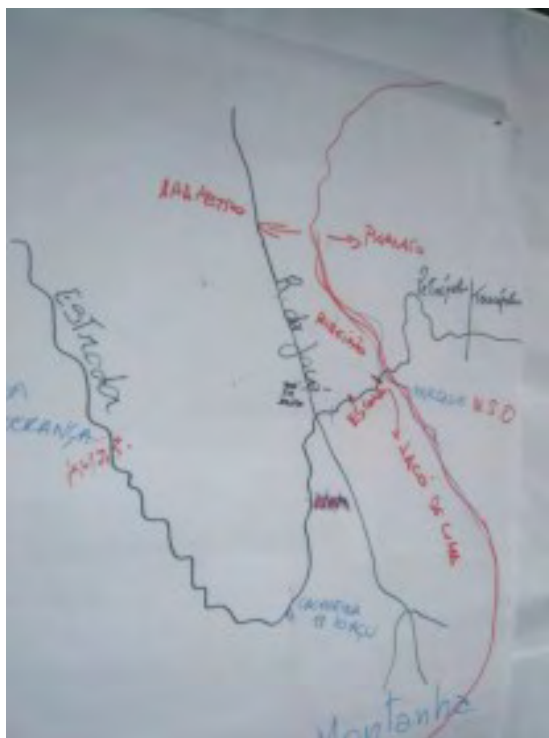
**Parceiros mobilizadores locais:** Associação de Moradores do Jacó, Sociedade do Vale da Boa Esperança.

**Equipe Técnica do PARNASO:** Ernesto V. de Castro  
Fumi Saito  
Ana Selva  
Maria das Dores dos Santos  
Paulo César da Silva  
Marcelo Selva  
Renata Aquino

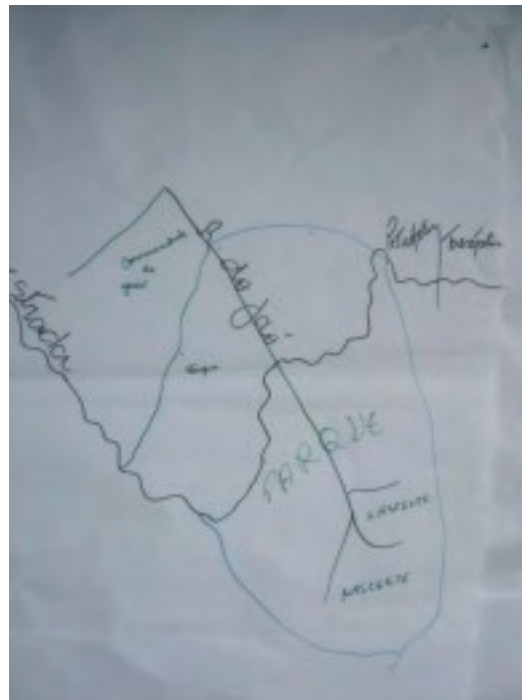
Por solicitação da comunidade local, essa reunião aberta foi realizada às 14h, tendo em vista a falta de energia elétrica no local.

### MAPA FALADO

De maneira geral os participantes localizam bem os limites do PARNASO, identificando inclusive as áreas de cultivo da comunidade com bastante detalhe (grupo 2, por exemplo). Alguns fazem confusão com a distância da UC para a BR-495 ou até consideram que a rodovia corta área do PARNASO. Outros consideram a área comprada pelo IBDF para futura integração ao parque (parcialmente ocupada por agricultores) já como área da UC.



Fotos do Mapa Falado dos grupos 1 e 2



Fotos do Mapa Falado dos grupos 3 e 4

## **RESPOSTAS ÀS QUESTÕES PROPOSTAS NO QUADRO DE FICHAS**

As respostas a seguir foram transcritas na íntegra, conforme as apresentações de cada grupo.

### **Quais são os principais problemas ambientais do seu município?**

- Poluição, desmatamento e queimadas.
- Coleta desorganizada de lixo, água sem tratamento, falta de informação.
- Destino do lixo: doméstico / industrial.
- Esgoto sem tratamento, água potável sem tratamento, desmatamento.
- Queimadas na beira da estrada.
- Agrotóxico na plantação, coleta de lixo, queimadas, saneamento básico.
- Queimadas da Serra de Teresópolis, poluição nos rios (parte de baixo), reciclagem do lixo.
- Falta coleta de lixo, falta saneamento, educação ambiental – divulgação do ambientalismo nas escolas e comunidades do entorno.
- Queimadas (rodovia, lixo doméstico), desmatamento, nascentes desprotegidas (lixo).
- Caçadores na região Boa Esperança.
- Educação ambiental – falta de conscientização.
- Queimadas criminosas no município de Petrópolis.
- Falta de energia elétrica na comunidade de Jacó.
- Falta de coleta de lixo.
- Esgotos; falta de fossa em algumas residências no Jacó.
- Construções em áreas de risco (APP.), poluição dos rios – gestão ambiental (Piabanha, Santo Antônio, todos).
- Crescimento desordenado, degradação ambiental, má utilização dos recursos naturais.

- Informações sobre os limites das áreas de APA, Parques, etc.
- Falta em Jacó: energia elétrica, orelhão e saneamento.
- Ocupação irregular (APA), falta fiscalização, desmatamento, poluição hídrica, exploração do lençol freático, queimadas, gestão participativa da U.C., agricultura.

### **Qual é o significado do Parque Nacional para você?**

- Lugar onde deve ser preservado e usado por todos.
- Significa um tesouro nacional porque ainda existe grande parte preservada.
- Área de lazer, ar puro, natureza.
- É como um pedaço do pulmão do Brasil.
- Significa: bananeiras, abacateiros, canaviais, tudo é parque, é verde.
- Tesouro nacional pela preservação da mata.
- Representa a grande agonia de Mata Atlântica, seu resto, sua pouca presença sobrevivente, um de seus vestígios ainda vivos.
- Necessário para manutenção de espécies / biosistema importante para o equilíbrio ecológico.
- Preservar o parque com árvores e animais, os rios limpos é o necessário.
- Oásis de 4 municípios, manutenção hídrica, fauna e flora.
- Preservação do meio ambiente.
- O parque ajuda para preservar as matas, os animais e as águas.
- Significa a vida do planeta, mas é preciso que todos trabalhem juntos, com direitos e deveres.
- Preservação das nascentes, dos animais, das plantas.
- Área de lazer, turismo. Local para pesquisas.
- “Pedra no sapato” – para haver uma doação tem que haver uma contribuição.
- Vida saudável.
- Proteção ambiental, pesquisa, educação, corredor ecológico.
- Proteção dos recursos naturais, conservação da biodiversidade para o futuro.

### **Quais são suas expectativas em relação ao Parque Nacional?**

- Não faltar água. Que seja um lugar melhor, para viver tranquilo.
- Mais informações, mais divulgação sobre o que o parque oferece à população. E que ele cresça.
- Que seja reconhecido e preservado por todos. Que muitas gerações possam conhecê-lo.
- Que o Parque tenha mais árvores, menos poluição e desmatamento e que todas as pessoas tenham consciência sobre isso.
- Espero sempre que os parques, restos sobreviventes da Mata Atlântica, consigam sobreviver tempo suficiente para sua recuperação, salvando assim a vida, não só ele, mas também a nossa.
- Que o parque seja mais preservado, que tenha melhores condições de vida (luz elétrica).
- Melhor convivência entre moradores do Jacó e os fiscais do IBAMA.
- Aceiro entre dois rios para evitar queimada (Rio Jacó e Açu).
- Estimular o entendimento entre as comunidades.
- Ajuda no controle de fogo oriundo da BR495; ajuda na implantação da energia elétrica; ajuda na formação de fiscais ambientais; regularizar situação fundiária de Jacó.
- Autorização da rede elétrica (Jacó), “ponto mais central aqui em nosso distrito”.
- Vale da boa esperança – apoio aos projetos das comunidades, apoio do IBAMA.
- Autorizar a energia elétrica, para vivermos em harmonia.
- Um centro de coleta para embalagens de adubos e agrotóxicos.

- Melhor monitoramento (fiscalização).
- Educação ambiental, sucesso em seus objetivos e proteção e conservação ambiental.

### **Como você pode contribuir para a gestão do Parque Nacional?**

- Não desmatando, não poluindo, não fazendo queimadas, preservar e aumentar a natureza.
- Respeitar a mata que nos mantém vivos.
- Incentivo a criança a plantar árvores, incentivo a população para visitas ao Parque.
- Não fazer queimadas, não poluir, não fazer casas onde é proibido e respeitar as autoridades.
- Não desmatar e não poluir os rios.
- Preservar o meio ambiente ao redor do Parque.
- Preservar a mata, não desmatar o Parque, plantar árvores.
- Divulgando sua importância, preservando para futuras gerações, respeitando a carta da terra.
- A comunidade dar apoio ao Parque quando cuida da preservação das estradas secundárias do Jacó.
- Com educação ambiental em todos os setores.
- Conscientizar a criança para a valorização do Parque.
- Os moradores de Jacó contribuem para a preservação do parque evitando queimadas descontroladas e invasões.
- Apoio a preservação e combate ao fogo e aos caçadores, divulgar o trabalho e a importância do PARNASO.
- Divulgação de todos.
- Ajudar a preservar o meio ambiente e a controlar as queimadas.
- Mobilização, conservação, eventos culturais / ambientais.
- Educação ambiental, capacitação (cursos), espaço, palestras, fiscalização.
- Ajudar a resolver o melhor para a nossa comunidade.

## REUNIÃO ABERTA COM A COMUNIDADE SANTO ALEIXO / MAGÉ

---

**Data:** 28 de março de 2006

**Local:** Colégio Estadual Joaquim Leitão

**Número de participantes:** 36, conforme lista de presença anexa.

**Parceiros mobilizadores locais:** ONG AIDEIA, Associação de Defesa Ambiental de Santo Aleixo.

**Equipe Técnica do PARNASO:** Ernesto V. de Castro  
Renata Brasileiro  
Fátima Santos  
Ana Selva  
Sueli Pedrosa  
Cecília Cronemberger  
Horácio Costa

### MAPA FALADO

---

Os grupos apresentaram uma boa noção dos limites do Parque no Município, partindo de formações rochosas e dos bairros mais próximos como referências. Alguns grupos percebem a mata preservada nos limites da APA Petrópolis como Parque Nacional. O Grupo 4 identificou no mapa as trilhas irregulares utilizadas por caçadores



Fotos dos Mapas Falados dos grupos 1 e 2





Fotos dos Mapas Falados dos grupos 3 e 4.

## **RESPOSTAS ÀS QUESTÕES PROPOSTAS NO QUADRO DE FICHAS**

As respostas a seguir foram transcritas na íntegra, conforme as apresentações de cada grupo.

### **Quais são os principais problemas ambientais do seu município?**

- Falta de guardas florestais.
- Despacho – oferendas religiosas nas principais cachoeiras, como por exemplo: Batatal, Tamanqueiro, Poço da macumba, Manjolos, Poço da sereia.
- Turismo predatório (Tamanqueiro, Batatal, Manjolos).
- Extração de madeiras, colheita de palmitos e aprisionamento de pássaros (área geral).
- Esgoto e lixo nos rios, em todos os rios, nos habitados.
- Construção de ranchos (de caça) em lugares irregulares. Há também ranchos de lazer.
- Desmatamento nas seguintes regiões: Cachoeira grande, Rio do ouro.
- Camping em lugares irregulares: Manjolos, Tamanqueiro, Batatal, Poço da macumba, Poço da sereia.
- Trilhas não legalizadas.
- Turismo predatório nas cachoeiras (Manjolos, Batatal, Pau-a-pique,...).
- Esgotos in natura nos rios.
- Caça de animais selvagens a noite.
- Queimada.
- Falta fiscalização em Santo Aleixo.
- Extração de palmito para comercialização.
- Retirada de pedra e areia do rio na capela.
- Extração de plantas para uso medicinal para comercialização.
- Desmatamento no Rio do ouro para alimentar Caldeiras (e outros locais).
- Falta de programas sócio-ambientais.
- Falta de políticas públicas que reordenem ocupações irregulares.
- Falta de infra-estrutura em saneamento básico e em recepção turística.

- Turismo predatório.
- Loteamento irregular na Pedra do pico grande e Batatal (urbana).
- Quatro trilhas partem do Batatal facilitando o acesso de traficantes de animais e caçadores: fiscalização!
- Falta de fiscalização dos órgãos públicos, prefeitura, IBAMA, guarda florestal, polícia militar.
- Turismo predatório, muitos ônibus de Teresópolis sem organização no Batatal e no Pico.
- Caça e captura de aves para criação doméstica e tráfico.
- Poluição sonora por bicicletas "bikesom", carros de som de propaganda, som alto dos funkeiros.
- Poluição dos rios por lixo e esgoto doméstico, tinturaria e lavanderias.

### **Qual é o significado do Parque Nacional para você?**

- Lugar onde existem vários animais em extinção e plantas medicinais essenciais para nossa saúde.
- Área de proteção ambiental, visitação, geração de renda.
- Necessidade cultural, preservação, pesquisa da flora e fauna.
- Preservação da biodiversidade.
- Garantia de preservação ambiental.
- Integração entre população e natureza.
- Lazer.
- O Parque é um órgão importante, mas não funciona em Magé.
- Refúgio de espécies ameaçadas de extinção.
- Preservação dos mananciais.
- Uma área de preservação da biodiversidade.
- Fiscalização e controle.
- Uma forma de preservar o meio ambiente para gerações futuras.
- Oportunidade de preservarmos a fauna e a flora.
- Preservação da vida, da identidade e cultura da população local.
- Um grande imã para o ecoturismo e desenvolvimento sustentável.
- Esperança de conservação da Mata Atlântica.

### **Quais são suas expectativas em relação ao Parque Nacional?**

- Capacitação de guias ecológicos.
- Construção da subsede em Santo Aleixo (próximo ao Rio S.A.).
- Muitas pessoas moram no lugar e não conhecem, deveria ter mais divulgação.
- Centro de triagem de animais silvestres (PARNASO).
- Ele deveria se alongar mais para o lado de Santo Aleixo.
- Promover mais divulgação. Mais educação ambiental.
- Realizar atividades voluntárias em Santo Aleixo.
- Promover visitas das escolas ao Parque.
- Realizar atividades de educação ambiental nas escolas e comunidade.
- Divulgação do PARNASO em Magé.
- Construção de sede em Santo Aleixo.
- Integração com os órgãos municipais, federais, estaduais.
- Maior fiscalização na zona de amortecimento.
- Construção de uma sede do parque em Santo Aleixo
- Programas de desenvolvimento sustentável, através de mapeamento de trilhas e capacitação local.
- Maior divulgação do Parque e integração com a comunidade, escolas, etc.
- Gerar emprego e renda para a população através do turismo.
- Melhorar o acesso ao parque.

- Construir uma sede no Batatal.
- Levantar o município de Magé como área de preservação.
- Ampliação da área do Parque em Magé até os limites da APA de Petrópolis.

### **Como você pode contribuir para a gestão do Parque Nacional?**

- Divulgar as ações do PARNASO. Manutenção de trilhas em Santo Aleixo.
- Divulgar o disk-denúncia.
- Associar-se com os ranchos já existentes, fazendo programas turísticos.
- Denunciar os grupos de despachos nas cachoeiras.
- Fazer denúncias no disk-denúncia.
- Mobilização para trabalhos voluntários.
- Reunião das associações para discutir meio ambiente (Adasa, Amigos de Andorinhas, Pati).
- Trabalho com educação ambiental nas escolas.
- Estímulo à conscientização ambiental local.
- Trabalho voluntário.
- Organização das comunidades.
- Aplicar a contribuição financeira prevista nos art. 47 e 48 do SNUC.
- Organizar grupos de voluntários para E.A., fiscalização e prevfogo.
- Elaboração de projetos de educação ambiental nas escolas.
- Informação sobre fauna e flora e guia.

# C

## ONSIDERAÇÕES FINAIS

### AVALIAÇÃO DA OFICINA

As reuniões abertas com as comunidades do entorno do PARNASO constituíram um processo importante de integração e diálogo com diversos grupos de interesse, entidades, cidadãos e cidadãs vizinhos do Parque. Os eventos permitiram, ainda, a integração entre esses grupos, que possuem poucas oportunidades de se reunirem para discutir questões de interesse comum.

Consideramos boa a participação social no processo, tendo em vista o número médio de participantes de 40 pessoas por reunião. Além disso, a metodologia de trabalho em grupos permitiu a livre manifestação dos participantes. O clima das reuniões foi predominantemente colaborativo.

Os debates promovidos pelo processo, apesar de possuir especificidades em cada comunidade, revelou-se qualificado, incorporando a preocupação com a conservação da qualidade ambiental na região. Em geral, os diversos grupos presentes nos processos foram capazes de apresentar e defender seus interesses específicos, mas levando em consideração os objetivos de conservação do PARNASO.

O conhecimento das expectativas da sociedade em relação à gestão do PARNASO será fundamental para o estabelecimento de prioridades e ações específicas no novo Plano de Manejo. A equipe do PARNASO procurou deixar claro que as reuniões não tinham um caráter de compromisso do IBAMA em atender às expectativas, mas sim de levantamento para considerá-las no planejamento da UC.

Outro fator importante foi a participação, em forma de rodízio, de grande parte da equipe técnica do PARNASO, o que integrou e motivou a equipe, estimulando o envolvimento de todos no processo de atualização do Plano de Manejo.

## ANEXO 1



Fotos 1 e 2 - Reunião aberta com as comunidades em Teresópolis



Fotos 3 e 4 – Reunião aberta com as comunidades em Guapimirim



Fotos 5 e 6 – Apresentação inicial sobre o PARNASO e plenária na Cascatinha



**Fotos 7 e 8 – Reunião aberta com as comunidades no Jacó**



**Fotos 9 e 10– Reunião aberta com as comunidades de Santo Aleixo**





# RELATÓRIO DA OFICINA DE PLANEJAMENTO

## *Revisão do Plano de Manejo do Parque Nacional da Serra dos Orgãos*



TERESÓPOLIS, 06 a 08 DE ABRIL DE 2006.







# A APRESENTAÇÃO

A oficina de planejamento para a revisão do Plano de Manejo do Parque Nacional da Serra dos Órgãos (PARNASO) foi realizada na sede do Parque em Teresópolis –RJ, durante os dias 06 a 08 de abril de 2006. Este evento faz parte do processo de revisão participativa do plano de manejo de unidades de conservação. Participaram representantes das prefeituras municipais de Petrópolis e Guapimirim, de organizações não-governamentais, de associações de moradores do entorno e de empresários do turismo, da Federação de Esportes de Montanha do Rio de Janeiro, de técnicos de unidades de conservação do entorno, de pesquisadores, de técnicos do IBAMA, dentre outros.

Os objetivos da oficina foram gerar subsídios e proposições para a revisão do Plano de Manejo do PARNASO e propiciar a integração e a cooperação dos participantes e suas organizações no planejamento e gestão do parque.

Ao final do evento, os seguintes resultados foram alcançados:

- Análise da situação atual e do contexto do parque;
- Mapeamento e definição de áreas estratégicas internas e externas;
- Proposição de ações de manejo;
- Delineamento da Zona de Amortecimento do parque;
- Construção de matriz de cooperação institucional.

Este documento apresenta os produtos da oficina e relata o desenvolvimento dos trabalhos.

*Andrea Zimmermann*  
Moderadora

*Métodos Assessoria e Capacitação*  
Contatos: (61) 33219943  
www.metodosnet.com.br  
[andrea@metodosnet.com.br](mailto:andrea@metodosnet.com.br)

# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>2</b>
<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>4</b>
1.1. OBJETIVOS DA OFICINA.....	4
1.2. PRODUTOS DA OFICINA.....	4
1.3. PROGRAMAÇÃO CUMPRIDA .....	5
1.4. DINÂMICA DOS TRABALHOS.....	6
<b>RESULTADOS .....</b>	<b>11</b>
2.1. PAINEL DE VISÕES SOBRE O PARQUE NACIONAL DA SERRA DOS ÓRGÃOS....	11
2.2. ANÁLISE DA SITUAÇÃO ATUAL – AMBIENTE INTERNO.....	12
2.3. ANÁLISE DE RELEVÂNCIA DO AMBIENTE INTERNO .....	14
2.4. ANÁLISE DO CENÁRIO – AMBIENTE EXTERNO.....	16
2.5. ANÁLISE DE RELEVÂNCIA DO AMBIENTE EXTERNO.....	18
2.5. MAPEAMENTO DE INFORMAÇÕES E DEFINIÇÃO DE ÁREAS ESTRATÉGICAS ...	20
2.6. AÇÕES DE MANEJO .....	29
2.7. DELINEAMENTO DA ZONA DE AMORTECIMENTO .....	34
2.8. SUGESTÕES AO ZONEAMENTO DO PARNASO .....	36
2.9. MATRIZ DE COOPERAÇÃO INSTITUCIONAL .....	36
2.10. ENCAMINHAMENTOS .....	41
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>42</b>
3.1. AVALIAÇÃO DA OFICINA .....	42
<b>ANEXO 1 – LISTA DE PARTICIPANTES</b>	
<b>ANEXO 2 – FOTOGRAFIA DO GRUPO DE PARTICIPANTES</b>	

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A oficina foi conduzida de acordo com a metodologia proposta no Roteiro Metodológico de Planejamento de Parque Nacional, Reserva Biológica e Estação Ecológica do IBAMA.

As dinâmicas e técnicas de moderação do evento foram escolhidas visando tirar o máximo proveito do tempo e do esforço investido por cada participante.

Os princípios básicos do trabalho realizado foram: o respeito às pessoas; a soberania do grupo; a busca de participação e igualdade e a transparência do processo.

### 1.1. OBJETIVOS DA OFICINA

---

Gerar subsídios e proposições para a revisão do Plano de Manejo do PARNASO e propiciar a integração e a cooperação dos participantes e suas organizações no planejamento e gestão do parque.

### 1.2. PRODUTOS DA OFICINA

---

Os resultados alcançados ao final do evento foram:

- Análise da situação atual e do contexto do parque;
- Mapeamento e definição de áreas estratégicas internas e externas;
- Proposição de ações de manejo;
- Delineamento da zona de amortecimento do parque;
- Construção de matriz de cooperação institucional.

### 1.3. PROGRAMAÇÃO CUMPRIDA

#### **Dia 06/04/2006 - Quinta-feira**

##### MANHÃ

8h30min	Recepção dos convidados
9h	Abertura
9h20min	Apresentação dos participantes
10h	Instalação da oficina
10h15min	Apresentação sobre o processo de elaboração de Planos de Manejo
10h35min	Apresentação sobre a elaboração/revisão do Plano de Manejo do PARNASO
11h	Intervalo
11h15min	Análise da Situação Atual – levantamento de pontos fortes e fracos do PARNASO
12h30min	Almoço

##### TARDE

14h	Análise do Contexto – identificação de oportunidades e ameaças
16h	Intervalo
16h20min	Consolidação da análise do contexto
18h30	Encerramento dos trabalhos do dia

#### **Dia 07/04/2006 - Sexta-feira**

##### MANHÃ

8h	Mapeamento de informações e definição de áreas estratégicas (trabalho em grupos)
11h00	Plenária para apresentação e consolidação das áreas estratégicas externas e internas
12h30min	Almoço

#### TARDE

- |       |  |
|-------|--|
| 14h   | Estabelecimento de ações para as áreas estratégicas e análise das ações gerais de manejo (trabalho em grupos). |
| 16h00 | Plenária para consolidação das ações de manejo   |
| 18h30 | Encerramento dos trabalhos do dia  |

#### **Dia 08/04/2006 - Sábado**

##### MANHÃ

- |          |   |
|----------|---|
| 8h30min  | Desenho e levantamento de sugestões para demarcação da zona de amortecimento. |
| 11h      | Intervalo   |
| 11h15min | Elaboração da matriz de cooperação institucional                              |
| 12h30min | Avaliação da oficina  |
| 13h00min | Encerramento da oficina   |

### **1.4 DINÂMICA DOS TRABALHOS**

O desenvolvimento dos trabalhos no evento ocorreu de acordo com as etapas a seguir apresentadas.

#### **Abertura e organização da oficina**

A abertura da oficina foi realizada por Ernesto Viveiros de Castro, diretor do Parque Nacional da Serra dos Órgãos, que deu as boas-vindas aos participantes e destacou a importância do processo participativo na revisão do Plano de Manejo do parque.

Em seguida, a moderadora do evento, Andrea Zimmermann, conduziu a apresentação dos participantes e teceu esclarecimentos sobre a programação da oficina e a metodologia de trabalho. Na apresentação, cada participante falou seu nome, a instituição onde trabalha e a visão pessoal em relação ao parque. O último aspecto foi visualizado em um painel de visões sobre o PARNASO.



## **Palestras sobre o Planejamento de Unidades de Conservação e do PARNASO**

O processo de elaboração e revisão de planos de manejo de unidades de conservação foi apresentado por Edilene Menezes, da Diretoria de Ecossistemas do IBAMA, a fim de nivelar o conhecimento das pessoas presentes acerca do tema.

Após esta explanação, o diretor do Parque Nacional da Serra dos Órgãos, Ernesto Viveiros de Castro, fez um balanço do andamento da revisão do plano de manejo do parque e apresentou a exposição de motivos que justificaram a criação do PARNASO.

## **Diagnóstico da Situação Atual do PARNASO**

A construção participativa começou com o diagnóstico do ambiente interno ao parque. Em plenária, os participantes identificaram, como pontos fortes, os fenômenos ou condições inerentes que contribuem para o manejo do parque e, como pontos fracos, os fenômenos ou condições inerentes que dificultam ou impedem o manejo do PARNASO. Após o levantamento e a organização das idéias, os participantes indicaram os aspectos que consideravam mais relevantes por meio de uma priorização individual.

## **Construção do Cenário Externo ao PARNASO**

Com intuito de conhecer os fenômenos ou condições externas que dificultam ou que contribuem para alcance dos objetivos do parque, os participantes trabalharam em plenária levantando ameaças e oportunidades. As idéias foram registradas em fichas, agrupadas em temas e priorizadas, com os mesmos procedimentos utilizados na etapa anterior a esta.

## **Mapeamento de Informações e definição de Áreas Estratégicas**

O mapeamento de informações é a espacialização, com a utilização de mapas, dos elementos que constituem a situação atual e o cenário do parque. A partir disto e da aplicação dos critérios estabelecidos no Roteiro Metodológico de Planejamento são estabelecidas áreas estratégicas para a gestão da UC tanto dentro de seus limites quanto fora deles.





As áreas estratégicas internas “são áreas relevantes para o manejo e o alcance dos objetivos de criação da UC, com identidade fundamentada em condições ecológicas peculiares e/ou vocação para atividades específicas, para as quais serão direcionadas estratégias visando reverter ou otimizar as forças/ fraquezas da UC” (IBAMA, 2002). Na escolha destas áreas aplicam-se os seguintes critérios:

- Áreas com necessidade de pesquisas especiais;
- Área com potencial para conscientização ambiental: local adequado para trilhas, aulas práticas, visualização da fauna, visualização de espécimes significativos da vegetação, dentre outros;
- Áreas com potencial para visitação e lazer, tais como: locais de banho, escalada, montanhismo, rapel, acampamento, caminhadas, dentre outros;
- Áreas degradadas que necessitem de intervenção para sua recuperação;
- Sítios histórico-culturais, arqueológicos ou paleontológicos;
- Existência de infra-estrutura, inclusive aquelas voltadas à administração da UC;
- Áreas com condições ecológicas peculiares que necessitem de proteção e manejo especiais, tais como ninhais, lagoas, grutas, dentre outros;
- Áreas suscetíveis a danos provenientes do exterior da UC;
- Áreas que concentrem várias atividades.

As áreas estratégicas externas são definidas como áreas relevantes para interação de UC com sua região, especialmente sua zona de amortecimento, que apresentam situações específicas (ameaças/oportunidades) para as quais serão direcionadas estratégias visando reverter ou otimizar o quadro.

Nesta etapa, os participantes foram divididos em dois grupos. Um deles propôs as áreas estratégicas internas e o outro as externas. Ao término do trabalho, um representante de cada grupo apresentou as proposições em plenária.

### **Definição de Ações de Manejo**

Com auxílio da visualização por tarjetas, os participantes, novamente em grupos, elaboraram um painel de sugestões de ações de manejo para cada área estratégica do ambiente interno e do ambiente externo. Também foram sugeridas ações gerais que poderiam contribuir para a gestão do parque como um todo.



## **Delimitação da Zona de Amortecimento**

A Zona de Amortecimento do PARNASO foi identificada em plenária com o auxílio da visualização da carta imagem do parque por meio de data show e do software Arc View. A partir da faixa de 10km em torno dos limites da UC, foram estabelecidas áreas para inclusão e exclusão de acordo com os critérios listados abaixo.

Critérios de inclusão:

- As micro-bacias dos rios que fluem para a unidade de conservação e, quando possível, considerar os seus divisores de água.
- Áreas de recarga de aquíferos.
- Locais de nidificação ou de pouso de aves migratórias ou não.
- Locais de desenvolvimento de projetos e programas federais, estaduais e municipais que possam afetar a unidade de conservação (assentamentos, projetos agrícolas, pólos industriais, grandes projetos privados, e outros).
- Áreas úmidas com importância ecológica para a UC.
- Unidades de conservação em áreas contíguas;
- Áreas naturais preservadas, com potencial de conectividade com a unidade de conservação (APP, RL, RPPN e outras);
- Remanescentes de ambientes naturais próximos à UC que possam funcionar ou não como corredores ecológicos;
- Sítios de alimentação, descanso/pouso e reprodução de espécies que ocorrem na unidade de conservação;
- Áreas sujeitas a processos de erosão, de escorregamento de massa, que possam vir a afetar a integridade da UC;
- Áreas com risco de expansão urbana ou presença de construção que afetem aspectos paisagísticos notáveis junto aos limites da UC;
- Ocorrência de acidentes geográficos e geológicos notáveis ou aspectos cênicos próximos à UC;
- Sítios arqueológicos.

Critérios de ajuste:

- Limites identificáveis no campo (linhas férreas, estradas, rios e outros de visibilidade equivalente).
- Influência do espaço aéreo (ventos que conduzam emissões gasosas, por exemplo) e do subsolo (que possa comprometer os aquíferos e os solos da UC).



Paralelamente às atividades da oficina, os participantes tiveram oportunidade de dar sugestões à proposta preliminar de zoneamento do PARNASO.

### **Elaboração da Matriz de Cooperação Institucional**

A elaboração da matriz de cooperação institucional foi a última etapa da oficina. Cada participante foi convidado a expor o interesse da instituição que representava em relação ao PARNASO e o potencial de cooperação para a gestão do parque. Também foi elaborado um painel com o potencial de contribuição de outras instituições que não estavam presentes na oficina. Os resultados desta e de outras etapas do evento constam no item Resultados deste relatório.

### **Avaliação e encerramento do evento**

A avaliação da oficina foi realizada individualmente pelos participantes por meio da resposta a um breve questionário. Oralmente, as pessoas que desejaram tiveram oportunidade de manifestar suas opiniões e impressões sobre o evento. Para concluir os trabalhos, o diretor do parque realizou o encerramento do evento agradecendo a participação de todos.

# R

## RESULTADOS

### 2.1. PAINEL DE VISÕES SOBRE O PARQUE NACIONAL DA SERRA DOS ÓRGÃOS

---

A visão dos participantes sobre o PARNASO é:

- Entre outras, manancial de qualidade de vida (Elizabeth Bravo);
- Possibilidade de a população entender a importância da conservação da natureza;
- Ótimo espaço para aproximar a população da conservação da biodiversidade;
- Beleza inigualável, preservação, educação;
- Mais um desafio para trabalhar;
- É a preservação da natureza em harmonia com o homem;
- Potencial de educação ambiental pela promoção de qualidade de vida;
- Espaço importante de preservação e de educação dos recursos naturais da Mata Atlântica;
- Área natural relevante e importante centro de montanhismo tradicional;
- Parte do Corredor Ecológico;
- Importante para a conservação da biodiversidade da Mata Atlântica;
- Pode ser um centro de pesquisa de aplicação de conceitos da conservação e da educação ambiental em nível regional;
- Refúgio preservado e exemplo para a sociedade de conservação, conhecimento e educação;
- Preservação de uma porção nobre da Mata Atlântica para gerações futuras;
- Fonte de vida e de água;
- Preservação de recursos naturais, atração turística, vizinho pouco conhecido;
- Educador e protetor do meio ambiente para a população;
- O parque é um instrumento das áreas naturais e reúne conceitos que facilitam a educação.

## **2.2. ANÁLISE DA SITUAÇÃO ATUAL – AMBIENTE INTERNO**

### **PONTOS FORTES**

#### **CONSERVAÇÃO DA NATUREZA**

- Boas condições gerais de preservação no contexto regional. (5)
- A expressiva biodiversidade. (4)
- Fonte importante de recursos hídricos para o entorno (2).
- Ocupa posição central no corredor de biodiversidade da Serra do Mar. (4)
- Grande importância da UC dentro do SNUC. (2)
- É uma referência histórica como área de conservação e turismo.

#### **LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA**

- A localização geográfica favorece a gestão, o uso público, a pesquisa e a educação ambiental pela proximidade dos centros urbanos. (10).
- O seu relevo auxilia na sua preservação. (2)
- Localização reconhecida pela população local.

#### **VISITAÇÃO E TURISMO**

- As características naturais geram uma vocação para o montanhismo e o ecoturismo. (5)
- Beleza cênica e qualidade ambiental incentivam o turismo regional. (2)
- Existência de várias opções de lazer para o visitante. (1)

#### **GESTÃO PARTICIPATIVA**

- Conselho consultivo constituído e atuante. (11)
- Foco de integração da política ambiental para Teresópolis e Guapimirim.

#### **PESQUISAS**

- Forte presença das instituições de pesquisas na unidade de conservação. (5)
- Quantidade e qualidade dos conhecimentos científicos na sede de Teresópolis.
- O parque apresenta alta atratividade para pesquisadores de diversas áreas.

#### **ESTRUTURA ADMINISTRATIVA**

- Boa estrutura administrativa das sedes de Teresópolis e de Guapimirim. (3)

## PONTOS FRACOS

### ESTRUTURA ADMINISTRATIVA

- Contingente de técnicos e fiscais insuficiente para a área. (16)
- Dificuldades financeiras para manutenção de infraestrutura (edificações, veículos, equipamentos). (10)
- Estrutura e presença mínima em Petrópolis e Magé. (2)
- Pouca articulação de profissionais (IBAMA/pesquisadores) em áreas fora da sede de Teresópolis. (1)

### REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA

- Ocupação de áreas do PARNASO por comunidades em função da indefinição de limites (entre criação – 1939 e delimitação – 1984). (12)
- Dificuldade de regularização fundiária. (4)

### CONSERVAÇÃO DA NATUREZA

- Presença de espécies exóticas no parque.

### LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

- Limites físicos não muito claros.

### VISITAÇÃO E TURISMO

- Folheteria inadequada para visitantes estrangeiros. (4)
- Não utilização das instalações de atendimento aos turistas existentes. (3)
- Manutenção insuficiente de trilhas e existência de atalhos, erosão e lixo. (2)
- Folheteria não contém localização espacial e informações sobre os atrativos. (1)
- Área de estacionamento insuficiente na sede de Teresópolis e inexistente em Petrópolis. (1)
- Sinalização insuficiente. (1)
- Inexistência de sinalização bilíngüe. (1)
- Pouca divulgação de alguns atrativos do parque.

### CONTROLE DE ACESSOS

- Dificuldade no controle dos acessos (grande número dos mesmos). (2)
- Existência de acessos irregulares.
- Rodovia como facilitador de penetração.

### PESQUISAS

- Conhecimento científico muito superficial sobre as áreas distantes da sede de Teresópolis e de difícil acesso. (4).

### USO CONFLITANTE

- Existência de uma faixa da BR 116 dentro do PARNASO. (8)
- Existência de linhas de transmissão na UC. (1)
- Captação de água irregular de dentro da UC.

### 2.3. ANÁLISE DE RELEVÂNCIA DO AMBIENTE INTERNO<sup>1</sup>

PONTOS FORTES	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
<b>CONSERVAÇÃO DA NATUREZA</b>																
Boas condições gerais de preservação no contexto regional.																
A expressiva biodiversidade.																
Fonte importante de recursos hídricos para o entorno.																
Ocupa posição central no corredor de biodiversidade da Serra do Mar.																
Grande importância da UC dentro do SNUC.																
<b>LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA</b>																
A localização geográfica favorece a gestão, o uso público, a pesquisa e a educação ambiental pela proximidade dos centros urbanos.																
O seu relevo auxilia na sua preservação.																
Localização reconhecida pela população local.																
<b>VISITAÇÃO E TURISMO</b>																
As características naturais geram uma vocação para o montanhismo e o ecoturismo.																
Beleza cênica e qualidade ambiental incentivam o turismo regional.																
Existência de várias opções de lazer para o visitante.																
<b>GESTÃO PARTICIPATIVA</b>																
Conselho consultivo constituído e atuante.																
Foco de integração da política ambiental para Teresópolis e Guapimirim.																

<sup>1</sup> A escala tabela de relevância consiste no número de pessoas que indicaram o item como prioritário.



<b>Pontos fortes</b>	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
<b>PESQUISAS</b>																
Forte presença das instituições de pesquisas na unidade de conservação.																
Quantidade e qualidade dos conhecimentos científicos na sede de Teresópolis.																
O parque apresenta alta atratividade para pesquisadores de diversas áreas.																
<b>ESTRUTURA ADMINISTRATIVA</b>																
Boa estrutura administrativa das sedes de Teresópolis e de Guapimirim.																

<b>PONTOS FRACOS</b>	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
<b>ESTRUTURA ADMINISTRATIVA</b>																
Contingente de técnicos e fiscais insuficiente para a área.																
Dificuldades financeiras para manutenção de infra-estrutura (edificações, veículos, equipamentos).																
Estrutura e presença mínima em Petrópolis e Magé.																
Pouca articulação de profissionais (IBAMA/ pesquisadores) em áreas fora da sede de Teresópolis.																
<b>REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA</b>																
Ocupação de áreas do PARNASO por comunidades em função da indefinição de limites (entre criação – 1939 e delimitação – 1984).																
Dificuldade de regularização fundiária.																
<b>CONSERVAÇÃO DA NATUREZA</b>																
Presença de espécies exóticas no parque.																
<b>LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA</b>																
Limites físicos não muito claros.																
<b>VISITAÇÃO E TURISMO</b>																
Folheteria inadequada para visitantes estrangeiros.																
Não utilização das instalações de atendimento aos turistas existentes.																

<b>PONTOS FRACOS</b>	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
Manutenção insuficiente de trilhas e existência de atalhos, erosão e lixo.																
Folheteria não contém localização espacial e informações sobre os atrativos.																
Área de estacionamento insuficiente na sede de Teresópolis e inexistente em Petrópolis.																
Sinalização insuficiente.																
Inexistência de sinalização bilíngüe.																
Pouca divulgação de alguns atrativos do parque.																
<b>CONTROLE DE ACESSOS</b>																
Dificuldade no controle dos acessos (grande número dos mesmos).																
Existência de acessos irregulares.																
Rodovia como facilitador de penetração.																
<b>PESQUISAS</b>																
Conhecimento científico muito superficial sobre as áreas distantes da sede de Teresópolis e de difícil acesso.																
<b>USO CONFLITANTE</b>																
Existência de uma faixa da BR 116 dentro do PARNASO.																
Existência de linhas de transmissão na UC.																
Captação de água irregular de dentro da UC.																

## 2.4. ANÁLISE DO CENÁRIO – AMBIENTE EXTERNO

### AMEAÇAS

#### OCUPAÇÃO IRREGULAR

- Crescimento Populacional e ocupação irregular na área do entorno. (11)
- Pressão da especulação imobiliária no entorno. (1)

#### CRIMES AMBIENTAIS

- Queimadas criminosas no entorno do parque agravadas na época seca. (5)
- Caça, extração de palmito e plantas ornamentais. (5)
- Poluição do rio Paquequer já atingindo o interior da UC. (3)



- Contaminação dos cursos d'água pelo esgoto das comunidades do entorno. (2)
- Perigo de instalação de um gaseoduto na área do parque ou do entorno. (2)
- Presença de espécies exóticas no entorno. (1)
- Entrada de pessoas de forma irregular. (1)
- Poluição atmosférica de indústrias da baixada fluminense.
- Pressão da comunidade – fábrica de bijouteria em Monte Olivetti.

### **SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL**

- Conscientização ambiental insuficiente dos visitantes e da população do entorno. (9)
- Desinteresse e desinformação da população local quanto às funções do PARNASO. (1)
- A população de Petrópolis não identifica o parque como parte do seu município. (1)

### **INSTITUCIONAL**

- Esforço insuficiente das prefeituras na política ambiental. (12)
- Articulação interinstitucional fraca. (5)
- Ineficiência e sobreposição de competências dos órgãos ambientais. (5)
- Inexistência de previsão orçamentária. (3)
- Falta de visão do poder público municipal da importância do PARNASO para o desenvolvimento turístico e econômico do município. (2)
- Morosidade da máquina pública do Governo Federal (IBAMA).
- As atividades de proteção do parque não são atendidas, devido às demandas externas. (2)

⚡ (Não houve consenso quanto à redação mais adequada)

## **OPORTUNIDADES**

### **PARCERIAS E PROJETOS**

- Parcerias com instituições de ensino, pesquisa e extensão. (11)
- Gestão integrada com demais UCs da região (Mosaico). (7)
- Parcerias e desenvolvimento de projetos com entidades ambientais e de montanhistas. (3)
- Parcerias com empresários do entorno para divulgar o parque.
- Grande visibilidade trazendo oportunidades para parcerias. (2)
- Manejo integrado junto aos Comitês de Bacia. (2)



- Interesse de instituições em desenvolver projetos no parque.

### **VISITAÇÃO E TURISMO**

- Potencial ecoturístico existente no entorno. (5)
- Potencial de crescimento da visitação ordenada. (1)
- Proximidade de grandes centros urbanos facilitando o acesso. (1)
- Reconhecimento internacional para a preservação e o ecoturismo. (1)
- A efetiva implantação do Circuito Ecoturístico do Bonfim. (1)
- Existência de infra-estrutura turística no contexto regional.

### **RECURSOS FINANCEIROS**

- Potencial para a captação de recursos para a UC ("marca" forte e conhecida). (11)
- Captação de recursos de fundos de financiamento.
- Captação de recursos financeiros via compensação ambiental. (4)

## **2.5. ANÁLISE DE RELEVÂNCIA DO AMBIENTE EXTERNO<sup>2</sup>**

<b>AMEAÇAS</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>10</b>	<b>11</b>	<b>12</b>	<b>13</b>	<b>14</b>	<b>15</b>	<b>16</b>
<b>OCUPAÇÃO IRREGULAR</b>																
Crescimento Populacional e ocupação irregular na área do entorno.																
Pressão da especulação imobiliária no entorno.																
<b>CRIMES AMBIENTAIS</b>																
Queimadas criminosas no entorno do parque agravadas na época seca.																
Caça, extração de palmito e plantas ornamentais.																
Poluição do rio Paquequer já atingindo o interior da UC.																
Contaminação dos cursos d'água pelo esgoto das comunidades do entorno.																
Perigo de instalação de um gaseoduto na área do parque ou do entorno.																
Presença de espécies exóticas no entorno.																
Entrada de pessoas de forma irregular.																

<sup>2</sup> A escala tabela de relevância consiste no número de pessoas que indicaram o item como prioritário.

<b>AMEAÇAS</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>10</b>	<b>11</b>	<b>12</b>	<b>13</b>	<b>14</b>	<b>15</b>	<b>16</b>
Poluição atmosférica de indústrias da baixada fluminense.																
<b>SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL</b>																
Conscientização ambiental insuficiente dos visitantes e da população do entorno.																
Desinteresse e desinformação da população local quanto às funções do PARNASO.																
A população de Petrópolis não identifica o parque como parte do seu município.																
<b>INSTITUCIONAL</b>																
Esforço insuficiente das prefeituras na política ambiental.																
Articulação interinstitucional fraca.																
Ineficiência e sobreposição de competências dos órgãos ambientais.																
Inexistência de previsão orçamentária.																
Falta de visão do poder público municipal da importância do PARNASO para o desenvolvimento turístico e econômico do município.																
As atividades de proteção do parque não são atendidas, devido às demandas externas.																
Morosidade da máquina pública do Governo Federal (IBAMA).																

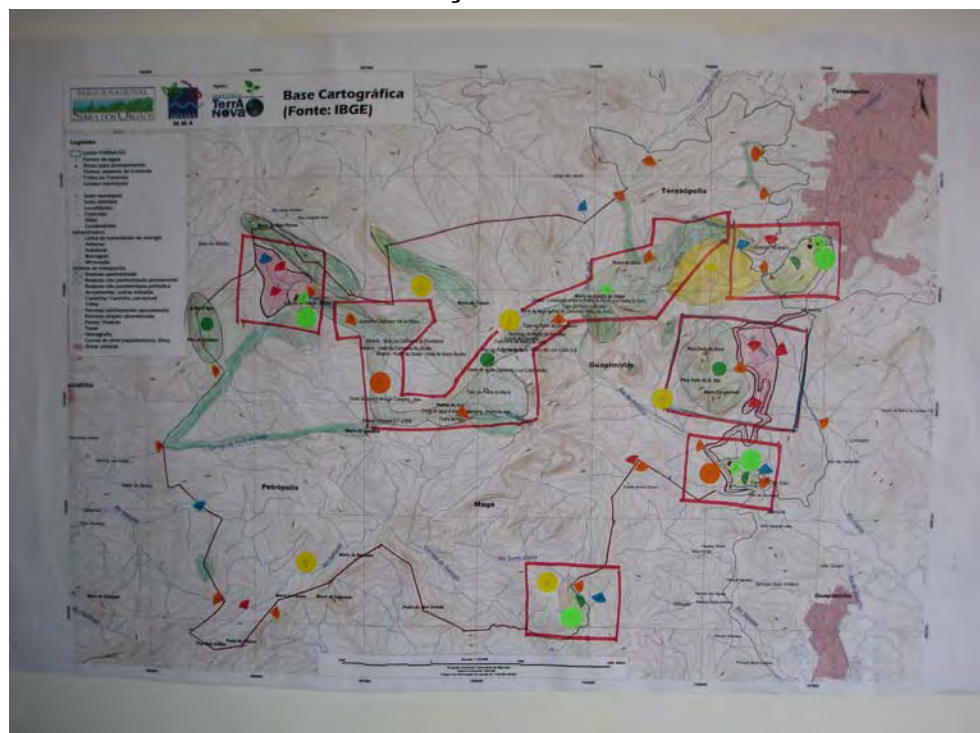
<b>OPORTUNIDADES</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>10</b>	<b>11</b>	<b>12</b>	<b>13</b>	<b>14</b>	<b>15</b>	<b>16</b>
<b>PARCERIAS E PROJETOS</b>																
Parcerias com instituições de ensino, pesquisa e extensão.																
Gestão integrada com demais UCs da região (Mosaico).																
Parcerias e desenvolvimento de projetos com entidades ambientais e de montanhistas.																
Grande visibilidade trazendo oportunidades para parcerias.																
Manejo integrado junto aos Comitês de Bacia.																
Parcerias com empresários do entorno para divulgar o parque.																
Interesse de instituições em desenvolver projetos no parque.																

OPORTUNIDADES	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
<b>VISITAÇÃO E TURISMO</b>																
Potencial ecoturístico existente no entorno.																
Potencial de crescimento da visitação ordenada.																
Proximidade de grandes centros urbanos facilitando o acesso.																
Reconhecimento internacional para a preservação e o ecoturismo.																
A efetiva implantação do Circuito Ecoturístico do Bonfim.																
Existência de infra-estrutura turística no contexto regional.																
<b>RECURSOS FINANCEIROS</b>																
Potencial para a captação de recursos para a UC ("marca" forte e conhecida). (11)																
Captação de recursos financeiros via compensação ambiental. (4)																

## 2.5. MAPEAMENTO DE INFORMAÇÕES E DEFINIÇÃO DE ÁREAS ESTRATÉGICAS

### ÁREAS ESTRATÉGICAS INTERNAS

#### MAPAMENTO DE INFORMAÇÕES











**Legenda:**

 **ÁREAS ESTRATEGICAS INTERNAS**



- A - Sede Teresópolis
- B - Sede Guapimirim
- C - Setor Santo Aleixo
- D - Travessia
- E - Sede Petrópolis


**PONTOS FORTES**

<b>Símbolo</b>	<b>Descrição</b>
	<b>Recursos Hídricos</b> 1 Paquequer 2 Jacó 3 Bonfim 4 Itamaraty (Caxambu) 5 Santo Aleixo 6 Soberbo
	<b>Visitação e turismo</b> 1 Complexo Dedo de Deus 2 Complexo da Travessia 3 Complexo Alcobaça
	<b>Opções de lazer</b>
	1A Sede Teresópolis
	2A Sede Guapimirim
	3A Santo Aleixo
	<b>Pesquisas</b>
	Vale do Rio Paquequer e Trilha do Sino
	<b>Estrutura Administrativa</b>
	1 Sede Teresópolis
	2 Sede Guapimirim
	3 Sede Petrópolis
	4 Abrigo 4
	Foco de integração política Teresópolis-Guapimirim






### PONTOS FRACOS

Símbolo	Descrição
	Estrutura e presença mínima em Petrópolis e Magé
 	<b>Áreas ocupadas</b> 1 Vale do Bonfim 2 Vale do Garrafão
 	<b>Presença de espécies exóticas</b> Ao longo da BR 116 Bonfim Vale do Garrafão Sede Teresópolis
	<b>Localização Geográfica</b> Limite norte: Jacó-Bonfim Limite sul: Caxambu-Santo Aleixo Limite sudeste: Santo Aleixo-Monte Olivetti
	<b>Visitação e turismo</b>
	Sede Teresópolis – Não utilização das instalações de atendimento aos turistas existentes.
	Área de estacionamento insuficiente na sede de Teresópolis.
	Manutenção insuficiente de trilhas e existência de atalhos, erosão e lixo. 1 Subida do Açú 2 Açú 3 Vale das Antas 4 Abrigo 3 e entorno
	Controle de acessos 1 Granja Guarani (caça) 2 Santinha e entorno (BR 116) (caça) 3 Soberbo (Rio Soberbo) (caça) 4 Sede Guapimirim – portão 2 5 Santo Aleixo (caça) 6 Linha de transmissão (Santo Aleixo-Caxambu) (caça) 7 Açú-Caxambu 8 Bonfim 9 Cascata dos Amores (caça) 10 Ingá (caça) 11 Monte Olivetti (caça) 12 Limoeiro (caça) 13 Quebra-frascos 14 Travessia Jacó-Papudo

Símbolo	Descrição
	15 Alcobaca-Trilha do Açú
==	Rodovia BR 116
	Uso conflitante
	Existência de linhas de transmissão 1 Santo Aleixo 2 BR 116 Captação de água irregular 3 Garrafão 4 Bonfim 5 Granja Guarani 6 Monte Olivetti

### **CRITÉRIOS PARA DEFINIÇÃO DAS ÁREAS ESTRATÉGICAS INTERNAS**

Símbolo	Descrição
	Áreas prioritárias para pesquisa: campos de altitude, vertentes de Petrópolis, Vale do Rio Soberbo, Santo Aleixo e Vale do Rio Itamaraty
	Potencial para conscientização ambiental e visitação
	Recuperação de áreas degradadas 1 Início da BR 116 2 Subida para o Açú

### QUADRO DE INFORMAÇÕES

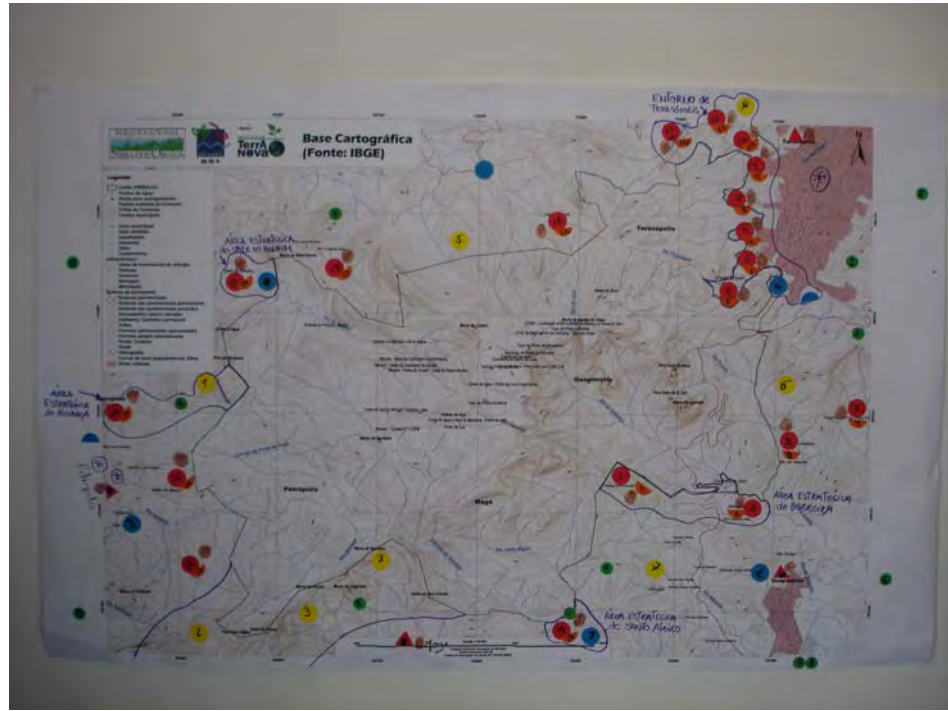
ÁREA ESTRATÉGICA INTERNA	ELEMENTOS CHAVES
Teresópolis	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Estrutura administrativa</li> <li>▪ Foco de integração para política ambiental.</li> <li>▪ Opções de lazer.</li> <li>▪ Potencial para interpretação ambiental.</li> <li>▪ Não utilização das instalações de visitação.</li> <li>▪ Presença de espécies exóticas.</li> <li>▪ Patrimônio histórico-cultural</li> <li>▪ Captação de água irregular.</li> <li>▪ Acessos irregulares.</li> <li>▪ Área de concentração de pesquisas.</li> </ul>
Petrópolis	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Ocupação humana.</li> <li>▪ Acesso irregular.</li> <li>▪ Captação de água.</li> <li>▪ Captação de água irregular.</li> </ul>

ÁREA ESTRATÉGICA INTERNA	ELEMENTOS CHAVES
Petrópolis (cont)	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Existência de infra-estrutura.</li> <li>▪ Necessidade de reforço de infra-estrutura.</li> <li>▪ Potencial para interpretação ambiental.</li> <li>▪ Limites físicos não muito claros.</li> </ul>
Guapimirim	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Necessidade de recuperação de áreas degradadas (BR 116).</li> <li>▪ Existência de captação de água.</li> <li>▪ Potencial para interpretação ambiental.</li> <li>▪ Opções de lazer.</li> <li>▪ Recuperação de infra-estrutura.</li> <li>▪ Presença de acessos irregulares.</li> <li>▪ Existência de infra-estrutura.</li> <li>▪ Uso conflitante – BR 116</li> <li>▪ Patrimônio histórico, cultural e arqueológico.</li> </ul>
Santo Aleixo	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Prioridade de pesquisa.</li> <li>▪ Necessidade de infra-estrutura.</li> <li>▪ Existência de atrativos (cachoeiras).</li> <li>▪ Captação de água.</li> <li>▪ Potencial para educação ambiental.</li> <li>▪ Acessos irregulares.</li> <li>▪ Potencial para visitação.</li> </ul>
Travessia	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Prioridade de pesquisa.</li> <li>▪ Área de interesse para o montanhismo.</li> <li>▪ Manutenção insuficiente de trilhas.</li> <li>▪ Necessidade de infra-estrutura (Ex: abrigo no Açú).</li> <li>▪ Estrutura administrativa (Abrigo 4).</li> </ul>
Complexo Dedo de Deus / Garrafão	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Área de interesse para o montanhismo.</li> <li>▪ Acesso irregular.</li> <li>▪ Prioridade de pesquisa.</li> <li>▪ Ocupação humana.</li> <li>▪ Captação de água irregular.</li> <li>▪ Uso conflitante (BR 116).</li> </ul>



## ÁREAS ESTRATÉGICAS EXTERNAS

### MAPEAMENTO DE INFORMAÇÕES



Legenda:

### ÁREAS ESTRATEGICAS EXTERNAS

- Entorno de Teresópolis
- Vale do Bonfim
- Alcobaça
- Barreira e Monte Olivetti
- Santo Aleixo
- Serra da Estrela/ Itacolomi

### AMEAÇAS

Símbolo	Descrição
●	<b>Ocupação Irregular</b> 1 Granja Monte Olivetti 2 Barreira 3 Limoeiro 4 Caneca Fina 5 Granja Guarani

Símbolo	Descrição
●	<p>6 Ingá</p> <p>7 Cascata dos Amores</p> <p>8 Lucas</p> <p>9 Corta Vento</p> <p>10 Jardim Serrano</p> <p>11 Caleme</p> <p>11a Quebra-frasco</p> <p>12 Vale do Jacó</p> <p>13 Mata Porcos</p> <p>14 Vale do Bonfim</p> <p>15 Cascatinhas</p> <p>16 Mato Branco (Caxambu)</p> <p>17 Caxambu</p> <p>18 Santo Aleixo</p>
●	<p><b>Crimes Ambientais</b></p> <p>1 Granja Monte Olivetti: queimadas criminosas, caça, extração de palmito, plantas ornamentais, poluição do rio Paquequer, contaminação dos cursos d'água pelo esgoto das comunidades do entorno, perigo de instalação de um gaseoduto, presença de espécies exóticas, entrada irregular, poluição atmosférica de indústrias da baixada fluminense.</p> <p>2 Barreira: caça, extração de palmito, plantas ornamentais, contaminação dos cursos d'água pelo esgoto das comunidades do entorno, entrada irregular, poluição atmosférica de indústrias da baixada fluminense.</p> <p>3 Limoeiro: caça, extração de palmito, plantas ornamentais, contaminação dos cursos d'água pelo esgoto das comunidades do entorno, perigo de instalação de um gaseoduto, presença de espécies exóticas, entrada irregular, poluição atmosférica de indústrias da baixada fluminense.</p> <p>4 Caneca Fina: queimadas criminosas, caça, extração de palmito, plantas ornamentais, contaminação dos cursos d'água pelo esgoto das comunidades do entorno, perigo de instalação de um gaseoduto, presença de espécies exóticas, entrada irregular, poluição atmosférica de indústrias da baixada fluminense.</p> <p>5 Granja Guarani: caça, poluição do rio Paquequer, contaminação dos cursos d'água pelo esgoto das comunidades do entorno, perigo de instalação de um gaseoduto, presença de espécies exóticas, entrada irregular.</p> <p>6 Ingá: caça, extração de palmito, plantas ornamentais, contaminação dos cursos d'água pelo esgoto das comunidades do entorno, presença de espécies exóticas, entrada irregular.</p> <p>7 Cascata dos Amores: caça, extração de palmito, plantas ornamentais, poluição do rio Paquequer, contaminação dos cursos d'água pelo esgoto das comunidades do entorno, presença de espécies exóticas, entrada irregular.</p>

Símbolo	Descrição
●	<p><b>Crimes Ambientais (continuação)</b></p> <p>8 Lucas: queimadas criminosas, caça, plantas ornamentais, poluição do rio Paquequer, contaminação dos cursos d'água pelo esgoto das comunidades do entorno, perigo de instalação de um gaseoduto, entrada irregular.</p> <p>9 Corta Vento: queimadas criminosas, caça, plantas ornamentais, contaminação dos cursos d'água pelo esgoto das comunidades do entorno, presença de espécies exóticas, entrada irregular.</p> <p>10 Jardim Serrano: queimadas criminosas, caça, plantas ornamentais, contaminação dos cursos d'água pelo esgoto das comunidades do entorno, presença de espécies exóticas, entrada irregular.</p> <p>11 Caleme: queimadas criminosas, caça, plantas ornamentais, contaminação dos cursos d'água pelo esgoto das comunidades do entorno, presença de espécies exóticas, entrada irregular.</p> <p>11a Quebra-frasco: queimadas criminosas, caça, plantas ornamentais, contaminação dos cursos d'água pelo esgoto das comunidades do entorno, presença de espécies exóticas, entrada irregular.</p> <p>12 Vale do Jacó: queimadas criminosas, caça, plantas ornamentais, contaminação dos cursos d'água pelo esgoto das comunidades do entorno, presença de espécies exóticas, entrada irregular (?).</p> <p>13 Mata Porcos: caça, plantas ornamentais, contaminação dos cursos d'água pelo esgoto das comunidades do entorno, presença de espécies exóticas.</p> <p>14 Vale do Bonfim: queimadas criminosas, caça, plantas ornamentais, contaminação dos cursos d'água pelo esgoto das comunidades do entorno, presença de espécies exóticas, entrada irregular.</p> <p>15 Cascatinhas: queimadas criminosas, caça, extração de palmito, plantas ornamentais, contaminação dos cursos d'água pelo esgoto das comunidades do entorno, presença de espécies exóticas, entrada irregular.</p> <p>16 Mato Branco (Caxambu): queimadas criminosas, caça, extração de palmito, plantas ornamentais, contaminação dos cursos d'água pelo esgoto das comunidades do entorno, presença de espécies exóticas, entrada irregular.</p> <p>17 Caxambu: queimadas criminosas, caça, extração de palmito, plantas ornamentais, contaminação dos cursos d'água pelo esgoto das comunidades do entorno, presença de espécies exóticas, entrada irregular.</p> <p>18 Santo Aleixo: queimadas criminosas, caça, extração de palmito, plantas ornamentais, contaminação dos cursos d'água pelo esgoto das comunidades do entorno, presença de espécies exóticas, entrada irregular e poluição atmosférica de indústrias da baixada fluminense.</p>

Símbolo	Descrição
	<b>Conscientização ambiental insuficiente em todas as comunidades e sedes municipais</b>
	<b>A população de Petrópolis não identifica o parque como parte de seu município.</b>
	<b>Institucional</b> Esforço insuficiente da Prefeitura Municipal de Teresópolis na política ambiental.
	Prefeituras municipais que já participam na gestão do parque (Petrópolis e Guapimirim).
	Esforço inexistente da Prefeitura Municipal de Magé na política ambiental.

### **OPORTUNIDADES**

Símbolo	Descrição
	<b>Instituições de pesquisa do entorno (FESO, CEDERJ, UCP, FASE, Estácio de Sá).</b>
	<b>Unidades de Conservação</b> 1 Parque Estadual dos Três Picos (IEF) 2 Área de Proteção Ambiental Jacarandá (FEEMA) 3 Área de Proteção Ambiental Frades (FEEMA) 4 Área de Proteção Ambiental Petrópolis (IBAMA) 5 Reserva Biológica Araras (IEF) 6 Estação Ecológica Paraíso (FEEMA) 7 Área de Proteção Ambiental Guapimirim (IBAMA) 8 Área de Proteção Ambiental Guapimirim-Guapiaçú (Guapimirim) 9 Reserva Biológica Tinguí (IBAMA) 10 Reserva Particular de Patrimônio Natural El Nagual.
	<b>Potencial turístico</b> 1 Santo Aleixo 2 Guapimirim 3 Caxambu 4 Complexo da Estrada Parque
	<b>Potencial de turismo ordenado</b> 1 Teresópolis 2 Bonfim
	<b>Existência de infra-estrutura turística</b> 1 Teresópolis 2 Petrópolis

Símbolo	Descrição
●	<p><b>Áreas conservadas (potencial para ampliação do parque)</b></p> <p>1 Alcobaça 2 Serra da Estrela 3 Itacolomi 4 Mata do Triunfo 5 Vale do Jacó 6 Caneca Fina 7 Corujas</p>

## 2.6. AÇÕES DE MANEJO

### Áreas Estratégicas Internas

#### Áreas Teresópolis

- Localizar e avaliar o potencial espeleológico da unidade.
- Inventariar e manejar as espécies exóticas.
- Elaborar e implantar programa de turismo científico.
- Ampliar o programa de visitas escolares.
- Conceder a exploração de serviços (pousada, centro de visitantes, Abrigo 4, estacionamento, casa do montanhista, transporte interno).
- Estudar e instalar novas opções de atrativos na área de uso intensivo. Por exemplo: Trilha Cartão Postal, ducha na barragem, cachoeira do Paquequer.
- Promover eventos de caráter ambiental (reunir fiscais ambientais de diferentes esferas para integração, encontros de pesquisadores e montanhistas).
- Fechar acessos irregulares da Granja Guarani.
- Mapear e monitorar as captações irregulares na Granja Guarani.
- Regularizar e disciplinar captação de água as CEDAE (barragem Beija-Flor).
- Ampliar a casa do pesquisador.
- Criar infra-estrutura para trabalho material coletado.

#### Área Petrópolis

- Fechar acessos acima do Paraíso Açú.
- Promover entendimento com a Prefeitura de Petrópolis para melhorias estruturais (acesso à portaria).



- Ordenar e disciplinar a ocupação do Bonfim até a regularização fundiária, através de TAC com Ministério Público, estimulando práticas e atividades sustentáveis.
- Instalar centro de visitantes e núcleo administrativo.
- Promover a regularização fundiária de área para instalação de infra-estrutura.
- Implantar programa de visitação escolar.
- Estimular o desenvolvimento de pesquisas.
- Mapear as captações de água.
- Garantir a presença permanente de servidores do IBAMA.

### Área Guapimirim

- Formalizar acordo com fontes da serra para compensação pela captação de água.
- Providenciar, junto à Concessionária Rio-Teresópolis – CRT, a recuperação de área degradada na BR 116.
- Estudar e instalar novas opções de atrativos na área de uso intensivo, por exemplo, trilha suspensa para capela, torre de observação de pássaros, locomotiva/vagão.
- Estimular o desenvolvimento de pesquisas.
- Ampliar o contingente envolvido no sistema de alerta de cabeça d'água.
- Promover restauração de casarão e capelinha em parceria com o INEPAC, Universidade Leipzig e de Colônia.
- Promover estudos do potencial arqueológico das ruínas (fazenda e estrada de ferro).
- Realizar convênios entre organizações não-governamentais e organizações governamentais a fim de reunir recursos humanos capacitados para desenvolver projeto de pesquisa histórico-cultural-arqueológica nos sítios de patrimônio histórico-cultural-arqueológicos do parque e para a recuperação do centro de visitantes Von Martius. Por exemplo: IPHAN, INEPAC, Museu Nacional, UFRJ, dentre outras.

### Área Santo Aleixo

- Mapear a captação de água.
- Instalar estrutura administrativa para controlar a visitação e entorno.
- Promover a regularização fundiária de área para instalação de infra-estrutura.
- Estimular o desenvolvimento de pesquisas.
- Mapear atrativos e potencial turístico.
- Aumentar a presença institucional.

### Área Travessia

- Estudar a localização e implantar o abrigo no Açu.
- Estimular o desenvolvimento de pesquisas.
- Mapear e disciplinar áreas de acampamento e alternativas de saneamento em lugares como o Véu da Noiva e o Vale das Antas.
- Conceder operação dos abrigos.
- Identificar os pontos de pouso de helicóptero na travessia.
- Promover a sensibilização de condutores e visitantes da travessia sobre a importância da sinalização na trilha.
- Criar sinalização específica para a travessia.

### Área Complexo Dedo de Deus x Garrafão

- Estimular o desenvolvimento de pesquisas.
- Disciplinar e monitorar o acesso ao Complexo Dedo de Deus.
- Ordenar e disciplinar ocupação do Garrafão até a regularização fundiária.
- Promover levantamento da situação fundiária e captação de água.
- Promover a desinstalação do posto de gasolina.
- Estimular a substituição de espécimes exóticos por espécimes nativos.

### Estratégias Gerais

- Aumentar o quadro de fiscais na unidade.
- Promover a regularização da BR 116, junto à CRT.
- Criar rotina de fiscalização para a unidade de conservação.
- Melhorar e reinstalar as placas de identificação dos limites do parque.
- Gerenciar, monitorar e manter as trilhas do PARNASO.
- Controlar e monitorar acessos irregulares.
- Sistematizar conhecimento científico e disponibilizá-lo.
- Estimular o desenvolvimento de pesquisas em áreas remotas.
- Implantar banco de dados georreferenciados englobando pesquisa, visitação, etc.
- Ordenar o turismo comercial, promover a qualificação e cadastro de guias e empresas.
- Estimular o sistema de salvamento e resgate.
- Manter infra-estrutura.
- Implantar um novo sistema bilíngüe de sinalização indicativa, informativa e interpretativa para o parque.
- Elaborar folheteria bilíngüe e com mapas.
- Melhorar a exposição dos centros de visitantes.
- Estudar a possibilidade de exclusão da área do Bonfim e do Garrafão dos limites do parque ↯ (não houve consenso).

## ÁREAS ESTRATÉGICAS EXTERNAS

### Vale do Bonfim

- Apoiar a implantação do circuito ecoturístico do Bonfim.
- Realizar eventos educativos em parceria com organizações não-governamentais e associações locais.
- Buscar parcerias para diagnosticar e identificar a potencialidade para geração de trabalho e renda.
- Realizar capacitação dos professores da rede pública.
- Ação conjunta do IBAMA e da Prefeitura Municipal de Petrópolis com a participação do Ministério Público Federal, para coibir a penetração no parque.
- Instalar uma base do PREV-FOGO na sede Petrópolis.
- Instalar placas de identificação dos limites do PARNASO.
- Fortalecer, por meio de parcerias institucionais com a Prefeitura Municipal de Petrópolis e o Instituto Estadual de Florestas, a fiscalização.

### Entorno de Teresópolis

- Intensificar a fiscalização.
- Intensificar as ações preventivas e ronda nas áreas críticas de incêndios entre Lucas e Caleme.
- Realizar eventos educativos em parceria com organizações não-governamentais e associações locais.
- Realizar capacitação dos professores da rede pública.
- Buscar parcerias para diagnosticar e identificar potencialidade para geração de trabalho e renda.
- Intensificar fiscalização conjunta com Ministério Público, FEEMA, IEF, SERLA e Prefeitura no Quebra-Frascos devido a especulação imobiliária.
- Ação conjunta do IBAMA com a Prefeitura e o Ministério Público para conter as ocupações irregulares.
- Fomentar aproximação com o órgão de gestão de turismo de Teresópolis.
- Articular projeto de melhoria do Mirante do Soberbo.

### Serra da Estrela/Itacolomi

- Prever, na ampliação do PARNASO, a Serra da Estrela/Itacolomi.
- Realizar a regularização fundiária da Serra da Estrela/Itacolomi após ampliação.



- Apoiar as ações de conectividade no Corredor da Mata Atlântica na Serra da Estrela.
- Efetivar parceria com a Prefeitura Municipal de Petrópolis para operacionalizar o posto de fiscalização.

### **Barreira/Monte Olivetti**

- Reforçar a fiscalização.
- Fomentar o ordenamento do turismo da Barreira.
- Realizar eventos educativos com organizações não-governamentais locais.
- Realizar capacitação dos professores para Escola Municipal de Monte Olivetti.
- Buscar parcerias para diagnosticar e identificar potencialidade para geração de trabalho e renda.

### **Alcobaça**

- Efetivar a fiscalização.
- Realizar convênio com o Batalhão Florestal.
- Instalar trailer (unidade móvel para fiscalizar com a presença do Batalhão Florestal e IBAMA).
- Realizar capacitação dos professores da rede pública.
- Buscar parcerias para diagnosticar e identificar potencialidade para geração de trabalho e renda.
- Realizar eventos educativos em parceria com organizações não-governamentais e RPPN locais.

### **Santo Aleixo**

- Buscar parcerias para diagnosticar e identificar potencialidade para geração de trabalho e renda.
- Fortalecer através de parcerias institucionais com a Prefeitura para a fiscalização.
- Realizar eventos educativos em parceria com organizações não-governamentais e associações locais.
- Realizar capacitação dos professores da rede pública.
- Fomentar o ordenamento do turismo.
- Prever na proposta de ampliação do PARNASO a área da Reserva Ecológica de Alcobaça e a área de conexão.
- Realizar a regularização fundiária da área de conexão da Reserva Ecológica de Alcobaça e PARNASO após ampliação.

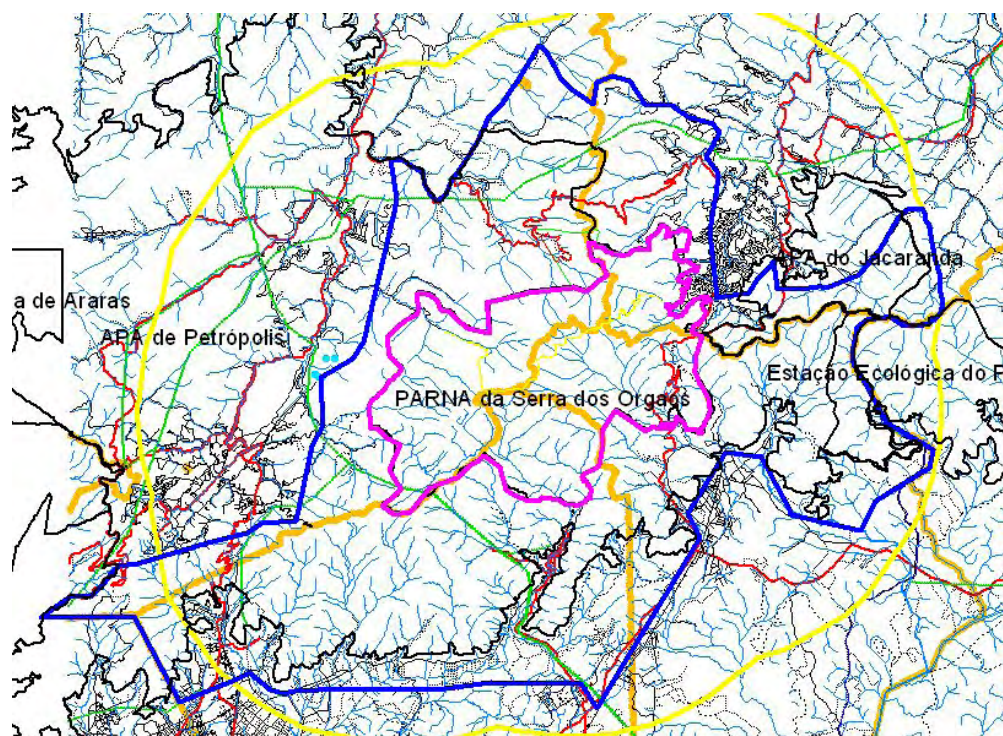
### Ações Gerais

- Criar grupo e instalar força tarefa de proteção por meio da Câmara Técnica de Controle.
- Buscar a ampliação da participação da Prefeitura de Magé nas ações do PARNASO.
- Apoiar a recuperação das áreas degradadas e reflorestamento em áreas no entorno.
- Incentivar a criação de RPPN.
- Estimular o desenvolvimento do PARNASO como produtor turístico em parceria com representantes do *trade* turístico.
- Promover estudos para ampliação do PARNASO.
- Promover a formalização e operacionalização do mosaico de unidades de conservação da Mata Atlântica Central Fluminense.

## 2.7. DELINEAMENTO DA ZONA DE AMORTECIMENTO

### MAPA

A figura apresentada abaixo ilustra o trabalho desenvolvido pelos participantes no delineamento da Zona de Amortecimento do PARNASO. A linha azul representa a Zona de Amortecimento elaborada com a aplicação dos critérios propostos no Roteiro Metodológico.



Áreas para inclusão	Justificativa
Granja Guarani	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Está a montante do Paquequer que faz limite com o Parque;</li> <li>▪ Pico do Itacolomi;</li> <li>▪ Pico geográfico notável.</li> </ul>
Áreas limite do município de Guapimirim e Cachoeira de Macacu	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Fragilidade da vertente litorânea da Serra;</li> <li>▪ Vale do Cuiabá coincidindo com limites da APA Petrópolis;</li> <li>▪ Beleza cênica e cenário da estrada parque.</li> </ul>
BR 495, Serra da Estrela, BR 116.	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Fonte de focos de incêndios e eixo de ocupação;</li> <li>▪ Linhas de transmissão que sobem a serra dentro dos 10 km: Magé-Petrópolis; Serra da Estrela; Petrópolis-Teresópolis; Piabita-Magé;</li> <li>▪ Eixo de ocupação e acessos irregulares.</li> </ul>
Corredor PARNASO-Tinguí	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Existência de áreas naturais conservadas.</li> </ul>
Vertentes no limite imediato do PARNASO e área de expansão urbana.	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Granja Guarani seguindo para determinadas ruas até Lucas.</li> </ul>
Limite da área urbana intensamente ocupada por Petrópolis. Eixo do rio Piabanha até a BR 495.	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Proteger áreas nas vertentes ainda não ocupadas.</li> </ul>
Santo Aleixo	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Área de ocupação urbana no limite do PARNASO.</li> </ul>
Limite da área urbana de Guapimirim.	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Evitar expansão da cidade em direção ao parque.</li> </ul>

## AJUSTES DE LIMITES

- A partir da zona urbana consolidada de Guapimirim, descendo para o rio Iconha e subindo para o rio Caneca Fina seguindo até o limite do município;
- Partir da BR 116, a partir da zona urbana de Guapimirim até encontrar a linha de transmissão e seguir a linha de transmissão até o limite do município de Magé com Caxias. Então, seguir a divisão do município Magé/Caxias até o limite com Petrópolis. Do limite com Petrópolis continuar na BR 040 até a zona urbana consolidada de Petrópolis;



## 2.8. SUGESTÕES AO ZONEAMENTO DO PARNASO

- A zona intangível deveria ser menor e a primitiva maior.
- Pensar na possibilidade de zonas extensivas para a travessia, para a implantação de infra-estrutura.
- Classificar a área da Agulha do Diabo como zona primitiva.
- Classificar as áreas de montanhismo como zona primitiva.
- Classificar a área de Travessia da Neblina como zona primitiva.
- A zona intangível não deveria chegar tão próxima aos limites da unidade de conservação. Isto depende do que tem no outro lado dos limites (áreas protegidas para integração, área urbana, etc).
- Privilegiar a zona primitiva também como alternativa de preservação, aumentando as alternativas de gestão.
- Zona intangível no Vale do Paquequer abaixo do caminho das orquídeas.

Observação: O rio Paquequer identificado no mapa do zoneamento preliminar é o afluente do rio Beija-Flor. O rio Paquequer está ao sul.

- A zona primitiva deveria ser estendida para incluir os principais pontos de escalada dos portais/sino/agulha.
- Classificar como zona primitiva: Sino, Garrafão, Complexo Portal de Hércules, Mamute, Alicate, Glória, Morro da Reunião, Bandeira, Cabeça Dinossauro, Eco, Solidão, etc.

## 2.9. MATRIZ DE COOPERAÇÃO INSTITUCIONAL

### Matriz de Cooperação das instituições presentes

INSTITUIÇÃO	INTERESSE EM RELAÇÃO AO PARNASO	POTENCIAL DE COOPERAÇÃO
Secretaria de Meio Ambiente de Petrópolis	<ul style="list-style-type: none"> <li>■ Parcerias/ convênios para atuação conjunto no entorno.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>■ Atuação no mosaico de UC.</li> <li>■ Ação na área do Bonfim.</li> <li>■ Maior participação do PARNASO no Comitê de Bacias Hidrográficas.</li> <li>■ Avaliar a atuação conjunta na fiscalização.</li> </ul>
Fundação Educacional Serra dos Órgãos (FESO)	<ul style="list-style-type: none"> <li>■ Estágio para o corpo discente da FESO.</li> <li>■ Realizar pesquisas com o PARNASO (passarelas para animais e controle de espécies invasoras).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>■ 10 Faculdades: de Veterinária, de Medicina, de Direito, de Administração, de Informática, etc.</li> <li>Ajudar no levantamento fundiário do entorno do PARNASO.</li> </ul>

INSTITUIÇÃO	INTERESSE EM RELAÇÃO AO PARNASO	POTENCIAL DE COOPERAÇÃO
Fundação Educacional Serra dos Órgãos (FESO) (continuação)	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Base de dados geográficos para auxiliar nos projetos de pesquisa conjunta.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Capacitação da equipe do PARNASO (cursos, palestras, etc).</li> <li>▪ Centro de reabilitação de animais selvagens.</li> <li>▪ Disponibilização de mudas para reflorestamento mediante o fornecimento de sementes.</li> </ul>
Universidade de Leipzig, Departamento de Botânica Sistemática, Herbário LZ, Jardim Botânico	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Realizar pesquisas.</li> <li>▪ Melhoramento da infraestrutura para pesquisa.</li> <li>▪ Coordenação na gestão do PARNASO.</li> <li>▪ Manter e melhorar o museu Von Martius</li> <li>▪ Parcerias.</li> <li>▪ Base de dados.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Gerar e disponibilizar informação científica.</li> <li>▪ Apoiar a busca de recursos financeiros.</li> <li>▪ Cooperar no melhoramento da sinalização.</li> <li>▪ Ajudar na atualização da informação existente acerca da flora do parque.</li> </ul>
Parque Estadual dos Três Picos Instituto Estadual de Florestas (IEF)	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Arquivos Arc View para auxiliar no plano de manejo do Parque Estadual dos Três Picos.</li> <li>▪ Parceria para capacitação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Participação no mosaico de UC.</li> <li>▪ Fiscalização conjunta.</li> </ul>
Sociedade Vale do Bonfim	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Preservação e desenvolvimento sustentável com base no ecoturismo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Participação no Conselho.</li> <li>▪ Desenvolvimento de projetos de infraestrutura.</li> <li>▪ Capacitação em ecoturismo.</li> </ul>
Associação dos Moradores e Amigos da Granja Guarani	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Recuperar o Rio Paquequer.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Tratando o esgoto do bairro.</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Manter as trilhas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Participar em mutirões de limpeza de trilhas.</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Ajudar na avaliação espeleológica da região.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Levar uma equipe até os locais de cavernas e grutas.</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Recuperação de áreas degradadas e reflorestamento.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Convidar moradores para mutirões de reflorestamento e subsequente manutenção.</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Diagnosticar oportunidades para geração de renda nas comunidades do entorno.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Ajudar a analisar a vocação da Granja Guarani.</li> <li>▪ Estimular o turismo receptivo – oferecer serviços locais (guias?)</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Promover eventos ambientais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Ajudar com distribuição de publicidade, divulgação, planejamento</li> </ul>	

		e organização dos eventos.
	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Fechar acessos irregulares e captações irregulares da Granja Guarani.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Localizar e ajudar no fechamento destes acessos e captações.</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Implantar sistema de interpretação ambiental de trilhas e ordenar o turismo comercial.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Convidar pessoas locais (guias) com conhecimento de trilhas e biologia local para se capacitar.</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Criar rotina de fiscalização da UC e do entorno.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Convocar e capacitar vigilantes ambientais voluntários para ajudar.</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Desenvolver pesquisas em áreas de acesso difícil.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Fornecer contato com guias experientes para estas áreas.</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Estruturar sistema de salvamento e resgate.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Convidar para capacitação e participação pessoas com conhecimento local.</li> </ul>
Federação de Esportes de Montanha do Rio de Janeiro (FEMERJ)	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Colaboração na gestão do montanhismo.</li> <li>▪ Prática de atividades de montanha.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Mapeamento, manutenção e monitoramento de trilhas e escaladas.</li> <li>▪ Apoio na articulação com a comunidade de montanhismo tradicional e comercial.</li> <li>▪ Propor sugestões de regras de uso (montanhismo).</li> <li>▪ Parcerias para desenvolver projetos, atividades e eventos.</li> <li>▪ Apoio na verificação da eficiência e do cumprimento das regras de uso.</li> </ul>
Secretaria de Meio Ambiente de Guapimirim	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Licenciamento, fiscalização e educação ambiental (formal e não-formal).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Divulgar estudos para as comunidades do entorno.</li> <li>▪ Apoiar ações para recuperação de áreas degradadas no entorno, por exemplo, com reflorestamento.</li> <li>▪ Elaborar levantamentos e projetos para apoiar o ordenamento do turismo na Barreira.</li> </ul>
Associação de Turismo Terefri	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Preservação e desenvolvimento sustentável com base no turismo e seus segmentos.</li> <li>▪ Turismo e montanhismo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Organização e realização de eventos.</li> <li>▪ Busca de parceria e patrocínio para divulgação e desenvolvimento de projetos no PARNASO.</li> </ul>

INSTITUIÇÃO	INTERESSE EM RELAÇÃO AO PARNASO	POTENCIAL DE COOPERAÇÃO
Associação de Turismo Terefri (continuação)		<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Divulgação do PARNASO em feiras e eventos.</li> <li>▪ Participação no Conselho e Câmara Técnica de Turismo e Montanhismo.</li> </ul>

**Matriz de Cooperação das instituições que não estavam presentes, mas consideradas relevantes pelos participantes**

INSTITUIÇÃO	INTERESSE EM RELAÇÃO AO PARNASO	POTENCIAL DE COOPERAÇÃO
TEREVIVA		<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Participação da instituição na divulgação do parque e desenvolvimento de projetos de conscientização ambiental.</li> </ul>
Instituto Estadual do Patrimônio Artístico Cultural (INEPAC)	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Conservação do patrimônio histórico.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Apoio para recuperação da capela e recuperação do centro de visitantes Von Martius.</li> </ul>
Ministério Público Estadual e Federal		<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Apoio na resolução de problemas como ocupação humana, atividades conflitantes (posto de combustíveis, caça, etc).</li> </ul>
Universidade Federal Fluminense - Instituto de Artes e Comunicação - Social – Pesquisa projetos de extensão		<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Termos de cooperação.</li> <li>▪ Publicações.</li> <li>▪ Planejamento de campanhas institucionais.</li> <li>▪ Execução de filmes e peças publicitárias.</li> <li>▪ Banco de imagens.</li> </ul>
Companhia Estadual de Água e Esgoto (CEDAE)	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Captação de água de qualidade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Vigilância e controle.</li> <li>▪ Conservação e/ou doação de áreas limítrofes preservadas.</li> <li>▪ Manutenção de estrutura (acesso).</li> </ul>
Secretarias de Educação dos municípios de Teresópolis, Guapimirim, Magé e Petrópolis		<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Participar dos projetos de educação ambiental.</li> </ul>
Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente (FEEM)		<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Participação no mosaico de UC.</li> <li>▪ Fiscalização conjunta.</li> </ul>

INSTITUIÇÃO	INTERESSE EM RELAÇÃO AO PARNASO	POTENCIAL DE COOPERAÇÃO
Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Conservação do patrimônio natural tombado.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Definição da área contemplada no tombamento do Dedo de Deus.</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>Conservação do patrimônio histórico.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Apoio na recuperação das estruturas de Guapimirim.</li> </ul>
Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro		<ul style="list-style-type: none"> <li>Apoio ao herbário.</li> <li>Realização de pesquisas (Programa Mata Atlântica).</li> </ul>
Organizações não-governamentais		<ul style="list-style-type: none"> <li>Projetos de alternativas econômicas sustentáveis nas comunidades do entorno do parque.</li> </ul>
EMATER, Sindicatos e Associações de Produtores		<ul style="list-style-type: none"> <li>Desenvolvimento de projetos de assistência técnica rural no entorno do parque.</li> <li>Desenvolvimento de projetos de silvicultura e agricultura ecológica nas propriedades rurais do entorno.</li> </ul>
Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do Rio de Janeiro (CIERJ)		<ul style="list-style-type: none"> <li>Cessão de pessoal (estagiários) para desenvolvimento de ações de interesse da UC.</li> <li>Desenvolvimento de atividades de interpretação e educação ambiental.</li> <li>Implementação de pólo avançado de ensino e pesquisa.</li> </ul>
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)		<ul style="list-style-type: none"> <li>Realização de pesquisas de interesse do parque.</li> <li>Realização de eventos científicos e de divulgação.</li> <li>Implementação de programa de turismo científico.</li> </ul>
Batalhão Florestal, Corpo de Bombeiros e Forças Armadas		<ul style="list-style-type: none"> <li>Apoio na proteção do parque.</li> </ul>
Secretarias de Agricultura de Petrópolis, Teresópolis, Magé e Guapimirim		<ul style="list-style-type: none"> <li>Estimular e promover capacitação para redução dos impactos da agricultura sobre o meio ambiente.</li> </ul>



## 2.10. ENCAMINHAMENTOS

---

- FEMERJ se encarregará de elaborar novo mapa de zoneamento incorporando ajustes e propostas dos montanhistas (até última semana de abril);
- Realizar reunião conjunta com a Câmara Técnica de Pesquisa e Câmara Técnica de Turismo e Montanhismo para discutir proposta de zoneamento (2ª semana de maio, no dia 09 ou 10).
- Fernando ficou encarregado de levantar os nomes das ruas para delimitar os limites da zona de amortecimento de Guapimirim.

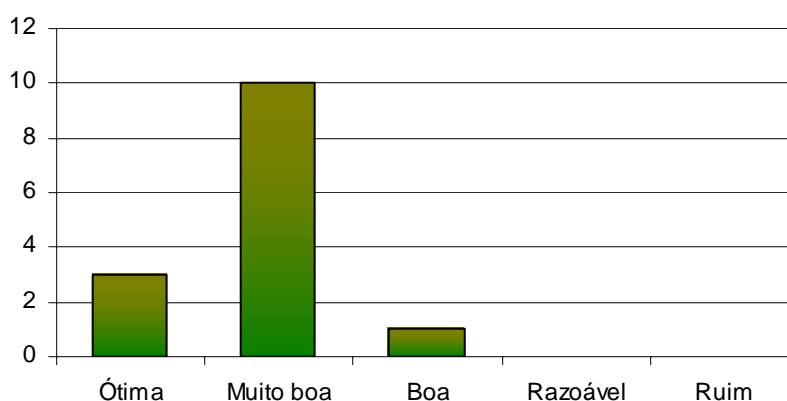
## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### 3.1. AVALIAÇÃO DA OFICINA

A avaliação dos participantes a respeito da oficina é apresentada, na íntegra, a seguir.

Em relação à metodologia utilizada para desenvolvimento do evento, a maioria dos participantes (71%) avaliou como muito boa, como pode ser observado no gráfico abaixo.

Gráfico 1 – Avaliação dos participantes quanto à metodologia da oficina (em números absolutos)



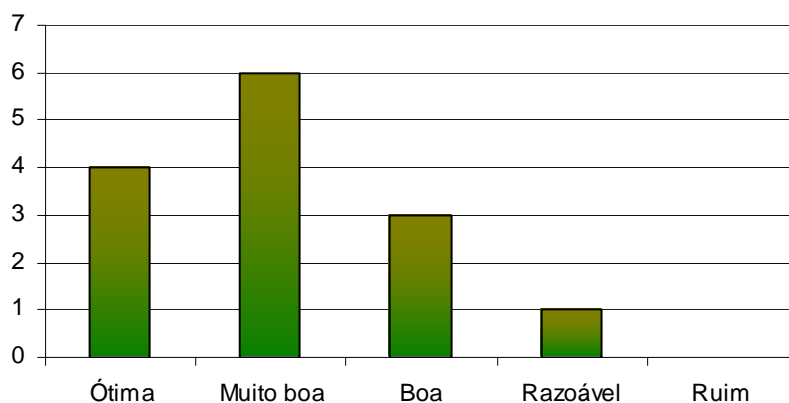
Os comentários sobre a metodologia constam abaixo:

- Muito prática e bem objetiva
- Foram usados métodos de conhecimento e instrumentos fáceis para o aprendizado.
- Não dou uma nota ótima porque é bom sempre dar lugar ao aperfeiçoamento.
- Estava muito cansativo o trabalho com fichas.
- Algumas etapas foram muito cansativas.
- Para a primeira vez que participo, achei muito interessante.
- Creio que seria interessante ponderar o peso das decisões com o número de diferentes atores presentes.

De um modo geral, as pessoas que estavam presentes ao evento gostaram da participação. Isso pode ser observado no

gráfico 2, uma vez que apenas um participante atribuiu o conceito razoável para este critério.

Gráfico 2 - Avaliação dos participantes quanto participação na oficina (em números absolutos)

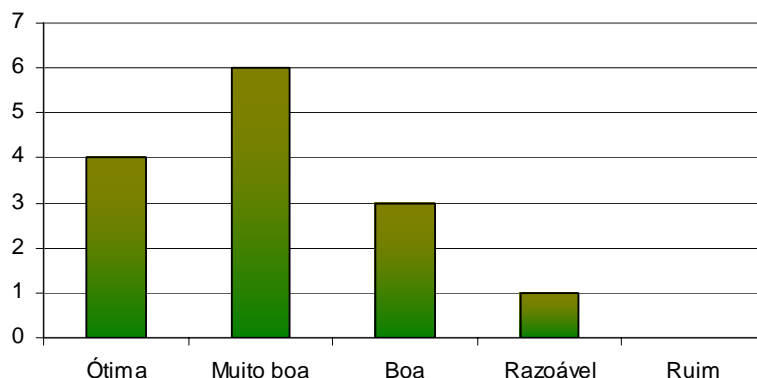


Os comentários sobre a metodologia constam abaixo:

- Todos compreenderam o objetivo da oficina.
- Não dou uma nota ótima porque é bom sempre dar lugar ao aperfeiçoamento.
- Ótimo entrosamento entre os participantes.
- Além do grande conhecimento dos participantes em relação ao PARNASO, muitas idéias foram propostas.
- Souberam falar e ouvir.

A atuação da moderadora foi considerada ótima por oito participantes, muito boa por cinco pessoas e boa por uma delas, como é ilustrado no gráfico 3.

Gráfico 3 – Avaliação da atuação da moderadora da oficina



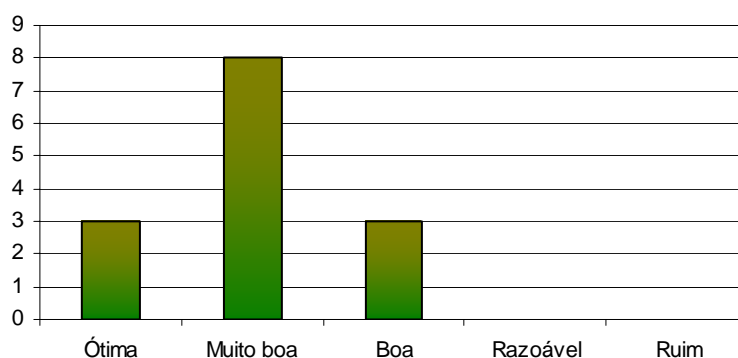


Algumas pessoas teceram comentários que são transcritos abaixo:

- Fantástica, com muita simplicidade e liderança. Atenta e ótima ouvinte.
- Conduziu todo o trabalho de maneira harmônica, e nota dez para a dinâmica.
- Não dou uma nota ótima porque é bom sempre dar lugar ao aperfeiçoamento.
- Parabéns!

Os resultados alcançados e os aprendizados obtidos na oficina foram considerados muito bons ou ótimos pela maior parte das pessoas, que corresponde a 78% dos participantes. Isso pode ser observado no gráfico 4.

Gráfico 4 – Avaliação dos resultados alcançados no evento



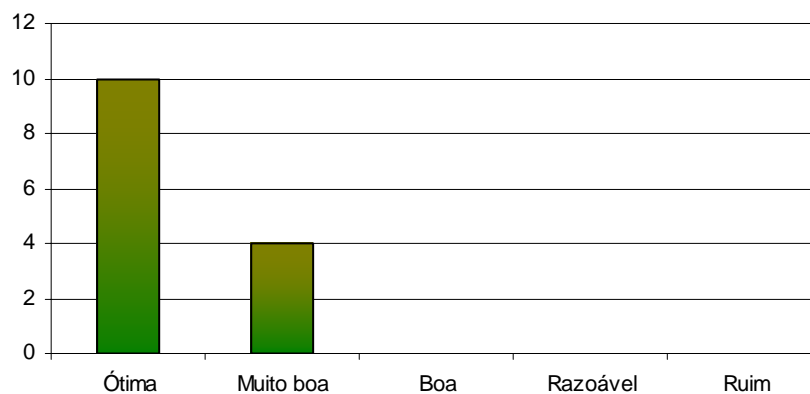
Os comentários expressados foram:

- Com a oficina aprendi muitas coisas das instituições que desconhecia dentro da nossa área.
- A oficina ofereceu a oportunidade de todos conhecerem os elementos básicos de uma unidade de conservação. O aprendizado, com certeza, nos enriqueceu.
- Aprendi muitas coisas, principalmente como elaborar um plano de manejo.

Finalmente, quanto à importância deste momento de participação no planejamento e na gestão do PARNASO, todos os participantes avaliaram como ótimo ou muito bom. Veja a proporção no gráfico 5.



Gráfico 5 – Importância da participação no planejamento e gestão do PARNASO



Comentários:

- Muito bom participar desta oportunidade de planejamento do manejo do parque podendo contribuir e caminhar junto.
- PARNASO está dando os passos iniciais para a integração dos municípios: Petrópolis, Teresópolis, Guapimirim e Magé.
- Seria "ótimo" se houvesse um número maior de participantes
- Oportunidade única de expressar minhas opiniões para gestão do que acredito ser a função do PARNASO

Alguns participantes citaram ainda a ausência de algumas instituições como um ponto fraco e a boa alimentação como um ponto forte.

## ANEXO 1 – LISTA DE PARTICIPANTES

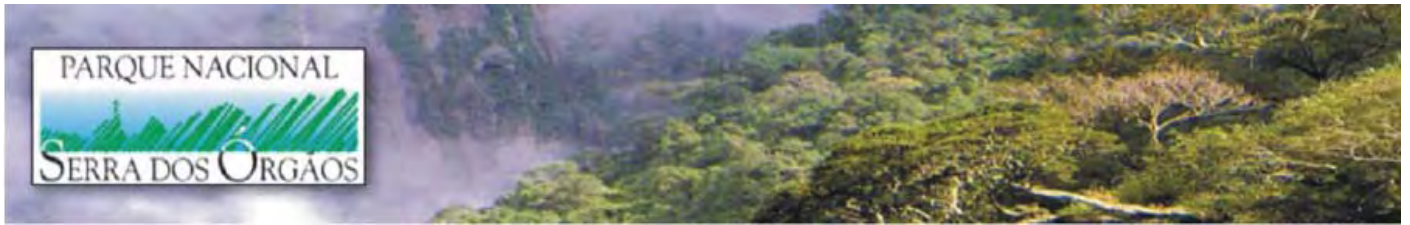
NOME	INSTITUIÇÃO	E-MAIL	TELEFONE
André de Almeida Cunha	UFRJ	<a href="mailto:cunha.andre@gmail.com">cunha.andre@gmail.com</a>	21-2225-4677/9997-2210
Ângela Inglez	Circuito TERE-FRI	<a href="mailto:angelainglez@yahoo.com.br">angelainglez@yahoo.com.br</a>	2742-5586
Carlos Roberto Soares da Silva	Sociedade Vale do Bonfim	<a href="mailto:capa@compuland.com.br">capa@compuland.com.br</a>	24-2236-0003
Claudia Sarres	PARNASO	<a href="mailto:claudia.sarres@ibama.gov.br">claudia.sarres@ibama.gov.br</a>	2644-4517
David Miller	AMA Granja Guarani	<a href="mailto:terrazopolis@yahoo.com.br">terrazopolis@yahoo.com.br</a>	2642-4196
Delson Luiz M. de Queiroz	FEMERJ	<a href="mailto:delqueiroz@quiadaurca.com/delqueiroz@yahoo.com.br">delqueiroz@quiadaurca.com/delqueiroz@yahoo.com.br</a>	8143-8926
Edilene Menezes	IBAMA/DIREC	<a href="mailto:edilene_menezes@ibama.gov.br">edilene_menezes@ibama.gov.br</a>	61-3316-1774
Eduardo Rubião	FESO	<a href="mailto:edurubiao@yahoo.com">edurubiao@yahoo.com</a>	9966-6869
Elizabeth Bravo	PARNASO	<a href="mailto:elizabeth.viana@ibama.gov.br">elizabeth.viana@ibama.gov.br</a>	3633-1898
Fátima C. dos Santos	PARNASO	<a href="mailto:fatima.santos@ibama.gov.br">fatima.santos@ibama.gov.br</a>	2642-6930
Flavio Luis de Castro Jesus	IEF	<a href="mailto:flaviolcj@hotmail.com">flaviolcj@hotmail.com</a>	2649-6069
Frank S. Matos	Câmara Municipal de Guapimirim	<a href="mailto:franksmatos@hotmail.com">franksmatos@hotmail.com</a>	21-2632-1270/9173-3794
Fumi Saito Bahia Diniz	PARNASO	<a href="mailto:fumisaito@terra.com.br">fumisaito@terra.com.br</a>	2742-6838
Jens Wesenberg	Universidade de Leipzig	<a href="mailto:wesenb@uni-leipzig.de">wesenb@uni-leipzig.de</a>	8715-7614
José C. Lemgruber Porto	CEDAE	<a href="mailto:lemgruberporto@terra.com.br">lemgruberporto@terra.com.br</a>	2742-1166/9989-8308
Leonardo Boquimpani de Freitas	IBAMA/DIREC	<a href="mailto:leonardo.freitas@ibama.gov.br">leonardo.freitas@ibama.gov.br</a>	61-3316-1774
Luiz Fernando Saraiva da Silva	Prefeitura Municipal Guapimirim	<a href="mailto:luizfernandopedagogia@yahoo.com.br">luizfernandopedagogia@yahoo.com.br</a>	21-2632-5372
Maina Bertagna	TEREVIVA	<a href="mailto:mainabio@yahoo.com.br">mainabio@yahoo.com.br</a>	2641-6942
Márcia Moreira	PARNASO	<a href="mailto:marcia.marilia@terra.com.br">marcia.marilia@terra.com.br</a>	2642-8310
Márcia Teixeira Le Mónaco	Sub-sede	<a href="mailto:marciamonaco@pop.com.br">marciamonaco@pop.com.br</a>	21-2632-6177/8164-3401
Paulo Sergio Leite	SMA de Petrópolis	<a href="mailto:smadecora@petropolis.rj.gov.br">smadecora@petropolis.rj.gov.br</a>	24-2246-8965



Renata Brasileiro	PARNASO	<a href="mailto:reneta.brasileiro@gmail.com">reneta.brasileiro@gmail.com</a>	2642-6930
Yara Valverde Pagani	APA Petrópolis		

## ANEXO 2 – FOTOGRAFIA DO GRUPO DE PARTICIPANTES





# Modelos e documentos de rotina utilizados no Parque Nacional da Serra dos Órgãos

*Parque Nacional da Serra dos Órgãos  
Plano de Manejo*



## TERMO DE CONHECIMENTO DE RISCOS



Eu, \_\_\_\_\_, carteira de identidade nº \_\_\_\_\_, CPF nº \_\_\_\_\_, residente à rua \_\_\_\_\_ nº \_\_\_\_\_, bairro \_\_\_\_\_, cidade \_\_\_\_\_, estado \_\_\_\_\_, data de nascimento \_\_\_\_\_, telefone celular \_\_\_\_\_, fixo \_\_\_\_\_, DECLARO conhecer a trilha e/ou via de escalada (especificar) \_\_\_\_\_ e me responsabilizo por guiar o grupo abaixo relacionado, isentando o PARNASO de qualquer responsabilidade em caso de acidente.

### ACOMPANHANTES

NOME	TELEFONE	DESCONTO*		ISENTO* (motivo)
		Clube	Morador	
1.		( )	( )	
2.		( )	( )	
3.		( )	( )	
4.		( )	( )	
5.		( )	( )	
6.		( )	( )	
7.		( )	( )	
8.		( )	( )	
9.		( )	( )	
10.		( )	( )	

\*Para uso do pessoal do parque

VALOR TOTAL PAGO (em R\$): \_\_\_\_\_

ENTRADA \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ HORA \_\_\_\_\_ SAÍDA PREVISTA \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

VEÍCULO/MODELO \_\_\_\_\_ COR \_\_\_\_\_ PLACA \_\_\_\_\_

Funcionário que verificou o preenchimento do Termo: \_\_\_\_\_  
*nome legível*

SAIU DO PARQUE EM \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ HORA \_\_\_\_\_

Funcionário que deu baixa de saída: \_\_\_\_\_  
*nome legível*

**\*IMPORTANTE: PARA SUA SEGURANÇA DÊ BAIXA NESTE TERMO NA PORTARIA DE SAÍDA\***

**LEIA COM ATENÇÃO!!!**

## TERMO DE CONHECIMENTO DE RISCOS



### DECLARO ESTAR CIENTE DE QUE

Áreas Naturais apresentam riscos, tais como “cabeças d’água”, choque térmico, afogamento, pedras escorregadias, animais peçonhentos, entre outros, sendo o visitante o maior responsável pela própria segurança.

### É PROIBIDO:

- a) Entrada e saída do Parque por outro acesso que não suas portarias;
- b) Presença de animais domésticos no interior do Parque, por prejudicarem a fauna silvestre;
- c) Provocar estampidos, emitir gritos e fazer barulho que possa perturbar a fauna local;
- d) Acender fogueiras e soltar balões;
- e) Jogar lixo de qualquer espécie nas trilhas e nos locais de acampamento. Todo lixo produzido pelos usuários deve, obrigatoriamente, ser por eles recolhido e trazido de volta;
- f) O porte de toda e qualquer arma branca (faca com mais de 12 cm de lâmina) e/ou de fogo, inclusive atiradeiras, armadilhas, facões, foices e similares;
- g) Coletar plantas, flores e sementes;
- h) Gravar nomes, datas ou sinais nas pedras, árvores, imóveis, placas ou outros bens do PARNASO;
- i) Utilizar atalhos e/ou áreas interditas;
- j) Caçar, capturar, molestar ou perseguir animais silvestres;
- k) Deixar de apresentar o ingresso ou documento que autoriza sua permanência no Parque, quando solicitado pelos agentes de Fiscalização;
- l) Negar-se a identificação pessoal, quando solicitada pela Fiscalização;
- m) O ingresso e consumo de bebida alcoólica e confiscar as bebidas.
- n) A entrada de garrafas de vidro.

Declaro ainda estar ciente de que poderei ser responsabilizado pelas ações praticadas por meu grupo, de que caso permaneça na montanha mais dias do que o informado e pago na entrada deverei pagar a diferença ao sair e de que a não observância das determinações legais acima acarretará ao infrator as penalidades do Decreto 84.017/79, Lei 9.605/98 e Decreto 3.179/99.

CIENTE \_\_\_\_\_

*Assinatura*

**RELATÓRIO DE ROTINA DE FISCALIZAÇÃO  
PARQUE NACIONAL DA SERRA DOS ÓRGÃOS**



Data	Hora de saída	Hora de retorno	Viatura	Km saída	Km chegada
Equipe	Roteiro previsto		Roteiro executado		
<b>Autos de Infração e Termos de embargo</b>					
Número	Autuado	Enquadramento		Valor	
Número	Autuado	Enquadramento		Valor	
Número	Autuado	Enquadramento		Valor	
Número	Autuado	Enquadramento		Valor	
Observações/justificativas					

**RELATÓRIO DE ROTINA DE FISCALIZAÇÃO  
PARQUE NACIONAL DA SERRA DOS ÓRGÃOS**



Data	Hora de saída	Hora de retorno	Viatura	Km saída	Km chegada
Equipe	Roteiro previsto		Roteiro executado		
<b>Autos de Infração e Termos de embargo</b>					
Número	Autuado	Enquadramento		Valor	
Número	Autuado	Enquadramento		Valor	
Número	Autuado	Enquadramento		Valor	
Número	Autuado	Enquadramento		Valor	
Observações/justificativas					

## Termo de Adesão ao Serviço Voluntário



Instituição: Parque Nacional da Serra dos Órgãos – IBAMA

Endereço: Av. Rotariana, s/n, Alto, Teresópolis, RJ Telefone: (21) 2642-1575/2642-2374

Nome: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Identidade: \_\_\_\_\_ CPF: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ Telefone: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Tarefa específica: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Horário: \_\_\_\_\_ Início: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ término: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Supervisor: \_\_\_\_\_

Em caso de acidente, avisar a \_\_\_\_\_ no telefone \_\_\_\_\_

Declaro estar ciente da legislação específica sobre serviço voluntário e aceito atuar como voluntário nos termos do presente Termo de Adesão.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Ass. do Voluntário

\_\_\_\_\_

Ass.do Supervisor

\_\_\_\_\_

Ass. do Coordenador de Voluntariado

Declaro ter recebido o uniforme (colete) e me comprometo a devolvê-lo ao final das minhas atividades como voluntário.

\_\_\_\_\_

Ass. do Voluntário

## Termo de Adesão ao Serviço Voluntário



### Condições Gerais:

1. Compete ao voluntário participar das atividades acordadas e cumprir com empenho e interesse a programação estabelecida.
2. Os serviços e quaisquer benefícios que o voluntário venha a gerar serão considerados como doação para o Parque Nacional da Serra dos Órgãos.
3. Qualquer dano ou prejuízo, que o voluntário venha a causar ao Parque Nacional da Serra dos Órgãos será da inteira responsabilidade do voluntário, que se compromete inclusive neste ato.
4. O voluntário isenta plenamente o Parque Nacional da Serra dos Órgãos de qualquer responsabilidade referente a acidentes pessoais ou materiais, que por ventura venha a ocorrer durante o desempenho das atividades.
5. O desligamento do voluntário das atividades no Parque Nacional da Serra dos Órgãos poderá ocorrer a qualquer momento, independente de aviso prévio, bastando apenas o livre arbítrio desta instituição.
6. O trabalho voluntário a ser desempenhado junto a esta instituição, de acordo com a lei nº 9608 de 18/02/98, é atividade não remunerada, e não gera vínculo empregatício nem funcional, ou quaisquer obrigações trabalhistas, previdenciárias e afins.

### Lei nº 9.608, de 18 de fevereiro de 1998

Dispõe sobre o serviço voluntário e dá outras providências

Art. 1º - Considera-se serviço voluntário, para fins desta Lei, a atividade não remunerada, prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza, ou a Instituição privada de fins não lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive mutualidade. Parágrafo único. O serviço voluntário não gera vínculo empregatício, nem obrigação de natureza trabalhista, previdenciária ou afim.

Art. 2º - O serviço voluntário será exercido mediante a celebração de Termo de Adesão entre a entidade, pública ou privada, e o prestador do serviço voluntário, dele devendo constar o objeto e as condições de seu exercício.

Art. 3º - O prestador de serviço voluntário poderá ser ressarcido pelas despesas que comprovadamente realizar no desempenho das atividades voluntárias. Parágrafo único. As despesas a serem ressarcidas deverão estar expressamente autorizadas pela entidade a que for prestado o serviço voluntário.

Art. 4º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º - Revogam-se as disposições em contrário.

Lei assinada pelo Presidente da República Fernando Henrique Cardoso, em Brasília, no dia 18 de fevereiro de 1998).

## PLANO DE CHAMADA – RESGATE DE MONTANHA

Ao receber a chamada para resgate:

Pegar ficha de **CHAMADA DE RESGATE**, para depois:

### Falar primeiramente:

- a) acalmar o acionador, caso esteja nervoso;
- b) avisar que vai fazer uma série de perguntas que irão facilitar o resgate;
- c) pedir para permanecer na linha até todo o procedimento;

### Perguntar:

- a) nome do acionador;
- b) onde o acionador se encontra (se dentro do parque, celular, ou fora do parque, tel fixo);
- c) número do telefone de onde está chamando (se é celular ou telefone fixo);
- d) se já avisou do acidente para outra pessoa e/ou instituição;
- e) dia de entrada no parque, quantidade de pessoas no grupo. (registro em portaria);

### SOBRE O ACIDENTE:

- f) localização exata, tipo de trauma e estado da vítima;
- g) como foi o acidente;
- h) se já foi realizado algum procedimento com a vítima;
- i) se há alguém junto à vítima;

### PROCEDIMENTOS APÓS A CHAMADA:

#### Recebedor da Chamada:

- 1) Comunicar (via celular e/ou fixo) ao Coordenador de Resgate sobre o ocorrido (na ausência deste, comunicar ao Centro de Operações, que acionará a 1ª e a 2ª Equipe de Resgate, e a Equipe de Comunicação, bem como a qualquer um dos membros da 1ª Equipe de Resgate);
- 2) Comunicar (via celular e/ou fixo) ao Chefe do PNSO sobre o ocorrido;

#### Coordenador de Resgate:

- 1) Reunir e acionar, o mais breve possível, a 1ª e a 2ª Equipe de Resgate, e a Equipe de Comunicação;
- 2) Juntamente com o Chefe do PNSO, traçar estratégia de monitoramento do resgate;
- 3) Acionar veículo para transporte da 1ª Equipe (no caso de necessidade);

#### 1ª Equipe de Resgate:

- 1) uniformes e equipamentos:
  - a) uniforme: laranja de resgate e coturno
  - b) equipamentos: capacete, corda, mosquetão (2 cada), boudrier, luva, colete vermelho, rádio (2 por equipe, mais bateria extra) e lanterna.

- c) primeiros socorros: pano, fita crepe, luva esterilizada e colete cervical.
- 2) procedimentos de saída: mudar rádio para **canal 6 (ponto a ponto)**
- 3) procedimentos no local:
  - a) colocar colar cervical (caso necessário);
  - b) proceder RCP e 1234;
  - c) comunicar à Equipe de Comunicação sobre a gravidade (nível de gravidade), sobre o estado da vítima e o nível de dificuldade de acesso;

**2ª Equipe de Resgate:**

- 1) uniformes e equipamentos:
  - a) uniformes:
  - b) equipamentos: maca, colete de imobilização
- 2) procedimentos após saída da 1ª Equipe:
  - c) municiar ambulância;
  - d) ficar de prontidão junto à Equipe de Comunicação;

**EQUIPE DO PARNASO INDICADA PARA ATUAR EM SITUAÇÕES DE RESGATE:**

NOME	TELEFONE	ENDEREÇO
1. Euclides C. da Silva	(21) 2631-5303 / 8002-7009	
2. Ivan M. Moraes	(21) 9653-3226 / 9221-7121	
3. Ednésio S. Silva	(24) 2245-9380 / 9275-7132	
4. Alexsandro (Angolano)	(21) 94649933	
5. Luis H. da Silva (Joca)	(21) 2742-3240	
6. Mariano	(24) 92266595	
7. Edson F. da Silva	(24) 2222-6581	
8. Robson S. Costa	(24) 2237-9992	
9. Alexandre	(21) 2642-8365	

**PROCEDIMENTOS A SEREM ADOTADOS EM CASO DE NECESSIDADE DE RESGATE, BUSCA E SALVAMENTO:**

- 1. Comunicar pelo menos um membro da equipe gestora do Parque (chefe, substituto ou coordenador(a) de montanhismo) sobre o incidente.

PLANO DE CHAMADA  
RESGATE DE MONTANHA



2. Levantar o maior número possível de informações sobre a localização, o tipo de trauma e o estado da vítima.
3. Mobilizar a equipe interna de resgate em montanha para as providências cabíveis ao socorro inicial.
4. Identificar o registro de entrada da vítima e seu grupo no Parque (Termo de Responsabilidade ou livro de portaria) para obter informações como data de entrada e telefones de contato, entre outros.
5. Identificando-se a necessidade de apoio complementar, solicitar autorização ao gestor do Parque para mobilizar as instituições de resgate listadas no plano de emergência de acordo com a proximidade da localização da vítima.

**Telefones de emergência**

**CAOA** – Coordenadoria Adjunta de Operações Aéreas  
TEN CEL PM MARCOS CÉSAR DA COSTA OLIVEIRA  
Telefone de emergência (24hs): **21-2294-8585**

Outros telefones: 21-2274-2294  
21-3399-7691  
21-2274-4446  
21-2299-2911 (fax)

16º GRUPAMENTO DE **BOMBEIROS** MILITAR DE TERESÓPOLIS  
TEN CEL ROBERTO SILVA

Telefone de emergência (24hs): **193**

Outros telefones: 2742-0193  
3399-4571  
3399-4570

**DEFESA CIVIL** DE TERESÓPOLIS

COORDENADOR CEL PAULO ROBERTO PINHEIRO

Prefeitura de Teresópolis: 2742-7025  
2742-2234

CORPO DE **BOMBEIROS** MILITAR DE PETRÓPOLIS

CEL GILSON LIMA DE FREITAS

Telefone de emergência (24hs): **193**

Outro telefone: 24-2237-1234

**DEFESA CIVIL** DE PETRÓPOLIS

COORDENADOR MAJ BOMBEIRO RAFAEL JOSÉ SIMÃO

Telefone de emergência (24hs): **199**

Outro telefone: 24-2246-9281  
24-2246-8182  
24-2246-9283

**CRUZ VERMELHA** BRASILEIRA DE PETRÓPOLIS

PRESIDENTE RICHARD STRAUSS

Telefone de emergência (24hs): **8803-2340**

Outro telefone: 24-2243-4758





[www.ibama.gov.br/parnaso](http://www.ibama.gov.br/parnaso)

Av. Rotariana, s/ nº - Alto Teresópolis  
Rio de Janeiro CEP: 25960-602  
Tel: (21) 2152-1100



## Cartilha do Pesquisador do Parque Nacional Serra dos Órgãos

## PARQUE NACIONAL SERRA DOS ÓRGÃOS

O Parque Nacional da Serra dos Órgãos é o terceiro parque mais antigo do Brasil. Criado pelo Decreto 1.822, de 30 de novembro de 1939, para proteger a paisagem excepcional deste trecho da Serra do Mar e sua biodiversidade. O parque protege 10.600 hectares nos municípios de Teresópolis, Petrópolis, Guapimirim e Magé, e situa-se a cerca de 50 quilômetros ao norte da Baía de Guanabara, no Estado do Rio de Janeiro.

O PARNASO está inserido no Bioma Mata Atlântica, a região mais impactada pela presença do homem desde o início da colonização do Brasil pelos europeus e até antes disso. Protege diferentes fitofisionomias classificadas como floresta pluvial baixo-montana, floresta pluvial montana, floresta pluvial alto-montana e campos de altitude. Os campos de altitude representam as formações mais altas e frias da América do Sul oriental, restritas aos picos mais altos do sudeste brasileiro, e apresentam alto grau de endemismo e similaridade florística, de clima, solos e fitofisionomia com as formações alpinas das cordilheiras dos Andes e da América Central.

O MMA identificou a região da Serra dos Órgãos como de extrema importância biológica para todos os grupos temáticos analisados (Vegetação e Flora, Invertebrados, Peixes, Répteis e Anfíbios, Aves, Mamíferos e Fatores Abióticos). A Serra dos Órgãos foi apontada ainda como uma das áreas expostas a alta pressão antrópica e apontada como área prioritária para estabelecimento de corredores ecológicos e manejo de áreas externas às UC. Apenas outras duas áreas na Mata Atlântica receberam tamanho destaque (Serra da Mantiqueira-Itatiaia e Remanescentes do litoral sul da Bahia).

O PARNASO está inserido no Mosaico da Mata Atlântica Central Fluminense, que inclui outras nove UC's federais, estaduais e municipais. O mosaico, no qual o PARNASO ocupa posição central e é a Unidade de Conservação mais antiga.

## A Pesquisa no PARNASO

O interesse científico pela região da Serra dos Órgãos é anterior a criação do parque e data dos primeiros naturalistas europeus que viajaram pelo Brasil, como Von Martius, Von Spix e George Gardner. Hoje, o PARNASO é uma das unidades de conservação federais com maior número de pesquisas.

Para garantir o melhor gerenciamento do grande número de pesquisas realizadas no PARNASO, bem como dos resultados gerados por essas pesquisas, é necessário contar com a colaboração dos pesquisadores, através da observação das regras de pesquisa no PARNASO, descritas abaixo.

### NORMAS GERAIS

- As pesquisas a serem realizadas no PARNASO devem ser autorizadas pelo IBAMA, seguindo as determinações da legislação vigente.
  - ❖ Mantenha seu cadastro e as informações relativas ao projeto atualizadas no SISBIO.
  - ❖ Fique atento(a) à data de renovação da licença, que tem um ano de validade.
- As pesquisas que incluam coleta de material botânico deverão sempre enviar duas duplicatas do material coletado para o Herbário RB do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Uma duplicata ficará no herbário RB e outra será enviada para o herbário do PARNASO, conforme Acordo de Cooperação Técnica com aquela instituição.
- Colete somente a quantidade e tipo de material biológico especificado no projeto de pesquisa.
- Não conduza pessoas alheias à equipe de pesquisa em áreas não autorizadas à visitação.
- Forneça explicações aos visitantes quando interpelado sobre suas atividades.
- Envie cópia de qualquer material produzido como resultado da pesquisa para compor o acervo da biblioteca.
- Respeite as normas e leis gerais vigentes para o PARNASO.
- Todos os pacotes, inclusive bagagens, estão sujeitos à inspeção e todo o material poderá ser confiscado no caso de alguma irregularidade.

### **Infra-estrutura de apoio à pesquisa**

- Os pesquisadores devidamente licenciados poderão utilizar, de acordo com a disponibilidade e sem nenhuma cobrança, as seguintes estruturas de apoio à pesquisa:
  - ❖ Casa do Pesquisador Sede Teresópolis;
  - ❖ Casa do Pesquisador Sede Guapimirim;
  - ❖ Alojamento para grupos Sede Teresópolis;
  - ❖ Centro de Referência em Biodiversidade da Serra dos Órgãos (Laboratório, herbário, sala de aula, laboratório de geoprocessamento e biblioteca)
- Os pesquisadores com licença de pesquisa válida poderão utilizar os abrigos de montanha mediante agendamento e pagamento de taxa especial para pesquisadores junto ao concessionário.
- Há armários disponíveis no laboratório e na Casa do Pesquisador (Teresópolis), para guardar equipamentos de campo. O pesquisador deverá informar ao Setor de Pesquisa a necessidade de uso de armários, e utilizar cadeado próprio. O armário deverá ser desocupado ao final da pesquisa.
- É proibido fazer alterações na infra-estrutura de apoio a pesquisa, sendo necessário comunicar por escrito ao Setor de Pesquisa qualquer adequação necessária ao desenvolvimento dos trabalhos de pesquisa.
- Toda e qualquer avaria e/ou necessidade de manutenção da infra-estrutura de apoio a pesquisa deverá ser comunicada ao Setor de Pesquisa, que tomará as medidas cabíveis.
- Dependendo do tipo da pesquisa, o Setor de Pesquisa poderá facilitar, limitadamente e desde que previamente agendado, alguma mão de obra auxiliar ao pesquisador (guia, mateiro, auxiliar de campo). A obtenção de assistente(s) de pesquisa ou estagiário(s), entretanto, é considerada incumbência e encargo do pesquisador, que deverá prever e arcar com os correspondentes custos de bolsa, se for o caso, transporte e alimentação.

### **Agendamento de trabalho de campo**

- Toda visita ao PARNASO para trabalho de campo e reserva de alojamento deverá ser agendada com antecedência mínima de 10 dias, através de fax (21-2152-1101 ou 1103) ou email (pesquisa.parnaso.rj@ibama.gov.br).
  - ❖ O agendamento deve ser feito mesmo no caso de visita a áreas sem acesso por Portaria.
  - ❖ Pesquisas com visitas frequentes e sem uso de infra-estrutura poderão fazer agendamento diferenciado.

- ❖ Em casos excepcionais poderá ser autorizada a reserva com menor antecedência.
  - O trabalho de campo de pesquisadores estrangeiros deverá ser agendado com anuência da contraparte brasileira.

### **Uso das instalações de hospedagem (Casa do Pesquisador e Alojamento)**

- O número de hóspedes na Casa do Pesquisador e Alojamento não deverá exceder o número de leitos disponíveis (8 e 20, respectivamente).
- Em caso de falta de vagas na Casa do Pesquisador e no alojamento, existe a alternativa de uso do camping situado dentro da área da Unidade. Em ambos os casos deverá haver aviso prévio do Setor de Pesquisa ou do pesquisador interessado.
- O material de uso pessoal, como roupas de cama e Banho e alimentação são de responsabilidade do pesquisador.
- Os ocupantes do alojamento e casa do pesquisador ficam responsáveis pela limpeza e organização dos quartos e demais dependências, durante sua permanência, mantendo a ordem e higiene no local. O lixo produzido deverá ser acondicionado em sacos plásticos e depositado nos latões próprios.
- O pesquisador deverá devolver a chave da casa do pesquisador e alojamento ao final da estadia.
- Todos os equipamentos eletro-eletrônicos que não estiverem em uso deverão ser desligados das tomadas;
- A Casa do Pesquisador poderá ser utilizada pela administração para eventos de interesse da Unidade.
- Deve ser observado o horário de entrada no Parque (de 06:00 às 24:00h).
- É proibida a realização de churrascos e festas dentro e nos arredores da casa do pesquisador e alojamento.
- Os ocupantes que descumprirem as determinações do Regimento ou provocarem problemas no alojamento, como falta de higiene e respeito aos colegas durante o período em que estiverem alojados, perderão o direito de ocupação futura, não sendo mais autorizada sua permanência no alojamento.
- É proibido manipular material coletado no interior dos alojamentos. Esta atividade deverá ser realizada no laboratório do Centro de Referência em Biodiversidade.

### **Procedimento em campo**

- Antes de empreender o primeiro trabalho de campo, procure o Setor de Pesquisa para discutir os objetivos e a execução do projeto de pesquisa na Unidade.
- Mantenha o Setor de Pesquisa informado sobre a sua área de amostragem, preferencialmente georreferenciada, bem como o tipo/especificações de qualquer marcação de campo.
- Todas as marcações e armadilhas utilizadas deverão ser retiradas ao final da pesquisa, ou no intervalo entre expedições de campo.
- Planeje sua metodologia de campo de forma a ser o menos impactante possível e a não interferir com outras pesquisas em andamento.
- Para manter o mais natural possível o ambiente da Unidade, a abertura de picadas para pesquisas é restrita e só poderá ser feita com a devida autorização do Setor de Pesquisa.
- O porte e uso de armas de fogo é proibido dentro da área da Unidade, exceto em circunstâncias ou por necessidades especiais, dependendo neste caso, além de porte legal, de autorização do Setor de Pesquisa.
- Descobertas casuais de vestígios arqueológicos devem ser preservadas “in loco” e comunicadas ao Setor de Pesquisa com a indicação precisa do local de descoberta e, se possível, da natureza dos vestígios.
- É expressamente proibido dispor de alimentos à animais silvestres.
- A velocidade máxima nas vias internas é de 20 Km/h.

### **Utilização do Centro de Referência em Biodiversidade (laboratório, herbário e biblioteca)**

- O herbário do PARNASO está disponível para consulta por pesquisadores.
- Os exemplares do herbário do PARNASO não estão disponíveis para empréstimo ou permuta.
- O laboratório do Centro de Referência em Biodiversidade poderá ser usado para manipulação de material de campo, ficando proibido a manipulação deste material no interior da casa do pesquisador e alojamento.
- É proibido o despejo de substâncias tóxicas na pia do laboratório.

- A biblioteca possui acervo de publicações resultantes de pesquisas no PARNASO, bem como sobre meio ambiente em geral, disponível para consulta.
- O acervo da biblioteca não está disponível para empréstimo.

### **SIG-PARNASO**

- As imagens, mapas e outras informações do SIG-PARNASO estão disponíveis para uso pelos pesquisadores, bem como a infra-estrutura do Laboratório de Geoprocessamento, mediante solicitação.
- Para a utilização de imagens e fotografias do SIG-PARNASO, a fonte deverá ser informada em qualquer publicação ou produto da pesquisa.
- Os dados resultantes da utilização das imagens deverão ser disponibilizados ao parque para enriquecer o SIG.
- Referenciar áreas de pesquisa e observações de campo de forma compatível com o SIG-PARNASO: coordenadas UTM (Datum SAD 69)

### **Segurança Pessoal**

- Esteja atento para os riscos inerentes de áreas naturais, como animais peçonhentos, pedras escorregadias, choque térmico, afogamento e cabeças d'água. Você é responsável por sua própria segurança.
- Use vestimenta adequada para trabalho de campo: calça comprida, sapato fechado, perneiras.
- Evite trabalhar sozinho no mato.
- O PARNASO possui rádio-comunicadores que poderão ser emprestados para trabalho de campo, mediante solicitação.

### **Casos especiais**

- Pesquisas com objetivo de bioprospecção só serão autorizadas como pesquisa básica, e terão coleta de exemplares limitada a quantidades que comprovadamente não impactem as populações locais, de acordo com características de cada espécie.
  - ❖ A coleta fica condicionada a apresentação de estudos populacionais, distribuição geográfica.
  - ❖ Poderá ser autorizada coleta de sementes para produção *ex-situ*.

- Pesquisas que prevejam uso de cães farejadores ou similares, devem prever confinamento dos cães fora do parque; e cães devem ter atestado de sanidade veterinária, vacinação, etc.
- O uso de iscas vivas em armadilhas deve ser discutido e autorizado pela administração do parque. Deverão ter atestado de sanidade veterinária.
- O uso de helicópteros em pesquisas deve ser previamente autorizado pela administração do parque.

### Recomendações para publicação

- Os pesquisadores deverão citar, se possível, o número da autorização ou licença nas publicações técnicas ou científicas oriundas das atividades realizadas na Unidade de Conservação.
- As publicações técnicas ou científicas oriundas das atividades realizadas deverão citar Parque Nacional da Serra dos Órgãos ou somente Serra dos Órgãos como palavra-chave, de modo a facilitar a busca.

---

## Setor de Pesquisa

Parque Nacional Serra dos Órgãos  
MMA

Fevereiro/2007

Chefe da UC  
Ernesto Viveiros de Castro

Responsável pelo Setor de Pesquisa  
Cecilia Cronemberger de Faria

Organização da apostila  
Clícia Grativol

## Informações Úteis

### Acesso à Unidade

O acesso a partir do Rio de Janeiro é feito pelas BR-040 e BR-116 (Rio-Teresópolis) com percurso total de cerca de 100 quilômetros. As linhas de ônibus Rio-Teresópolis e Niterói-Teresópolis contam com vários horários diários e passam na portaria da entrada principal da UC.

O acesso à Sede Guapimirim é no Km 98,5 da BR-116, no início de subida da Serra. O acesso à portaria desta sede é diretamente pela rodovia. Todas as linhas de ônibus que vão para Teresópolis passam na porta da Sede Guapimirim e param quando solicitado.

A Sede Petrópolis está localizada no bairro do Bonfim, distrito de Corrêas. O acesso principal ao Parque é feito pela BR-040, que liga o Rio de Janeiro (RJ) a Juiz de Fora (MG). Do centro de Petrópolis até Corrêas, o acesso é através da Estrada União-Indústria, que margeia o Rio Quitandinha. A partir de Teresópolis o acesso é pela Rodovia BR-495 (Teresópolis-Itaipava) e depois pela União Indústria, no sentido Centro de Petrópolis. A melhor opção para o deslocamento de ônibus, à partir de Petrópolis, é via terminal de Corrêas, onde existem disponibilidade de duas linhas com destino à Bonfim. A linha 611 (Bonfim) tem seu ponto final a aproximadamente 1 Km da portaria de acesso ao Parque. A linha 616 (Pinheiral) tem seu ponto final na Escola Rural do Bonfim, chegando a cerca de 500 metros da portaria.



# Projetos Específicos









# PROGRAMA DE MONITORAMENTO DE TRILHAS

## Parque Nacional da Serra dos Órgãos

*VERSÃO PRELIMINAR*  
Maio de 2007

Projeto “Centro de Referência em Biodiversidade da Serra dos Órgãos:  
uma Aliança entre Educação, Turismo e Conservação”



gtz



Ministério do  
Meio Ambiente





## 1. Apresentação

O principal instrumento de monitoramento de trilhas para verificar a necessidade de intervenções é a realização de inspeções periódicas na trilha onde é verificado o seu estado de conservação. Estas inspeções podem ser realizadas por pessoal capacitado, designado pela organização responsável pela gestão da área ou através de excursões realizadas rotineiramente por montanhistas ou outro grupo de visitação qualificado para tal.

A seguir são apresentados os elementos para a implementação de um Programa de Monitoramento de Trilhas para o PARNASO.

## 2. Indicadores de conservação da trilha

O estado de conservação da trilha pode ser definido a partir da verificação da ocorrência de impactos e problemas discutidos nos capítulos anteriores.

Quadro 3 – Indicadores para monitoramento de trilhas

Indicadores	Características
1. Presença de Erosão	1.1. Erosão laminar: verificar os pontos com solo expostos (sem horizonte orgânico), aumento da granulometria do solo, presença de raízes expostas ou exposição da superfície rochosa. 1.2. Erosão em sulcos e ravinas: verificar a ocorrência de sulcos, ravinas ou voçorocas. 1.3. Escorregamento de massa: verificar pontos de deslizamentos, solopamento sobre o leito da trilha ou nas suas margens.
2. Largura da trilha	Verificar a ocorrência de trechos onde ocorram processos de alargamento da trilha. A largura de trilha é variável em relação à categoria de manejo de trilhas (populares, de montanhismo tradicional). Uma boa forma de verificar a ocorrência do processo é a comparação da largura em trechos de baixa declividade e com bom aspecto de conservação. De uma forma geral, pode ser considerar uma largura aceitável até 1,8 m, acima deste valor deve-se verificar a existência de indícios, como pisoteamento da vegetação marginal. Valores mais elevados, acima de 3 m de largura devem ser considerados críticos.
3. Sinais de degradação da vegetação	3.1 Marcas de pisoteio sobre a vegetação marginal. 3.2 Marcas de uso da vegetação como apoio: galhos quebrados, arbustos e pequenas árvores desestabilizadas e inclinadas e outras injúrias mecânicas. 3.3 Ocorrência abundante de espécies invasoras nas margens da trilha, em especial capins (gramíneas) e bambus. 3.4 Ocorrência de marcas e pixações nos fustes.
4. Situação em relação aos atalhos	Observar como a trilha se apresenta em relação à presença de atalhos e alternativas de traçado: 4.1 Traçado único, 4.2 Duplicada 4.3 Entrelaçada 4.4 Cruzadas 4.5 Indefinida
5. Presença de resíduos sólidos	Verificar a ocorrência de resíduos sólidos em geral: embalagens, plásticos em geral, restos de comida, papel higiênico usado, sinais de dejetos humanos (odor ou visual).
6. Sinais de	Verificar a ocorrência perceptível de alteração das propriedades da água (turbidez, odor,

Indicadores	Características
poluição hídrica	paladar), presença de espuma ou manchas de óleo, e presença de resíduos sólidos no entorno, em especial dejetos humanos. Observar as distâncias (até 15 m) e a posição (montante ou jusante) de corpos hídricos.
7. Visitação	Verificar a frequência através de registros disponíveis, ou de observação em campo, com o encontro com visitantes (nenhum, raro, frequente, muito frequente, constante). Importante observar mudanças na frequência e perfil da visitação ao longo do tempo.
8. Estado das infra-estruturas	Verificar o estado de conservação das estruturas encontradas nas trilhas, como: sinalização, estruturas de drenagens, de contenção etc.
9. Outras ocorrências	9.1 trechos alagados ou encharcados 9.2 Incêndios ou queimadas 9.3 Sinais de acampamento 9.4 Sinais de atividade extrativista ou caçadores

A largura da trilha é relacionada ao perfil da visitação e a categoria de manejo (ver item 2.6). Trilhas populares tendem a ser mais largas e não raro alcançam 1,8 a 2m de largura, enquanto as trilhas de montanhismo tradicional são mais estreitas, entre 0,4 a 1 m, e em alguns casos não possuem uma larguras claramente delimitada.

### 3. Registro de ocorrências

As ocorrências que indicam problemas de conservação podem ser registradas em formulários padronizados ou cadernetas de campo, que deve conter as seguintes informações:

Campo	Descrição
Identificação da trilha:	Indicar o nome da trilha
Data da inspeção:	Informar a data da realização da inspeção
Descrição da ocorrência:	Descrever com base nos indicadores do quadro a ocorrência
Localização da ocorrência:	Descrever, caso cabível, o local na trilha onde foi observada a ocorrência
Ação realizada:	Informar, caso cabível, se foi realizada alguma ação para solução ou minimizar o problema
Registro fotográfico:	Apresentar, se possível, o registro fotográfico da ocorrência
Croqui de localização:	Localizar, caso cabível, a ocorrência espacialmente ou detalhar em croqui.

### Periodicidade de inspeção

A frequência de inspeções para o monitoramento para verificar o estado de conservação da trilha e o impacto ambiental da visitação vai depender das características da trilha e está fortemente relacionada à classificação de manejo da trilha em relação ao perfil de visitação (ver item 2.6). Assim, quanto mais intensa a visitação mais frequente deve ser o monitoramento. A frequência das inspeções deve ser ajustada à combinação da frequência da visitação e da ocorrência de problemas ambientais. Uma sugestão inicial para a periodicidade das inspeções é a cada dois meses.

A frequência e o período devem ser ajustados conforme o resultado das inspeções realizadas. Uma crescente ocorrência de problemas indica a necessidade de redução da frequência e uma avaliação da eficácia das intervenções adotadas, e pensar em alternativas para a mesma. Um quadro de estabilidade, sem ocorrência, pode possibilitar a um maior espaçamento entre as inspeções. Após a ocorrência de eventos extraordinários na área, como deslizamentos, cabeças d'água e incêndios, inspeções devem ser feitas tão rapidamente quanto possíveis para avaliar os impactos causados na trilha.

#### **4. Programa de manutenção de Trilhas**

A manutenção das trilhas deve observar um Programa de Conservação que contempla atividades de rotina. De uma maneira ideal, as atividades programadas podem ser realizadas juntamente com as inspeções de monitoramento. Todavia, a quantidade, a magnitude e a especificidade dos problemas observados na trilha podem fazer com que seja necessário que as ocorrências levantadas nas inspeções gerem uma demanda de serviços que inviabilize a realização juntamente com a inspeção, em função de um ou mais dos seguintes limitantes: (a) mão de obra; (ii) tempo de execução; (iii) equipamentos; (iv) material; e (v) solução técnica.

O programa de conservação de trilhas inclui as seguintes atividades:

##### **1) Limpeza da vegetação**

A ocorrência de um ou alguns fatores como: períodos de baixa visitação, intensa precipitação, queda de árvores etc, pode levar ao fechamento total ou parcial de uma trilha. Quando isto ocorre é necessário à reabertura da trilha, com corte da vegetação e remoção dos obstáculos, para deixá-la próxima a sua condição anterior, respeitando suas características (ver classificação item 2.6). Esta ação é importante para permitir a circulação no traçado original, evitando que a indefinição do traçado leve à abertura de atalhos.

##### **2) Fechamento de atalhos**

Os atalhos devem ser fechados, e em caso de reincidência sistemática destas ocorrências devem ser analisadas as causas que geram a abertura dos atalhos, e procurar mitigá-las.

##### **3) Limpeza de lixos e dejetos**

Embora uma das mais importantes práticas de uma boa conduta de visitação em uma trilha seja levar todo o lixo e resíduos, não é raro encontrar resíduos orgânicos e inorgânicos, especialmente em trilhas de intensa visitação. Estes resíduos devem ser recolhidos pela equipe de manutenção.

Caso haja instalações sanitárias, como fossas etc, devem ser realizados trabalhos de manutenção necessários.

##### **4) Correção de pequenos problemas de drenagem e erosão**

Problemas severos de erosão ou de impactos no entorno da trilha podem ser evitados através de ações simples e sistemáticas, como: limpeza das estruturas de drenagens (barreiras de água, canaletas, caixas de passagem, bueiros etc), recolocação de serrapilheira, troca e realocação de estruturas, serviços de retalutamento, colocação de pedras para passagens em áreas encharcadas, colocação de degraus, recomposição da superfície da trilha (corte, enchimento e compactação), entre outros.

#### **5) *Revegetação e auxílio à regeneração natural***

Quando ocorrer problemas de degradação da vegetação, no entorno da trilha ações podem ser implementadas para a sua recuperação, como: plantio de mudas (produzidas em viveiros ou repicadas do entorno), semeadura, descompactação de solos, reposição de horizonte orgânico do solo, recobrimento com serrapilheira, controle de plantas invasoras etc.

#### **6) *Reparo na sinalização e marcos***

Sinalizações removidas indevidamente devem ser repostas. Devem ser verificadas se as sinalizações não foram reposicionadas incorretamente e promover a correção da sua posição. O estado de conservação da sinalização e outros elementos de comunicação visual da trilha devem ser observados, e caso apresentem mal estado deve ser providenciada a substituição. Verificar, também, a necessidade de atualização da sinalização em função de ocorrência de fatos extraordinários (deslizamentos, cabeças d'água, incêndios etc) ou de ações de gestão da área.

#### **7) *Verificação das estruturas pesadas***

As estruturas mais pesadas, como pontes, barragens, canais de drenagem, muros de contenção etc, devem ser verificadas em relação ao seu estado de conservação e necessidade de reparos. Especialmente se submetidos a condições severas, como após a ocorrência de fatos extraordinários (deslizamentos, cabeças d'água, incêndios etc).

**Ficha de monitoramento de trilhas****Informações gerais**

Nome da trilha:

Data da Inspeção:

Responsável:

**Indicadores de Monitoramento**

Presença de Erosão

Presença de resíduos sólidos

Alargamento do leito

Sinais de poluição hídrica

Sinais de degradação da vegetação

Problemas de drenagem

Presença de atalhos

Sinais de acampamento

Danos a infra-estruturas

Outras ocorrências

**OCORRÊNCIA 1: informações detalhadas**

Descrição da Ocorrência (identificar no croqui):

Ação Realizada (ou intervenções necessárias):

**OCORRÊNCIA 2: informações detalhadas**

Descrição da Ocorrência (identificar no croqui):

Ação Realizada (ou intervenções necessárias):

**OCORRÊNCIA 3: informações detalhadas**

Descrição da Ocorrência (identificar no croqui):

Ação Realizada (ou intervenções necessárias):

**\* Anexar croqui. Em caso de mais ocorrências, utilizar outro formulário.**

## DIAGNÓSTICO DA TRILHA PRIMAVERA

### 1. Descrição:

A trilha Primavera inicia na estrada que leva à barragem, cerca de 315 m após a bifurcação que leva ao Centro de Visitantes, e desenvolve seu trajeto na parte baixa da vertente Noroeste do Morro Santo Antônio-Mirim. O seu traçado é quase plano em quase toda a sua extensão, com declividade variando entre 0° a 5°, com exceção de um pequeno trecho inicial, com extensão de 10,4m, que apresenta uma declividade de aproximadamente 15°.

A trilha permite caminhada do tipo travessia (a trilha começa em um ponto e possui saída em outro), voltando à mesma estrada após cerca de 463m da sua entrada. Apresenta-se bem demarcada e se destina a um público leigo, onde não são requisitados conhecimentos ou experiência em atividades de montanha.

A declividade e a sua extensão caracterizam uma caminhada leve, um confortável passeio familiar, que pode ser realizado entre 15 a 20 min.

No levantamento da trilha foram utilizados 19 pontos de apoio (ver tabela acima), que caracterizam extremidades de segmentos, mudança significativa de rumo e declividade. Os segmentos do levantamento são orientativos tanto para o planejamento, como para a execução das intervenções.

### 2. Diagnóstico:

A trilha apresenta um bom estado de conservação, necessitando de pequenas intervenções não críticas para sua manutenção, principalmente em função do perfil da sua visitação - trilha popular. O baixo requisito de manutenção é bastante influenciado pelo trajeto pouco declivoso da trilha.

A intervenção mais geral se refere a poda da vegetação que eventualmente se encontra na altura da cabeça dos visitantes e desobstrução de canais de drenagem que cruzam com a trilha. As intervenções mais localizadas não se apresentam críticas e se referem, manutenção da drenagem próxima à caixa d'água, e reforma do revestimento da ponte entre P8 e P9.

Segmentos e Ponto de Apoio	Distância (m)	Distância Acumulada (m)	Declividade (°)	Obs
P0-P1	10,4	10,4	15	Estrada para barragem
P1-P2	24,2	34,6	5	
P2-P3	29,4	64,0	2	
P3-P4	22,5	86,5	3	
P4-P5	26,0	112,5	2	
P5-P6	20,8	133,2	2	
P6-P7	22,5	155,7	2	Ponte I
P7-P8	24,2	179,9	4	
P8-P9	31,1	211,1	3	Ponte II
P9-P10	20,8	231,8	3	
P10-P11	12,1	243,9	2	
P11-P12	24,2	268,2	0	
P12-P13	77,9	346,0	0	
P13-P14	39,8	385,8	0	
P14-P15	13,8	399,6	0	
P15-P16	29,4	429,0	0	
P16-P17	17,3	446,3	0	Ponte III
P17-P18	17,3	463,6	0	





*Foto 1 –Degraus no trecho inicial, o mais íngreme da trilha..*



*Foto 2 – Detalhe da caixa d'água (cisterna) entre, P2 e P3.*



*Foto 3 – “Ponte de cano”, em P6*



*Foto 4 – Ponte, entre P8 e P9, observar o material do revestimento combinando madeira e cano.*



Foto 5 –Ponte entre P16 e P17.



Foto 6 – Sinalização informativa, ao final da trilha, em P18.

### 3. Descrição das Intervenções:

A análise dos dados do levantamento indica que a necessita de um nível muito baixo de intervenção e todas não críticas, com destaque para a reforma do revestimento da Ponte II.

Quadro 1 – Distribuição das ocorrências observadas na Trilha Primavera e indicação da ação para solução.

Trecho	Descrição	Ação
<b>Ocorrências Gerais</b>		
P0 – P18	Presença de vegetação sobre a trilha, entre 1,5 a 2m. Presença de material (galhos, folhas, pedras...) obstruindo parcialmente canais de drenagem	Poda da vegetação Limpeza dos canais de drenagem
<b>Ocorrências específicas</b>		
P3-P4	Manutenção de canaleta de drenagem	Reassentamento das pedras da canaleta
P8-P9	Ponte com revestimento necessitando de reparos	Refazer revestimento



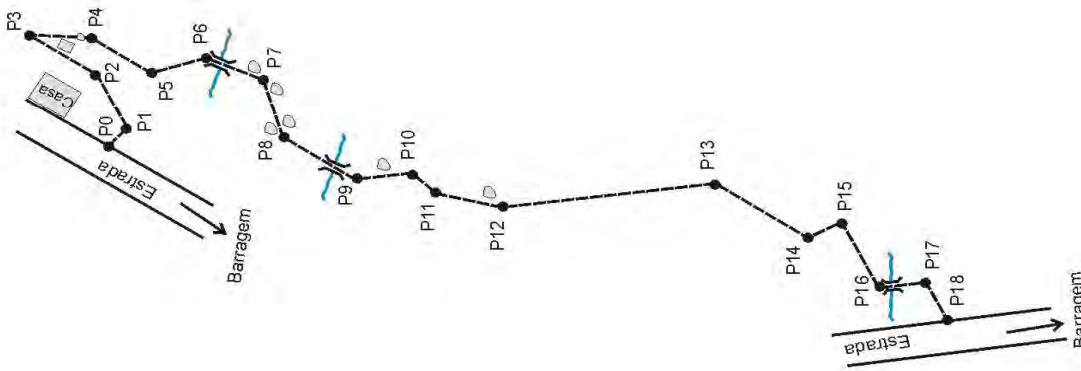
Quadro 2 –Intervenções propostas para a Trilha Primavera

<b>Ação</b>	<b>Impacto a controlar</b>	<b>Benefícios</b>	<b>Detalhamento</b>
<b><i>Podar da Vegetação</i></b>  Trechos: P0-P18	- evitar acidentes, devido ao perfil da visitação da trilha (trilha popular).	- facilita a caminhada, compatibilizando com os requisitos de visitação da trilha.	- Podar galhos e folhas projetados sobre o leito da trilha abaixo dos 2m de altura; - Avaliar a situação da vegetação em função do impacto a controlar e intervir somente quando houver necessidade.
<b><i>Limpeza dos Canais de Drenagem</i></b>  Trechos: P0-P18	- comprometimento das funções e da própria estruturas ;  - alagamento e/ou erosão da trilha;  - danos à vegetação marginal (apoio e pisoteio) e procura de atalhos.	- permite o bom escoamento da drenagem;  - a manutenção das estruturas mantém as boas condições de caminhamento e ajuda a preservar a vegetação marginal.	- Retirada de material (galhos, folhas, pedras, sedimentos, ...) que estiver obstruindo (total ou parcialmente) os canais de drenagem que cruzam com a trilha.
<b><i>Reassentamento das pedras da canaleta</i></b>  Trechos: P2-P3	- comprometimento das funções da estrutura;  - alagamento e/ou erosão da trilha;  - danos à vegetação marginal (apoio e pisoteio) e procura de atalhos.	- permite o bom escoamento da drenagem;  - a manutenção das estruturas mantém as boas condições de caminhamento e ajuda a preservar a vegetação marginal..	- Reassentamento das pedras deslocadas que formam a canaleta de drenagem.
<b><i>Refazer revestimento da ponte</i></b>  Trechos: P8-P9	- comprometimento das funções da estrutura;  - danos à vegetação marginal (apoio e pisoteio) e procura de atalhos.	- a manutenção das estruturas mantém as boas condições de caminhamento e ajuda a preservar a vegetação marginal.	- Substituir o revestimento da ponte por peças de madeira.

#### **4. Periodicidade de Monitoramento:**

Indicação inicial para cada dois meses, ou após registro de alguma ocorrência extraordinária, como fortes tempestades, incêndios, etc... O período de monitoramento pode ser ampliado conforme o resultado das primeiras inspeções.

As inspeções de monitoramento devem observar as recomendações do Relatório do Programa de Monitoramento de Trilhas do PARNASO.



**Legenda:**

- Ponte
- Pedra
- Caixa d'água (cistema)
- Pn
- Ponto de apoio do levantamento

**Croqui**  
Trilha Primavera

**Levantamento:**

Julho/2006



## DIAGNÓSTICO DA TRILHA MOZART CATÃO

### 1. Descrição:

A trilha inicia na estrada que leva à barragem, após o camping (existe uma placa que indica a entrada e fornece dados gerais da trilha) e segue pela vertente Noroeste do Morro Santo Antônio-Mirim, em traçado em meia encosta (numa declividade entre 0° a 22°), cruzando com pequenos cursos d'água, através de pontes de alvenaria, em três pontos. Os primeiros 700 m representam o trecho de maior declividade da trilha, quando então contorna a face Norte, após um trecho em pequeno declive, e segue até o trecho final, em terreno de pouca declividade ascendente, até o alcançar o mirante que marcar o final da trilha,, já na face Nordeste.

A trilha é bem demarcada e se destina a um público leigo, onde não são requisitados conhecimentos ou experiência em atividades de montanha. A declividade e a sua extensão caracterizam uma caminhada leve, um passeio familiar, que pode ser realizado em pouco mais de 1:00h (ida e volta). O mirante final, construído em alvenaria, não é muito amplo e possui como equipamentos: uma mesa e cadeiras, em alvenaria. Do mirante é possível avistar a Granja Comary e adjacências.

No levantamento da trilha foram utilizados 38 pontos de apoio (ver tabela ao lado), que caracterizam extremidades de segmentos, mudança significativa de rumo e declividade. Os segmentos do levantamento são orientativos tanto para o planejamento, como para a execução

Segmentos e Ponto de Apoio	Distância (m)	Distância Acumulada (m)	Declividade (°)	Obs
P0-P1	24	24	3	Estrada para barragem
P1-P2	22	47	8	
P2-P3	22	69	18	
P3-P4	40	109	5	
P4-P5	43	152	15	
P5-P6	45	197	8	
P6-P7	29	227	13	
P7-P8	22	249	8	
P8-P9	28	277	8	
P9-P10	24	301	3	
P10-P11	29	330	8	ponte I
P11-P12	22	353	3	
P12-P13	17	370	2	ponte II
P13-P14	14	384	22	trecho crítico (erosão)
P14-P15	24	408	12	trecho crítico (erosão)
P15-P16	33	441	15	
P16-P17	9	450	15	
P17-P18	9	458	10	
P18-P19	17	476	10	
P19-P20	26	502	10	
P20-P21	24	526	8	ponte III
P21-P22	12	538	10	
P22-P23	26	564	10	
P23-P24	22	586	5	
P24-P25	36	623	5	
P25-P26	17	640	15	
P26-P27	21	661	8	início da trilha de pedra
P27-P28	35	695	8	
P28-P29	36	732	-10	
P29-P30	21	753	8	
P30-P31	24	777	8	
P31-P32	74	851	2	
P32-P33	36	887	8	
P33-P34	48	936	3	
P35-P36	73	1.009	3	
P36-P37	107	1.116	0	
P37-P38	78	1.194	0	Mirante

das intervenções.

## 2. Diagnóstico:

A trilha apresenta um razoável estado de conservação. Todavia, necessita de algumas intervenções principalmente em razão do perfil da sua visitação – trilha popular. Embora o seu traçado não ocorram trechos de elevada declividade, apresenta problemas de erosão em vários segmentos, sendo dois em estado mais crítico. Os degraus de madeira existentes na trilha, de uma forma geral, apresentam atualmente dois problemas: (i) possuem pouco comprimento, que compromete a sua funcionalidade, facilitando o escoamento e perda de solo pelas margens da trilha (ver fotos 1 e 2); (ii) com a evolução do processo erosivo, inclusive com a perda de alguns degraus, o método usado para fixar os degraus (alça de vergalhão) vira um potencial obstáculo aos caminhantes. Estas ocorrências indicam o processo erosivo presente de forma mais intensa em alguns trechos da trilha, levando a perda de solo e a um incipiente processo de alargamento da trilha, como pode ser observado nas fotos 1 a 6.

Na situação atual torna-se necessário a revisão de boa parte dos degraus, com substituição por peças mais longas, ultrapassando a largura da trilha, engastando-a nas margens, quando possível.

O alargamento da trilha, embora discreto, é mais perceptível nos pontos de cotovelos. Outra situação que contribui para o alargamento da trilha é o crescimento da vegetação no lado do corte da trilha, que induz os caminhantes a se desviarem para o lado da encosta, levando a um discreto deslocamento do leito da trilha e a perda da função dos degraus instalados.

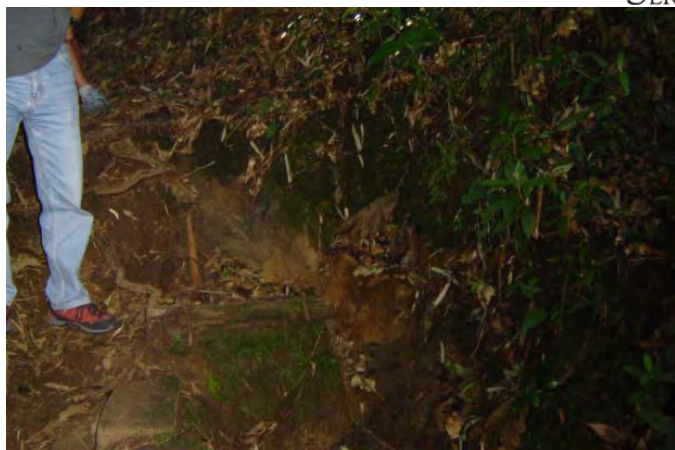


*Foto 1 – Perda de solo mais intensa nas margens da trilha, observar o sulco nas laterais dos degraus e a diferença de profundidade em relação aos mesmos. Vista do trecho mais crítico, entre P14 e P15.*

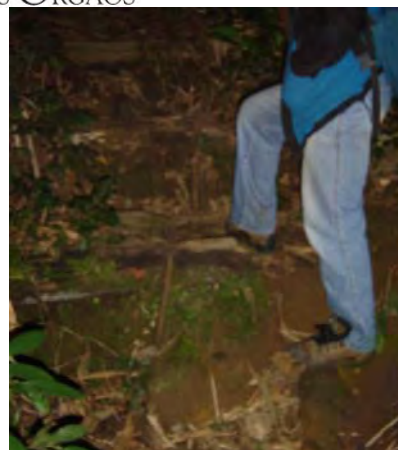


*Foto 2 – Detalhe da formação dos sulcos nas laterais dos degraus e conseqüente perda de solo, ente P14 e P15.*





*Foto 3 – Início da formação do sulco lateral, próximo a P14. Notar o degrau remanescente ao lado do sulco, e a diferença de nível entre a superfície e o fundo do sulco.*



*Foto 4 – Altura entre degraus, em virtude da perda de solo.*



*Foto 5 – Com a perda de degrau, o vergalhão de fixação pode se tornar um obstáculo. Situação observada ocasionalmente na trilha.*



*Foto 4 – Desvio do traçado da trilha para fora do comprimento dos degraus, situação comum nos cotovelos da trilha..*

Além do tratamento do escoamento superficial, outras ocorrências, de baixa relevância, relacionadas a drenagem foram observadas, como: pequenos fluxos de escoamento superficial cruzando a trilha; pequenos alagamentos nos pontos de baixa declividade; e afloramento do escoamento subsuperficial.

Em alguns pontos foi observado o uso de tubos de pvc, para conduzir o fluxo de escoamento através da trilha, esta solução apresenta como pontos fracos: a possibilidade de quebra pelo pisoteio, possibilidade de ser deslocado em picos de fluxo e não possuir um bom efeito estético. Os pontos de encharcamento são aparentemente pouco expressivos, mas podem levar a um alargamento da trilha se houver um aumento da visitação em períodos chuvosos. E, o afloramento

o escoamento subsuperficial, foi observado em corte de talude (entre P4 e P5) que margeia a pista, fazendo com que o fluxo escoasse pelo leito da trilha, causando arraste de material.

Ao longo da trilha foi observado a ocorrência de apenas um atalho (entre P18 e P20), com o objetivo de encurtar o caminho, evitando o cotovelo.

### 3. Descrição das Intervenções:

A análise dos dados do levantamento indica que a trilha pode ser dividida em dois trechos, em função das características do traçado e das ocorrências observadas. O primeiro, entre P1 e P26, encontram-se os segmentos de maior declividade e estão localizados os problemas referentes aos processos erosivos mais intensos. O segundo, na parte alta da trilha, com segmentos menos íngremes, onde ocorrem pequenos problemas relacionados a cruzamento da drenagem na trilha e alagamento. As características das ocorrências e sua distribuição ao longo da trilha, além das ações indicadas para intervenção, são apresentadas nos quadros abaixo.

Quadro 1 – Distribuição das ocorrências observadas na Trilha Mozart Catão e indicação da ação para solução.

Trecho	Descrição	Ação
<b>Ocorrências Gerais</b>		
P2 e P26	Trecho mais declivoso, onde foram observados problemas de conservação dos degraus, e processos erosivos mais intensos. Os problemas, em geral, não se apresentam críticos, com exceção dos pontos destacados abaixo. Pequenos esforços de manutenção podem melhorar as condições de conservação da trilha e evitar o agravamento dos problemas observados.	Revisão dos degraus, Controle da drenagem. Remoção da vegetação que obstrui parcialmente a trilha.
P24-P34	Trecho de menor declividade, onde foram observadas ocorrências de baixa relevância, relativo ao cruzamento de drenagem e empoçamento na trilha. Foi observado o uso de tubo de pvc para conduzir a drenagem na trilha, estes podem ser danificado pelo pisoteio e não possuem bom efeito estético.	Controle de drenagem
<b>Ocorrências específicas</b>		
P13-P15	Trecho mais crítico em relação ao processos erosivos com acentuada perda de solo e formação de sulcos	Reconformação do talude Controle de drenagem Colocação de degraus
P18-P20	Presença de atalho	Fechamento de atalho
P4-P5	Afloramento de escoamento subsuperficial no leito da trilha, observável após ocorrência de chuvas intensas	Controle de drenagem

Quadro 2 – Intervenções propostas para a Trilha do Morro da Urca



Ação	Impacto a controlar	Benefícios	Detalhamento
<p><b>Revisão dos degraus</b></p> <p>Trechos: P2-P26*</p> <p>* avaliação dos degraus existentes e intervenção somente quando houver necessidade.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- erosão</li> <li>- alargamento da trilha</li> <li>- abertura de atalhos</li> <li>- danos a vegetação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- estabiliza os taludes e permite algum controle da drenagem;</li> <li>- melhora as condições de caminhamento evitando danos à vegetação marginal (apoio e pisoteio) e procura de atalhos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Verificar o estado de conservação de cada degrau, analisando a necessidade de substituição ou remoção.</li> <li>- Verificar a necessidade de rebater os vergalhões, para melhor fixação dos degraus a permanecer e remoção dos vergalhões sem degraus.</li> <li>- A colocação dos novos degraus deve observar que as peças devem ser maiores que a largura da trilha (~30 cm para cada lado), e quando possível deve ser feito o engastamento nos taludes à montante.</li> <li>- Quando as condições permitirem os degraus devem ser inclinados (entre 2° a 5°) no sentido transversal da trilha, para conduzir a drenagem para fora da trilha.</li> <li>- pequena movimentação de terra (cortes e aterros) é prevista para estabilização de alguns degraus.</li> <li>- material sugerido para a construção: Toretas de madeira de eucalipto (ou outra madeira de reflorestamento, como sabiá) e ou material lenhoso (não apodrecido) tombado no local. Dimensão das peças 1,5 a 2,2 m de largura e 0,15 a 0,2 m de diâmetro;</li> <li>- A fixação pode ser feita com estacas de madeira, ou alternativamente com vergalhões (como atual).</li> </ul>
<p><b>Reconformação de taludes</b></p> <p>Trechos: P13-P15</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- erosão</li> <li>- alargamento de trilhas</li> <li>- abertura de atalhos</li> <li>- danos a vegetação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-estabiliza taludes muito declivosos e/ou fortemente erodidos</li> <li>- evita desmoronamento de trechos da trilha</li> <li>- recompõem trechos de trilhas</li> <li>- evita o alargamento da trilha</li> <li>- melhora as condições de caminhamento evitando danos à vegetação marginal (apoio e pisoteio) e procura de atalhos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Realização de cortes e aterros para adequar o perfil do leito da trilha, que encontra-se bastante erodido. Possibilidade de requerer material de empréstimo para aterro.</li> <li>- Devem ser colocados degraus para melhorar a estabilização do trecho.</li> <li>- Recomendações para o trecho entre P14 e P15: Preparar uma base de pedras para aumentar a resistência ao escoamento sub-superficial, possibilitando a passagem do fluxo para o canal de drenagem à jusante.</li> <li>Formar uma canaleta, ao longo da trilha no lado do corte, para possibilitar a condução do escoamento para o canal de drenagem a jusante. A canaleta deve ser, preferencialmente, construída com pedras.</li> <li>- Como o trecho já foi muito alterado pela erosão, uma boa prática seria a realização de uma inspeção durante a ocorrência de chuva intensa para observar as fontes do escoamento e os caminhos atualmente</li> </ul>

Ação	Impacto a controlar	Benefícios	Detalhamento
			seguido pela enxurrada. Esta medida ajudaria a melhor definir as ações executivas.
<p><b>Controle de Drenagem</b></p> <p>Trechos: P2-P26*</p> <p>* somente quando houver necessidade, avaliação durante a execução.</p> <p>Trechos: P23-P34*</p> <p>* somente quando houver necessidade, avaliação durante a execução.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- erosão</li> <li>- alargamento da trilha</li> <li>- abertura de atalhos</li> <li>- danos à vegetação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- reduz os efeitos erosivos no leito da trilha.</li> <li>- evita o alargamento da trilha.</li> <li>- melhora as condições de caminhamento evitando danos à vegetação marginal (apoio e pisoteio) e procura de atalhos.</li> </ul>	<p>a) Controle do escoamento superficial</p> <p>a.1) Interceptação da água de escoamento</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Implantação de barreiras de para desviar a água da trilha:</li> </ul> <p>As barreiras devem ser preferencialmente colocadas em cotovelos, e na colocação de barreiras d'água deve se buscar pontos onde haja obstáculos naturais, como árvores e blocos de pedras, que desestimulem os caminhantes a contornar a barreira. Árvores e pedras podem ser utilizadas como escoras naturais das barreiras, na ausência destes podem ser utilizados estacas de madeira. A utilização de pedra é sempre a melhor alternativa para construção de barreiras d'água pela sua durabilidade.</p> <p>material sugerido para a construção: pedras ou troncos de eucaliptos ou outra madeira de reflorestamento e aproveitamento de troncos já caídos ao longo da própria trilha para formação de barreiras.</p> <p>Recomendável a colocação de pedras na saída da drenagem para dissipação de energia.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- No meio dos trechos longos é possível desviar a água com a utilização de terraços (<i>grades dips</i>), ao invés de barreira d'água. Todavia, a existência de raízes e pedras pode dificultar a sua implantação.</li> </ul> <p>a.2) Travessias de canais de drenagem</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Como são fluxos muito pequenos de água, a intervenção não é crítica. Pode-se optar pela construção de canaletas de pedra em substituição aos atuais tubos de pvc. Outra opção é simplesmente a colocação de troncos paralelos a este para protegê-los do pisoteio, podendo ser recoberto por terra, funcionando como um bueiro.</li> </ul> <p>b) Passagem de áreas Alagadas</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- colocação de pedras para facilitar a passagem (caminho de pedra).</li> </ul>

Ação	Impacto a controlar	Benefícios	Detalhamento
<b>Fechamento de Atalhos</b>  Trechos: P18-P19	- danos à vegetação	- evita a degradação de áreas fora do traçado a trilha.  - facilita os trabalhos de manutenção  - diminui os riscos de desorientação por parte dos visitantes	- Ocultar a entrada do atalho utilizando material encontrado no local (troncos e galhos caídos e serrapilheira), criando um obstáculo à passagem.  - Pode-se complementar a ação com a colocação de uma placa aviso:  “Área em recuperação. Não use atalho.”

#### 4. Programação de Monitoramento:

O principal instrumento de monitoramento de trilhas para verificar a necessidade de intervenções é a realização de inspeções periódicas na trilha onde é verificado o seu estado de conservação. Estas inspeções podem ser realizadas por pessoal capacitado, designado pela organização responsável pela gestão da área ou através de excursões realizadas rotineiramente por montanhistas ou outro grupo de visitação qualificado para tal.

#### Indicadores de conservação da trilha

O estado de conservação da trilha pode ser definido a partir da verificação da ocorrência de impactos e problemas discutidos nos capítulos anteriores.

Quadro 3 – Indicadores para monitoramento de trilhas

Indicadores	Características
1. Presença de Erosão	1.1. Erosão laminar: verificar os pontos com solo expostos (sem horizonte orgânico), aumento da granulometria do solo, presença de raízes expostas ou exposição da superfície rochosa. 1.2. Erosão em sulcos e ravinas: verificar a ocorrência de sulcos, ravinas ou voçorocas. 1.3. Escorregamento de massa: verificar pontos de deslizamentos, solapamento sobre o leito da trilha ou nas suas margens.
2. Largura da trilha	Verificar a ocorrência de trechos onde ocorram processos de alargamento da trilha. A largura de trilha é variável em relação à categoria de manejo de trilhas (populares, de montanhismo tradicional). Uma boa forma de verificar a ocorrência do processo é a comparação da largura em trechos de baixa declividade e com bom aspecto de conservação. De uma forma geral, pode ser considerar uma largura aceitável até 1,8 m, acima deste valor deve-se verificar a existência de indícios, como pisoteamento da vegetação marginal. Valores mais elevados, acima de 3 m de largura devem ser considerados críticos.
3. Sinais de degradação da vegetação	3.1 Marcas de pisoteio sobre a vegetação marginal. 3.2 Marcas de uso da vegetação como apoio: galhos quebrados, arbustos e pequenas árvores desestabilizadas e inclinadas e outras injúrias mecânicas. 3.3 Ocorrência abundante de espécies invasoras nas margens da trilha, em especial capins (gramíneas) e bambus. 3.4 Ocorrência de marcas e pizações nos fustes.
4. Situação em	Observar como a trilha se apresenta em relação à presença de atalhos e alternativas de traçado:

Indicadores	Características
relação aos atalhos	4.1 Traçado único, 4.2 Duplicada 4.3 Entrelaçada 4.4 Cruzadas 4.5 Indefinida
5. Presença de resíduos sólidos	Verificar a ocorrência de resíduos sólidos em geral: embalagens, plásticos em geral, restos de comida, papel higiênico usado, sinais de dejetos humanos (odor ou visual).
6. Sinais de poluição hídrica	Verificar a ocorrência perceptível de alteração das propriedades da água (turbidez, odor, paladar), presença de espuma ou manchas de óleo, e presença de resíduos sólidos no entorno, em especial dejetos humanos. Observar as distâncias (até 15 m) e a posição (montante ou jusante) de corpos hídricos.
7. Visitação	Verificar a frequência através de registros disponíveis, ou de observação em campo, com o encontro com visitantes (nenhum, raro, freqüente, muito freqüente, constante). Importante observar mudanças na frequência e perfil da visitação ao longo do tempo.
8. Estado das infra-estruturas	Verificar o estado de conservação das estruturas encontradas nas trilhas, como: sinalização, estruturas de drenagens, de contenção etc.
9. Outras ocorrências	9.1 trechos alagados ou encharcados 9.2 Incêndios ou queimadas 9.3 Sinais de acampamento 9.4 Sinais de atividade extrativista ou caçadores

A largura da trilha é relacionada ao perfil da visitação e a categoria de manejo (ver item 2.6). Trilhas populares tendem a ser mais largas e não raro alcançam 1,8 a 2m de largura, enquanto as trilhas de montanhismo tradicional são mais estreitas, entre 0,4 a 1 m, e em alguns casos não possuem uma larguras claramente delimitada.

### *Registro de ocorrências*

As ocorrências que indicam problemas de conservação podem ser registradas em formulários padronizados ou cadernetas de campo, que deve conter as seguintes informações:

Campo	Descrição
Identificação da trilha:	Indicar o nome da trilha
Data da inspeção:	Informar a data da realização da inspeção
Descrição da ocorrência:	Descrever com base nos indicadores do quadro a ocorrência
Localização da ocorrência:	Descrever, caso cabível, o local na trilha onde foi observada a ocorrência
Ação realizada:	Informar, caso cabível, se foi realizada alguma ação para solução ou minimizar o problema
Registro fotográfico:	Apresentar, se possível, o registro fotográfico da ocorrência
Croqui de localização:	Localizar, caso cabível, a ocorrência espacialmente ou detalhar em croqui.

### *Periodicidade de inspeção*

A frequência de inspeções para o monitoramento para verificar o estado de conservação da trilha e o impacto ambiental da visitação vai depender das características da trilha e está fortemente relacionada à classificação de manejo da trilha em relação ao perfil de visitação (ver item 2.6). Assim, quanto mais intensa a visitação mais frequente deve ser o monitoramento. A frequência das inspeções deve ser ajustada à combinação da frequência da visitação e da ocorrência de problemas ambientais. Uma sugestão inicial para a periodicidade das inspeções é a cada dois meses.

A frequência e o período devem ser ajustados conforme o resultado das inspeções realizadas. Uma crescente ocorrência de problemas indica a necessidade de redução da frequência e uma avaliação da eficácia das intervenções adotadas, e pensar em alternativas para a mesma. Um quadro de estabilidade, sem ocorrência, pode possibilitar a um maior espaçamento entre as inspeções. Após a ocorrência de eventos extraordinários na área, como deslizamentos, cabeças d'água e incêndios, inspeções devem ser feitas tão rapidamente quanto possíveis para avaliar os impactos causados na trilha.

### *Programa de manutenção de Trilhas*

A manutenção das trilhas deve observar um Programa de Conservação que contempla atividades de rotina. De uma maneira ideal, as atividades programadas podem ser realizadas juntamente com as inspeções de monitoramento. Todavia, a quantidade, a magnitude e a especificidade dos problemas observados na trilha podem fazer com que seja necessário que as ocorrências levantadas nas inspeções gerem uma demanda de serviços que inviabilize a realização juntamente com a inspeção, em função de um ou mais dos seguintes limitantes: (a) mão de obra; (ii) tempo de execução; (iii) equipamentos; (iv) material; e (v) solução técnica.

O programa de conservação de trilhas inclui as seguintes atividades:

#### **8) Limpeza da vegetação**

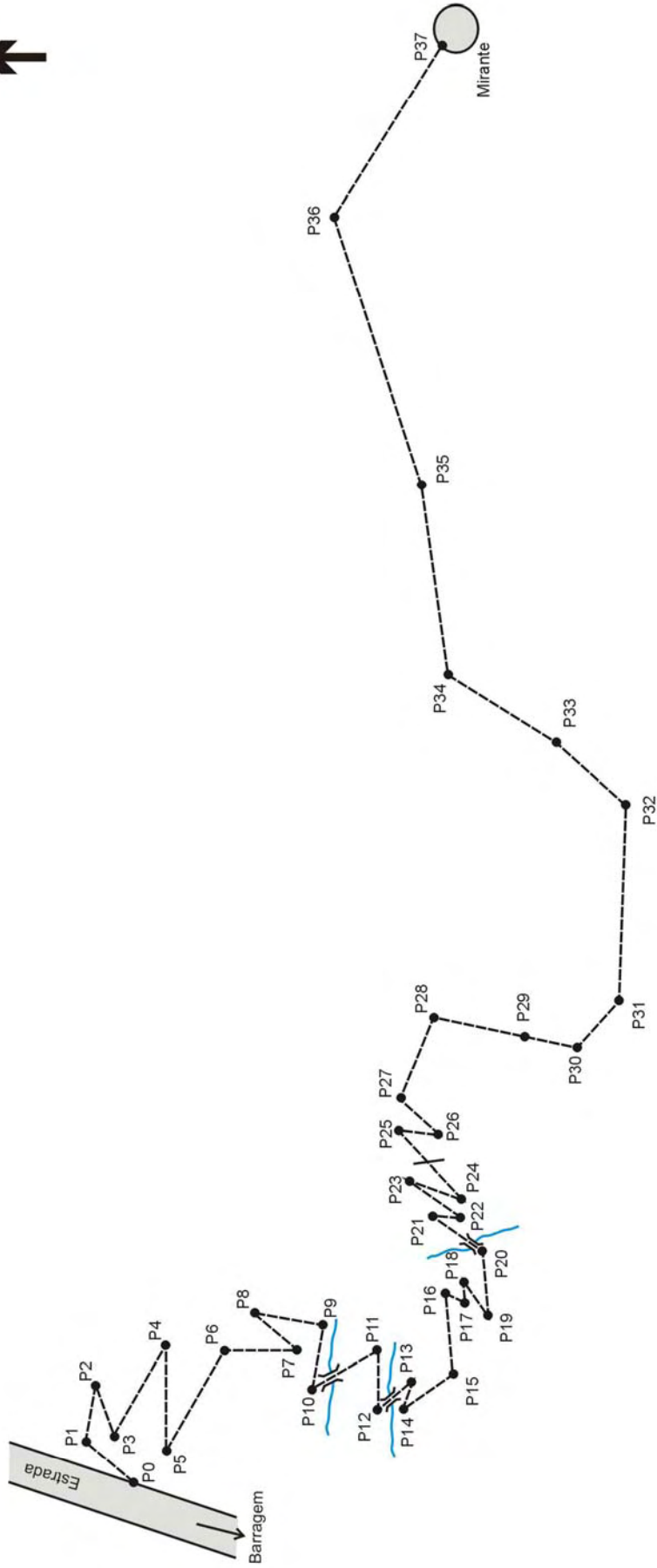
A ocorrência de um ou alguns fatores como: períodos de baixa visitação, intensa precipitação, queda de árvores etc, pode levar ao fechamento total ou parcial de uma trilha. Quando isto ocorre é necessário à reabertura da trilha, com corte da vegetação e remoção dos obstáculos, para deixá-la próxima a sua condição anterior, respeitando suas características (ver classificação item 2.6). Esta ação é importante para permitir a circulação no traçado original, evitando que a indefinição do traçado leve à abertura de atalhos.

#### **9) Fechamento de atalhos**




Os atalhos devem ser fechados, e em caso de reincidência sistemática destas ocorrências devem ser analisadas as causas que geram a abertura dos atalhos, e procurar mitigá-las.

#### **10) Limpeza de lixos e dejetos**

Embora uma das mais importantes práticas de uma boa conduta de visitação em uma trilha seja levar todo o lixo e resíduos, não é raro encontrar resíduos orgânicos e inorgânicos, especialmente em trilhas de intensa visitação. Estes resíduos devem ser recolhidos pela equipe de manutenção.



**Legenda:**

-  Ponte
-  Pn
-  Pn do levantamento

**Croqui**  
Trilha Mozart Catão

**Levantamento:**  
Julho/2006



## DIAGNÓSTICO DAS TRILHAS DA SEDE GUAPIMIRIM

### *1. Descrição Geral:*

A Sede Guapimirim do PARNASO, tem entrada pelo km 98,5 km da Rodovia BR101, subida para o município de Teresópolis. O principal atrativo é visitação nos poços de banho do Rio Soberbo, bastante atraentes nas altas temperaturas do verão. Todavia, também nesta época é necessário atentar para a ocorrência de cabeças d'água, quando as típicas tempestades de verão se precipitam nas cabeceiras do Rio Soberbo. Os avisos sobre este fenômeno devem ser observados pelos visitantes, a fim que se afastem a tempo do local e evitem situações de riscos.

As trilhas levantadas na Sede Guapimirim são acessadas a partir das estradas asfaltadas existentes, e, na sua maioria, levam aos poços, em especial aos do Rio Soberbo. Nos poços se concentra a visitação, para o banho de rio. As trilhas abrangidas no presente relatório são: Poço Verde, Poço Preguiça, Mãe d'Água e variantes, Capela, Caniana e Ruínas (Sítio Arqueológico).

As trilhas se caracterizam por seguirem um trajeto, predominantemente, suave e as extensões variam entre 250 a 600 m. As trilhas são bem demarcadas e é frequente a presença de bifurcações que representam variantes da trilha para o mesmo poço ou trilhas para outros poços. É possível encontrar equipamentos ao longo da trilha, como: lixeiras, placas de sinalização e avisos sobre cabeças d'água.

As trilhas são acessíveis a um público leigo, onde não são requisitados conhecimentos ou experiência em atividades de montanha. A declividade média destas trilhas e suas extensões caracterizam uma caminhada leve, um passeio familiar que pode ser realizado em menos de 1:00h (ida e volta). Mas, sem dúvida o grande atrativo é o banho nas águas do Rio Soberbo

No levantamento das trilhas foram utilizados pontos de apoio (ver descrição de cada trilha), que caracterizam extremidades de segmentos, mudança significativa de rumo e declividade. A localização esquemática das trilhas e outras atrações da Sede Guapimirim, podem ser observadas na figura 1,







### a) Trilha Mãe d'Água

A trilha inicia na estrada, atrás do Centro de Visitantes (antigo Museu Von Martius) e retorna à mesma estrada, após cerca de 260 m. Segue um traçado em declive, cruzando pequeno curso d'água através de ponte de madeira. Uma bifurcação, aos 195 m, possibilita o acesso à duas outras trilhas que levam: (i) ao norte, para a captação d'água no Rio Soberbo e; (ii) ao sul, para o Recanto do Teu e a Trilha da Meia Lua.

A trilha para captação d'água, a partir da bifurcação, apresenta cerca de 102 m de extensão e segue paralela ao aqueduto até o Rio Soberbo.

A trilha que leva ao Recanto do Teiú possui cerca de 74 m de extensão. O Recanto do Teiú é uma área para piquenique, com infra-estrutura em alvenaria, servida por quatro mesas, cada uma com conjunto de quatro bancos; além de contar com uma ducha.

No Recanto do Teiú, também se atinge a Trilha da Meia Lua, que contorna o Acampamento do Jacú. A Trilha da Meia Lua possui cerca de 120 m de extensão.

Segmentos e Ponto de Apoio	Distância (m)	Distância Acumulada (m)	Declividade (°)	Obs
P0-P1	10,38	10,38	-25	Placa, escada
P1-P2	17,3	27,68	-25	
P2-P3	13,84	41,52	-10	
P3-P4	13,84	55,36	3	ponte
P4-P5	13,84	69,2	15	
P5-P6	25,95	95,15	15	
P6-P7	24,22	119,37	5	
P7-P8	17,3	136,67	10	
P8-P9	38,06	174,73	-5	lixeira
P9-P10	20,76	195,49	-2	bifurcação
P10-P11	17,3	212,79	-2	
P11-P12	29,41	242,2	0	
P12-P13	17,5	259,7	0	estrada
<i>Trilha Mãe d'Água – Trecho até a Captação d' Água</i>				
P10-P14	12,11	12,11	-3	P14 - Bifurcação abaixo do aqueduto
P14-P15	64,01	76,12	2	Placa (captação de água)
P15-P16	25,95	102,07	0	Captação no Rios Soberbo
<i>Trilha Mãe d'Água – Trecho até o Recanto Teiú</i>				
P14-P17	19,03	19,03	-5	P14 - Bifurcação abaixo do aqueduto
P17-P18	34,6	53,63	-5	
P18-P19	20,76	74,39	-5	Recanto Teiú
<i>Trilha da Meia Lua</i>				
P21-P20	10,83	10,83	0	P21 -Estrada antes do Acampamento do Jacu; P20 - ponte
P20-P19	31,14	41,97	2	Recanto Teiú
P19-P22	38,06	80,03	-10	Lixeira
P22-P23	39,79	119,82	5	P22 - Estrada, Placa

## b) Trilha Poço Verde

A trilha inicia na estrada, atrás do Centro de Visitantes (antigo Museu Von Martius) e possui cerca de 600 m de extensão até o Poço Verde, no Rio Soberbo. Existe uma bifurcação, aos 173 m, que leva ao Poço Preguiça. Esta trilha recebe visitação intensa, sendo a mais visitada da Sede Guapimirim.

A trilha para acesso aos poços segue um traçado em aclave se aproximando do Rio Soberbo, até se aproximar do Poço Verde e Poço Preguiça, onde se inicia um curto trecho em declive acentuado.

A trilha para captação d'água, a partir da bifurcação, apresenta cerca de 102 m de extensão e segue paralela ao aqueduto até o Rio Soberbo.

Segmentos e Ponto de Apoio	Distância (m)	Distância Acumulada (m)	Declividade (°)	Obs
P0-P1	30	30	0	caminho calçado
P1-P2	34,6	64,6	0	bifurcação e placa informativa
P2-P3	29,41	94,01	0	ponte
P3-P4	43,25	137,26	3	
P4-P5	17,3	154,56	5	
P5-P6	19,03	173,59	7	bifurcação para o poço da preguiça
P6-P7	12,11	185,7	5	
P7-P8	12,11	197,81	5	
P8-P9	17,3	215,11	5	
P9-P10	27,68	242,79	5	
P10-P11	10,38	253,17	5	
P11-P12	17,3	270,47	3	
P12-P13	24,22	294,69	5	
P13-P14	17,3	311,99	5	
P14-P15	31,14	343,13	5	
P15-P16	20,76	363,89	5	
P16-P17	20,76	384,65	5	
P17-P18	17,3	401,95	5	
P18-P19	20,76	422,71	8	
P19-P20	53,63	476,34	3	
P20-P21	25,95	502,29	-5	
P21-P22	22,49	524,78	-5	
P22-P23	51,9	576,68	5	
P23-P24	29,41	606,09	-5	Placas (atenção) e (poço verde) presença de atalho
<i>Trilha para o Poço da Preguiça</i>				
P6-P24	25	25	-25	Bifurcação com a trilha do Poço Verde
P24-P25	20	45	-15	Bifurcação à direita - Poço Preguiça
P25-P26	20	45	-15	Bifurcação à esquerda - Poço Preguiça

### c) Trilha da Capela

A trilha inicia na estrada, e possui cerca de 176 m de extensão até a alcançar a Capela Nsa. Sra. da Conceição do Soberbo e o Poço da Capela, no Rio Soberbo. também ao Poço do Sossego. Trechos da trilha são feitos caminhando sobre pedras e antes de atingir a Capela, a trilha cruza dois braços do Rio Soberbo, sendo uma trilha exposta a ocorrência da cabeças d'água.

Segmentos e Ponto de Apoio	Distância (m)	Distância Acumulada (m)	Declividade (°)	Obs
P0-P1	6,92	6,92	20	estrada
P1-P2	8,65	15,57	20	
P2-P3	34,6	50,17	5	1
P3-P4	25,95	76,12	0	entre os Rios
P4-P5	43,25	119,37	-3	
P5-P6	15,57	134,94	-20	
P6-P7	12,11	147,05	0	
P7-P8	29,41	176,46	20	Capela

### d) Trilha do Poço da Caninana

A trilha inicia na estrada, em frente a entrada trilha da Capela e possui cerca de 103 m de extensão até a alcançar o Poço Caninana. É uma trilha que apresenta trechos com baixa declividade.

Segmentos e Ponto de Apoio	Distância (m)	Distância Acumulada (m)	Declividade (°)	Obs
P0-P1	8,65	8,65	0	Estrada
P1-P2	10,38	19,03	0	
P2-P3	20,76	39,79	-8	placa
P3-P4	25,95	65,74	8	
P4-P5	20,76	86,5	0	
P5-P6	17,3	103,8	0	Poço

### c) Trilha das Ruínas

A trilha inicia na estrada, após a Trilha para o Poço Caninana, e possui cerca de 133 m de extensão até a alcançar as Ruínas Arqueológicas. Grande parte da trilha passa por trechos de baixa declividade..

Segmentos e Ponto de Apoio	Distância (m)	Distância Acumulada (m)	Declividade (°)	Obs
P0-P1	17,3	17,3	0	estrada
P1-P2	17,3	34,6	8	
P2-P3	10,38	44,98	20	1
P3-P4	39,79	84,77	0	
P4-P5	13,84	98,61	0	
P5-P6	19,03	117,64	0	
P6-P7	15,57	133,21	-5	Ruínas

## 2. Diagnóstico:

As trilhas da Sede Guapimirim, de uma forma geral, se encontram bem sinalizadas e apresentam um razoável estado de conservação geral. Contudo, nos trechos de maior declividade é perceptível o processo de erosão laminar (ver fotos 1 a 3), indicando a necessidade de intervenções para mitigar o processo de degradação destes trechos. Este processo é agravado pelo fato da maioria das trilhas da sede Guapimirim serem usadas para acessar os Poços, recebendo o fluxo de ida e volta dos caminhantes. Os trechos de acesso direto aos poços, tendem a ser os mais declivosos e merecem maior atenção nas intervenções para o controle da erosão. O processo de erosão laminar é uma característica tão marcante em alguns trechos das trilhas da Sede Guapimirim, que recebem até sinalização como a “Escada de Raízes” na trilha do Poço Verde (ver foto 4).



*Foto 1- Raízes expostas, indicação de processo erosivo Trilha Poço Verde*



*Foto 2 – Raízes expostas, indicação de processo erosivo Trilha Mãe d'Água*

Outro ponto relevante para a conservação das trilhas é evitar a varredura dos seus leitos. Esta ação acaba por colaborar na remoção das folhas e pequenos galhos que ajudariam a formar uma camada (serrapilheira) que ajudaria a aumentar a proteção dos leitos das trilhas, mitigando os impactos das diferentes formas de erosão.





Foto 3 – Raízes expostas, indicação de processo erosivo Trilha da Capela



Foto 4 – “Escada de Raízes” - Trilha do Poço Verde

Os equipamentos instalados (pontes, degraus, lixeiras, placas de sinalização..), de uma forma geral, encontram-se em bom estado de conservação (fotos 7 e 8). Todavia, os equipamentos, como mesas e bancos do Recanto do Teiú necessitam de recuperação para cumprir suas funções (fotos 5 e 6).



Foto 5



Foto 6

Fotos 5 e 6 –Recanto do Teiú, notar uma mesas fora da posição e demais mesas desniveldas.



Foto 7 – Sinalização na entrada da Trilha Mãe d'Água



Foto 8 – Ponte na Trilha da Meia lua

### 3. Descrição das Intervenções:

#### a) Trilha Mãe d'Água

A Trilha da Mãe d'Água não necessita de intervenções, o que deve ser considerado é a recuperação do mobiliário do Recanto do Teiú (ver fotos 5 e 6).

#### b) Trilha Poço Verde e Preguiça

Trecho	Ocorrência	Ação
<i>Trilha Poço Verde</i>		
P3 – P24	Erosão laminar	Colocação de degraus, construídos preferênciamente de pedras.  Construção de barreiras d'água para minimizar o escoamento superficial no leito da trilha.
P23 – P24	Atalho possibilitando o acesso para o Poço Verde sem passar na gruta	Se optar por manter este acesso, necessário a colocação de degraus de pedra.
P19 – P20	Presença de tubulação na trilha	Relocar a tubulação para a margem da trilha
<i>Trilha Preguiça</i>		
P25 – P26	Erosão laminar	Colocação de degraus, construídos preferênciamente de pedras.





Foto 9 – Aspecto característico da trilha, ocorrência de erosão laminar - trecho P17-P18



Foto 10 - Entrada do atalho para acesso ao Poço Verde sem entrar na gruta, em P23 + 5m.



Foto 11 - Detalhe da tubulação, em P19 – P20



Foto 12 - Gruta ao final da Trilha do Poço Verde, em P24



Foto 13 – Bifurcação para a Trilha da Preguiça



Foto 14 - Trecho erodido no acesso ao Poço Preguiça, entre P25 e P25.

#### e) Trilha da Capela

Trecho	Ocorrência	Ação
P0 – P1	Presença de tubulação na trilha	Enterrar a tubulação
P0 – P1 P1 – P2 P5 – P6 P7 – P8	Trechos com inclinação acentuada, com ocorrência de erosão laminar	Colocação de degraus, construídos preferencialmente de pedras.





Foto 15- Detalhe da tubulação e ocorrência de erosão - trecho P0-P1

Foto 16 - Detalhe de ponto erodido - trecho P5-P6

#### d) Poço Caninana

Trecho	Ocorrência	Ação
P2 – P3	Erosão laminar	Colocação de degraus, construídos preferênciamente de pedras.



Foto 17 - Detalhe do trecho P2-P3

#### e) Trilha das Ruínas (Sítio Arqueológico)

Trecho	Ocorrência	Ação
P2 – P3	Trecho com inclinação acentuada	Colocação de degraus, construídos preferênciamente de pedras.



*Foto 18 - Detalhe do trecho P2-P3*

#### ***4. Periodicidade de Monitoramento:***

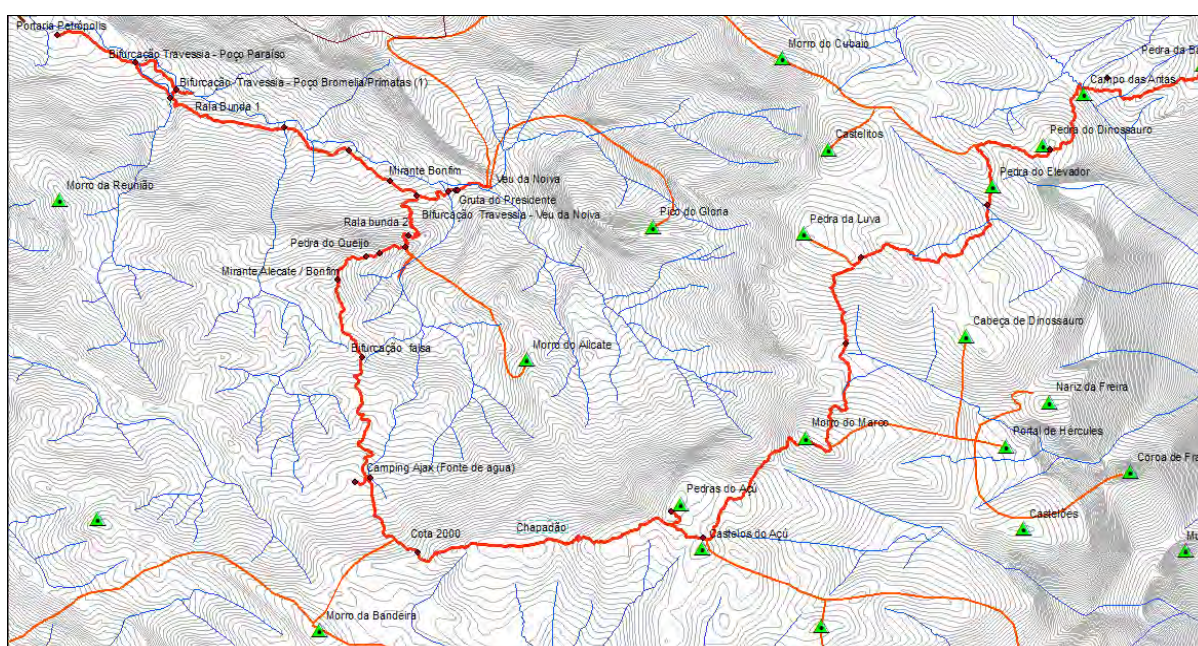
Indicação inicial para cada dois meses, ou após registro de alguma ocorrência extraordinária, como fortes tempestades, incêndios, etc... O período de monitoramento pode ser ampliado conforme o resultado das primeiras inspeções.

As inspeções de monitoramento deve observar as recomendações do Relatório do Programa de Monitoramento de Trilhas do PARNASO.





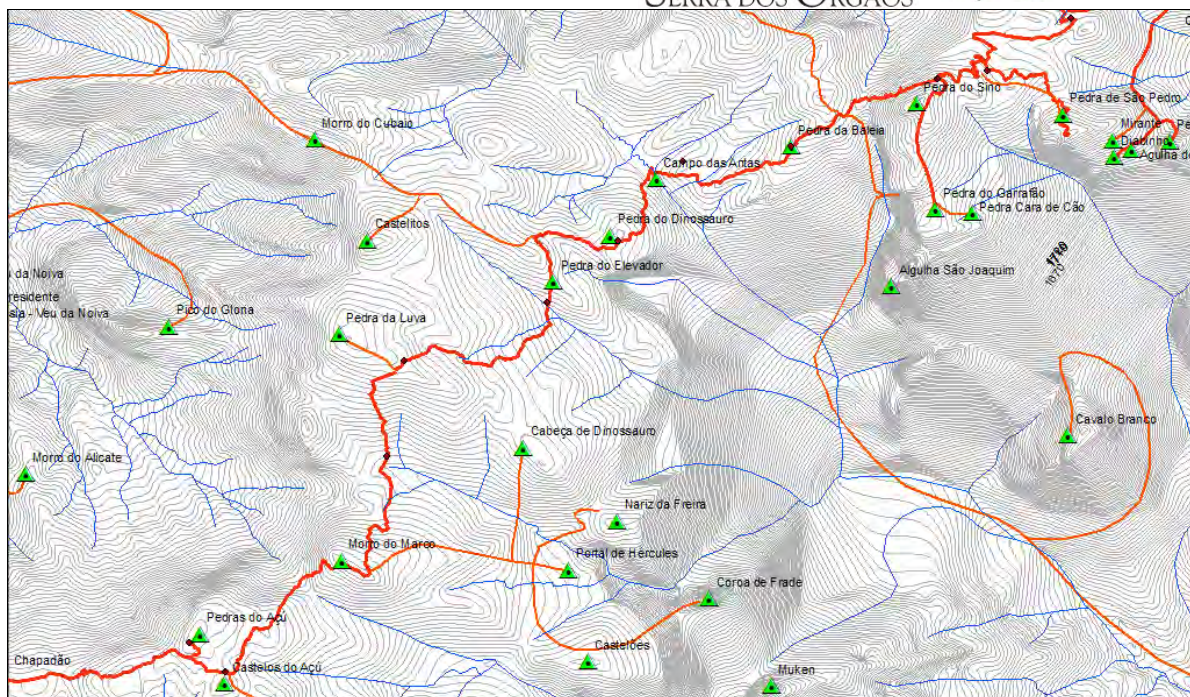
A subida até o Açú (2.245m) é uma caminhada semi-pesada, percorrendo cerca de 7 km de extensão e vencendo um desnível vertical de cerca de 1.150 m. Se inicia na portaria do Parque, no Bonfim (Petrópolis) e, em geral, é realizada entre três a cinco horas. A trilha para o Açú é o acesso para poços e cachoeiras, como: Poço Paraíso, Poço Bromélia e Primatas, Gruta Presidente e Cachoeira Véu da Noiva; e para atrativos de montanhismo, como: Pico da Glória, Morro do Alicate, Pedra do Queijo, Ajax, Chapadão, Pedra do Açú, Castelo do Açú, Morro da Bandeira, Falso Açú, Eco, Solidão, Pedras Soltas e Quatis.



*Trecho Bonfim-Açú*

O trecho entre o Açú e a Pedra do Sino, a Travessia propriamente dita, possui cerca de 12 km de extensão, vencidos entre 4 a 7 horas, e segue por uma bela seqüência de morros e vales até atingir a Pedra do Sino, como: Morro do Marco, Vale da Luva, Morro da Luva, Elevador, Morro do Dinossauro, Pedra da Baleia e Vale das Antas. A Travessia é o acesso para importantes atrativos do montanhismo: Cabeça de Dinossauro, Nariz de Freira, Portal de Hércules, Castelões, Coroa do Frade, Castelitos, Morro/Traversia do Cubaio, e Morro da Pipoca.

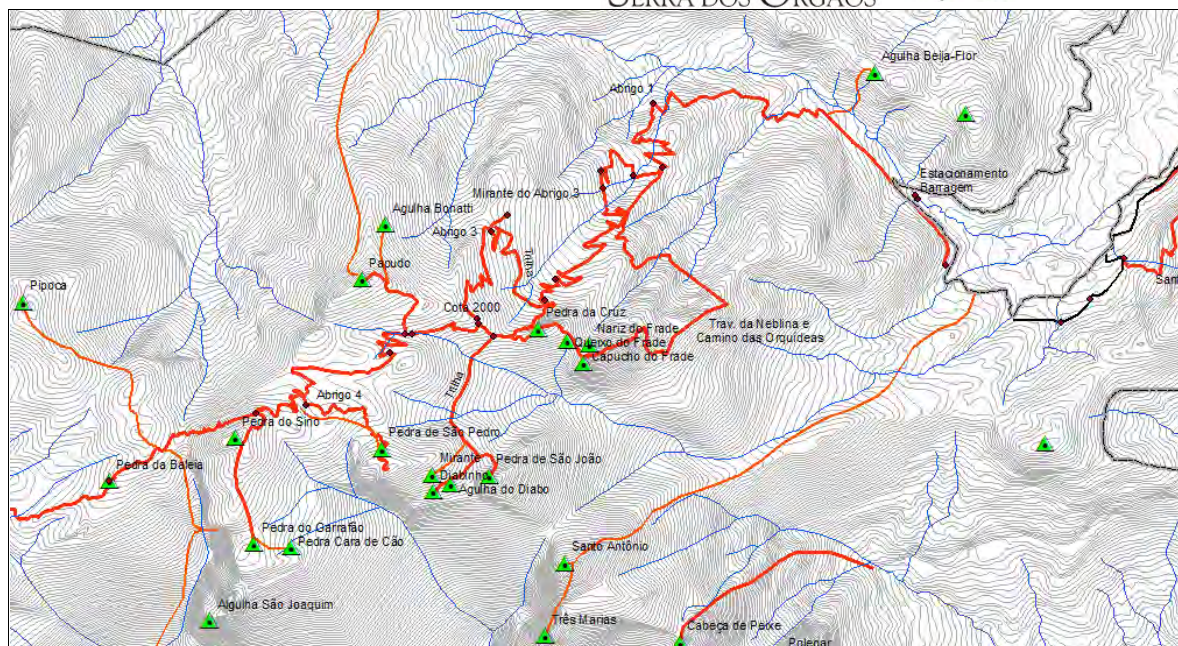




*Trecho Açú – Pedra do Sino*

A subida para a Pedra do Sino (2.263 m) é uma caminhada semi-pesada, realizada entre 3 a 5 horas (2 a 4 horas na descida), com 11 km de extensão. Embora seja uma caminhada longa, segue um trajeto suave, com muitos cotovelos, sendo comum a presença de atalhos. A Pedra do Sino possui boa infra-estrutura para pernoite, seja no Abrigo 4 ou no camping, marcos importantes na trilha da Pedra do Sino, os Abrigos 1, 2 e 3 estão desativados. A trilha para Pedra do Sino é o acesso para diversos atrativos de montanhismo, como: Agulha Beija-Flor, Travessia da Neblina, Pedra da Cruz, Frade (Nariz, Queixo, Capucho), Papudo, Agulha Bonatti, Pedra São João, Agulha do Diabo, Pedra São Pedro, Garrafão e Pedra Cara de Cão.





*Trecho Pedra do Sino - Teresópolis*

## **2. Diagnóstico:**

A Travessia apresenta um razoável estado de conservação. Todavia, podem ser observadas a ocorrência de problemas que merecem intervenção, em especial pelo fato de ser a principal trilha do Parque. No levantamento realizado os principais problemas observados foram: (i) erosão (sulco e laminar); (ii) problemas de traçado (atalhos, fechamento da trilha pela vegetação, e sinalização); (iii) poluição (hídrica e visual); e (iv) má conservação ou funcionamento insatisfatório das estruturas implantadas.

### **2.1 Erosão**

#### *Erosão em sulco*

Esse problema é bastante freqüente em muito trechos da travessia tanto da parte da Pedra do Sino quanto da subida do Açú. A solução para esse problema é estruturar a drenagem da trilha, minimizando o escoamento pelo seu leito, com posterior fechamento do sulco formado com a utilização de pedra e/ou estrutura de madeira, e retaludamento.. Este problema é particularmente mais intenso no trecho da Isabeloca, a partir do Ajax.

#### *Erosão Laminar*

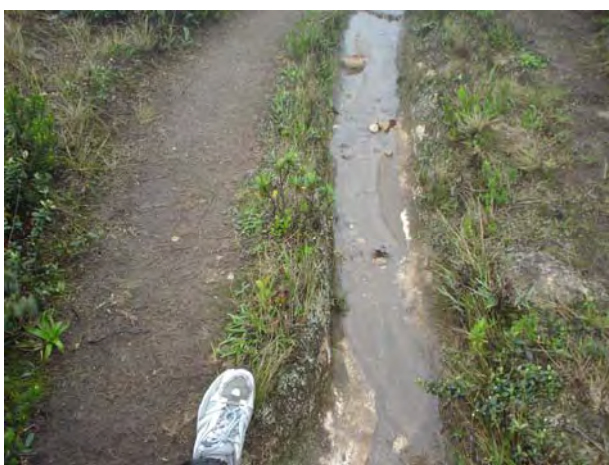
Esse problema é bastante freqüente em muitos trechos da travessia tanto da parte da Pedra do Sino, quanto da Subida do Açú. A solução para esse problema é a drenagem da trilha no ponto em que a água invade o percurso.

#### *Erosão no lance do Cavalinho*



Trata-se de um degrau de aproximadamente 180cm que é o único local para passar na trilha, sua localização é entre uma parede rochosa e um barranco. Esse trecho encontra-se em um ponto em que há a necessidade de utilização de corda para pessoas com menor experiência, muitas pessoas não fazem a sua segurança nesse ponto, por isso se expõe. Há no local, grampos de escalada para a fixação de cordas, estes estão em ótimo estado não há justificativa para a utilização de outros artificios para transpor esse obstáculo.

A erosão é o maior problema nesse trecho, pois ao longo dos anos vem retirando o solo da encosta e aumentando a altura desse degrau. A solução para esse trecho seria controle da drenagem nas partes à montante ao cavalinho e a recuperação desse trecho com a recolocação de pedras, formando uma espécie de escada hidráulica. Esta intervenção deve ser estendida pelo trecho à jusante até o Vale do Sino



*Erosão em Sulco -Foto retirada nas proximidades do Abrigo 4, notar que a calha formada por uma trilha antiga está sendo usada para escoar a água e uma nova trilha esta sendo utilizada em ambos os lados da água.*



*Erosão em Sulco - Foto retirada logo após o abrigo 4.*



*Erosão em sulco, a 20 metros do Abrigo 4.*



*Erosão em sulco, nas proximidades do Açú.*



*Subida após o Vale do Sino, ver em detalhe o início do lance do Cavalinho realizado pela primeira pessoa do grupo.*

## ***2.2 Ocorrência de Atalhos, indefinição do traçado e alargamento da trilha***

Estes ocorrem, com maior ou menor intensidade ao longo de toda a travessia. Os atalhos (traçados cruzados), de uma maneira geral estão associados a presença de “cotovelos”. O alargamento e a indefinição do traçado (traçados paralelos, indefinidos ou entrelaçados) ocorrem em função de problemas de drenagem (erosão ou alagamento), fechamento da trilha pela vegetação, e falta de sinalização.

Os atalhos são mais recorrentes na subida da Pedra do Sino e ocorrem também, em menor intensidade, na Subida para Açú. Os traçados indefinidos ocorrem na parte alta do Açú (Chapadão) e entre o Açú e a Pedra do Sino.



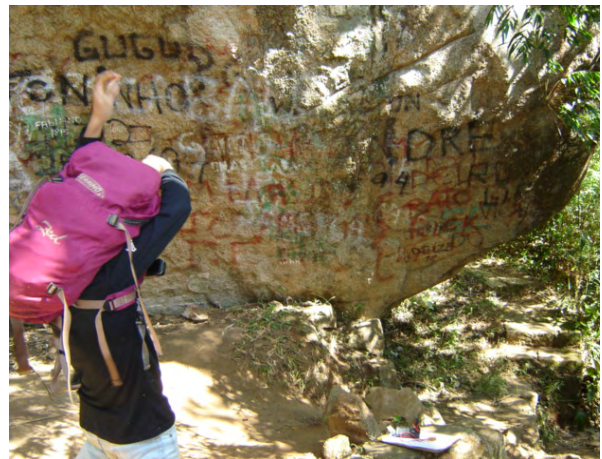
### 2.3 Poluição

A presença de dejetos humanos é observável em diversos pontos da Travessia e se constituem em um dos seus principais problemas, impactando na qualidade das fontes hídricas e na própria qualidade da visitação. Os locais de acampamento são os pontos que apresentam mais impactados. A seguir a relação dos pontos onde foram observados este problema:

- Pedra do Queijo
- Ajax (ponto de água)
- Açú (ponto de água)
- Castelo do Açú
- Próximo à passagem do corrimão (Cachoeirinha do Paraíso)
- Paraíso
- Vale das Antas (área do acampamento)
- Descida para o acampamento do Vale das Antas (30 m antes do ponto de água)
- Ao redor do Abrigo 4 (caminho para o ponto de água)
- Cota 2000
- Abrigo 3
- Caverninha (Abrigo 2)
- Véu da Noiva
- Abrigo 1



*Ocorrência de resíduos sólidos no Abrigo 1*



*Pichação no Abrigo 1*

Outro problema é a poluição visual, pelo fato de que alguns trechos apresentam pichação com tinta, um exemplo desse é a caverna do primeiro abrigo. Uma característica dos locais com mais pichação é que estes servem como ponto de descanso normalmente utilizados pelos grupos.

### 2.4 Estruturas Especiais



#### *Ponte do Acampamento das Antas*

A ponte apresenta bom estado de conservação, mas suas cabeceiras encontram-se destruídas, assim o acesso fica dificultado e a margem do rio está escavada e erodida,

A proposta de intervenção seria a construção de acesso para a ponte com degraus de pedra para que estes não sejam levados pela água durante enchentes.



#### *Elevador*

Trata-se de um trecho, com aproximadamente 100 metros, de que possui uma inclinação desfavorável para a passagem de uma trilha. Possui uma estreita camada de solo, sobre rocha, que foi erodido com a intensificação da visitação. A elevada e por se encontrar frequentemente úmido, faz com que as pessoas procurem apoio na vegetação marginal, situação que levou equipar o trecho com alças metálicas (escada). Uma observação importante é que não há outra

alternativa de traçado para esse trecho.

A solução implementada conseguiu facilitar a subida, mas não estabilizou a erosão à montante e a jusante da escada. Como a primeira intervenção não previu a erosão dos extremos da trilha, esta ocorreu pelos mesmos problemas citados anteriormente.

Atualmente, há necessidade de aumentar o número de degraus nas duas extremidades da escada, num trecho total de aproximadamente 30 m. Sendo dois degraus para parte inferior da escada, e acima estendo até encontrar um ponto mais estável (uma distância estimada de 30 m).





Foto: extremidade superior da escada metálica do morro do elevador.



Foto: pontes do morro elevador, não apresentam corrimão.

#### *Pontes próximas a base do Morro do Elevador*

São duas pontes que foram construídas nas últimas intervenções e apresentam-se em bom estado. No entanto, não foram construídos corrimãos para apoio. A colocação de corrimão é uma alternativa a ser analisada, pois estas 'pontes' tem o piso escorregadio quando molhadas, situação que é freqüente.

#### *Corrimão da Cachoeira do paraíso*



*Foto Corrimão quebrado e agora ausente para a travessia de curso de água*

Trata-se de um trecho onde o visitante deve atravessar um curso de água sobre terreno rochoso que apresenta baixo grau de risco quando a rocha encontra-se seca, do contrário o risco aumenta. Esse trecho já foi cenário de acidentes graves, foi construído um corrimão para facilitar a passagem, mas o material deste é frágil demais para a função e o mesmo também foi vítima vandalismo. Atualmente o corrimão não se encontra no local.

Na recolocação do corrimão deve ser pensada numa estrutura mais sólida. Uma alternativa para o material construtivo é a combinação

de perfil metálico e cabo de aço ou madeira.

## **2.5 Sinalização**

Um dos problemas mais críticos da Travessia, em especial no trecho a partir do Chapadão em direção ao Sino. Os trechos mais críticos são: o Chapadão, descida do Morro do Marco, descida da Luva, descida do Elevador, Dinossauro e descida pelo Vale das Antas.

A Descida do Morro do Marco é um dos trechos mais crítico em relação a sinalização. O traçado não é bem delimitado e passa por muitas lajes de pedra. Existem setas e marcos indicando caminhos errados. E, os caminhos errados estão se tornando bem marcados, confundindo ainda mais a orientação. Esta situação torna o lugar de maior ocorrência de pessoas perdidas na Travessia. Um erro comum é sair mais para a direita e descer no riacho do Vale da Lua (base do Morro da Luva), bem abaixo do ponto correto, onde existem algumas trilhas erradas ali.

### **3. Descrição das Intervenções:**

#### **3.1 Construção de Degraus**

<b>Trecho</b>	<b>Descrição</b>
Subida do Açú:	Devem ser considerados em diversos trechos, em especial onde a declividade supera os 15°.
Vale das Antas	Cabeceira da 'ponte' próximo ao acampamento
Cavalinho (Pedra do Sino)	Degraus de pedra na do lance do cavalinho

#### **3.2 Correção de traçado:**

##### *Trilha para o Açú*

Algumas alterações de traçado podem ser indicadas para resolver problemas de erosão em alguns trechos mais declivosos, como no trecho conhecido como rala-bunda 1.

Correção de traçado também é necessário no trecho entre o Ajax e Chapadão, com fechamento das linhas paralelas e revitalizando a trilha mais próxima possível do traçado original. Neste trecho será necessário realizar intervenções para estabilizar os sulcos de erosão existentes.

Trilha para a Pedra do Sino – algumas alterações de traçado podem eliminar alguns cotovelos da trilha reduzindo a ocorrência de atalhos.

#### **3.3 Sinalização:**

É urgente a recolocação dos marcos nos lugares certos, e retirar as falsas sinalizações (marcos e setas) que indicam o traçado errado. A sugestão é refazer os marcos de pedra fixados com Sika ou cimento.

A recomendação é fazer uma ou mais excursões específicas para realizar cuidadosamente a recolocação dos marcos, retirando os marcos e outras sinalizações que indicam o caminho errado. Fechando, quando possível, os atalhos criados a partir das sinalizações erradas.

Um trabalho de conscientização deve ser realizado na portaria do Bonfim para a importância de manter a sinalização e os riscos de alterar a sinalização para caminhos errados.

#### **3.4 Recuperação das estruturas especiais:**

Trecho	Descrição
Elevador	Colocação de mais alças metálicas, abaixo (2 alças) e acima (cerca de 30 m) do trecho atualmente com alças.
Pontes próximo ao Elevador	Colocação de corrimão nas pontes existentes neste trecho.
Corrimão da “Cachoeira” do Paraíso	Recolocação do corrimão neste trecho.

#### ***4. Periodicidade de Monitoramento:***

Indicação inicial para cada dois meses ou após registro de alguma ocorrência extraordinária, como fortes tempestades, incêndios, etc... O período de monitoramento pode ser ampliado conforme o resultado das primeiras inspeções.

As inspeções de monitoramento deve observar as recomendações do Relatório do Programa de Monitoramento de Trilhas do PARNASO.



## DIAGNÓSTICO DAS TRILHAS DO COMPLEXO DE ESCALADA DEDO DE DEUS

### *1. Descrição:*

O Complexo Dedo de Deus incorpora as trilhas para acesso as escaladas para o cume das montanhas Escalavrado (1.406 m), Dedo de Nossa Senhora (1.404 m) e e Dedo de Deus (1.627m). Estas trilhas se iniciam na Rodovia BR 116, distantes de cerca 4 a 5 km da entrada do entrada para sede Teresópolis do PARNASO.

São típicas trilhas de montanhismo tradicional, nem sempre são bem demarcadas e galgam encostas íngremes, com passagens que exige técnica de escalada. Desta forma, requerem experiência em montanhismo ou o acompanhamento de um guia experiente.

Os traçados destas trilhas seguem terrenos de declividade acentuada, com vários trechos ultrapassando 45°, com extensão variando entre 1,5 a 4 km. Em geral, são um programa para um dia inteiro, embora montanhistas experientes necessitem de poucas horas para a ascensão e a descida.



*Foto1 Panorâmica do complexo Dedo de Deus com os principais trilhas*

## 2. Diagnóstico:

### 2.1 Escalavrado

A trilha de subida para o Escalavrado possui cerca de 1,5 km de extensão e quase 80% do trajeto é realizado em costão rochoso, recomenda-se a utilização de material de escalada. A subida A vegetação rupreste possibilita um belo visual do cenário da Serra dos Órgãos durante a subida.

A trilha, apesar de sua grande declividade, apresenta poucos problemas de conservação. Esta situação é explicada basicamente pelos seguintes motivos: (i) a maior parte do trajeto da trilha se



*Foto 2: Escalador em uma das via no escalavrado, notar que ele só utiliza a caminhada para descer da montanha.*

dá sobre costão rochoso; (ii) é uma trilha é relativamente pouco visitada; (iii) a montanha é visitada quase que exclusivamente por montanhistas, sendo a maioria escaladores.

O Escalavrado não é freqüentemente utilizado como um “produto turístico” A situação mais desfavorável que, eventualmente, ocorre nesta montanha é quando alguns excursionistas não levam o equipamento apropriado de escalada e acabam utilizando a vegetação local como apoio, desviando desse modo da rota original, que é em terreno rochoso. Em alguns dos pontos utilizados como apoio, ocorre danos a vegetação e o surgimento de erosão. Assim, a caminhada deve ser realizada apenas pelo terreno rochoso, onde seu impacto é mínimo, e a utilização de

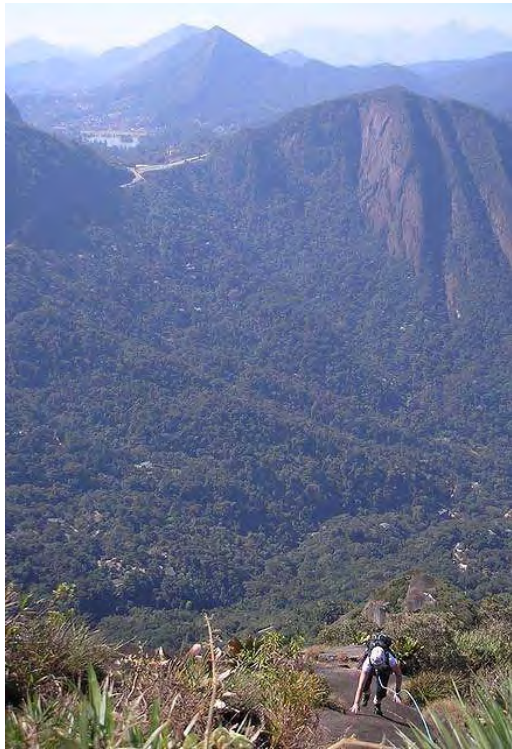


equipamento de escalada deve ser recomendada, por dois motivos principais: (i) diminuição da utilização da vegetação marginal da trilha como ponto de apoio; e (ii) por questão de segurança, pois a trilha exige algumas passadas técnicas e expostas.

De uma forma geral, o estado de conservação é satisfatório e a trilha não precisa de intervenções relevantes no momento.



*Foto 3: A grande maioria da escalada pela via normal é por costões rochosos não havendo ameaças para a formação de qualquer tipo de erosão ou vegetação marginal*



*Foto 4: Para a vegetação marginal ser preservada faz-se necessária a utilização de equipamentos de escalada em alguns trechos principalmente durante a descida do Escalavrado*

## **2.2 Dedo de Nossa Senhora**

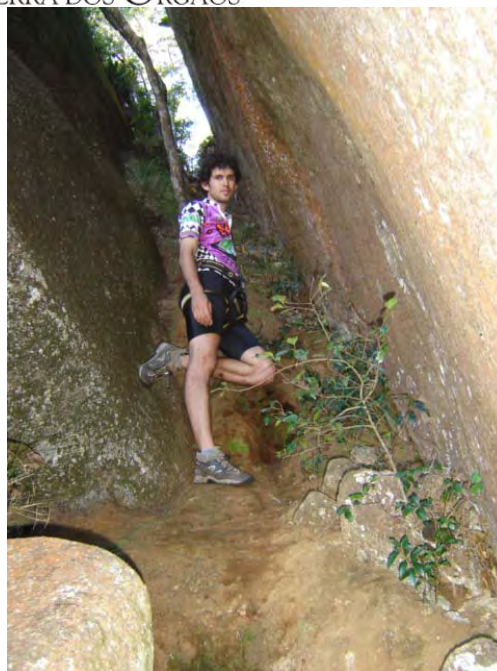
A trilha de subida para o Dedo de Nossa Senhora possui cerca de 4 km de extensão e apresenta passagens de escalada em via ferrata e recomenda-se a utilização de material de escalada.

A trilha, apesar de sua grande declividade, apresenta poucos problemas de conservação. Esta situação é explicada basicamente pelos seguintes motivos: (i) a maior parte do trajeto da trilha se dá em terreno pedregoso; (ii) é uma trilha pouco visitada; (iii) a montanha é visitada quase que exclusivamente por montanhistas, sendo a maioria escaladores. Pela necessidade de utilização de material de escalada no trecho final

O Dedo de Nossa Senhora não é frequentemente utilizado como um “produto turístico”. De uma forma geral, o estado de conservação é satisfatório e a trilha não precisa de intervenções relevantes no momento.



*Foto 5 – Início da Trilha*



*Foto 6 – Trecho próximo ao cume*

### **2.3 Dedo de Deus**

O acesso é feito pela estrada que liga Teresópolis ao Rio de Janeiro entre os km 90 e 91 a trilha segue floresta acima por aproximadamente uma hora de caminhada até o início de sua parte técnica, local onde se iniciam os cabos de aço, havendo a necessidade da utilização de equipamentos de escalada. A trilha possui cerca de 1,5 km de extensão.

A trilha apresenta, em geral, um razoável estado de conservação, necessitando de intervenções para sua manutenção, principalmente em função da forte declividade e de ser entre as trilhas de montanhismo, das mais visitadas.

O trecho técnico de caminhada necessitando a utilização de equipamento de segurança é o ponto acima do início dos cabos de aço (após a trecho dentro da floresta), é nesse trecho onde a maioria das intervenções devem ser realizadas. A grande maioria para evitar que os visitantes saiam da trilha para buscarem apoio na vegetação marginal.

As intervenções nos pontos técnicos são em sua grande maioria de manutenção dos cabos ou então de substituição de cordas já existentes por cabos de aço, uma pequena parte será o acréscimo de cabos para diminuição da utilização da vegetação marginal.

As trilhas do Dedo de Deus são conhecidas pelos nomes de seus respectivos trechos, uma vez que a grande maioria das pessoas que chegam ao cume por uma trilha que leva a base da escalada e descem por outra trilha do lado oposto da montanha, essas trilhas tem um ponto em comum que chama-se bifurcação. Veja a figura abaixo para maior esclarecimento:



**A trilha se divide nos seguintes trechos:**

- Caminhada pela floresta: utilizada na subida e na descida
- Trecho até a bifurcação (início dos Cabos de aço): utilizada subida e na descida
- Trilha para o polegar: utilizada para subida
- Trilha para os dedinhos: utilizada na descida
- Trilha para a via Teixeira: utilizada na descida



*Foto 7 - Trilhas do Dedo de Deus com indicações dos trechos*

**3. Descrição das Intervenções na Trilha do Dedo de Deus:**

**Caminhada pela floresta:**

Esse trecho não apresenta grandes problemas apenas os citados no início do texto que podem ser resumidos como pequenos trechos de maior declividade, onde ocorrem problemas de erosão e podem requerer a construção de poucos degraus, que podem ser solucionados com material natural da própria floresta (ver fotos 8 e 9).

#### **Trecho até a bifurcação:**

Esse trecho necessita de manutenção constante, pois nele estão contidos os cabos de Aço que são o único acesso para se subir os paredões rochosos iniciais da montanha. Nesse trecho há a necessidade de substituição de aproximadamente 30 metros de cabos em quatro trechos separados. Em decorrência do uso extensivo e da corrosão do material o cabo se partiu em dois pontos sendo emendado em operações de manutenção anteriores, necessitando agora ser substituído por material similar.

#### **Trilha do polegar:**

Nessa trilha há a necessidade de colocação de aproximadamente 30 metros de cabo, em 3 trechos, sendo que em um ponto será o prolongamento de um cabo pré-existente, no segundo ponto de um trecho onde o cabo será colocado para proteger um barranco que coloca o caminhante em risco, e o terceiro trecho para substituir cordas que estão no ponto que necessita de segurança.

#### **Trilha para os dedinhos:**

Esse trecho necessita de manutenção dos cabos originais e colocação de aproximadamente 25 metros de cabos em locais onde há cordas ou então houve queda de barreira em decorrência das chuvas.

**Trilha para a Teixeira:** Esse é o ponto mais delicado e de maior necessidade de intervenção, aproximadamente 35 metros de cabos devem ser utilizados para prolongar os cabos pré-existentes, colocação de cabos em novos trechos e substituição de cordas, todos os pontos com a importância de preservar a vegetação marginal da trilha.

**Observações gerais:** Por ser uma trilha completamente dependente da utilização cabos de aço, faz-se necessária a atenção constante em relação ao estado de conservação dos cabos e dos pontos que prendem os cabos a rocha, essa atividade vem sendo realizada, mas não de forma sistemática, permitindo dessa forma que mesmo havendo manutenção, haja pontos de ofereçam risco para o caminhante a preservação dos cabos em bom estado de conservação é a melhor forma de manter as pessoas dentro da trilha e assim mantê-las em um local seguro e simultaneamente preservar a vegetação marginal.



Foto 8 – Formação de pequeno sulco no trecho da floresta



Foto 9 – Aspecto da trilha no trecho da floresta



Foto 10 – Pichação na clareira no início dos primeiros trechos com cabo de aço



Foto 11- Trechos encordados que devem ser trocados por cabos de aço.

#### **4. Periodicidade de Monitoramento:**

Indicação inicial para inspeção anual, ou após registro de alguma ocorrência extraordinária, como fortes tempestades, incêndios, etc... O período de monitoramento pode ser ampliado conforme o resultado das primeiras inspeções.

As inspeções de monitoramento deve observar as recomendações do Relatório do Programa de Monitoramento de Trilhas do PARNASO.